

Daya Alves

ESTAREI Aqui



The  Editora
Books



Estarei aqui

Daya Alves

Dedicatória

À memória da mulher mais forte e batalhadora que tive o prazer de ter como minha mãe.

Sumário

[Sempre a última a saber.](#)

[Meu primeiro tudo.](#)

[Traição é uma dor que dói.](#)

[Te dei meu amor e você guardou na estante](#)

[Pede pra sair!](#)

[Cair, levantar.](#)

[Lei de Murphy](#)

[Anjo...](#)

[Nada é o que parece ser!](#)

[Depois da tempestade, a bonança!](#)

[Enrico](#)

[Enrico – parte II](#)

[Se a montanha vier até você... Corra!](#)

[Tudo que é bom, dura pouco!](#)

[Miss Universo](#)

[A mulher boazinha](#)

[Efeito borbulhante – parte I](#)

[Efeito borbulhante – parte II](#)

[Maresia](#)

[Mais doce que doce de batata doce.](#)

[Mais doce quanto o doce de batata doce – bônus](#)

[Caça e Caçador](#)

[A namorada do cara](#)

[Nada acontece por acaso...](#)

[Sobre a autora:](#)

Sempre a última a saber.

E tudo começou por culpa do Bon Jovi...

Estava em casa, havia chegado do serviço e, só para variar um pouquinho, não tinha nada pronto para comer. Apesar de cansada e louca por um banho, minha fome não me deixou descansar. Para me manter desperta, liguei o rádio e fui preparar um lanche. Foi aí que começou a tocar *I'll Be There For You*, do tudão do Bon Jovi. Eu amava essa música; principalmente quando ele dava aquele gritinho no final do refrão, adorava gritar junto. Só me esqueci de que estava com uma faca bem afiada na mão e, com a minha empolgação, fiz um corte na ponta do meu dedo do meio. Nossa, como sangrou! Sem saber o que fazer, pressionei o dedo com o pano de prato de titia, encharcando-o; ainda por cima, sujei meu lanche e o presunto que estava cortando. Enquanto pensava no que fazer, titia abriu a porta da cozinha de forma brusca e se deparou comigo dando pulinhos, com um pano todo sujo de sangue. A louca ficou tão pálida. Nem deu tempo de prever onde ela iria cair: espatifou-se no chão da cozinha. Fala sério, desmaiar por ter visto sangue?

No desespero e sem saber para quem pedir ajuda, peguei o telefone e me lembrei de um seriado do qual sou fanzoca, o *Grey's Anatomy*, então disquei 911, vê se pode? É lógico que ninguém atendeu, né? Estava no Brasil, mais precisamente em São Paulo, mas quem disse que me lembrava do número da emergência daqui?

Após tentar várias combinações de números, achei o telefone do SAMU e juro que tentei explicar para a atendente o que tinha acontecido, mas acabei me enrolado toda. No final da ligação, fui informada de que viria uma ambulância para socorrer a pessoa inconsciente que tinha sido perfurada.... Como assim?! Resolvi não tentar explicar mais nada e esperar pacientemente

a chegada dos paramédicos. Sentei ao lado de titia e até me esqueci do meu dedo, mas, quando ela voltava a si, olhava para a poça de sangue e desmaiava novamente; comecei a me sentir muito triste ao vê-la ali tão vulnerável. Essa cena me fez lembrar de tantas coisas ruins de meu passado, que a abracei e chorei feito um bezerro desmamado; só parei quando percebi que tinha sujado também toda a frente de sua camiseta branca.

Parecia que tinha acontecido um desastre com toda aquela sujeira.... Quando ouvi a campainha tocar, saí ocorrendo para abrir a porta e ao abri-la...

Deparei-me com um moreno tão lindo — alto, todo de branco —, pensei que tinha morrido, ido para o céu e encontrado um anjo. Ele estava falando algo, mas não conseguia processar, pois estava perdida dentro daqueles olhos verdes.

Ele me empurrou para o lado, dizendo que eu estava em choque e procurando pela pessoa esfaqueada.

— Oi?! Esfaqueada? Como assim?

— Somos do SAMU e recebemos um chamado sobre uma pessoa esfaqueada. Já acionamos também a polícia militar.

— Oi?!

Naquele momento, eu, que era tão falante, simplesmente só consegui balbuciar a palavra cozinha e apontei com a mão ensanguentada onde era. Fala sério, a coisa toda estava ficando complicada!

Agora imaginem a cena com que eles — o anjo todo de branco de olhos verdes e as duas mulheres, que eram tão grandes quanto ele, vestidas em um macacão de cor laranja — se depararam...

Uma mulher descabelada, com a mão ferida; respingos pelo corredor; uma senhora desmaiada e suja de sangue; uma cozinha toda bagunçada e uma faca manchada de vermelho no chão.

Quando tentei explicar, a campainha tocou novamente. Corri para atender e encontrei um bombeiro à porta.

— Sou o soldado Maciel, socorrista da emergência do corpo de bombeiros; fui acionado pela polícia militar, pois o SAMU não pode atender esse tipo de chamadas. Com licença, onde está a vítima?

— Oi?!

Para tudo! Realmente a coisa ficou descontrolada.

Somente aponte para a cozinha. Quando ele saiu do vão da porta, vi que, na frente do portão de minha casa, tinha uma ambulância do SAMU, uma moto do corpo de bombeiros e, pasmem, uma viatura da polícia militar. E dois soldados isolavam a área dos curiosos, pois simplesmente toda a minha vizinhança estava no meu quintal. E, dessa vez, quem desmaiou fui eu...

Acordei com um par de olhos muito verdes olhando diretamente para mim e achei que tinha morrido de novo, mas ao fundo vi titia já limpa exibindo uma cara de poucos amigos, enquanto era examinada por uma enfermeira. E um policial bastante carrancudo dava um discurso sobre a minha irresponsabilidade de acionar o serviço deles para algo tão insignificante e que, em vez de estarem atendendo um caso óbvio de descontrole emocional, poderiam estar na rua protegendo vidas.

— Mas eu não...

Fui interrompida pela titia, que começou a tagarelar sobre a minha falta de atenção e o circo armado em casa, quase a matando de susto, sem me preocupar com o fato de ela estar passando mal por causa do diabetes.

— Diabetes? Então a senhora não desmaiou por causa do sangue?

— Claro que não, eu sou alguma fracote por acaso? Só estava me sentindo mal o dia todo e resolvi vir mais cedo para casa para tomar a insulina.

De repente, ouvi uma voz muito linda, aveludada, com sotaque latino, quase um sussurro, e vinha do anjo de olhos verdes.

— Srta. Paloma, a senhora e sua tia serão encaminhadas ao PS porque seu corte foi profundo e necessita de sutura; e ainda temos que verificar se há necessidade da antitetânica. Já a Sra. Selma precisa de cuidados específicos para controlar a diabetes que está alta no momento. Iremos levá-las agora de ambulância.

Nossa, eu iria para qualquer lugar com esse homem. *Se controla, Paloma, você é noiva*, repreendi-me mentalmente.

Posso estar errada, mas, no caminho do hospital, juro que, enquanto titia me repreendia pelo acontecido, eu via ruguinhas nos cantos dos olhos do anjo lindo e também um sorrisinho discreto meio de lado, achando graça da situação.

— Ah, titia, mas a culpa é da senhora!

— Mas por que seria minha culpa você ter se cortado?

— Oras, custava a senhora comprar frios cortadinhos? Sabia que eles fazem isso no mercado? Mas não, compra aquele pedaço enorme só para eu precisar fatiá-lo!

— Ah, Paloma, não me diz que você estragou o presunto Parma que eu iria usar no salpicão da festa dos Mendez?

— Festa dos Mendez? Mas estava na nossa geladeira de consumo, e não no freezer dos ingredientes do buffet!

— Sim, Paloma, estava em nossa geladeira, porque o freezer do buffet está QUEBRADO HÁ 15 DIAS! Meu Deus, qual planeta você habita, hein? Você mesma arrumou o técnico que vai lá em casa amanhã!

— Desculpe interromper essa discussão gastronômica, mas já chegamos ao pronto-socorro — falou o anjo lindo e, dessa vez, juro que não estava louca: ele estava realmente sorrindo para mim.

— Obrigada, doutor, e me desculpe pela confusão que a minha sobrinha armou, mas ela sempre foi assim meio atrapalhada — disse titia, me deixando roxa de constrangimento.

Ele balançou a cabeça, dando um meio sorriso, e foi embora com as outras socorristas.

E assim me despedi do anjo de olhos verdes sem ao menos ter perguntado o seu nome.

Já eram sete horas da manhã; passamos a madrugada no hospital, que estava lotado. Minha tia foi medicada e orientada a procurar um endocrinologista para melhor controle de seu diabetes. Eu levei três pontos no dedo e ganhei um curativo horroroso que chamava atenção por estar no dedo do meio; além de ter tomado uma injeção antitetânica superdolorida, mesmo dizendo a eles que já havia tomado um tempo atrás quando pisei descalça em um prego enferrujado no quintal, porém não adiantou. Devia confessar uma coisinha: eu tinha pavor de injeção.

Estava me sentindo nua e culpada por ter esquecido o celular em casa. E o Cadu, meu noivo, ficou de me ligar quando chegasse a Brasília, para onde viajou a negócios. Até sei o que ele vai dizer: vivia esquecendo o celular, tinha cabeça de vento e precisava ser mais atenta e organizada. *Ai, droga, sou mesmo uma cabeça oca...* Estava me repreendendo mentalmente quando passamos por uma ala toda verdinha, com várias mulheres grávidas sentadas, e dei de cara com um homem muito parecido com o meu noivo... Pera aí, era realmente meu noivo amparando a lambisgoia da estagiária dele, que chorava copiosamente! Parei onde estava e, sem conseguir me mexer, fiquei tentando processar a cena. Quando ela ergueu os olhos e me viu, deu um sorriso sarcástico e falou muito alto:

— Eu não posso perder o nosso bebezinho.

Ainda sem conseguir me mover, fiquei observando Cadu alisar a barriga da estagiária e sussurrar palavras carinhosas. Ela fingiu desfalecer, e ele tentou ampará-la; então, finalmente, me viu ali. Não precisou me dizer nada, pois em seus olhos vi a culpa, o constrangimento e a dúvida de quem ele deveria amparar.

Não esperei ele escolher. Saí correndo em direção à saída, chorando e largando titia para trás. Passei por uma porta de vidro, que dava no estacionamento, bati em algo parecido com uma parede de músculos, me desequilibrei e caí. Ao levantar os olhos, para minha surpresa, encontrei o anjo de olhos verdes.

— Senhorita o que aconteceu agora?

E a única coisa que consegui falar foi:

— Por que a corna é sempre a última a saber?

Meu primeiro tudo.

Conheci o Cadu ainda criança; ele morava na frente da casa de titia e, sempre que vinha visitá-la, eu ficava na janela do quarto dela olhando as crianças brincarem no quintal. Ah, como queria brincar com elas, parecia tão divertido, mas titia nunca deixava. Ela falava:

— Aquela raça metida a besta não é gente pra você se misturar não, aquilo tudo lá come acém e arrota filé.

Titia era sempre assim: comparava tudo com comida.

Quando completei dez anos e mais uma vez passava uma temporada com ela, fui convidada para o aniversário de 12 anos dele. Sua mãe, dona Ezalba (não riam, mas o nome é esse mesmo e ainda ela falava com todo orgulho ser a mistura dos nomes de suas avós, Elza e Elba), minha futura ex-sogra, foi encomendar salgados de tia Selma e acabou me convidando para ir à festa de seu filho Carlos Eduardo, alegando fazer questão de nossa presença. Quando ela saiu titia disse:

— Agora não tem jeito, teremos que ir, senão esse “tender amarrado” vai espalhar que fizemos desfeita, mas ela só deve ter nos convidado porque não tinha ninguém para chamar.

Eu nem liguei para aqueles comentários.... Queria tanto ir que não me importava. Pedi para a titia me comprar uma roupa, e ela chegou em casa com um vestido amarelo e branco. Nossa, era um horror! Mas, como não tinha nada melhor, foi o que usei.

Fui à festa parecendo um girassol; além disso, o penteado feito por titia em meus cabelos acabou despencando para o lado. Fiquei quietinha, somente observando tudo, quando uma menina cheia de pintinhas vermelhas no rosto se aproximou e me chamou para brincar:

— Oi, meu nome é Mel, e o seu?

— Paloma.

— Vem, preciso de mais uma menina para completar o jogo — falou, me puxando.

Ela fez com que eu me sentasse em uma rodinha e, no meio, estava o Cadu sendo girado. Quando ele parou na minha frente, todos gritaram:

— Pera, uva, maçã ou salada mista?

E ele respondeu:

— Salada mista.

Em seguida, todos gritaram:

— BEIJA! BEIJA! BEIJA!

Tiraram a venda dele e o empurraram na minha direção. Sem que eu tivesse tempo de correr, Cadu me deu um selinho. Fiquei ali sentada muito envergonhada e guardei na lembrança aquele que seria o meu primeiro beijo.

Os anos foram passando e minhas visitas à casa de titia tornaram-se mais frequentes, conforme o tratamento de mamãe se prolongava. Nós morávamos em Piracicaba, no interior de São Paulo. Papai foi transferido para lá antes de eu nascer e mamãe, já grávida, foi morar com ele. Mas assim que nasci, ela, aos vinte anos de idade apenas, foi diagnosticada com lúpus eritematoso sistêmico e vivia doente; mal podia cuidar de mim e, para piorar, na minha cidade não existia tratamento adequado. Foi tia Selma quem conseguiu vaga para minha mãe aqui no Hospital das Clínicas. E eu ficava com titia em São Paulo, enquanto mamãe se tratava.

Minha mãe faleceu quando eu tinha 14 anos. Todos falavam que ela tinha sido uma guerreira, que lutou contra a doença, mas eu não queria saber de nada disso; eu só imaginava como seria dali para frente, quando eu completasse 15 anos, me casasse ou tivesse filhos e ela não estivesse lá para me acompanhar.

Acabei vindo morar definitivamente na casa de titia em São Paulo

porque papai se casou logo em seguida com uma viúva perua que tinha três filhos adolescentes, que me olhavam como se eu fosse a salsicha de um cachorro-quente.

Foi aí que tudo começou: eu ficava sentada no portão de casa todos os dias, esperando o Cadu chegar do colégio. Cada dia conversávamos um pouquinho mais; parecia que ele realmente entendia minha dor e me consolava. Um dia ganhei um beijinho no rosto; depois um abraço; em seguida, um selinho; até, enfim, darmos nosso primeiro beijo de verdade. Confesso que, no começo, achei um pouco nojento aquilo de língua e saliva, mas, aos poucos, ele foi me ensinando e acabei adorando beijá-lo.

Não via a hora de contar a novidade para a Mel, prima dele; nós somos até hoje como carne e unha, ou unha e carne, nunca entendi direito esse ditado.

— Mas vocês estão namorando, então? — perguntou Mel enquanto se esticava toda para se alongar.

— Humm, não sei.

— Então, acho melhor você perguntar.

E foi o que fiz, ele respondeu que nós estávamos somente ficando e que era para deixar rolar, sem pressão.

Os dias passaram-se, os meses mudaram, as estações revezaram-se, até que um dia, quando eu já estava com 17 anos, Cadu disse que não aguentava mais ser deixado na mão; eu realmente tinha o sonho de casar virgem, tudo por culpa de titia que sempre proferia:

— Você deve guardar sua joinha e só deixar poli-la quem tiver um grande amor para lhe dar.

Aí, quando a coisa ficava quente, vinha aquela voz grossa da titia na minha cabeça e me enchia de dúvidas.

A Mel me incentivava a resolver logo a questão e dizia que não era

para eu reclamar caso Cadu entrasse em outra “joalheria”, uma vez que tinha muita bijuteria por aí se achando diamante.

Então, resolvi contar para ele do meu sonho de casar virgem e toda de branco, mas Cadu falou que daria na mesma, já que um dia realmente isso iria acontecer e que não fazia sentido esperar. E lá se foi minha joinha para polimento...

Finalmente, ele assumiu para todos que éramos namorados. Os anos foram passando e titia nunca escondeu sua antipatia pelo Cadu; e dona Ezalba continuava trocando meu nome, me chamando de Pâmela, mas eu nem ligava, somente esperava o dia em que entraria de branco na igreja e ele estaria lá no altar me esperando.

Ao completar oito anos juntos, entrei em uma paranoia porque todos que conhecíamos estavam ficando noivos. A gota d'água foi quando Mel ficou noiva do João, dando um jantar super-romântico para a família (e eles só namoravam há dois anos!).

O Cadu perguntou o motivo de minha tristeza, e eu quis saber se ficaríamos noivos também; ele respondeu que não fazia sentido copiar os outros.

Porém, no dia dos namorados daquele mesmo ano, ele me buscou na faculdade e, ali dentro do carro, colocou uma aliança de noivado em minha mão direita. Fiquei tão feliz, mas tão feliz, que nem liguei para a falta de romantismo e continuei sonhando com o dia em que finalmente seríamos marido e mulher.

Porém, quando se formou na faculdade de ciências contábeis, Cadu falou que deveríamos esperar ele concluir a especialização em auditoria e eu minha formatura. Quando isso aconteceu, ele pediu mais um tempo para se firmar no emprego. Assim que se tornou um executivo de sucesso, resolveu abrir um escritório de prestação de serviços em auditoria fiscal e falou que

deveríamos aguardar a empresa dar lucro.

E agora esse dia chegou, completamos quatorze anos juntos, e ele disse que poderíamos começar a organizar tudo do jeito que sempre sonhei para casarmos daqui a dois anos.

Eu só não contava com uma lambisgoia no meio do caminho para estragar minha espera!

Traição é uma dor que dói.

— Senhorita, chegamos!

Fiquei tão imersa em meus pensamentos, que somente quando ouvi uma voz aveludada me dei conta de que o anjo tinha me trazido para casa.

— Ohhh... me desculpe, faz tempo que estamos parados aqui?

— Um pouco, mas, como percebi que você já estava mais calma e sua tia acabou de chegar de táxi, resolvi chamá-la de volta à Terra.

— Me desculpe, você deve estar supercansado depois de uma noite de plantão.

— Considerando outros plantões, esse foi até agradável.

— Nossa, imagino o quanto devem ser agitados esses plantões.... Pelo menos você não tem que lidar todos os dias com uma maluca atrapalhada, né?

— Garanto a você que seria melhor, afinal, não é todo dia que atendemos moças bonitas vestidas de forma tão peculiar.

Neste momento, me dei conta de que, ao chegar em casa, antes da confusão toda, coloquei um camiseta solto, que ia até a metade da coxa, com o Garfield estampado, uma pantufa de botinha rosa e acabei indo ao hospital assim. Fiquei roxa, rosa, laranja de vergonha.

Olhei de relance para ele e seus lindos olhos verdes estavam encarando minhas coxas. Nossos olhares se encontraram. E, completamente encabulada, resolvi quebrar o contato.

— Olha, obrigada, viu?! — falei, já me esgueirando para fora do carro.

Ele tocou meu ombro com uma de suas mãos grandes, me fazendo esperar.

— Senhorita, às vezes não reconhecemos quando a vida nos dá uma nova oportunidade para recomeçar; o motivo pelo qual você chora hoje pode ser sua salvação amanhã.

Ele disse essas palavras, me deu um sorriso meio de lado e foi embora deixando uma Paloma completamente atordoada parada em frente à minha casa.

Eu, hein?! Não deixo nem o “defunto” esfriar e já estou me derretendo toda por outro.

De repente, ouvi minha tia bem irritada esbravejar, me tirando de meu devaneio e exigindo que eu entrasse porque nós teríamos uma conversinha.

Ai, Jesus, estou ferrada!

Entrei já na defensiva, esperando levar o maior sermão, mas titia me surpreendeu com um abraço e cafunés em minha cabeça; e, nesse momento, me permiti chorar. Com ela ali abraçada a mim, ficamos por uma eternidade sem dizer uma única palavra, enquanto as lágrimas caíam e me acalmavam.

Algum tempo depois titia sussurrou:

— Falar eu avisei não vai adiantar nada, mas eu sempre soube que esse almofadinha não honraria os bagos que ele carrega.

— Eu nem sei o que pensar.... Onde eu errei? — perguntei entre soluços.

— Nem pense em uma coisa dessas! Ele que não foi homem suficiente para valorizar o diamante que tinha nas mãos. Você é especial, nunca se esqueça disso e não deixe nunca mais alguém fazê-la acreditar no contrário!

A campainha tocou e titia saiu para atender, dizendo que se fosse o Cadu ela iria arrancar as bolas dele e servir de iguaria fina no buffet.

Mas era dona Ezalba, que não esperou ser convidada e foi entrando.

— Oh! Minha querida, acabei de saber de tudo e estou abismada.

— O Cadu contou o que para a senhora?

— Ah, tudo: sobre seu namoro com a Fabi, filha do deputado José Américo, que vou ser vovó e o fato de infelizmente você ainda não ser informada por causa da agenda atribulada de vocês.

— Agenda atribulada? EU FALO COM ELE TODOS OS DIAS!

— Mas, querida, uma coisa dessas não se conversa pelo telefone. E ainda mais se tratando da filha de alguém tão importante. Você entende, né?

— Mas ele podia atravessar a rua, então!

— Querida, eu entendo, afinal, vocês estavam enrolados há um tempinho...

— Nós éramos noivos e estávamos juntos há 14 ANOS!

— Nossa, tudo isso? Mas, enfim, vim lhe pedir para que entenda a situação delicada da Fabi e não faça nenhum escândalo, por causa de todo estresse que ela está passando com a gravidez e a organização do casamento.

— Casamento? Eles vão se casar?

— Oras, mas é lógico! Ou você acha que Cadu deixaria uma garota grávida dele ser mãe solteira e sem nosso sobrenome?

Estava tentando engolir tudo isso que ela falava sobre a nora perfeita, o casamento lindo, o neto, quando ouvi titia voltar à sala e só deu tempo de pensar: *vai dar merda!*

— Você tem que entender que não era para ser, vocês são... como posso dizer? ... São como água e óleo, não se misturam!

— Ah, com certeza, mas nesse caso vocês devem ser a água né? A água do Tietê bem podre! — Falou tia Selma, levando dona Ezalba pelo colarinho para fora. — E tem mais: some daqui, seu coxão amarrado, antes que eu acabe com essa sua cara de Botox vencido! E avisa para aquele almofadinha não ousar cruzar nosso caminho ou arranco as bolas dele! —

Exaltou-se batendo a porta na cara de uma dona Ezalba, deixando-a bem amedrontada.

Titia ergueu os olhos para mim, me encarando com compaixão, e disse:

— Olha, Paloma, eu entendo o quanto deve estar sendo difícil para você; lhe darei um tempo para chorar, gritar, se descabelar, escutar música brega, mas depois se livre de tudo que lembre ele e recomece. Está me entendendo?

Balancei a cabeça concordando e corri em direção ao meu quarto para fazer exatamente o que ela mandou, com a diferença de que não pretendia sair de lá nunca mais!

Te dei meu amor e você guardou na estante

*E não adianta nem me procurar
Em outros timbres, outros risos
Eu estava aqui o tempo todo,
Só você não viu.*

A música da Pitty tocava pela centésima vez no meu iPod; acho que ela a escreveu depois de um coração partido também.

Já fazia 29 dias e 16 horas que oscilava entre tristeza, dor raiva e rancor, sem contar a saudade que me consumia. Peguei o telefone umas trinta vezes para atender suas chamadas e depois desistia; olhava também pela janela na esperança de vê-lo ou talvez arremear um ovo em sua cabeça.

Titia me deu o prazo de mais quatro horas para reagir, caso contrário chamaria o exército.

Sempre me alimentei bem, tudo sempre foi motivo para comer — se estava feliz, triste, com raiva, TPM, nervosa —, mas até a fome me abandonou; nem os doces do buffet me animaram e olha que titia fez questão de deixar tudo dando sopa na cozinha.

E, para completar, esse mês foi um fracasso profissionalmente.

Por causa das minhas idas e vindas de Piracicaba para São Paulo, levei bomba na escola várias vezes e nunca consegui lidar com números; eu realmente não entendo por que precisamos aprender tantas fórmulas se existe a calculadora para resolver todos os nossos problemas.

Terminei a faculdade há três anos; fiz publicidade. Achei que meu dom de vendas bastaria para ser uma publicitária de sucesso, mas somente consegui emprego em telemarketing. Coloque-me para vender gelo enlatado, olho no olho, eu consigo convencer qualquer pessoa, mas via telefone isso

não acontece, parece que estou enganando os outros.

Resultado: não parava em emprego nenhum. Então comecei a ajudar titia, que fazia os melhores salgados da região, mas, como sou zero à esquerda na cozinha, passei a oferecer os salgados para festas e fez tanto sucesso que se transformou em um dos buffets mais requisitados da cidade.

Em consequência do buffet, acabava requisitada para organizar as festas e foi aí que descobri meu verdadeiro talento: há dois anos me transformei em uma *wedding planner*. Montei uma assessoria de casamentos junto com dois amigos da faculdade e, não querendo me gabar, sou a melhor do mundo no ramo. Acredito ter transferido todos os meus sonhos em me casar para realizar o casamento dos outros; basta pensar do jeito que você quer a cerimônia, eu consigo realizar — seja se casar na praia, igreja, salão ou até embaixo d'água, vou me empenhar para que tudo aconteça da forma que as noivas sonharam e garanto será um sucesso.

Titia dizia que não sabia como realizava casamentos tão perfeitos se não conseguia nem manter minhas gavetas de calcinhas arrumadas, mas não sei explicar como, o que sou desorganizada em minha vida pessoal, sou completamente eficaz na vida profissional.

Realizamos festas todos os finais de semana e também de segunda a quinta, mas este mês não tínhamos uma única festa agendada; não sei o motivo de as noivas quererem se casar mais em alguns meses do que em outros. Quando chegava dezembro e janeiro eram tantos casamentos que temos até de contratar uns freelances, mas em fevereiro e agosto eram bem menos. E só para contrariar estava programando o meu para agosto, aliás, já tinha tudo organizado, da festa aos enfeites, só estava aguardando finalmente o Cadu decidir a data.

Queria me casar com tudo o que tinha direito: igreja, festa, orquestra, decoração e com um vestido todo branco rendado este guardado secretamente

ao fundo de meu armário, afinal, tive tempo suficiente para planejar e sonhar como seria.

E agora, após quatorze anos, estava trancada em meu quarto e não me restou nem a esperança.

Cadu ligou 148 vezes e mandou 56 mensagens no *WhatsApp* dizendo que precisávamos conversar, mas o que ele teria para me falar? E não tive coragem de encará-lo.

Mas de uma coisa tinha certeza: ninguém nunca mais me magoaria, não deixaria nenhum homem me envolver e meu coração iria continuar destroçado e trancado a sete chaves para o amor; já até me imaginava bem velhinha morando sozinha e tendo como companheiro somente um gatinho. Iria aderir ao celibato e nem se o cara mais bonito e charmoso quisesse me namorar me faria mudar de ideia.

Pede para sair!

Meu prazo estourou e titia realmente chamou o exército, no qual neste caso se resumia a Mel. E quando minha amiga quer, consegue ser mais eficaz que o capitão Nascimento.

— O que acontece com você? — Ela já entrou em meu quarto discursando, abrindo as janelas, arrumando a bagunça e falando sem parar. — Não atende minhas ligações. Sua tia me chamou aqui para te resgatar, mas não pensei que acharia um espectro de você. O que você está pensando, hein? Acha que aquele molusco merece seu sofrimento? Que Deus me perdoe, viu? Ele é meu primo, mas é um merdinha interesseiro e espero que quebre aquela cara bem quebrada! Vamos, levanta, vai tomar um banho, se arrumar, que vou te levar para respirar novos ares porque esse seu quarto está fedendo a mofo. Vamos lá, anda, ou vai querer que eu te dê banho, como eu faço com o Thor, hein? Vamos, meu bebezinho — Mel prosseguia falando, enquanto me empurrava para o chuveiro, arrancando meu pijama, sem me deixar protestar.

Estava no chuveiro, enquanto ela ainda tagarelava do lado de fora do box.

— Sabe, eu conheci a “tal”... Bastou uma olhada para perceber que aquilo lá não presta. Loira falsa, usou a gravidez para segurar o pamonha do meu primo e ele está de olho no que o pai dela, o tal deputado, pode lhe fornecer. Como pôde trocar você por aquilo? — Nesse momento, meu choro, que era contido, se tornou uma avalanche, mas Mel não se abateu.

— Isso, pode chorar, deixa a água levar essas lágrimas, porque vou te dar um aviso: é a última vez que você faz isso. Presta atenção, Loma. É A ÚLTIMA VEZ! Você vai sair dessa, levantar a cabeça e esfregar na cara de todo o mundo sua alegria; aquele povo terá que se contentar em assistir de camarote, enquanto eles chafurdam na lama.

— Nossa, Mel, você não devia ser *personal trainer*, deveria ser do BOPE!

— Ah, amiga, me dói tanto te ver nesse estado, sabe? Você é a pessoa mais pura que eu conheço, não merecia passar por isso.

— Achei, Mel, que trocaríamos figurinhas, você me ajudaria com meu primeiro filho, já que tem o Thor, e seria minha madrinha de casamento junto com o João.

— Mas isso ainda pode acontecer. Você fala como se fosse morrer solteira!

— Eu vou, não quero mais saber de homem na minha vida!

— Pare de falar bobeira, Paloma! — Titia entrou me dando bronca.

— E, por favor, preciso que você leve esses *cupcakes* para o buffet.

— Mas, por que eu?

— Porque hoje é o último capítulo da minha novela e não saio de casa por nada. E faça o favor de entregá-los inteiros e tome cuidado com o chantilly!

Mel intercedeu:

— Então, depois de entregar os *cupcakes*, vamos sair e aproveitar, porque o João me deu um passe livre e resolveu tirar um dia de pai e filho.

Titia se esparramou no sofá, Mel foi buscar o carro e eu fiquei parada no portão de casa, segurando uma caixa cheia de *cupcakes*, esperando por ela, quando o Cadu se materializou bem na minha frente.

— Paloma, precisamos conversar!

Cair, levantar.

— Eu não tenho nada para falar com você!

— Eu preciso te dar uma satisfação!

— Agora é tarde! E tem mais, eu tenho um encontro!

— Encontro com quem? Ah, deixa para lá — Cadu falou me arrastando para o quintal aos fundos de casa. E eu me sentei sobre uma cadeira do jardim.

Emburrei, ainda me agarrando à caixa. O silêncio se tornou constrangedor entre nós. Ele me olhava como se procurasse as palavras certas a dizer. Tentei em vão segurar as lágrimas e a onda de raiva que me dominava.

— Escute, Loma, eu sei que te magoei, ok? Mas tentei conversar várias vezes, mas você não me escutava.

— Ah, mas é claro que a culpa é minha agora. — Respondi entre soluços. — Você tentou conversar comigo sobre o quê? Quando contratou aquela patricinha eu te avisei que não daria certo, ela ficava esfregando aqueles melões na sua cara, mas aí você dizia: “Paloma, estou fazendo um favor para o pai dela e ela é só uma menina” — falei imitando a voz dele.

— Tentei terminar sim, mas você não dava chance e tinha essa sua ideia fixa de casamento. Toda vez que eu abordava o assunto, parecia que não me escutava, ficava viajando, imaginando a cerimônia e me cobrando uma data!

— Foram quatorze anos esperando! Aí, quando finalmente você me diz que poderíamos começar a planejar o casamento, eu não deveria cobrar uma data?

— Eu não quis frustrar suas expectativas, percebia o quanto você queria se casar, por isso concordei, por mim continuava da forma que estava.

— O quê? Namorando a vida toda?

— Não, Paloma, amigos! Porque foi isso o que nós nos tornamos.

— Eu não era sua amiga. Na verdade, era, mas também te amava.

— Eu também te amava

— É, só que agora você vai se casar, terá uma família com outra, tirou de mim até minha esperança, me magoou, me TRAIU!

— Eu sou homem, está bom? Acha que era fácil resistir à tentação, enquanto nosso relacionamento estava tão morno?

— Morno? Pra você era isso?

— Como não? Há quanto tempo não tínhamos um momento só nosso? Isso sem contar que nem lembro mais a última vez que transamos!

— E a culpa era só minha? Só eu tinha obrigação de esquentar a relação, é?

— Não, é aí que está o problema, você não percebe? Estamos tanto tempo juntos que o amor virou algo mais fraternal.

— O que está querendo dizer? Acaso virei sua irmã?

— Exatamente, eu te amo, mas como se fosse minha irmã!

Aquelas palavras me cortaram mais que a faca afiada do outro dia, me atravessaram, me sangraram; estava tão atordoada que não conseguia pensar em mais nada.

— Pra mim era real, sonhava todos os dias quando seria sua esposa, sempre te vi como o homem de minha vida!

— Me perdoa? Não posso viver sem sua amizade!

— É só isso o que quer de mim? Minha amizade? Você ao menos ama a patricinha?

— Tem muita coisa em jogo, o amor é relativo.

— Relativo?! O amor é a base de tudo! Não posso mais ficar aqui,

ouvindo você destruir o que sobrou da imagem que eu tinha de você.

— Espere, tenho um favor para te pedir e espero que leve em consideração nossa história! Sabe, a Fabi tem passado muito mal por causa da gravidez e ainda o pai dela exige que nos casemos antes da barriga começar a crescer para evitar fofocas e são tantos detalhes para um casamento... preciso de assessoria.

— Você não está pedindo para eu realizar seu casamento com outra, né?

— É claro que não. Mas, com a data tão próxima, as cerimonialistas estão negando nos assessorar e, como você conhece todos do ramo, poderia usar de sua influência para conseguir alguém para nós.

Juro que pensei ter ouvido errado, ou estar dentro de um pesadelo e acordaria a qualquer instante, mas ao olhar para o Cadu, ansioso na minha frente, à espera de uma resposta, me toquei que tudo aquilo era real e, além da traição, ele estava pisando e esmagando o meu orgulho!

Fiquei cega, e titia que me perdoasse, mas minha única reação foi jogar uma caixa cheia de *cupcakes* cobertos com bastante chantilly naquela cara de almofadinha dele.

Saí correndo dali sem rumo, precisava respirar, me encontrar, achar um motivo para continuar em pé!

Lei de Murphy

Andei por tanto tempo sem direção, até me esqueci da Mel, então começou a me faltar o fôlego e minhas pernas começaram a doer. No meu impulso de distanciar-me de tudo, saí sem carteira, documentos, dinheiro, celular; e ainda tia devia estar, além de preocupada, uma arara comigo.

Já era tarde da noite, eu estava perdida, esgotada, humilhada e sem um pinga de vontade de voltar para a realidade que me esperava.

Estava sentada agora em uma praça bem iluminada, contornada por uma pista de corrida, poucas árvores, alguns aparelhos de ginástica e, em frente, havia uma quadra pouco preservada, onde alguns rapazes jogavam algo parecido com futebol. Após algum tempo reconheci, pela bola pontiaguda, que se tratava de rúgbi.

Fiquei ponderando minhas opções:

A - Poderia me atirar de uma ponte, mas tinha medo de altura.

B - Jogar-me na frente de um carro, mas com minha falta de sorte, poderia ficar toda quebrada e viva.

C - Afogar-me no rio Tietê, mas era capaz de cair em um banco de areia e ainda ganhar uma bactéria.

Descartei todas as opções no qual envolviam remédios, armas, facas, cordas, sangue e resolvi ficar bem viva, pois não daria esse gostinho para eles e mais essa tristeza para tia Selma.

Então passei para minha última opção:

D - Exterminá-los! Ah.... Essa começava a me agradar. Imaginei várias formas de fazer picadinho deles, mas como era uma boa samaritana, fiquei com dó do bebezinho a caminho, da minha tia que teria que me visitar na cadeia e até da cobra da minha ex-sogra. E descartei essa possibilidade também.

Cheguei à conclusão de que a única coisa ao fazer era usar as armas que tinha para conseguir uma pequena vingança. No dia seguinte, iria ligar para todas as costureiras, lojas de aluguel, floristas, buffets, salões de festas, igrejas e até juízes de paz para boicotar a festa dele. Como esse ramo era pequeno, conhecia e me relacionava bem com todos; seria fácil conseguir aliados. Eles que se casem em Las Vegas, naquelas capelas cafonas com um cover do Elvis em final de carreira, cantando uma música com playback.

Não fazia ideia de qual bairro estava, mas bem próximo, visualizei algumas construções e um movimento grande de pessoas ao redor.

Um senhor idoso passeava com um cachorro — lindo, de pelagem amarela —, muito maior que ele; sempre tive vontade de ter um cachorrinho, mas como muitas vezes os salgados eram feitos na cozinha de casa, tia não deixava, alegando que pelos e comida não dariam certo, ainda mais com uma dona atrapalhada como eu.

O senhor deu algumas voltas, se sentou ao meu lado e ficou com o olhar perdido no horizonte, enquanto o cachorro se deitava sobre seus pés. Tentei me distanciar, pois não queria companhia, e só então percebi que ele era deficiente visual. Permaneci quietinha, para não ser notada, somente tentando acalmar minha respiração.

— O que te aflige, menina? — Perguntou o senhor, interrompendo o silêncio.

— Como sabe que sou mulher?

— Um perfume tão doce e suave só poderia vir da melhor obra-prima realizada por Deus.

— Ah, senhor, que lindo! E como soube que tem algo me afligindo?

— Menina, na minha condição, nós aprendemos a desenvolver sentidos que passam despercebidos por quem tem a dádiva de enxergar. Pude sentir pela cadência de sua respiração e pelos suspiros contidos do choro

retido.

— Já gostei do senhor! Mas respondendo à sua pergunta, acredito estar em uma má fase.

— Qual sua graça?

— Ah.... Faço graça sem querer, sabe? Sou um pouco atrapalhada!

— Não, minha menina, quis perguntar qual o seu nome.

— Ahhhh! Paloma — respondi um tanto envergonhada.

— Bonito nome, Paloma! Então, se aceita o conselho de um velho homem, as fases ruins são necessárias para darmos valor quando as boas acontecem! Aprender a valorizar as pequenas coisas boas da vida!

— Então, as coisas boas estão passando a galope por mim!

— Menina! Quanto tempo faz que não experimenta a areia sob seus pés; ou parou para ouvir o canto de um passarinho no meio das buzinas da cidade; ou ainda sentiu o aroma das plantas e da terra depois de um dia chuvoso?

— Senhor, com minha falta de sorte é capaz de tropeçar nessa areia, derrubar o passarinho e cair de bunda nas plantas!

— Menina Paloma, você não perdeu o humor, isso é o mais importante! Agora me conte, o que te faz acreditar nessa má sorte?

— Sabe, parece que sempre sou deixada de lado! Mamãe faleceu, papai me abandonou e agora perdi o grande amor da minha vida, ele vai se casar com outra e será pai de um filho que não sairá do meu ventre!

— Se sente abandonada? Mas sua mãezinha deve ter cumprido sua tarefa na vida! Quanto a seu pai, se sente saudades, é só procurá-lo, talvez esteja tão envergonhado que prefira a omissão. E quanto a esse tolo rapaz que casará com outra, ele realmente era o amor da sua vida?

— Acredito que sim! E nunca mais vou me permitir sofrer desse

jeito!

— Eu encontrei minha preciosa companheira quando já estava cansado da vida, dos vários amores e paixões. Mas quando a vi, não tive dúvidas de que ali seria minha morada, onde encontraria a paz que precisava. E assim foi, vivemos felizes trinta anos juntos. Ela era linda em todos os sentidos, me completava. Quando perdi a visão, ela me fez enxergar o mundo de outras formas.

— Nossa! Vocês estão juntos ainda?

— Não, infelizmente, ela também já cumpriu sua tarefa na Terra; faz dois anos que a perdi. No início, foi como um buraco aberto no peito, mas depois entendi que todos temos um propósito na vida no qual precisamos cumprir; no caso da minha esposa, ela realizou tudo com maestria, me deu dois filhos lindos, fez todos à sua volta feliz e agradeço por ter tido o privilégio de amá-la!

— Que coisa mais linda! — Falei emocionada com sua devoção.

— E tem mais, menina, tenho certeza de que, se nada deu certo da forma como você esperava até hoje, foi porque o destino está preparando algo grandioso e seu grande amor verdadeiro ainda está por vir.

— Agradeço muito ao senhor por ter passado sua experiência; me sinto até melhor agora. Foi um verdadeiro anjo!

Inclinei-me para lhe dar um abraço, então o cachorro se agitou e como diz aquela teoria: “Se alguma coisa tem a mais remota chance de dar errado, dará!” Somente tive tempo de proteger o senhor, me colocando na frente da bola, que escapou velozmente da quadra e me atingiu com a parte pontuda bem no meio da testa. Caí grogue, sentindo uma dor latejante na cabeça, nauseada, e o cachorro começou a lamber meu rosto.

Algun tempo se passou — minutos, não sei — e percebi um movimento ao meu redor: vozes, luzes.... Consegui distinguir um macacão

azul e laranja, olhos verdes e uma frase:

— Senhorita, de novo?!

Anjo...

Acordei um tanto desorientada, em uma cama de hospital. Olhei ao redor, vi um homem todo imobilizado, ao lado, e titia roncando, em uma cadeira.

— Ai, Jesus, de novo não! — Pensei alto.

Titia acordou num sobressalto, assustada, tentando entender onde estava. Aos poucos, ela foi assimilando a situação, me olhou de cima a baixo e então explodiu em uma gargalhada.

— Eu mereço, viu?! Já não basta estar de mãos dadas com o azar, ainda tenho que ser motivo de piada!

O rapaz ao lado gemeu e seu acompanhante olhou feio para nós, balançando a cabeça em reprovação.

Titia foi se controlando aos poucos e disse baixinho:

— O que eu faço com você, hein? Quando vai parar de me matar de susto?

— Não tive culpa dessa vez!

— Você desaparece, não carrega os documentos, dinheiro e celular. Aí, se não fosse o rapaz, que te socorreu da outra vez, lembrar onde era sua residência, eu estaria até agora sem notícias suas!

— Que rapaz?

— Aquele que te socorreu no mês passado, quando você transformou nossa casa em cenário de guerra e, diga-se de passagem, que bela espécime de homem, não? E atencioso! Veio aqui por diversas vezes no decorrer da noite, toda vez que ele trazia um paciente.

Comecei a me lembrar em flashes dos acontecimentos da noite passada, do senhor fofo, da bola me atingindo, de pessoas me observando, de ter entrado em um tubo, das medicações, dos olhos verdes e de uma mão

grande, máscula, terna e consoladora sobre a minha.

Titia interrompeu minhas lembranças.

— Já liguei para Mel vir nos buscar. A coitada ficou desesperada com seu sumiço, pegou o carro e te caçou pela cidade, mas, como a enfermeira avisou que você teria alta assim que o plantonista da manhã chegasse, fui obrigada a chamá-la.

Permaneci quieta e pensativa, ouvindo seu sermão e elaborando uma forma de sair de mais uma enrascada.

— E não pense que te perdoei por ter estragado meus *cupcakes*; passei a noite entre esperar o telefone tocar com notícias suas e recheando bolinhos! E mais! Mesmo tendo adorado ver aquele engomadinho todo melecado e nervosinho, ainda acho que ele merecia um belo de um chute no saco!

Mal titia terminou de falar, Mel apareceu no quarto, com uma roupa de ginástica e fones de ouvido, falando muito alto:

— Opa, o SAMU chegou!

Ao ouvir a palavra SAMU, dei um pulo da cama e comecei a me arrumar.

— Se acalma, Paloma! Mel quis dizer que ela é o SAMU — disse titia, olhando com desconfiança para mim.

— Perdi alguma coisa? — Perguntou Mel, também desconfiada.

— Acho que ela está preocupada com um certo socorrista, moreno, alto, forte, com olhos verdes, que a atendeu nas últimas trapalhadas dela. — Respondeu titia por mim, ainda com olhar desconfiado.

Desviei o rosto e comecei a alisar minha roupa de cama, para esconder o rubor.

— Você vai me explicar direitinho essa história, viu?! Mas se for tudo isso aí que sua tia falou, até te perdoo pelo sumiço da noite passada! —

Mel me declarou.

— Eu não tive culpa! — Falei novamente.

Quando Mel ia iniciar um sermão, o plantonista — um senhor baixinho e simpático — entrou no quarto, chamando pelo meu nome.

— A senhorita está de alta!

Ouvi suspiros de alívio vindos de todos os cantos do quarto.

— Saiu o resultado da tomografia, o traumatismo não foi confirmado, trata-se de uma concussão cerebral, o que explica também seu estado de desorientação, dores e náuseas; esses sintomas costumam melhorar em três dias, assim como o hematoma da região frontal. Estou deixando prescrito analgésicos, compressa fria e repouso. Se fizer tudo direito, ficará nova em folha e pronta para outra.

Mel e tia Selma, que estavam escutando quietas, explodiram em risos e o médico, sem entender nada, olhou para todos nós, contrariado.

— Doutor, não tenho mais saúde para aguentar outra queda, trauma, cortes ou ossos quebrados de minha sobrinha! Espero que tenha sido o último susto!

O médico saiu do quarto balançando a cabeça, achando graça e recomendando:

— Boa sorte, então!

E mais uma vez, o acompanhante do rapaz ao lado reclamou do barulho.

— Vamos logo, antes de sermos expulsas! E ainda tenho aquela atriz famosa chiliquenta para treinar pela manhã. No caminho, Paloma, você me explica essa conversa de socorrista gato — Mel foi falando e me levantando da cama.

— Não há nada para explicar! Aliás, nem me lembro direito da noite passada.

— Então, não se lembra que ficou chamando: “Anjo! Anjo?!” —
Perguntou titia com ar irônico e imitando minha voz.

Balancei a cabeça negando, envergonhada.

— Você está parecendo um unicórnio! — Mel entrou na brincadeira, aliando-se à titia, enquanto ajudava a me vestir.

Ao me olhar no espelho, tomei um susto com o tamanho do galo na minha testa. Ele estava inchado e arroxeadado, deixando meus olhos semiabertos com olheiras embaixo. Eu estava realmente parecendo um unicórnio, mas misturado com uma panda.

Tentei em vão esconder a testa com a franja do cabelo, quando notei algo escrito de caneta na lateral do meu pulso...

Era um número de telefone com o nome Anjo!

Nada é o que parece ser!

Após ter sido deixada em casa por Mel e ser alvo de seu nada sutil interrogatório, tia Selma se assegurou de que eu estivesse confortável e principalmente em segurança, pois, segundo ela, precisava de uma semana de paz para os preparativos do cardápio referentes ao casamento do próximo domingo. Além disso, ligou também para meus sócios, Júlia e Ed, comunicando minha mais nova façanha. E, acostumados com essas pequenas artes, eles recomendaram que eu ficasse bem quieta para estar recuperada até sábado, porque já estava tudo organizado para o evento do final de semana. Esse casamento estava sendo um dos mais fascinantes que organizei. Ele seria na praia de São Pedro, no Guarujá, domingo, às cinco horas da tarde, ao pôr do sol.

Conheci Camila, a noiva, quando assessorei seu primeiro casamento. Foi um dos mais grandiosos para o qual já havia sido contratada, mas foi também o que mais me deu dor de cabeça, uma vez que Camila deixou o então noivo, um magnata da área de construção civil, plantado igual a um cacto no altar. Tive que dar conta de sogra histérica, mãe desmaiando, homens de ambas as famílias se ameaçando, ainda toda equipe contratada, mais os colunistas de fofoca. Foi difícil, porém, depois desse evento, nossa empresa ficou altamente disputada e hoje podemos nos dar o luxo até de escolher nossos trabalhos. Com tudo isso, acabei amiga de Camila e, mais tarde, descobri o motivo de sua fuga: o tal magnata, tinha, digamos assim, alguns gostos sexuais bem peculiares e minha amiga, uma menina doce e romântica, ficou apavorada com a palavra submissão e fugiu. Para ela, essas histórias funcionavam somente na ficção. A pobre não teve apoio de ninguém porque, além de tudo, não podia expor a família a algo tão íntimo; assim preferiu levar a fama de doida. Abrigou-se na casa da família no Guarujá e lá

conheceu um lindo surfista, comerciante de uma loja de produtos naturais. Agora leva uma vida leve, simples e está felicíssima, se casando com o grande amor de sua vida.

Além de realizar seu casamento, também serei uma de suas quatro madrinhas. Chegaremos ao local escolhido sábado pela manhã para deixarmos tudo perfeito; o buffet de tia Selma também prestará serviço. Juro que não exercia influência para que escolhessem a empresa dela, mas, quando minha tia entrava na competição, não tinha para ninguém, ainda mais com os cardápios diferenciados que eu a ajudei criar. Percebi, em minhas muitas degustações nesse ramo, que era tudo igual e quase plastificado, aí sugeri à titia algumas mudanças, adaptando ao estilo do evento e de fato deu muito certo. Assim, o time estaria completo e, além de trabalhar, iríamos nos divertir! E realmente eu estava precisando muito de um pouco de diversão na minha vida.

Então.... Vocês devem estar se perguntando o que fiz com o número do telefone. Pois bem, escrevi na agenda, aí fiquei com medo de perdê-la. Resolvi colocar no celular, mas, como eu vivo perdendo-o, transcrevi também para post-it e coloquei em alguns lugares do quarto. Tinha o número dele em vários lugares, mas e agora, o que fazer?

Não contei nada para ninguém; toda vez que titia entrava no quarto, fingia não ver os papéis e Mel não percebeu, caso contrário me obrigaria a ligar para ele. Até Júlia e Ed, que vieram finalizar detalhes do evento, acharam que era algo referente a algum trabalho.

Segunda-feira não liguei porque estava com dores.

Terça não liguei porque estava muito sonolenta.

Quarta estava completamente deprimida.

Quinta: dores, sono, depressão e nem sei mais qual desculpa usar.

Sexta-feira acordei bem triste, me arrastei até a cozinha e achei titia

preparando o café enquanto assistia ao programa da Ana Maria Braga. Ao me ver, exclamou:

— Bom dia, flor do dia! — Ela me saúda assim desde criança, sempre achei engraçado, mas hoje estava com um mau humor terrível.

— Tia, já fiz 28 anos, caso a senhora tenha se perdido na contagem.

— Sério? Pois parece 88 de tão rabugenta que anda! Nada está bom, nem na sua adolescência você ficou tão chata!

— Ah, me dá um tempo! A senhora não entende pelo que estou passando?

— Entendo, mas avisei que daria somente um mês para chorar por aquele engomadinho. Agora chega, já deu! Bola pra frente, seu hematoma já está bem melhor e você deveria ir dar um *up* no visual! Vai...tira o dia para cuidar de você!

— Tia, estou tão confusa!

— Me conta uma novidade! É simples, Paloma, é só ligar, o que mais pode acontecer além do bonitão não atender?

Olhei espantada para ela com cara de interrogação. Ela me deu uma piscadela e saiu sem dar satisfação.

Segui os seus conselhos: fiz depilação (levei uns bons minutos na sala da depiladora — a coisa estava feia, viu?! Acho que nem a Monga tinha tantos pelos!) E também pé, mão e sobrancelhas; dei uma repicada no cabelo, só não quis luzes, pois gosto da cor dos meus cabelos castanhos escuros e também quero manter algo virgem em mim.

Voltei para casa me achando, no final da tarde. Olhei-me no espelho e me senti melhor. Encontrei somente umas áreas roxas na testa e olheiras terríveis, mas nada que uma boa maquiagem não resolvesse.

Então, voltei para o meu dilema. Peguei o telefone umas vinte vezes, mas desisti de discar os números. O que eu poderia falar? Estava aflita,

curiosa e realmente não sabia o que fazer.

Mel entrou no quarto, parecendo um furacão, de novo com roupas de ginástica e fones de ouvido.

— E aí, está melhor? Olha, seu galo sumiu! — Falou examinando meu rosto. — E está magra que só, pálida e parecida com a noiva cadáver por causa dessas olheiras! — Mel sempre adorou esse filme. Até o Thor, seu filhinho de três anos, assistia várias vezes em vez de ver filmes de carrinhos ou aviões. Não entendia minha amiga: ela me fez assistir *A Noiva Cadáver* para ver a qual conclusão o filme chegava, e sempre achei tão triste, mas Mel explica que se tratava de um amor não correspondido e que não havia nada no mundo que nos separasse da nossa alma gêmea. Se antes achava o filme triste, agora o vivo na pele.

— Acho que vou te trazer uns suplementos para ver se você ganha umas carinhas! — Ela continuou falando, me girando e apertando. — Passei aqui antes de buscar o Thor na creche e estou atrasada já. E ainda tenho umas malas para arrumar, pois não vou perder essa boquinha de casamento na praia por nada!

— Você nem foi convidada! — Finalmente ela me deixou falar.

— Hahaha, quem disse? Tornei-me amiga de sua amiga, tá? Ficamos muito próximas este último mês, quando a ajudei a perder uns quilinhos para entrar naquele pano que vocês chamam de vestido de noiva. Camila mesma que me convidou e eu vou; até já fechei uma pousadinha lá no Guarujá. E você vai cuidar um pouco do Thor para mim, né? Preciso dar uma namorada no João!

— É lógico, adoro ficar com ele!

— Agora desembucha. O que está te atormentando?

— Aponto para os recadinhos colados e entrego um para ela.

— Hum, anjo, hein? É o socorrista gato?

Concordei, balançando a cabeça.

— Não sei o que fazer ou falar, nem o nome dele eu sei!

Mel puxou o papel de minha mão, pegou o telefone, discou e me entregou, dizendo:

— Pronto.... Agora você irá saber! — E saiu do quarto na mesma velocidade que entrou.

O telefone tocou uma, duas, três e quando estava agradecendo mentalmente por ninguém atender, na quarta chamada, ouvi uma voz do outro lado da linha.

— Alô?

— É... Por favor, não sei bem o que falar, ou por quem deveria chamar, mas seu número estava anotado no meu braço, então achei que poderia ligar e descobrir o motivo.

— Menina Paloma, é você?

A compreensão tomou conta de mim, então só balbuciei: — Hum-hum.

— Como está, menina? Fiquei muito preocupado, mas, como não me apresentei, achei melhor deixar escrito “Anjo”, porque é parecido com meu nome, que é Ângelo. Além disso, a enfermeira que cuidava de você e escreveu o recado, enquanto eu segurava sua mão, disse que a ouviu chamar por um anjo.

Agora entendia tudo e fiquei perplexa, frustrada e muito envergonhada. Permaneci muda e Sr. Ângelo continuou falando:

— Menina, eu tinha que falar com você, lhe agradecer! As pessoas do parque disseram que se colocou na frente da bola, se não fosse sua boa ação, não sei o que poderia ter acontecido comigo, na minha idade tudo é mais complicado.

— Não há de quê! Garanto que com o conforto de suas palavras, o

senhor fez um bem maior para mim.

— Então, estamos quites! — Falou rindo.

— Sim! — Respondi também sorrindo.

— Mas agora, menina, ganhou um amigo e avô postiço, viu? O que posso fazer? Você conquistou o coração desse pobre velho!

— O senhor que é um fofo! E vou adorar ter um avô amigo!

Despedi-me do Sr. Ângelo, menos frustrada, mas ainda inconformada, passei tanto tempo me martirizando à toa. Talvez eu tivesse que quebrar uma perna para ver aqueles olhos novamente.... Descartei a possibilidade na mesma hora, titia me mataria e de verdade!

Percebi, então, um movimento grande na casa do Cadu. Olhei pela janela e vi o quintal todo enfeitado, minha ex-cobra sogra e minha ex-sucuri cunhada paparicando a lambisgoia da Fabiana e ainda várias mulheres chegando com presentes grandes e colocando em uma mesa. A ficha caiu e percebi se tratar do seu chá de panelas!

Raiva, frustração, inconformismo e mais um monte de coisas que não sabia ser capaz de sentir tomaram conta de mim.

Quebrei todos os porta-retratos que ainda estavam sobre a cômoda, rasguei fotos, cartões, cartinhas, peguei tudo que ganhei dele ou me fazia lembrá-lo, inclusive as pelúcias, e joguei dentro de um saco para doação, mas ainda faltava algo, que estava escondido no guarda-roupa. Agarrei o vestido, embalado com tanto cuidado, olhei para todos os detalhes — as pedrinhas, os botões de pérolas, a renda importada — e o picotei sem dó, fazendo um belo estrago nele. Fiquei ali, observando minha obra, a respiração foi acalmando aos poucos e a raiva também, então achei injusto comigo mesma nunca tê-lo usado.

Assim, tive uma ideia! Já que não teria mais casamento, faria a festa do meu descasamento!

Depois da tempestade, a bonança!

Liguei para Camila a fim de explicar minha ideia. Ela não somente autorizou a utilização do espaço no sábado à noite, como também adorou; disse que seria bom uma festinha para tirar o estresse da véspera do casamento.

Com o sim dela, comecei a organizar a festa. Optei por um luau à fantasia, ideia maluca, né? Mas, e daí? A festa era minha e eu faria a maluquice que quisesse! Mas teríamos que começar cedo, por volta das seis, para terminar antes da meia-noite, pois no dia seguinte seria o casamento de Camila e não queria ninguém dormindo na hora da cerimônia para tudo sair perfeito.

Titia, ao saber da festinha, começou a correr para preparar uns aperitivos extras e falou:

— Você precisava mesmo tirar esse luto de viúva de marido vivo!

Júlia e Ed ficaram super animados e também correram para providenciar mais bebidas, felizes por levarem seus filhos dessa vez. Eles se enroscaram já na época da faculdade, quando Júlia engravidou logo no primeiro ano, porém ambos nunca reclamaram ou disseram se sentir prejudicados; enfrentaram tudo numa boa e formam uma família linda, com o Lucas de sete anos e o Gui de três. Por causa das crianças, ambos queriam montar um negócio próprio para se dedicar mais a elas, então, quando cheguei com a minha ideia de *wedding planner*, eles adoraram e apoiaram, cedendo o andar de cima da loja de aluguel de roupas que mantiveram paralela à assessoria. Eles têm uma empresa familiar e tudo funciona, não sei como. A mãe do Ed é uma excelente costureira e sua irmã, uma modista de primeira. Já os pais da Júlia ajudam com os netos, o que dá liberdade para eles trabalharem e serem completamente unidos e organizados. É tão

admirável de ver.

Quando liguei para Mel...

— Festa de descasamento? A-DO-REI! Achei que teria que dar um chute nessa bunda magra para ver se você reagia! Agora vou desligar, pois tenho que arrumar umas fantasias para o João e para o Thor!

— E você, Mel? Não precisa de fantasia? Ou vai vestida de capitão Nascimento?

— Muito engraçado, Loma! Aliás, quando voltarmos, vamos começar uns exercícios, para ver se você ganha uma carninha, ok? Ah, e não se esqueça de que prometeu cuidar do Thor um pouquinho! — Mel desligou sem se despedir.

A festa teria que ser algo íntimo, com poucos convidados; Ricky, o chef de titia e meu *best friend*, e mais algum funcionário do buffet completariam o grupo, diga-se de passagem, muito animado! Tenho poucos amigos, mas eles são os melhores do mundo.

Lembrei que tinha agora também um avô amigo e liguei para o Sr. Ângelo.

— Ah, minha menina, fico feliz por você e irei com certeza, meu único problema será achar uma fantasia para o Bob.

— Sr. Ângelo, a fantasia é só uma brincadeira, a presença do senhor e de seu fiel escudeiro são mais importantes.

— Menina, faço questão e agradeço o convite! Porém, poderia levar mais um amigo? Apesar de o Bob ser meu guia, não posso ir a pé para o litoral, né? Precisarei de um motorista.

— Seu amigo, meu amigo! Até amanhã, vovô!

Bem, festinha organizada, amigos convidados, agora partiu Guarujá e vida nova! A partir de agora, não iria mais derramar uma lágrima por quem não me deu valor, ou não me chamava Paloma Aires!

Todo o staff e eu chegamos cedo à praia de São José e nos acomodamos nas pousadinhas reservadas. Estava precisando mesmo colocar os pés na areia, sentir o cheiro da brisa do mar, o sol na pele. Já havia visitado este lugar antes com a Camila, para acertar os detalhes, porém nunca parei para observar a beleza da praia. Realmente era linda! Mas os preparativos eram muitos e não podia me dar o luxo de ficar ali parada vendo as ondas pequeninas quebrarem sob meus pés.

Hoje seria o serviço mais pesado, deveria supervisionar tudo para que nada desse errado na hora da cerimônia. Costumava também ajudar colocando a mão na massa. Iniciamos a montagem de tendas, altar, bancos, tudo que tinha de ser montado na véspera, e deixamos somente a decoração para o domingo. Titia também optou em preparar tudo aqui. Como a noiva queria um cardápio leve e mais natural, tia Selma não quis correr o risco de servir algo azedo, além disso conseguiu reservar também a cozinha da pousada para seus preparativos. Fizemos uma pausa para o almoço e eu estava sentada na porta do restaurante em frente ao mar, quando o Thor veio correndo em minha direção e se jogou no meu colo, me abraçando.

— Tia, mamãe falou que eu vou dormir com você hoje! Você vai contar história pra mim?

— Ah.... Então, agora, você vai dormir comigo?

— É, minha mãe falou baixinho pro papai que hoje à noite vai ser quente! Tem ventilador no seu quarto, Loma?

Todos explodiram em risos, Mel deu uma piscadinha para mim e João ficou muito vermelho de vergonha.

— Pode deixar, meu fofo, vou contar um monte de historinhas para você e nosso quarto estará bem fresquinho, viu?! — Falei bagunçando seus cabelos e enchendo-o de beijinhos.

O dia passou num piscar de olhos; quando olhei no relógio já eram

cinco horas e ainda teria que me arrumar para o luau. Estava muito cansada, mas só faltava uma tenda, quando senti uma gota de chuva em mim; olhei para o céu e estava todo preto. Não deu tempo nem de pensar o que fazer: todos correram para se abrigar e eu fiquei lá, parada embaixo do temporal, olhando o estrago que a chuva causava nas tendas. Ao mesmo tempo que era desesperador assistir àquilo, também era revigorante sentir a chuva; fazia anos que não me permitia a isso. Ao fundo, ouvia titia gritar para eu correr, pois estava ficando perigoso, mas nem liguei, continuei dançando e deixando a chuva lavar tudo em mim. Porém, ao perceber um clarão no céu, resolvi dar razão aos chamados de titia e corri em direção à pousada.

— Paloma! Você tem titica de galinha na cabeça? Quer levar um raio agora? Já não bastam os sustos que você me deu a vida toda!

— Titia, relaxa! Está vendo, não aconteceu nada!

— Dessa vez! Ai, meu Deus! Você passou protetor solar hoje?

Lembrei-me de que nem ao menos trouxe protetor solar na mala. Balancei a cabeça confirmando, mas, como sou uma péssima mentirosa, acabei me entregando.

— Não me diga que passou o dia todo no sol sem passar proteção tendo essa pele branca! — Titia me deu um sermão e foi me arrastando para o espelho. O reflexo que via era de uma pessoa encharcada com os cabelos grudados na cabeça e um rosto muito, mas muito vermelho!

— Ai, Jesus! O que faço agora?

— Vamos para o quarto, você vai tomar um banho e passamos uma pomada de queimadura, que por sorte eu trouxe. Enquanto isso vou falar com Ricky para transferir o luau para dentro do salão da pousada.

— E se não deixarem?

— Até parece! Ele se engraçou com o dono da pousada e já está dizendo que encontrou o grande amor de sua vida!

Era bem a cara do Ricky mesmo; desde que se assumiu, aos dezoito anos de idade, já teve uns vinte amores de sua vida, como ele mesmo dizia. Tínhamos a mesma idade e, mais uma vez, se não fosse pela extrema bondade de titia, nem sei o que teria acontecido. Ele sempre sofreu com bullying na escola, por causa de seu jeito afeminado, e os pais nunca o aceitaram. Filho de uma comadre e ex-cozinheira da tia Selma, aprendeu o ofício ficando à espreita, observando ambas trabalharem; até nossas brincadeiras envolviam panelinhas e comidinhas. Encontrava em nosso lar o afeto e a compreensão que não tinha no dele. No entanto, um dia as coisas mudaram, pois sua mãe o chamou de aberração na frente de titia, ela não gostou nem um pouquinho de presenciar aquilo. Então, ela lhe ofereceu um lar, compreensão e carinho, no qual ele aceitou e se dizia grato eternamente. E mesmo já tendo adquirido seu apartamento, estudado e ainda ter se tornado uns dos melhores *chefs* da região, não nos abandonava; assim como seus pais, pois mesmo não falando com o filho, aceitaram de bom grado a ajuda financeira dado por Ricky todo mês, desde que a família começou a passar por dificuldades; já seu irmão machão, orgulho dos pais, se juntou com uma mulher e sumiu no mundo.

Minha família é assim, formada por laços de lealdade!

Fui para meu quarto me arrumar e meu rosto e cabelos estavam um estrago, mas, como a festa seria a fantasia, ninguém estranharia o monte de pomada que tive que passar para melhorar as queimaduras de sol. Tomei um banho e não me dei ao trabalho de secar meus cabelos, nem passar maquiagem (com tanto Caladryl nem dava), então coloquei o vestido de noiva e o véu picotado. Foi muito estranho, naquele momento, me senti verdadeiramente a noiva cadáver condenada a uma vida de solidão. Um sentimento de melancolia e tristeza pelo sonho destruído tomou conta de mim, uma lágrima tentou escorrer, mas, como adoro meu nome, e jurei não

mais chorar, caso contrário teria que trocá-lo, reprimi todos os sentimentos e fui para a festa.

Ricky transformou o salão em um verdadeiro luau; estava lindo, todo ornamentado com flores de vários tipos, uma mesa cheia de frutas suculentas, alguns candelabros iluminando o ambiente e até um rapaz passando o som. Achei incrível em tão pouco tempo ter arrumado tudo isso.

Meu amigo veio ao meu encontro — estava vestido com uma fantasia parecida com o daquele pessoal do *Village People* —, me deu um abraço de urso e disse todo carinhoso:

— Apesar de estar horrenda com essa roupa, adorei você querer dar a volta por cima! E não se esqueça de que estou ao seu lado para o que der e vier, maninha!

— Ah... Ricky, brigadinha! E obrigada por ter organizado tudo tão rápido e perfeito!

— Que nada! Essa noite vamos extravasar! E repare que não tem cadeiras, só a pista de dança! Outra coisa: nada de banquinho e violão, para baixar o astral; arrumei um DJ que vai colocar todo mundo para balançar o esqueleto!

Titia se juntou a nós, fantasiada de melindrosa. Estava linda!

— Cruz credo, Paloma, onde arrumou esse vestido picotado desse jeito? Você está fantasiada do quê?

— Noiva cadáver, tia.

— Cruz credo de novo! Vê se põe então um sorriso nesse rosto, porque está difícil de olhar para você desse jeito e com toda essa pomada no rosto!

Dei de ombros e fui cumprimentar Júlia e as crianças — estavam todos vestidos com camisetas do quarteto fantástico. Ed preparava uns coquetéis coloridos. Quando me aproximei, ele entregou um, dizendo que era

especial para mim. Estava muito bom, bem docinho, não costumo tomar nada com álcool, pois já não fico em pé sã, imagina bêbada?!

Thor chegou correndo, pulou no meu colo novamente, fantasiado do próprio Thor, uma fofura! Quando viu as crianças, correu para se juntar a elas. Mel e João chegaram num chamego só, vestidos de soldados do exército.

— Aff, Paloma, você é a noiva cadáver ou um zumbi? Tá medonha!

— E se você é o capitão Nascimento, o João é quem? O cabo 07?

— Fico feliz, Loma, que você está recuperando seu humor! Não aguentava mais ver minha amiga pra baixo!

Ela também me deu um abraço de urso, disse que eu podia contar com ela para qualquer coisa e sussurrou que por baixo de sua fantasia tinha outra bem menor que só o João iria ver.

Camila e Flávio chegaram vestidos deles mesmos, somente com uns chapéus bem engraçados. Ela estava uma pilha de nervos por causa da chuva e seu noivo a acalmava, dizendo que tudo daria certo e na hora da cerimônia o tempo estaria claro e lindo.

A noite transcorreu muito alegre, todos estavam se divertindo, as crianças grudaram em mim, deixando seus pais se divertirem e namorarem felizes. Titia se acabou de dançar com o Ricky, Mário (o dono da pousada) e mais alguns colegas do buffet. Tinha de tudo na nossa festinha: piratas, vampiros, coelhinhos, faraós. Eu já estava no meu quarto coquetel, e me sentia leve e feliz, nem perguntei ao Ed se estava colocando álcool nos meus. O DJ tinha tocado de tudo — desde as músicas dos anos sessenta que titia adorava até as baladas de hoje, que as crianças dançavam e cantavam. Estava olhando as horas, ficando chateada por Sr. Ângelo não ter vindo, quando ele entrou, vestido com terno preto e óculos escuros, na companhia de Bob, que usava uma gravatinha e chapeuzinho combinando com o traje de seu dono —

estavam fantasiados de *Homens de Preto*.

— Sr. Ângelo, achei que o senhor não viesse mais! — Eu o cumprimentei alegre, recebendo outro abraço de urso.

— Menina, pegamos a maior chuva na estrada e estava um trânsito terrível para chegar! Parece que caiu uma barreira na serra!

— Mas como o senhor veio? De ônibus?

— Imagina, trouxe um amigo, o carro novinho dele quebrou na entrada da portaria, ele está acionando o seguro; não se fazem mais veículos como antigamente!

— Vamos, vou apresentar o senhor e o Bob para meus amigos.

Não precisou nem de cinco minutos para ele se enturmar e titia virar sua amiga. E, quando começaram a gargalhar de minhas trapalhadas, Ricky me puxou, dizendo:

— Vem, vou pedir para o DJ colocar a nossa música.

Ricky é apaixonado pela Banda Eva e seus ex-vocalistas: a Ivete Sangalo e o Saulo Fernandes. Tive que ir a vários shows com ele. Quando éramos mais jovens, me fazia cantar os refrões no karaokê.

A música começou com uma batida bem gostosa e ele sussurrou para mim:

— Maninha, a partir de agora você só vai entregar seu coração de ouro para o homem que fizer por você o mesmo da música, diferente do que aquele engomadinho fazia, combinado?

Concordei com a cabeça, mas, na verdade, internamente, pensei que isso nunca mais iria acontecer. Começamos a cantar e a dançar.

Não precisa mudar,

Vou me adaptar ao seu jeito

Seus costumes, seus defeitos

Seus ciúmes, suas caras

Pra que mudá-las.

De repente, ele resolveu me rodopiar, se esquecendo de que eu tinha dois pés esquerdos. Deu um giro, saí tropeçando nas saias do vestido e tentando me segurar em algo, mas dessa vez não caí: duas mãos fortes me ampararam e ao fundo escutei o refrão da música:

Eu sei que no final fica tudo bem

A gente se ajeita, em uma cama pequena,

te faço um poema e te cubro de amor!

Levantei os olhos para ver quem havia me segurado e vi um lindo moreno, também fantasiado de *Homens de Preto*. Ele, então, tirou lentamente os óculos, me deixando hipnotizada por dois olhos verdes que olhavam diretamente para mim.

— Senhorita!

Enrico

Por Enrico

Quando o Sr. Ângelo me ligou, chamando para essa festa a fantasia, quis dar um jeito de dizer não, afinal, andava muito cansando e queria aproveitar minha folga para dormir. Mas então ele falou que seria no litoral, e já fazia quatro anos de minha chegada ao Brasil e ainda não conhecia o mar daqui. Estava realmente precisando repor minhas energias. Meu trabalho no SAMU era desgastante emocionalmente e estressante; apesar de amar o meu ofício, eu precisava me desligar às vezes, sem contar o fato de ter uma dívida de gratidão com o Ângelo — ele foi uma das poucas pessoas que me estenderam a mão quando cheguei nesse país.

Sáímos tarde de São Paulo, tudo porque ele cismou com essa fantasia dos *Homens de Preto*, alegando que sairíamos em uma missão. Para ele seria fácil, pois já tinha o terno preto, mas, como eu possuía somente roupas básicas, tivemos que comprar o meu e os apetrechos do Bob.

Pegamos uma tempestade na estrada e também ficamos parados muito tempo por conta de uma barreira que caiu, fora a neblina que se formou. Até teria voltado, caso desse, mas estávamos literalmente estacionados. O que ajudou bastante foram as sempre divertidas histórias dele, de sua vida, de seu grande amor pela Sra. Natália e de como ele sempre fazia para comemorar o Natal e o aniversário dela, tornando cada data diferente e especial. Era tão bom ouvir e imaginar que podia existir um amor assim. Tive muitas namoradas, casos e ficantes, mas nunca me envolvi emocionalmente com nenhuma, por culpa minha mesmo. Sempre que percebia haver algum envolvimento, eu terminava a relação para não dar falsas esperanças. Mas ao ouvir o Ângelo relatando algo tão puro fiquei me perguntando se algum dia

viveria algo parecido.

Ao liberarem a estrada, percebi uma luz acesa no painel. Deveria confessar que não entendia muito de carros; meu transporte predileto era minha magrela tanto no Brasil quanto na minha terra, a Venezuela; sempre fui a todos os lugares de bicicleta, mas, como tinha um amigo passando por dificuldades, assumi a dívida da *Space Fox* dele e achei perfeito para transportar o Bob, já que o Ângelo, com um jeito especial, acabou me fazendo de motorista dele. Só fiquei torcendo para o carro chegar ao destino e, ao chegarmos à portaria da entrada da praia, paramos para ver onde era o local, então o carro apagou totalmente e não ligou mais. Com a ajuda de alguns pescadores, empurramos para um lugar seguro e o Ângelo foi na frente, pois já estava impaciente; não sei o que acontece, mas tenho a sensação de que está aprontando algo.

Fiquei um tempão para achar sinal no celular, depois para conseguir falar na seguradora e, quando consegui, fui informado de que o guincho viria somente segunda pela manhã devido às condições precárias das estradas depois da tempestade. Agora tinha mais um problema: onde iria achar uma pousada vazia e ainda que aceitasse o Bob? Menos mal, pois o Ângelo insistiu que eu trouxesse uma malinha com roupas, afinal, como ele mesmo disse, nunca se sabia o que o destino preparava para nós. Com certeza ele tinha algo em mente, pois até me fez trocar o plantão de domingo à noite, mas ainda bem que dei ouvidos ao Ângelo, caso contrário estaria perdido uma hora dessas.

Já conformado com a situação, fui caminhando até o local indicado da tal festa. Era um local bem interessante, pude ver de fora a simplicidade e conforto do lugar, ouvi pessoas rindo e uma música bem agradável. Entrei e fiquei observando as pessoas se divertirem. Um rapaz loiro dançava com uma mulher toda de branco e, ao perceber que eu estava parado na entrada, girou a

moça, ela saiu tropeçando na saia do vestido em minha direção; eu, sem pensar duas vezes, a segurei. E para minha agradável surpresa: era a linda senhorita que socorri outro dia. Ela estava diferente e engraçada, acredito fantasiada de zumbi, mas nem assim conseguiu ficar feia.... Aquela boca carnuda, os cabelos cheios cor de chocolate, o perfume suave e seus olhos castanhos tão expressivos eram inesquecíveis! Desde meu primeiro atendimento a ela, me pegava lembrando desses detalhes e também daquelas coxas branquinhas, bem torneadas, por baixo de sua camisola tão divertida. Até a situação toda na qual ela se envolveu foi diferente e hilária e, apesar do corte em seu dedo, aquele atendimento foi como um sopro de esperança em um plantão carregado de dor. Já da segunda vez, não era meu chamado, mas ao ouvir no rádio o local ser próximo ao meu apartamento e que envolvia um senhor deficiente visual com um cachorro, corri para atender, preocupado que fosse o Ângelo (e realmente era). Porém, o socorro era para a adorável senhorita; só que dessa vez fiquei preocupado com a situação: ela estava desorientada e chamando por um anjo! Fiquei ao seu lado quase a noite toda e fui embora somente quando soube que ela estava fora de risco. Desde então, não a encontrei, mas não me esquecia daqueles olhos, estes no momento colados aos meus. Percebi sua respiração oscilante e um leve tremor. Instintivamente minhas mãos, que a seguravam, passaram para suas costas e a puxei mais para perto.

— Senhorita! — Falei com a intenção de que ela respondesse algo, mas continuava muda, somente olhando diretamente para mim. Colei mais meu corpo no dela, ela entreabriu os lábios, em um chamado silencioso para ser beijada. Quando me aproximei, pareceu sair do transe e correu, novamente tropeçando nas saias do vestido, me deixando sozinho, um tanto perturbado e muito curioso, na entrada da festa, sob a observação de alguns pares de olhos.

Enrico – parte II

Estava tão fascinada por meu anjo estar bem ali na minha frente que fiquei entregue ao momento e por mais um segundo iria beijá-lo, então uma luz de consciência tomou conta de mim e me lembrei do estado lastimável que estava. Saí correndo, sem ao menos apresentá-lo aos meus amigos (que bela anfitriã eu sou!) Mas ele veio com quem? Será que foi com o Sr. Ângelo? E por falar nele, tropecei na coleira do Bob no caminho para o quarto.

— Menina Paloma, é você?

— Sim, Sr. Ângelo, vem comigo — falei, arrastando-o para dentro de meu quarto.

— Menina, o que está acontecendo?

— Espere, já falo com o senhor! — E comecei a lavar meu rosto, esfregar a pomada, escovar os cabelos, fazendo bastante barulho e derrubando as roupas da mala, quando ele pôs a mão em meu ombro, me fazendo parar.

— Menina, se acalme e me conte o que te aflige, por favor!

— Se o senhor pudesse ver o estado que estou, entenderia! Oh.... Quer dizer, desculpe, não quis dizer o que disse! — Fiquei constrangida e falei atropelando as palavras.

— Eu sei, menina, sou cego, não bobo, você está aflita! Tente se acalmar!

Sentei-me na cama ainda impaciente e indecisa.

— Sabe, estou um terror, com o cabelo emaranhado, um vestido de noiva todo rasgado, fiquei o dia todo no sol, sem proteção, estou parecendo um camarão frito e ainda passei um monte de pomada para acalmar a pele. Achei que ninguém, além de minha família e amigos, me veria assim, por

isso não liguei para a minha aparência, estava até achando cômico, mas então o Anjo entrou e ficou me olhando daquele jeito. Não quero que ele pense que sou tão feia, por isso fugi, aí tropecei no senhor e estou aqui sem saber como melhorar! — Falei tudo de uma vez, sem dar tempo para respostas.

— Agora entendi.... Responda-me uma coisa: eu posso lhe ver?

— Humm, não! — Respondi apreensiva e sem entender.

— E ainda assim gostei de você no momento em que conversamos.

Eu não sei se você é ruiva ou morena, alta ou baixa, mas pude perceber o quanto seu coração é bonito. E é isso que deve esperar das pessoas, que elas enxerguem além da aparência, porque a moldura nos representa, mas nossa essência define quem somos! Entendeu?

Permaneci calada, absorvendo o que ele disse e ponderando que fiz de tudo para agradar meu ex; tinha tanto cuidado para estar sempre bonita e bem arrumada, mas só recebia críticas; parecia nunca estar à sua altura (*e olha que ele era bem baixinho*). Cadu reclamava do meu jeito de se vestir, dizia que eu era estabanada, esquecida, não pensava antes de falar; além de não ter tempo para ele e não deixá-lo respirar.... Agora entendia que nosso relacionamento girava em torno somente dele; minhas vontades, sonhos e opiniões nunca eram levados em consideração. Quer saber? Daqui para frente seria assim: eu era o que era e não viveria mais em função de ninguém. Quem quisesse deveria me aceitar desse jeito!

Levantei-me, dei um abraço e um beijo no Sr. Ângelo, ele continuava quieto respeitando meu momento!

— Então, entendeu né, menina?

— Sim e lhe agradeço! E agora percebo que estou cercada de anjos! Mas espera aí.... De onde o senhor conhece o Anjo? Foi daquele dia, do acidente da bola?

— Não! Basta você saber que seu anjo foi um anjo para mim também,

me ajudou no momento no qual mais precisei e hoje somos amigos e vizinhos e, apesar de ter dois filhos e três netos, sou um homem solitário que divide esses momentos com o rapaz que está lá fora agora precisando de companhia.

— Entendi o recado, vovô, vamos voltar! — Peguei-lhe o braço e ele me acompanhou de volta ao salão, enquanto Bob permaneceu descansando no quarto.

Quando chegamos, os casais estavam se despedindo e dispersando. Thor estava sonolento no colo de titia, que informou que cuidaria dele essa noite, pois não confiaria deixar nem um peixinho beta sob meus cuidados. Então me deu uma piscadinha e foi para seu quarto.

Aproximei-me devagar e hesitante, com o Sr. Ângelo, de Ricky e de Mário, que estavam em uma conversa com o Anjo.

— Paloma, nosso amigo aqui estava nos contando como vocês se conheceram... O Mário não está acreditando! Isso porque ele não sabe da missa a metade! — Ricky começou a relatar alguns de meus sustos e todos acharam hilário. E eu fiquei muito envergonhada.

— Aliás, ele nos contou também do problema com o carro e do socorro que virá somente segunda pela manhã, mas o Mário já fez uns arranjos e vamos acomodá-los aqui na pousada! — Ricky deu uma piscadinha para mim e chamou o Sr. Ângelo, alegando que precisava orientá-lo onde seria seu quarto.

Fiquei sozinha com o Anjo, meio que me escondendo, com a cabeça baixa, puxando uma linhazinha imaginária de meu vestido. E com um leve toque dos dedos, ele levantou meu rosto, olhando fixamente para mim.

— Paloma? Senhorita.... Lindo nome! Me chamo Enrico. Não havia me apresentado ainda.

— Enrico... — repeti um tanto atordoada, devido à sua voz aveludada, um pouco rouca, e a um sotaque que não conseguia perceber de

onde era. Fiquei procurando as palavras, pensando em um jeito de puxar conversa, mas continuei muda, hipnotizada por aqueles olhos.

— Percebo que andou tomando sol sem proteção; peles brancas, como a sua, devem receber cuidado redobrado — ele explicou e acarinhou meu rosto bem devagar com a ponta dos dedos, deslizando para meu pescoço.

Resolvi quebrar o contato, me afastando, pois realmente não sabia como agir e também não entendia esse magnetismo que me atraía.

— Você deve estar com fome e cansado da viagem. Além disso, ainda não deve ter se acomodado em seu quarto.

— Com fome não, seus amigos providenciaram um banquete. Cansado também não, pois já estou acostumado a passar a noite em claro e já fui acomodado em um confortável quarto. Porém, preciso tirar esse terno e sapatos que estão me matando.

— Então, até logo, An... Quero dizer, Enrico!

Ele me deu um belo sorriso, um até breve e subiu em direção aos quartos.

Decidi que precisava tirar o vestido também; estava me sufocando. Fui para meu quarto, o Bob não estava mais lá (titia devia tê-lo entregado ao Ângelo). Joguei o vestido na lixeira, pois já era hora de me libertar dessa história, e coloquei outro mais leve — também branco estilo praiano, na altura dos joelhos e de manguinhas soltas —, calcei chinelos e fiz uma trança nos cabelos. Ainda me sentia sufocada e agitada, o quarto parecia muito quente. Resolvi voltar para o salão, mas não encontrei mais ninguém. A cozinha também estava limpa e vazia; peguei uns docinhos e me encaminhei para a praia.

A lua iluminava a noite, o ar está carregado com cheiro de chuva e mar, a areia um pouco úmida ainda, uma brisa suave arrepiava minha pele e soprava no meu rosto, soltando alguns fios da trança. Sentei-me sobre meus

chinelos, um pouco afastada da pousada e mais próximo do mar, e fiquei ali observando as ondas quebrando, em um vai e vem, somente olhando, sem pensar em nada, procurando ficar em paz e acalmar algo dentro de mim que nem sabia o que era.

Percebi um movimento próximo, notei um vulto vindo em minha direção na penumbra da noite e vi o lindo moreno, que agora tinha um nome — Enrico... Ele ainda estava vestido com a calça preta, mas tirou o terno e a gravata, e continuava com a camisa branca, que estava com os botões semiabertos e as mangas dobradas nos cotovelos, os pés estavam descalços. Parou ao meu lado, observando, absorvendo a brisa.

— Posso? — Perguntou se podia sentar ao meu lado, e eu acenei com a cabeça. Ele se sentou na areia muito próximo a mim e permaneceu calado, assim como eu, somente saboreando a tranquilidade da noite.

Um silêncio mútuo, reconfortante, pairou sobre nós e ficamos ali, algum tempo, compartilhando a companhia um do outro e a paz.

Porém, aquela presença masculina ao meu lado começou a tirar meu sossego e, de repente, uma agitação tomou conta de mim, o ar que parecia fresco se tornou quente, parecendo me sufocar. Levantei-me rapidamente e me despedi:

— Bem, está ficando tarde e tenho muito serviço pela manhã, obrigada pela companhia! — Falei, me afastando, mas sua mão máscula e cálida segurou meu braço, me detendo.

— Do que foge, senhorita?

Uma indecisão tomou conta de mim. Ele prendeu seu olhar no meu, aguardando uma resposta.

— Sinceramente, não sei... Talvez das perguntas ou do desconhecido, ou das oportunidades e do depois. — Respondi a ele com a verdade, ainda olhando em seus olhos. Então ele me puxou em sua direção, fazendo-me

parar em seu colo!

Uma mão prendeu minha nuca, a outra deslizou pelo meu rosto. Ele sussurrou próximo ao meu ouvido, fazendo arrepios tomarem conta de minha pele:

— Então, somente sinta e se entregue, senhorita...

Vagarosa e suavemente ele beijou meus lábios, meu rosto, minhas pálpebras fechadas, meu pescoço e, quando percebeu que eu estava entregue, tomou minha boca em um beijo sedutor, aumentando o ritmo, tomando posse, me fazendo amolecer em seus braços, com o coração saltando dentro do peito.

— Tão linda! — Sussurrou, mais uma vez, sem quebrar o contato. E voltou a me beijar, vorazmente.

E, naquele momento, eu soube o que era sentir e ser tocada por um homem de verdade.

Se a montanha vier até você.... Corra!

Acordei com uma luz fraca. Abri os olhos e percebi que estava deitada na areia da praia e o sol já nascia no horizonte. Um perfume suave despertou meus sentidos e minha cabeça descansava sobre um braço forte e moreno. Olhei para o lado e me deparei com aqueles olhos verdes me observando.

— Bom dia! — Sussurrou, me deu um selinho e permaneceu assistindo ao raiar do dia. Um sentimento de paz e alegria tomou conta de mim, uma sensação de estar onde deveria ficar a vida toda, e contemplamos juntos a beleza do nascer do dia.

— Uau, como é lindo! Nunca tinha visto! — Levantei, me espreguiçando e me dando conta da noite passada, dos beijos, toques, das carícias; um rubor tomou conta de meu rosto. Enrico ficou de pé, estendeu a mão para mim, me deu um abraço bem terno, entrelaçou seus dedos nos meus e caminhamos de volta para pousada, que ainda estava tranquila e silenciosa.

Para meu imenso azar, ou sorte, mas, na verdade, alguém deve ter feito de propósito, o quarto dele era em frente ao meu. Fiquei ali parada em dúvida e muito nervosa. Corri até ele, que estava encostado no batente da porta com um meio sorriso, dei um beijo em seu rosto e voltei em disparada. Só que minha porta estava trancada e me atrapalhei com a chave, derrubando-a no chão. Enrico se agachou, pegou a chave e colocou na fechadura calmamente (fez tudo isso com o corpo colado ao meu e eu já nem sabia mais onde estava). Ele abriu a porta e falou em meu ouvido:

— Até breve, senhorita! — Suas palavras soaram como se fossem uma promessa silenciosa, fazendo arrepios percorrerem meu corpo, então entrou em seu quarto, fechando a porta atrás de mim.

UFA, essa foi por pouco! Não sabia se estava aliviada ou

decepcionada! Meu Deus! Eu era a indecisão em pessoa.

Joguei-me na cama, mas estava muito inquieta e resolvi me refrescar com um banho. Enquanto a água caía sobre mim, recordei-me de cada detalhe da noite maravilhosa. Conversamos sobre tudo e sobre nada, ele não me pressionou para contar algo que me incomodasse, mas também não se abriu, me deixando morta de curiosidade, mas, como fui eu que pedi para evitarmos assuntos íntimos, não posso reclamar, né?

E aqueles beijos, meu Deus, o que foi aquilo? Enrico possuía uma boca tão macia que eu queria ficar colada nela; nunca, nunquinha tinha sido beijada daquela forma. Sem contar as carícias.... Não imaginei que havia tantos pontos sensíveis no corpo, que se arrepiavam com cada toque e transformavam meus membros em gelatina... Ele poderia ter feito o que quisesse comigo, pois eu estava totalmente entregue, mas respeitou meus limites e não avançou o sinal nem uma vez. Em alguns momentos, também sentia certo retraimento da parte dele e, em outros, era como se quisesse absorver tudo de mim; ou talvez fosse somente minha inexperiência, porque, mesmo tendo ficado muito tempo com uma pessoa, não sei como funcionam essas coisas de ficar... E, por falar nisso, eu estava apavorada com o até breve dele e com o que me esperava!

Depois do banho, consegui dormir como um anjo e só acordei com o celular tocando. Era Júlia avisando que as flores para a cerimônia haviam chegado e que ainda precisávamos montar as tendas destruídas pela chuva.

— Tudo bem, nos encontramos para o café e elaboramos o que vamos fazer! — Respondi para Júlia, ainda aflita.

Realidade...aí íamos nós! Havia uma noiva que merecia ter seu sonho realizado.

Coloquei uma roupa leve, outro vestido estilo praiano, preendi os cabelos em um rabo de cavalo e fui até o restaurante para encontrar com a

equipe. Nossa! Tinha muito a ser feito, poucas pessoas para ajudar e ainda um tempo muito curto.

Dividimos as tarefas e novamente quis me certificar de que as tendas seriam montadas direito e não voariam na hora da cerimônia. O tempo estava nublado, porém, com mormaço. E, mais uma vez tive a missão de acalmar Camila, ela continuava insegura achando que o tempo não iria colaborar.

Estava ajudando os três rapazes da montagem quando percebi que havia alguém mergulhando no mar. Fiquei distraída observando a pessoa subir e descer entre as ondas e, após algum tempo, caminhar até a areia, parar em pé sob o sol, que teimava em sair. Era o Enrico que, ao me ver, abriu um sorriso mostrando seus dentes muito brancos. Ele veio em minha direção e juro...tentei não olhar para seu corpo, porém, foi mais forte que eu e não pude desgrudar os olhos dele. Acreditava que ele tinha mais de um metro e oitenta, pois eu era alta e ainda assim ficava na altura de seus ombros. E a cor de sua pele... Meu Deus! ... Morena de um bronzeado natural. Esguio, magro, com as pernas e braços bem torneados e com todos os músculos no lugar certo. Fui contando os gominhos de seu abdômen: um, dois, três, quatro...E vi as gotas de água do mar escorrendo no que se formava por cima de sua bermuda azul. Queria passar a mão, lambar, sei lá! Mas só conseguia fingir, sem sucesso, estar muito concentrada na montagem de uma parte da tenda a fim de esconder a vermelhidão das minhas bochechas por ter sido flagrada o observando. Tentei também pensar em outra coisa para evitar pular em seu pescoço. E acho que vocês vão me matar, mas foi inevitável a comparação, vê-lo assim tão à vontade, me fez lembrar as raras vezes que vim com Cadu à praia e ele parecia um gringo com sua bermuda bege, camisa polo branca, boné de grife, tênis, meia e pochete! Fala sério! Quem ia para a praia assim? Sem contar que passava um quilo de protetor solar e ainda só ficava embaixo do guarda-sol.

— Paloma, a água está uma delícia, você deveria aproveitar também! É bom para se refrescar — Enrico falou, encerrando meus devaneios.

— Hum, queria, mas não posso, o casamento será às cinco horas e tenho muito serviço para fazer.

Durante a noite contei a ele sobre o meu trabalho e o real motivo de estarmos ali naquela praia. Ele achou superinteressante e diferente, também me explicou um pouco de sua carreira na medicina.

Os montadores se aproximaram, pedindo sugestões. Enrico veio para trás de mim, segurou minha cintura e ficou ali aguardando eu terminar de orientar os rapazes.

— Então, vou te ajudar. Por onde começo? — Ele perguntou assim que os rapazes se afastam.

— Oh, não, imagina! É seu dia de folga e deveria aproveitar.

— Sozinho?! O Ângelo já se tornou amigo do Mário e está lá divertindo a todos com suas histórias. Assim, estou livre para te ajudar!

— Tudo bem! Mas não quero abusar. Quando quiser ir descansar, é só ir, ok?

— Sim, se-nho-ri-ta! — Respondeu com um toque de humor, enfatizando o senhorita, e começou a me ajudar.

Minhas pernas traiçoeiras ficaram bambas só com o seu sotaque

Paramos somente para o almoço e comemos juntos; era impressionante: sempre que chegávamos a algum lugar, todos ficavam muito ocupados de repente e sumiam. Mas não deu nem para reclamar, a companhia dele era tão agradável e familiar, que corria um sério risco de me acostumar.

O tempo continuava estranho, não chovia, nem saía o sol. Fui ver a Camila, apresentei o Enrico a ela (como meu amigo, é claro), transmiti o recado do Flávio, que dizia para ficar tranquila, pois mesmo se o tempo não ajudasse, ele estaria lá, esperando para fazer dela sua esposa para sempre.

Achei tão lindo e fez efeito: Camila se tranquilizou e foi terminar de se arrumar, enquanto eu corri para ver a decoração e ficar pronta para a cerimônia. Depois disso, Enrico disse que iria dar mais um mergulho e me dar um pouco de espaço para trabalhar tranquila. Quando ele se foi, ficou um sentimento estranho, um vazio que não sei explicar.

Conseguimos terminar tudo a tempo. Reunimos todo o staff, dividimos as tarefas da festa e, por volta das quatro horas da tarde, corri para a pousada para me arrumar. Encontrei com o Sr. Ângelo na varanda, ele perguntou como havia sido o meu dia e me desejou boa sorte na realização do casamento; ainda disse que estaria torcendo para eu pegar o buquê. Dei um beijo e um abraço nele e voei para meu quarto.

Tive que fazer tudo rápido: tomar banho, me vestir, me maquiar, arrumar os cabelos...A minha sorte foi a Mel ter vindo me ajudar, mas estava quase atrapalhando de tanto que falava de sua noite de amor com seu amado, além de me encher de perguntas sobre o que tinha acontecido depois que ela saiu.

— Loma, que bofe é aquele?!... Diz que você aproveitou! Não deixou escapar, né?

Meu rosto, muito vermelho, me condenou.

— Aiiii, quero saber de tudo, vamos, no caminho você me conta, senão vamos nos atrasar! E, a propósito, você está linda, está com um brilho diferente nos olhos.

Meu vestido era *rosé*, em crepe Georgette, alcançava a altura dos joelhos e as alças de strass trespassavam-se nas costas. Foi a Camila quem escolheu o vestido das madrinhas e acabou caindo muito bem. Fiz uma maquiagem bem leve, em tons claros; ainda bem que minha pele já estava melhor. E Mel conseguiu prender meus cabelos para um lado só, em cachos soltos, caindo sobre meu ombro.

E antes de sair, ela deixou escapar:

— Loma... Chama o SAMU, que essa noite promete! — Saímos juntas, rindo de sua piada.

Passei em frente à porta de Enrico, que estava fechada, e fiquei tentada a chamá-lo, mas me segurei. O trabalho ainda me esperava...O foi minha covardia quem venceu?

A cerimônia foi linda e, por incrível que pareça, o tempo clareou de tal maneira que pudemos vislumbrar o pôr do sol, do jeitinho que os noivos queriam. Tudo correu tão bem e pude ficar, dessa vez, no altar. Foi emocionante e os votos deles quase me fizeram chorar; olhava para os lados, via algumas pessoas, assim como eu, com lágrimas nos olhos e, os mais apaixonados, trocando carícias cúmplices. Só que dessa vez não me vi no altar. Já realizei muitos casamentos e, em todos eles, me coloquei no lugar da noiva e ficava imaginando que estava me casando, mas agora tenho um sentimento diferente, como um vazio e, talvez, desesperança.

A festa também foi uma maravilha! O buffet de titia se superou; os convidados eram só elogios. A decoração também ficou perfeita, com as flores bem coloridas e as luzes de candelabros e candeeiros iluminando o salão. O clima da noite estava agradável e uma banda tocava músicas ao vivo, completando a perfeição.

Tive que me desdobrar entre minhas funções, mas tudo correu bem. A festa já estava caminhando para o final, todos se divertiram bastante e fiquei com aquela sensação que tanto gosto: de dever cumprido e de ter realizado o sonho de mais uma noiva. Camila, então, resolveu jogar o buquê. Tia Selma, Rick e Mel apareceram do nada e ficaram me empurrando para a frente das meninas afoitas. Caminhei para lá a contragosto e fiquei pensando que, do jeito que eu era, iria acabar aprontando alguma. Assim, resolvi sair de fininho, parando um pouco afastada, somente para assistir às solteironas se

matando.

Subitamente, uma voz aveludada falou próximo ao meu ouvido, por trás de mim, fazendo eu me arrepiar toda.

— Não vai pegar o buquê, Paloma?

— Melhor não! Não quero me arriscar essa noite.

— Nenhum tipo de risco? — Perguntou, com o corpo muito próximo ao meu.

Eu não sabia qual feitiço ele jogava em mim, mas meu cérebro não funcionava quando estava perto de Enrico. Fiquei buscando uma resposta, mas só consegui sentir minhas pernas moles e muito (mas muito) calor, isso porque ele nem chegou a me encostar um dedo.

— O que faz aqui? — Perguntei para desconversar, virando de frente para ele, e me deparei com Enrico vestido de bermuda branca de bolsos, camisa de tom azul claro, com dois botões abertos, e chapéu.... Não é que estava lindo e estiloso?

— Sua tia ligou na pousada e disse estar precisando de um maçarico que havia ficado na cozinha da pousada e não podia deslocar ninguém daqui. Então me ofereci para vir, mesmo não entendendo o que essa peça tem a ver com as sobremesas que ela disse que iria servir!

— Serve pra derreter ou dourar a cobertura, só que ela deve ter uns dez maçaricos aqui.

— Acredito estar havendo uma conspiração a nosso favor — falou, achando graça da situação.

— Então fique! Estamos finalizando o evento, e é capaz de ligarem novamente pedindo, dessa vez, um fogão!

Ele caiu na risada e me abraçou, perguntando se não iria atrapalhar. Respondi que não e o puxei pelas mãos de volta para o salão.

Estávamos voltando, quando ouvi o final da contagem: *oito, nove,*

dez! Então, um buquê veio em minha direção, batendo em minha cabeça e se despedaçando no chão. Uma avalanche de mulheres afoitas se jogaram sobre meus pés, a ponto de me derrubarem, mas Enrico me segurou em seus braços protetoramente, enquanto as moças brigavam pelo que sobrou das flores.

Ele me virou, olhou bem nos meus olhos e perguntou se estava bem; respondi sim com a cabeça. Enrico então puxou uma rosa, que havia ficado presa em meu cabelo, me entregou, dando um beijinho nas palmas das minhas mãos.

— Acho que era para ser seu, não adiantou fugir! — Tentei em vão não me perder dentro daqueles olhos verdes que me hipnotizavam. E mais uma vez, meus pensamentos ficaram nublados e não consegui responder, aliás, nem me lembrava do que ele falava.

Camila e Flávio vieram até nós, agradecendo e elogiando, dizendo que tudo foi perfeito. E nos parabenizaram, o Enrico e eu, afirmando que seríamos os próximos. Muito constrangedor! Tentei explicar, mas Enrico me abraçou e ficou ali conversando com os noivos, sem ao menos se perturbar com a situação.

Começou a tocar uma música para os noivos se despedirem dos convidados e eles nos puxaram para o centro da pista, para dançar com eles, mas fiquei parada como uma estátua.

— Que foi, Paloma? Não quer dançar?

— Hum.... É que não danço muito bem — respondi um pouco envergonhada.

— Então, só me acompanhe! — E me puxou para ele, passou meus braços ao redor de seu pescoço, enlaçou minha cintura e começou a me conduzir levemente pela pista.

E o meu lugar é esse,

*Ao lado seu, no corpo inteiro
Dou o meu lugar, pois o seu lugar
É meu amor primeiro
O dia e a noite, as quatro estações
Que os braços sentem
Que os olhos veem
Que os lábios beijam
Dois rios inteiros
Sem direção*

Ouvi o último refrão da música e queria ficar para sempre em seus braços, com ele me olhando daquela forma, como se estivesse passando a mensagem da música pelo olhar.

Achei que ele ia me beijar e me afastei com a desculpa de que precisava encerrar o evento.

Gente, eu sei que vocês devem estar me achando uma covarde, mas era meu pobre coração machucado que estava em jogo e percebia estar correndo o sério risco de perder mais essa.

Encerramos tudo, pagamos os freelances, encaixotamos, desmontamos. E, finalmente, o dia acabou. Quando estávamos saindo, vi Enrico conversando com uma moça loira muito bonita, uma das madrinhas. Ela estava se jogando para cima dele e, sinceramente, não sei que bicho me mordeu, mas passei por ele feito um furacão, sem dar tchau.

Ele veio correndo em minha direção.

— Paloma, o que aconteceu? Por que tanta pressa?

— Nada! Só não queria atrapalhar! — Respondi rispidamente.

— Então, fico te esperando e você vai embora assim, sem se despedir?!

— Oras, parecia que você já tinha companhia!

— Aquilo não era nada! — Ele disse sorrindo. — E sabia que você fica ainda mais linda quando está brava? — E me puxou para um beijo, deixando uma Paloma muito zonza.

Pelo canto do olho, vi a loira ir embora, batendo o pé; titia e Ricky comemorando; e Mel dizendo baixinho:

— Manda ver!

— Sabia que passei o dia inteiro com vontade de fazer isso? — E voltou a me beijar e já não sei em que planeta eu estava.

— Será que podemos sair daqui? — Perguntei para ele. — Tem uma torcida organizada nos olhando.

— Era exatamente o que ia propor!

Tirei minhas sandálias e fomos caminhando pela areia da praia, de mãos dadas. A noite estava clara e o céu estrelado. Conversamos bastante e, mesmo evitando os assuntos pessoais, era tão bom e tão íntimo, isso me deu uma sensação de estar completa.

Quando chegamos próximo à pousada, longe dos olhos dos outros, fui eu quem, dessa vez, pulou em seu pescoço, saciando a vontade que estava de tocá-lo. Agora não tinha mais espaço para conversa. Ele se sentou no chão, me levando consigo, e iniciou um tormento sem fim, entre beijos e carícias.

— Você está uma delícia com esse vestido! — Ele falou, fazendo uma trilha de beijos em meu corpo, e permanecemos ali algum tempo, explorando e desejando um ao outro; neste momento, virei literalmente uma *Amoeba*!

— Acho melhor entrarmos antes de sermos presos por atentado ao pudor! — Levantei-me alisando o vestido, entrelacei meus dedos nos dele e subimos rumo à pousada, que mais uma vez estava tranquila e silenciosa.

Quando chegamos à porta de nossos quartos, senti um vazio e não

queria me despedir.

Seus olhos pareceram inflamados e varreram meu corpo de uma forma que até me faltou o ar.

E mais uma vez, a dúvida e a covardia me dominaram, aí corri em sua direção, dei um selinho e me afastei. Mas, como um gato, ele enlaçou minha cintura e, com os pés, empurrou a porta do quarto. Em seguida, a trancou com a mão livre, pressionou seu corpo contra o meu na parede, cheirou minha nuca e sussurrou:

— Não dessa vez, senhorita!

Tudo que é bom, dura pouco!

Um, dois, três, testando... Cérebro por favor, funcione! Ahhhhhh .

Tentei mais uma vez resistir, mas a única coisa que consegui fazer foi gemer, me contorcer e me entregar. O que podia fazer se meu corpo não me obedecia? Tem um ditado que titia gostava de falar, que é: “Se a montanha vier até você, corra, pois é uma avalanche”. E era dentro dessa avalanche de sensações no qual estava agora. Não tinha um pedacinho sequer do meu corpo que não fora explorado e beijado, isso porque nem iria falar da enchente que tomou conta de uma certa anatomia.

E de tanto forçar meu cérebro a resistir, me lembrei de que sou completamente inexperiente; estava tão acostumada com meu ex e preocupada em agradá-lo, de fato não imaginava que poderia ser tão bom. Subitamente, percebi que meu vestido e minhas roupas íntimas já se foram, nem sei quando! E agora Enrico estava tirando a boxer... Ohhh.... Oh céus.... Tampei os olhos, de repente, muito envergonhada, e levantei rapidamente, procurando pelas minhas roupas.

— O que foi, Paloma, fiz algo que não gostou? Ou te machuquei? — Seu olhar desconcertado e atordoado me desarmou.

— Não! Não é nada disso! É que... bem... não sei como explicar!

— Mas terá, porque, se não foi nada do que fiz e você aparentemente estava gostando e muito, precisa me fazer entender!

— É que sou quase virgem! — Declarei, e ele fez uma cara de quem não estava entendendo nada.

— Como assim, quase virgem?

— Não virgem, virgeem de verdade, entendeu?

— Não, e dessa vez você vai ter que explicar, porque não é possível que tenha passado tanto tempo com seu ex e tenha permanecido intacta. Ou

ele era gay?

— Ah não... não é isso, é que... não sei como funcionam essas coisas, sabe? O que fazer, como fazer.

E ele continuava olhando para mim, sem entender nada.

— É que passei tanto tempo com uma única pessoa, que não sei como agir, nunca tive outros amantes ou beijei outra pessoa até você. Eu me acho inexperiente e ainda tenho receio de não te agradar, sem contar que estou morrendo de vergonha do meu corpo — falei tudo de uma vez, então o rosto dele se suavizou e Enrico caiu na gargalhada. Fiquei com raiva de seu acesso de riso.

— O que é tão engraçado? E a culpa é sua, se me atrapalho com as palavras, fica aí com seu senhorita, senhorita! — Falei imitando o sotaque dele — Isso me deixa desnorteada!

Ele parou de rir, colocou seu corpo sobre o meu, pressionando-o, levantou meus braços na altura de minha cabeça e olhou bem dentro de meus olhos.

— Seu corpo é lindo, não há do que se envergonhar, é perfeito para minhas mãos. — Beijou-me longa e profundamente, silenciando um protesto que eu ia iniciar.

— E quanto ao restante, não se preocupe, você já fez, agora só sinta — E recomeçou de onde havíamos parado.

— Ahhhhhhhh... — Fazer o que, né?... Eu era uma garota muito obediente!

E foi assim que quase estraguei nossa primeira vez (e quando digo primeira é realmente nesse sentido da palavra, porque depois teve a segunda e a terceira...). Se eu soubesse que uma noite poderia ser tão rentável, não teria ficado tanto tempo no “feijão com o arroz”, se é que vocês me entendem, isso sem contar as várias constelações que visitei; já tinha visto uma estrelinha ou

outra, mas nunca da forma que aconteceu dessa vez. Foi muito melhor que bom. Acredito que espetacular seja a palavra certa!

Acordei com batidas na porta.

— Enrico, rapaz, acorde!

Era o Sr. Ângelo. Bem, como ele não podia me enxergar, fiquei quietinha, enquanto Enrico, se espreguiçando, abriu a porta usando sua boxer branca. Eles conversavam e eu admirava o contorno de suas costas e coxas; mais uma vez um calor terrível tomou conta de mim, mas como não podia sair da cama para não ser flagrada, tentei me acalmar.

— O guincho chegou, rapaz, e você precisa ir liberar o carro e indicar para qual oficina irá.

— Tudo bem, tenho também que ir atrás de um meio de transporte para o senhor e para o Bob.

— Não se preocupe, já consegui carona para nós com o Ricardo, menino bom aquele né? Só não gostei de seu apelido, Ricky.... Que mania esses jovens têm de mudar nomes tão bonitos.

— Então fico mais tranquilo e subo junto com o guincho. Mas o senhor pode recebê-los enquanto tomo uma ducha e me troco?

— Lógico, meu rapaz, vou até levá-los para conhecer o famoso café da manhã da pousada, para você ter um pouco mais de tempo.

— Obrigado, serei rápido!

— Que isso, meu rapaz! Ah, quando chegar a São Paulo, você precisa me atualizar sobre o seu final de semana, que parece ter sido bom!

— E foi! – Ele olhou para mim e deu uma piscadinha.

— Pode deixar, em São Paulo conversamos!

UFA! Fiquei todo esse tempo só ouvindo a conversa, sem me mexer, e me lembrei também de que titia me avisou que sairia antes do almoço. Eles caminharam até a porta e, antes de fechá-la, Sr. Ângelo disse:

— Menina Paloma, sua tia pediu para avisá-la que sairá às onze horas e, caso se atrase, terá de subir de ônibus!

— Ploft... — Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Todo mundo sabia que passei a noite com ele, que vergonha! E como o Sr. Ângelo soube que estou aqui? Me escondi embaixo dos lençóis em resposta e escutei ambos rindo e a porta fechar.

Enrico puxou meu lençol, ainda rindo.

— Você é adorável! — Falou me enchendo de beijinhos.

— Como ele sabia que eu estava aqui?

— O Ângelo é muito sensível. Muitos artifícios que passam despercebidos por nós, ele usa para identificar as pessoas. Além disso, seu perfume é inconfundível!

— Você não gostou?

— Como não gostar? — Respondeu, cheirando longamente minha nuca.

— Mas venha, vamos tomar banho, senão iremos acabar perdendo a hora!

— Banho com você?

— Sim, por que não? Ganhamos tempo e ainda aproveitamos mais um pouco!

Parecia que minhas pernas só obedeciam a ele, pois mal ele terminou de falar, eu já estava com a água do chuveiro caindo sobre nós e com mãos grandes muito habilidosas me ensaboando.

Meus Deus... não imaginava que existiam tantas constelações no céu..., Mas como tudo que é bom dura pouco, agora o observava se trocar e sentia uma dor aguda no peito; não queria me despedir dele e tinha medo de nunca mais vê-lo, porém não podia demonstrar isso..., Mas que droga! Nem ao menos sabia como uma ficante deveria reagir depois de uma noite

maravilhosa dessas.

— Que foi? Ficou tão quieta, de repente! — Falou quando já estava tudo pronto para irmos.

— Hum... acho que já é hora de dizermos adeus! — Eu disse, bastante triste, tentando esconder o que sentia. Ele pôs a bolsa no chão, passou o dorso da mão no meu rosto, afastando meus cabelos, e cheirou minha nuca novamente.

— Me empresta seu celular?

Entreguei o celular a ele olhou abismado para ele sem entender nada.

— Nossa, o que aconteceu? Seu celular foi para a guerra?

— Hum, é que ele gosta de pular pro chão de vez em quando — respondi sem jeito, agora com vergonha do estado que meu celular se encontrava. Então, ele tirou uma foto dele, anotou seu número de telefone e me devolveu.

— Só será um adeus se você quiser assim! — Ele falou enfatizando o você, me deu um selinho e perguntou:

— A propósito, como chama esse perfume que você usa?

— *Light Blue*, por quê?

— Nada, só para saber qual é. Vamos? — E assim ele foi embora junto com o guincho e fiquei observando-o partir com um sentimento de vazio muito grande dentro do peito.

Corri para meu quarto, pois já estava atrasada e, ao entrar, dei de cara com tia Selma e Ricky arrumando minhas malas.

— Ai, será que uma pessoa não pode ter privacidade nessa vida?

— Não, quando já estamos tão atrasados — titia respondeu com cara de poucos amigos.

— Maninha, que bofe você fisgou, hein?! Me conta, quero saber de

tudo! — Ricky falou todo empolgado.

— Ah, não vou ficar aqui ouvindo sobre a vida sexual de minha sobrinha. Só me responde uma coisa: vocês se preveniram, né?

Nossa, que constrangimento, só consegui balançar a cabeça concordando.

— Olha, Paloma, apesar de ter gostado muito do rapaz e o Ângelo garantir que ele é gente do bem, tome cuidado para não se machucar novamente, tá bom? — Ela me deu um beijo na testa e um abraço aconchegante e saiu.

— A Mel foi embora ontem, se mordendo de curiosidade e me intimou a arrancar tudo de você! — Ricky falou assim que titia fecha a porta.

— Eu não vou falar nada, a não ser que foi bom, ou melhor, muito bom.

— Certo, basta saber que está feliz e que o bofe ficou de quatro por você.

— Será? — Meu coração se encheu de esperança e de uma alegria contagiante, mas me peguei respondendo:

— Que nada! Devo ser mais uma em sua lista.

— Vai por mim, maninha, o bofe arriou os quatro pneus por sua causa e olha que desse assunto eu entendo.... Ah, também me dei bem, o Mário e eu estamos namorando!

Enquanto ele relatava sua vida amorosa e como ele e Mário fariam para resolver a distância, me peguei pedindo para ser verdade o que Ricky falou e contando as horas para encontrar o Enrico novamente.

Por Enrico

Enquanto subia a serra, observava a paisagem e pensava no quanto baixei a guarda nesse final de semana. Aquela maluquinha me pegou de jeito e a minha intenção de não permitir que nenhuma mulher me enlaçasse foi por água abaixo assim que botei os olhos naquele sorriso novamente; sem contar que seu corpo delicioso se encaixou perfeitamente no meu, como tivesse sido feita sob medida. Somente um final de semana não seria suficiente para aplacar o desejo que ela despertou em mim. Havia acabado de deixá-la e já estava desejando-a novamente. Talvez passasse em sua casa antes do plantão para deixar bem claro para ela minhas intenções; senti nela um trauma deixado por seu ex cretino, mas eu não ficaria parecendo um adolescente apaixonado? Mas, pensando bem, e daí? Eu era um homem decidido e iria atrás do que queria!

Por Paloma

Chegamos a São Paulo e todos nós tínhamos compromissos marcados, fizemos uma refeição rápida e nos dispersamos. Saí para resolver umas pendências, mas fui a primeira a retornar para casa.

O tempo todo meu pensamento voltava para um certo anjo (agora mais do que nunca o considerava como um anjo, meu anjo!) Mas e se eu estivesse precipitando as coisas, colocando o carro na frente dos bois, afinal, vi quando aquela loira se jogou pra cima dele (mulheres não devem lhe faltar), e se fui mais uma? Viu? Já estava triste de novo. Não devia ter me dado de bandeja assim à ele, mas, pensando bem, não havia do que se arrepender: foi bom, muito bom! E como era agora uma mulher livre e moderna, iria aproveitar! Mas se o Enrico batesse na minha porta, seria melhor ainda.

Mal tive esse inusitado pensamento e a campainha tocou. Saí

correndo para atender, com o coração cheio de esperança.

Abri a porta e dei de cara com o Cadu; ele estava um pouco desalinhado, com cara de cansado, diferente, sei lá. Fiquei parada, sem reação, olhando para ele.

— Será que posso entrar para nós conversarmos?

— Não tenho nada para falar com você!

— É importante!

— Então, pode falar que estou ouvindo. Você tem cinco minutos.

— Mas aqui na porta?

— Sim, e já perdeu trinta segundos!

— Você está mudada, diferente, está ainda mais bonita.

— Olha, se era isso que você tinha pra falar, já falou, tchau! —

Disse, fechando a porta na cara dele.

— Espere.... É que preciso dizer que me arrependi, estou sentindo muito sua falta.

Olhei para o relógio, dando chance para ele falar, como se estivesse contando os minutos. Ele começou a falar rápido.

— Tenho muita saudade de você, até das suas trapalhadas, do seu jeito divertido, sabe, para você, tudo estava bom, não me exigia nada, era minha amiga, me ouvia e ajudava.

— É.... pena, que descobriu isso tarde demais!

— Não pode ser! Queria tanto poder voltar no tempo, não imaginei que uma carreira política me custaria tanto, a Fabiana passa mal o tempo todo, vive enjoada, cansada, de mau humor, só reclama que a gravidez está estragando seu corpo, isso sem contar que acabou com minhas economias, exigindo tudo do mais caro!

Enquanto ele continuava reclamando dela e falando o quanto eu era diferente, minha cabeça viajou; fiquei me perguntando: como podia ter

amado aquela pessoa e hoje, ao olhar para ele, não sentir nada? Procurei algum resquício de algum sentimento, mas só conseguia enxergar os defeitos de Cadu: fútil, exigente, ambicioso, além de o estar achando baixinho e feio.

Ele continuou discursando como se quisesse convencer alguém, e eu só conseguia me lembrar de um par de olhos verdes, do modo como Enrico me beijava e a reação do meu corpo a ele. E, num impulso, agarrei o Cadu e lhe dei um beijão, procurando pelo motivo de meu amor por ele, mas não senti nada, meu corpo não reagiu. Encerrei bruscamente o beijo e percebi que Cadu estava muito atordoado. De repente, vi um carro preto grande partir cantando pneus e me lembrei de já tê-lo visto em algum lugar.

Cadu aproveitou a minha distração e me agarrou, beijando, passando a mão em todo o meu corpo, e aquilo que antes parecia ser o motivo pelo qual eu vivia, hoje pareceu tão errado; busquei mais uma vez algum sentimento, mas não senti nadinha.

— Pare! Me solte!

No entanto, ele pareceu tomado por alguma coisa ruim, não me ouvia e continuava sua exploração desesperada.

— Cadu, por favor, pare! Não vamos estragar o que restou! — Apelei, mas ele ainda não ouvia, então, como não tinha alternativa e já queria fazer isso há algum tempo, enfiei uma bela de uma joelhada em seu saco. Ele caiu gemendo, sem entender, mas pelo menos voltou a si.

— Puxa vida, como isso dói! Qual o seu problema? Foi você quem começou!

— Pois é, e agora terminei! Vá embora antes que titia chegue e te presenteie com outra joelhada!

Ele saiu mancando pela porta, indignado, mas, ao ficar sozinha, refleti que aquele capítulo de minha vida tinha acabado, agora estava pronta realmente para recomeçar e se um certo anjo de olhos verdes quisesse

compartilhar comigo essa nova jornada, seria ainda melhor!

Miss Universo

Acordei superanimada na terça-feira, dormi como um anjo e, por falar nele, sonhei a noite toda com o meu anjo... Ai, ai... até no sonho é bom...

Encontrei titia na cozinha, terminando seu café.

— Bom dia, flor do dia!

— Bom dia! — Caminhei até ela, dei um beijo estalado em sua bochecha e comecei a tomar café, cantarolando.

— Nossa, tem gente que acordou animada hoje, hein?

— Dormi muito bem essa noite!

— Sei, mas é melhor assim, não aguentava mais seu mau humor.

— Tia, você acha que vou parecer desesperada se ligar pro Enrico hoje?

— Se é o que você está com vontade de fazer, faça!

— Mas acho que vou ligar à noite, essa hora ele deve estar dormindo ainda.

— Tem razão! Oh, Paloma, ontem aquele colchão amarrado da dona Ezalba me abordou na rua, dizendo que era para te manter longe do filhinho dela, para não estragar o casamento deles e que deveria ensinar bons modos a você.

— Ai não! E o que a senhora fez?

— Tinha acabado de chegar do hortifrúti, aí tirei um nabo bem grande da sacola e falei que ia enfiar na goela dela, caso viesse falar de você novamente e que eu preferia que virasse freira a voltar com aquele engomadinho!

— Mas acho que fiz bobeira, tia.

— Que tipo, dessa vez?

— É que o Cadu veio aqui ontem e ficou falando que sentia minha falta e o quanto eu era importante, aí quis testar meus sentimentos, dei um beijo nele e depois um chute, bem dado, no saco!

— Como assim, testar sentimento?

— Porque, quando ele falou que me queria de volta, eu só pensava em como gostaria de ficar com o Enrico, e pensei... Como eu posso não amá-lo mais? Passei a vida toda o idolatrando e agora não sinto mais nada? Então o beijei para ver se eu teria alguma reação!

— E qual foi a conclusão?

— Que ele tá mortinho e enterrado!

— Que bom ouvir isso! Agora, bola pra frente! E adorei a parte do chute no saco!

— Reagi porque ele estava me agarrando, mas fiquei com dó depois; apesar de tudo, temos uma história juntos e só quero o bem dele.

— Nossa, Paloma, que coração bondoso, você tem! Eu, no seu lugar, iria estar fritando as bolas dele! Mas está certa, tem que respeitar mesmo a história de vocês.

Titia se despediu, pois tinha muitos afazeres fora, e eu logo sairia. O dia seria cheio, com o novo evento que estávamos organizando, sem contar que a noiva era uma enjoada e exigia minha presença para tudo.

Passei o dia todo ansiosa e não parava de olhar para o celular, quase não consegui me concentrar nas provas das decorações. Quando cheguei em casa, me bateu a maior dúvida se deveria ligar ou não, mas então me enchi de coragem e liguei, só que caiu na caixa postal.... Pensei que deveria ter ligado mais cedo, já eram seis horas e não sabia a que horas ele assumia o plantão. Como não me aguentava de ansiedade, mandei uma solicitação pelo *WhatsApp* e fui tomar um banho. Nunca fui tão rápida: saí do chuveiro, ainda pingando, peguei o celular e nada, ele não tinha me adicionado. Resolvi

tentar a sorte e ligar de novo, mas caiu na caixa postal.... Tudo bem, a nova Paloma não tirava conclusões precipitadas, se acalmava e esperava.

Acordei na quarta-feira, cheia de esperança, havia dormido bem, fiz tudo o que tinha para fazer e resolvi ligar na hora do almoço. Caixa postal novamente e nada de ser adicionada. Como à noite eu teria que ver a igreja com a noiva chata, cheguei tarde e não pude ligar, nessa noite meu sono foi bem irregular.

Acordei moída e com um pressentimento ruim, mas tentei ligar para Enrico mais uma vez; não queria passar o dia inteiro nessa angústia. Dessa vez, tocou e já esperava ouvir aquele sotaque lindo dele, mas, após chamar cinco vezes, caiu na caixa postal! Só que, pelo menos, agora, ele veria o número e poderia retornar, né? ..., Mas não retornou, passei o dia todo e a madrugada pensando no que tinha feito de errado, se o que vivemos no final de semana tinha sido real. Cheguei à conclusão de que sim, mas só para mim. Por causa de minha inexperiência, me deixei envolver e fui somente mais uma para Enrico, porque ele já poderia ter retornado ou adicionado; ou até mesmo ter batido em minha porta, já que sabe onde moro e a única coisa que tenho dele é um número e uma foto, que não paro de olhar.

Cheguei à cozinha me arrastando para o café e me joguei na cadeira.

— Cruz credo, Paloma! Foi atropelada por um caminhão? – Titia perguntou.

— Hum-hum, um caminhão moreno, alto e de olhos verdes.

— Que foi? Não ligou?

— Liguei sim, todos os dias, só que ele não atendeu.

— Que estranho, achei que ele realmente tivesse gostado de você.

— Eu também achei.

— E agora está achando que o mundo acabou novamente?

Balancei a cabeça, concordando.

— Onde está seu amor-próprio, Paloma? Foi isso que lhe ensinei? Acha que precisamos de um macho para sermos felizes? Eu acredito que você tem que aprender a amar a si mesma antes de sair por aí, entregando seu coração de bandeja!

— Então, como faço isso agora?

— Terá que descobrir sozinha! Você precisa estar bem consigo mesma, se aceitar e ser feliz, independente de quem esteja ao seu lado.

As palavras de tia ficaram martelando durante toda a sexta-feira em minha cabeça; realmente acreditava que tinha um problema com carência e precisava tomar umas atitudes em minha vida, mas se não era para ser, por que fui conhecê-lo justo agora? Como vou fazer para tirar esse sentimento que brotou dentro de mim?

— Já sei! — Falei comigo mesma. Fui à livraria antes de encontrar mais uma vez com a noiva chata e procurei por um livro de autoajuda. Queria um específico para o público feminino. Achei um que na capa tinha a perna de uma mulher com salto alto e um homem bem pequeno entregando flores para ela.

Hum... lembrei-me de que nunca recebi flores; a única que ganhei foi a de Enrico, tirada de meu cabelo no dia do casamento da Camila.

Espantei a tristeza e as recordações e optei por este livro: *Porque os homens amam as mulheres poderosas — Um guia para você deixar de ser boazinha e se tornar irresistível*. Ah, é este mesmo! Pronto, queria ver eu ser feita de capacho novamente!

Passei o dia todo aguentando a noiva chata, tentei empurrar para Júlia, mas ninguém quis aturá-la, cheguei em casa com uma dor de cabeça daquelas, tomei um banho, fiz um lanche e fui para meu quarto. Comecei a ler o livro e não consegui parar mais; identifiquei vários problemas, vi vários erros cometidos em meu relacionamento e na minha vida.

Esse seria meu mantra a partir de agora:

“A mulher poderosa é aquela que estabelece as próprias regras, que se sente confiante, livre e satisfeita com ela mesma! ”

Li o livro todinho durante a madrugada, acordei de manhã com a campainha tocando e com o livro na cara.

— Tia, atende essa porta!

Olhei no relógio e já eram nove e quinze da manhã. Nossa, quem viria à casa dos outros uma hora dessas?

A campainha tocou insistentemente e me levantei do jeito que estava: pijama de camiseta, cabelos amassados e fui atender a porta.

Dei de cara com o Sr. Ângelo e o Bob.... Ué, como ele sabia onde eu morava?

— Bom dia, Sr. Ângelo!

— Bom dia, minha menina! Desculpe o horário, mas não tinha carona para mais tarde!

— Que isso! O senhor é sempre bem-vindo! Mas como descobriu onde moro? Oh, não me diga que é vidente também? — Falei, fazendo graça.

— Não, sempre divertida, né? Mas foi o Enrico que me trouxe.

— Enrico? Cadê ele? Por que não quis me ver?

Olhei para a rua procurando por ele e meu mundo desmoronou. Vi o mesmo carro preto grande, dando a partida, e então me recordei de onde o tinha visto.

— Ai, Jesus! Era o Enrico!

— Por isso vim conversar com você, menina! Posso entrar?

Fui guiando-o até minha sala, indiquei o local onde estava o sofá, ajudando-o a sentar, mas não sei como minhas pernas conseguiram, e me joguei no sofá, completamente desconcertada.

— Ai! Sr. Ângelo, só me meto em confusão! Mas não é nada do que ele está pensando!

— Então não voltou com o seu ex-noivo?

— Claro que não! De onde o senhor tirou isso?

Ele não respondeu e ficou aguardando-me chegar à conclusão sozinha.

— Ahhh, foi o Enrico, né? Ele me viu beijando o Cadu e achou que eu tinha voltado com ele.... Pelo menos está explicado porque não me atendeu!

— Menina, mas o que aconteceu?

— Ai, vovô, é tão difícil explicar!

— Eu tenho o dia todo!

— Sabe, quando terminei com o Cadu, achei que nunca mais ia ter alguém na vida. Passei quatorze anos ao lado dele, amando, sonhando e me dedicando à nossa relação, então tudo acabou de repente e tive que arrancá-lo do meu coração, aí veio o Enrico e preencheu um buraco tão grande dentro de mim, que passei a questionar o que sentia pelo meu ex-noivo; nunca senti por Cadu o que senti em um único final de semana por Enrico e a dúvida tomou conta de mim. Assim, beijei o Cadu para ver como eu reagiria, mas só senti aversão por ele e muita, muita falta do Enrico. O senhor me entende?

— Claro, minha menina! Tudo isso é muito novo e surreal, você duvidou que o amor havia acabado, mas a pergunta que deveria ter feito era: foi um amor verdadeiro?

— Hoje sei que não, me acomodei na relação, por carência, medo de ficar sozinha, amizade e pelo sonho de ter minha família.

— Agora que está tudo entendido e explicado, precisamos resolver esse mal-entendido.

— Como, se o Enrico não me atende?

— Sei de um jeito! Somos vizinhos, então você vem comigo até meu apartamento e de lá vai até o dele!

— Obrigada, obrigada, obrigada! — Falei, dando vários beijinhos no rosto dele e abraçando-o.

— Mas, se aceita um conselho, vocês têm que conversar, desnudar a alma. Um relacionamento não pode começar com restrições ou assuntos proibidos, ele precisa entendê-la e você o mesmo. Compreende?

— Sim, mas se não for nada disso, se ele não gostou de mim como gostei dele?

— Ah, menina! Conheço meu rapaz há bastante tempo para afirmar que ele gosta, sim, de você. Para falar a verdade, nunca o vi tão irritadiço como nesses dias.

— Se é assim, vamos tomar café, pois não sou ninguém sem um bom pretinho pela manhã. Tia Selma deve estar chegando com o pão fresquinho e depois vou me arrumar pra chegar lá poderosa!

— Assim que se fala!

Titia chegou logo em seguida, engatou uma conversa animada com o Sr. Ângelo sobre receitas e aproveitei para ir me arrumar.

Coloquei um vestido azul justo ao corpo à altura dos joelhos e com alças fininhas que adoro, sandálias de salto; escovei os cabelos e fiz uma maquiagem bem bonita; estava me sentindo a mulher do livro que tinha lido.

Teríamos um evento às dezoito horas e deveríamos chegar por volta das quinze, então teria a hora do almoço toda para nós e, quem sabe, tudo desse certo!

Tive que convencer titia a nos levar. Não contei para ninguém, mas não dirijo, repeti quatro vezes no exame para tirar a carta e acabei desistindo. Porém, podia garantir que não foi por erro meu, foi somente meu radar para trapalhadas que me impediu!

Na primeira vez, um cachorro resolver atravessar a rua justo quando eu fazia o percurso. Para não atropelá-lo, joguei o carro na direção de uma caçamba de lixo; só a estraguei um pouquinho e achei injusto ter sido reprovada, já que o animalzinho saiu intacto. Depois, a culpa foi de um bêbado que resolveu dançar com a baliza; lógico que não iria passar por cima dele, né?! Dessa vez, nem sei porque fui reprovada. Aí, veio a terceira e acreditam que tinha uma pomba dentro do carro? E, na quarta vez, derrubei o café do instrutor, sentei nos óculos dele e, além disso, em uma curva que fiz, seus papéis voaram todos pela janela, caindo no bueiro. Agora me digam, eu tive culpa alguma vez? Não sei por que, mas nunca mais permitiram que eu fizesse o teste novamente, eu, hein?! Puro preconceito!

Mas, voltando ao meu dilema, fui com o Ângelo até o apartamento dele, que era coladinho com o do Enrico. Superansiosa, corri e toquei a campainha várias vezes, mas ninguém atendeu, fiquei hiperdecepcionada.

— Calma, nesse horário ele costuma dormir, logo que chega do plantão.

Fiquei conversando com o Sr. Ângelo até perto da hora do almoço, quando escutamos um barulho que vinha do apartamento ao lado e deduzimos que Enrico já havia acordado. Despedi-me dele, agradeci mais uma vez e corri até lá.

A campainha tocou uma vez, a indecisão me acometia e uma frase do livro ficava martelando em minha cabeça:

“Princípio da atração número 1: Tudo aquilo que perseguimos, foge de nós”.

Nem percebi que a porta já havia sido aberta e me deparei com uma mulher linda, parecia que tinha acabado de sair de um concurso de miss; era alta, magra, morena bronzeada, os cabelos estavam molhados, mas eram pretos cacheados até a cintura, que era bem fina, por sinal, além disso tinha

uma comissão de frente totalmente turbinada e os olhos eram azuis, como a cor do mar do Caribe!

— Olá?

Ela disse toda sorridente enquanto eu permanecia muda e somente conseguia me lembrar de outra frase do livro:

“A mulher com presença de espírito, sabe o momento certo de bater em retirada! ”

E foi o que fiz... É.... A mulher poderosa perdeu para a miss universo!

A mulher boazinha

Por Enrico

— Quem era, Carmen?

— *Una mujer muy hermosa.*

— Mulher? Mas o porteiro não anunciou ninguém! Bem, deve ser alguma vizinha. Mas deixou recado?

— *No.*

— Tudo bem! Vamos logo fazer a inscrição nesse concurso antes que eu desista!

Não acreditei quando minha irmã bateu em minha porta ontem, abandonando nossa mãe doente aos cuidados de minha cunhada, que tem quatro filhos, para vir atrás de um concurso de beleza.

Carmen é minha irmã mais nova, acabou de completar dezenove anos, ela é a única mulher, de cinco irmãos; sou o mais velho, seguido pelo Nico, Antonio e Pablo. Minha mãe me teve, ainda muito jovem, era uma mulher belíssima, tinha o mesmo sonho de Carmen, ser uma miss, mas se apaixonou por meu pai, que foi à Venezuela a trabalho. Ela largou tudo para viver seu grande amor e foi abandonada, ainda quando eu era um bebê de colo e já carregava no ventre meu irmão, Nico.

O relacionamento deles foi tomado pela dúvida e pelos ciúmes desde meu nascimento.

Meu pai nunca aceitou o fato de eu não ser nada parecido com ele ou com minha mãe. Ele, um brasileiro típico, moreno claro com olhos e cabelos castanhos, não conseguiu entender o motivo de eu ter olhos verdes e pele morena, já que minha mãe também era morena clara com cabelos e olhos

escuros. Ela explicou a ele que eu era a cópia de meu avô, mas meu pai não se convenceu. Além do mais, todos ao redor tentaram fazê-lo entender que em nosso país a miscigenação era grande devido às várias colonizações que tivemos, mas ele já estava cego pelos ciúmes e, quando terminou o contrato com a empresa que trabalhava, no porto de minha cidade, foi embora sem olhar para trás.

Depois disso, *mi madre* foi tomada pela depressão e, se não fosse por *mi abuela*, não sei o que teria sido de nós. Quando finalmente se recuperou, apareceu um caçador de talentos e a levou para Miami, alegando que faria dela uma modelo internacional, mas ela retornou pouco tempo depois muito traumatizada e grávida de meu irmão Antônio, sem nunca contar para ninguém o que aconteceu por lá.

De volta à terra natal e com três filhos pequenos, começou a trabalhar com artesanato e a ajudar vovó em nossa criação, porém, vivia quieta e chorava muito; foi assim que cresci, vendo minha mãe sofrer por um amor perdido.

Comecei a trabalhar ainda um menino, como guia turístico, sempre tive facilidade em aprender de tudo um pouco — a língua inglesa aprendi com os turistas americanos que visitavam a praia de Islã Margarita onde morávamos com minha avó.

Minha mãe encontrou finalmente a paz que buscava para seu coração quando conheceu Josué, um médico da capital que visitava as praias de nossa cidade. Casaram-se e fomos morar com ele em Caracas. Então, nasceram meus irmãos Paolo e Carmen. Foi com ele que tomei gosto pela medicina; era uma pessoa muito boa, nunca fez diferença entre seus filhos e nós, os filhos de outros homens. Com ele também aprendi os valores corretos da vida, foi um exemplo de homem e mais que um padrasto, foi um grande amigo. Disse “foi” porque, infelizmente, perdemos ele para o câncer há nove anos. Amante

de charutos, não contava que seriam eles que trariam a doença para seu corpo, mais especificamente para a garganta e os pulmões. Dessa vez, a queda de minha mãe foi brusca, perdeu completamente o gosto pela vida e se entregou à depressão.

Mais uma vez, por ser o mais velho, assumi o custeio financeiro de nossa família, trabalhei em tudo um pouco, enquanto cursava a faculdade de medicina. Meu irmão Nico também ajudava, mas logo casou-se com Irina e então vieram seus filhos, os primeiros netos de minha mãe, o que a fez tentar lutar contra a doença e, desde então, tem seus altos e baixos. Nunca pude contar com meu irmão Antônio; ele sempre gostou de uma boa vida. Havia algum tempo que não tínhamos notícias dele, mas não nos preocupávamos, pois ele sempre foi assim, sumia no mundo e de repente aparecia com um novo projeto. Já Paolo era um rapaz bondoso, assim como seu pai e também seguia seus passos, estudando medicina na universidade de Caracas, onde estudei também. O ensino lá era gratuito, porém muito difícil, e eu ajudava no que era possível para ele não precisar trabalhar, como eu precisei, e se dedicar somente aos estudos.

Carmen era nossa dor de cabeça ambulante, vivia nas nuvens, com a ideia fixa de ser modelo, e eu temia muito por seu futuro, que ela se perdesse nos sonhos e fosse iludida por qualquer um, como minha mãe foi.

Quando vim trabalhar no Brasil para sustentar minha família, já que meu país vivia uma crise financeira horrível, confiei nos olhos atentos de nossa *abuela* e de Nico, mas de alguma forma Carmen os enganou e acabou batendo em minha porta. Agora, achava melhor acompanhá-la para poder protegê-la.

O que desviou o foco de meu problema atual foi ter conhecido a Paloma... Ainda não conseguia acreditar que ela tinha voltado com o cretino do noivo depois do que vivemos no final de semana. Logo eu, que havia

jurado viver sozinho de tanto ver minha mãe sofrer, acabei me apaixonando por uma maluquinha, que me deixou na mão na primeira oportunidade!

Por Paloma

“Deixe-me apresentá-la à mulher boazinha,

É aquela que se entrega por completo a um homem que mal conhece, sem que ele tenha que investir muito. É a mulher que se dá cegamente porque anseia receber de volta a mesma atenção. Age de acordo com o que ela acha que o homem gosta ou deseja, porque quer manter o relacionamento a qualquer custo. Toda mulher, em algum momento, já passou por isso”.

Prazer, eu sou a Paloma, me reconheceu na descrição acima? Pois é, acho que a autora Sherry Argov se inspirou em mim para escrever esse trecho do livro e aqui estava eu, mais uma vez na madrugada, olhando para o teto do meu quarto, pensando em um modo de recompor minha vida.

Quando saí do apartamento do Enrico, liguei o piloto automático e não me permiti pensar no que tinha de errado comigo. Mais uma vez fizemos um evento no qual foi um sucesso, coloquei um sorriso no rosto e cumpri com todas as minhas obrigações, mas agora, sozinha no silêncio da noite, minha mente me obrigava a reviver cada momento dos últimos dias e estava impiedosa em me culpar por tudo.

Realmente não sei onde estava com a cabeça quando fui beijar o Cadu, mas eu acreditava que precisava colocar um ponto-final em nossa história, precisava provar a mim mesma que não existia mais amor, pelo menos da minha parte, porém isso não eximia minha culpa; eu era carente demais e coloquei nele todas as minhas expectativas de felicidade e não percebi que o amor já havia acabado faz tempo.

Depois me entreguei totalmente a um homem que, somente em dois

dias, conseguiu me devastar completamente. Ah, mas dessa vez a culpa não era somente minha, era do Enrico também, concordam? Por que ele tinha de ser tão lindo, moreno e ter aquela boca macia, aquela cor morena brilhante, aqueles olhos e ainda ter pegada? Ah, esqueci do sotaque: *Señorita*... Ai, calor, calor... Talvez eu estivesse precisando de um banho frio! E vocês ainda devem estar me achando uma covarde, por nem ter tentado! Mas quem concorreria com uma miss daquelas? Seria melhor me conformar para sofrer menos.

E enquanto amanhecia, voltei a ponderar quais eram ainda minhas opções:

Acho que poderia virar freira! Hum..., mas com minha falta de sorte, era capaz de viver pagando penitência e ajoelhada no milho.

Ou então virar lésbica... Ai não.... Já pensou duas mulheres com TPM no mês?! Ah, essa não rolaria.

Poderia me candidatar a alguma causa humanitária e viajar o mundo ajudando as pessoas, mas do jeito que sou alérgica, viveria empolada dos bichos me picando, sem contar que adorava o conforto de minha caminha para dormir em barracas.

Bem, a única opção que me restava era trancar bem meu coraçãozinho com sete chaves e ir morar no interior com sete gatos, dois cachorros e um papagaio para conversar comigo!

Consegui dormir quando amanheceu. Já tinha escolhido até nomes para todos os bichinhos que teria e mais uma vez acordei com a campainha tocando insistentemente.

Meu Deus! Onde titia foi tão cedo e em um domingo de manhã?! Ou pior: quem vinha à casa dos outros uma hora dessas?

Saí me arrastando e ignorei o relógio que marcava dez horas da manhã. Abri a porta do jeito que estava e dei de cara com um buquê de rosas

vermelhas tão grande que não dava para ver nem a cara do entregador. Ele me entregou o maço que tinha até dificuldade para segurar. Procurei ansiosa e com o coração cheio de esperança pelo cartão, mas não tinha nenhum; o rapaz me entregou também um pen drive, dizendo que ali revelaria quem mandou. Fui correndo para meu quarto colocá-lo no meu computador e encontrei dois arquivos, cliquei primeiro no arquivo de MP3 e uma música começou a tocar:

*Eu prefiro estar aqui,
Te perturbando domingo de manhã*

Tive que ouvir a música inteira e não estava entendendo nada. No final, abri outro arquivo que dizia: “Olhe do lado de fora”. Corri até a janela de meu quarto e, naquele instante, queria estar em Dubai, porque vi o Cadu segurando uma almofada vermelha de coração, cuja inscrição era: Eu Te Amo!

Aiii que raiva! Mostrei o dedo do meio para ele e fechei a cortina, depois abri novamente e joguei o pen drive nele, mas não acertou. Fechei a janela bruscamente e fiquei muito, mas muito irada, além de decepcionada, afinal, não era a pessoa que eu esperava que fosse.

Passei anos esperando por uma declaração desse infeliz e ele resolveu fazer isso justo neste momento? E as flores que nunca me deu? Sonhei tantas vezes que ele chegava em minha casa segurando um buquê e fazia o pedido, que nunca veio. Agora, olhava para aquelas flores e só conseguia sentir aversão, até a música passei a odiar. Ai que vontade de fazer o Cadu engolir cada rosa daquela, com espinho e tudo. Até o cheiro começou a me incomodar.

Peguei o buquê e fui até a casa dele determinada a lhe falar umas

poucas e boas, mas acabei encontrando a Fabiana chegando ao portão dele.

— O que faz aqui? E vestida desse jeito, com essas rosas na mão? —

Ela me perguntou, me medindo e de forma bem grosseira.

— Oh, Fabiana, querida! Acredito que houve um equívoco.

— Como assim?

— Você sabe que conheço todos do ramo de festas, principalmente das floriculturas, então o Carlos Eduardo mandou entregar esse adorável buquê para a mulher da vida dele e, como as pessoas não sabiam que terminamos, acabaram entregando lá em casa.

Ela tomou o buquê da minha mão, olhando com cara de nojo para as flores.

— Mas não tem cartão?

— Ah, me desculpe, devo confessar que em um momento passageiro de ciúmes, acabei rasgando. Quando li que o Carlos Eduardo escreveu que quer ter cinco filhos com você, não me contive, mas quando a vi chegar assim, tão redondinha e inchadinha e com essas luzes vencidas, percebi que vocês foram feitos um para o outro!

— Cinco filhos? — ela perguntou indignada.

— Sim e..... Ah... adotar mais dois, sabe como é, né? Seria bom para a carreira política dele!

Ela virou as costas para mim e saiu jogando o cabelo desbotado. Mas, antes de entrar, ela se virou e informou:

— Você sabia que a *wedding* Cidinha Campos irá realizar o meu casamento?

— É mesmo!? — Essa Cidinha era uma ex-assistente nossa, tinha um mau gosto terrível e um nariz muito empinado. Achei que isso não daria certo, mas preferi me calar.

— E ela garantiu que vai até chamar uns ex-Big Brothers para marcar

presença!

— Ex-BBB, é? Que bom para vocês! — Falei contendo o riso e ela entrou pisando firme, se achando triunfante.

Voltei para meu quarto e fiquei rindo sozinha de minha pequenina vingança. Da janela, observei, ainda rindo, um Cadu apanhando com a almofada de coração.

Pronto, agora podia voltar para o meu casulo e somente sair de lá quando eu virasse uma borboleta, porque estava cansada de ser uma lagarta! Eu, hein?!... Vai ser azarada assim lá em Dubai!

*nota:

Mujer: mulher

Madre: mãe

Abuela: avó

Trecho do livro: *Porque os homens amam as mulheres poderosas*

Trecho da música: *Domingo De Manhã*, de Marcos & Belutti

Efeito borbulhante – parte I

Como não virei borboleta e ainda precisava trabalhar, saí do meu casulo e me enfiei de cabeça no serviço. Temos muitos casamentos agendados e estava sem tempo para pensar na bagunça da minha vida pessoal, graças a Deus!

Fazia o meu melhor em acalmar as noivas histéricas. Eu amava o meu trabalho, mas ultimamente estava sem paciência para aturá-las! Me digam uma coisa: se vocês fossem se casar com o amor de suas vidas, vocês iriam ficar estressadas com a cor do laço dos enfeites? A impressão que tinha era de que as pessoas se casavam para aparecer ou concorrer e se mostrar para as amigas quem teve a festa mais grandiosa de todas. Talvez fosse somente minha falta de esperança no amor que estava me fazendo ver as coisas por esse lado, mas se vocês estivessem tendo o privilégio de se casar e construir suas famílias, o importante não deveria ser a cerimônia e, sim, o sentimento verdadeiro! Façam algo para o agrado de vocês e não para exibir às primas que vocês não veem desde sua festa grandiosa de quinze anos!

Hoje é a primeira sexta-feira, em um mês, que estava em casa e completamente entediada. Falei poucas vezes com a Mel nesses dias, pois ela também estava cheia de serviço, mas eu estava precisando de um ombro amigo, já cansei de levar bronca da titia, ela ficava buzinando em minha cabeça:

— Cadê seu amor-próprio? Você precisa se amar primeiro e blá blá blá... — Por causa disso, li mais quatro livros de autoajuda: *Mulher do século XXI*, *Você pode ser feliz sem ser perfeita*, *O que toda mulher inteligente deve saber* e *Cause Impacto!* — *Pare de ser invisível e se torne invencível*.

Sabe à que conclusão eu cheguei? Que nasci do avesso! Fala sério... Como eu poderia ser a mulher livre, poderosa e independente, que os livros

ensinam, se somente metia os pés pelas mãos?

Em um dos livros dizia que tinha que distrair a cabeça de pensamentos amorosos fazendo atividades físicas. Então, lá fui eu para a academia, me disseram que a aula de *jump* era a sensação do momento, ajudava no condicionamento físico e alívio do estresse, além de fazer maravilhas para modelar as pernas; nossa, achei o milagre das mulheres. Na primeira aula e no primeiro pulo, voei rumo a três moças, fazendo um *strike* em cima da instrutora. Depois, tentei dança de salão, mas o professor falou que os alunos precisariam dançar com sapatos de ferros para aguentar meus pisões, e me aconselharam, assim, fazer alguma aula de luta. Muay Thai era a solução.... Agora, me explique, como faço para dar socos e chutes sem acertar as partes baixas dos outros? Mais uma vez, pediram, gentilmente, que me retirasse.

Como não deram certo as atividades físicas, tentei artesanato, pintura, costura, e então descobri que tinha também duas mãos esquerdas: não consegui fazer nada direito.

Tive que descartar a culinária depois que titia e Ricky me expulsaram da cozinha, alegando que sou muito melhor na arte de comer do que na de cozinhar.

Em uma última tentativa, fui fazer aulas de música, mas, definitivamente, de todas minhas faltas de dons, essa encabeçou a lista.

O negócio era ficar em casa mesmo, assistindo à tevê, assim, não aprontava mais nada!

— Oi, maninha! Posso entrar? — Ricky apareceu na porta do meu quarto, colocando só a cabeça para dentro.

— Hum-Hum...

— Nossa! Quanto desânimo! Vim fazer um resgate!

— Ah, não, Ricky! Não saio desse quarto por nada nesse mundo!

— Ah, maninha, por favor, estou na maior deprê de saudades do Mário e não quero ficar em casa hoje.

— Saudades por quê? É só ir visitá-lo!

— Você quer que a Selma me arranque o fígado? Esqueceu da festa na embaixada amanhã? Ela me fez jurar que a ajudaria!

— Ah, é verdade! Na minha cabeça só têm casamentos e mais casamentos.

— Viu? Foi você quem escolheu esse ramo: ficar paparicando noivas.... Agora aguenta!

— Nem me fala, até isso perdeu a graça!

— A coisa tá feia mesmo, hein?! Então levanta para se arrumar, nós vamos sair! — Ricky começou a abrir a sacola que ele tinha trazido, tirando vestidos e sapatos de lá.

— Ah, não! Ir aonde? Não estou com clima para essas boates que você costuma ir!

— Não, bobinha, esqueceu que agora sou fiel? E essas boates são uma perdição! Tenho dois convites para um concurso de miss, que o Johnny, meu amigo fotógrafo, me arrumou.

Aiiii! Palavra infeliz, lembro logo da miss universo e, consequentemente, do Enrico.

— Não mesmo!

— Vamos, por favor? Você sabe como eu adoro essas coisas, pensa quanta gente bonita vamos ver! É o concurso: Beleza Miss Latina!

— De jeito nenhum, aí é que vou me sentir pior, com aquelas mulheres lindas!

— Por favorzinho, pense em mim, vendo aquelas belezas dando tchauzinho de lado! — Ricky pediu fazendo beicinho.

— Tudo bem, vamos! — Me peguei respondendo; não conseguia negar nada para ele, que já me tirou de várias enrascadas.

— Que legal, venha, vou te produzir! Sabia que você iria! — E começou a escolher minhas roupas como se eu fosse uma boneca.

— Onde arrumou tudo isso?

— Com um *personal stylist*, meu amigo também.

— Nossa, isso tá virando uma máfia!

Quase uma hora depois, me olhei no espelho e realmente o que vi não estava nada mal; Ricky conseguiu me convencer a entrar num minivestido tomara que caia rosa. Apesar de eu não gostar da cor, ele alegou que faria bem para o meu ego um pouco de cor em minha vida. O detalhe ficava para o megacolar preto e sandálias de saltos muito altos também pretos, só tinha um problema: como eu conseguiria me equilibrar em cima daquilo? No entanto, uma vez que agora podia usar saltos, pois não era mais noiva de um nanico, iria arriscar. A maquiagem também ficou um arraso: ele caprichou nos olhos com sombra e lápis pretos; e passou somente um batom clarinho em tom de boca nos lábios. Os cabelos, por sua vez, estavam soltos, quase bagunçados, dando um aspecto de rebeldes, mas ficou bem legal.

— Uau, pareço até uma miss, só espero conseguir me equilibrar nesses saltos!

— Bobinha, você está linda!

Chegamos ao local do evento um pouco cedo, por causa da ansiedade do Ricky. Sentamos a uma mesa bem próxima aos jurados; o lugar estava ricamente enfeitado com flores amarelas, estava até brega, mas, como o Ricky estava empolgadíssimo, fingi que não percebi.

Havia algumas garçonetes, praticamente nuas, oferecendo aperitivos e drinks; preferi esperar pelo suco, afinal, todos sabem como sou, né?..A apresentação começou com um show de um cantor que não sei bem o nome,

mas era bonito e a música até era legalzinha. Ele cantava enquanto as misses desfilavam no palco dentro de maiôs pretos bem cavados — era uma mais linda que a outra! Acho que uma delas conheço também de algum lugar.

Após essa abertura, entrou o mestre de cerimônias e começaram as apresentações. O júri era composto de alguns quase famosos e quase celebridades, mais um cabeleireiro e o fotógrafo amigo do Ricky.

Ele continuou falando e iniciaram-se os agradecimentos para os patrocinadores.

— E, por fim, um agradecimento especial ao ilustríssimo deputado Epaminondas Torres, pois, sem seus esforços, este maravilhoso evento não teria ocorrido. Uma salva de palmas a ele!

Todos começaram a aplaudi-lo, então o deputado ficou em pé para agradecer e... Ah, não... era o pai da Fabiana lambisgoia e ela estava me encarando, sentada ao lado do Cadu, que batia palmas efusivamente.

Ela deu um cutucão nele e apontou na minha direção. Ele ficou me olhando com cara de quem não gostou do que viu. Joguei o cabelo de lado e pedi para o Ricky trocar de lugar comigo; ele, quando desgrudou os olhos do palco e viu o casal enxaqueca, trocou imediatamente e mandou beijinhos para provocar o Cadu, que se virou para palco, fingindo não ter visto.

A luz que destacava o deputado voltou a iluminar toda a plateia e então... Ai não, de novo.... Vejo dois olhos verdes fixos em mim! Por um instante, o ar me faltou e meu coração começou a bater descontrolado. Um calor tomou conta de meu corpo e dei graças por estar sentada, porque não sentia mais minhas pernas; ficamos ali algum tempo nos encarando, presos em uma névoa, com o ar muito carregado, como se naquele momento somente existíssemos só nós dois.

— Paloma, Paloma! O que foi dessa vez? — Ricky perguntou, quebrando meu contato com Enrico.

Respondi, indicando o lugar onde o Enrico estava sentado. O Ricky olhou, deu um tchauzinho tipo de miss, e ele respondeu com um menear de cabeça.

— Nossssssa! O bofe está um escândalo com essa jaqueta de couro, hein?!

Vinha passando novamente uma garçonete e nem vi o que ela ofereceu, peguei a taça, virei tudo de uma vez e como a sensação foi boa! O líquido desceu e senti como tivessem borboletas em meu estômago.

— Paloma, isso é champanhe! Pegue leve, pois você não tem costume de beber!

— Tá bom, papai! Mas acho melhor nós já irmos.

— De jeito nenhum! E dar esse gostinho para eles? Você vai continuar aí linda e soberana, fingindo que eles não existem. Já sei! Espere um segundo, já volto! — Ricky falou e saiu, sem me dar opção, e fiquei sozinha na mesa, fazendo de conta que estava prestando atenção no palco.

Senti alguns olhos em cima de mim, virei para o lado, vi o Enrico, que continuava me encarando, e, do outro lado, o olhar de raiva da lambisgoia e o de reprovação do Cadu. Lá vinha novamente a garçonete toda simpática, me dava outra taça e, mais uma vez, eu virava o conteúdo todo. Hum.... Aquela sensação boa de novo.

Não demorou muito e Ricky retornou com seu amigo fotógrafo.

— Johnny, essa é minha irmã do coração, Paloma.

— Prazer! Você já pensou em ser modelo? — Ele me cumprimentou com um abraço bem exagerado e falou me girando como se tivesse me exibindo, depois ele pegou meus cabelos, afastou do meu rosto e ficou me examinando, alisando minhas bochechas. A garçonete passou novamente e me entrega outra taça de champanhe. Ao virar o conteúdo, senti uma sensação de estar flutuando. Permanecemos ali por algum tempo, com o

fotógrafo fingindo que estava tirando uns closes meus e me paparicando.

Quando voltei a me sentar, senti vários pares de olhos em cima de mim e eles não estavam muito felizes. Senti um gostinho de triunfo e voltamos a nos concentrar no desfile das misses; no meu caso, fingir me concentrar. Parecia que as três taças que havia tomado começaram a fazer efeito; estava me sentindo alegrinha, alegrinha.

Começou, então, o desfile individual e eu estava me divertindo muito com Johnny e Ricky procurando os defeitos delas — talvez para que eu me sentisse melhor —, porém, quando olhava bem direitinho, via as manchas e celulites que eles falavam. Até que entrou uma miss que não tinha um defeitinho sequer; os dois ficaram encantados com a beleza dela e eu visivelmente abalada, principalmente, quando ela terminou seu discurso e os assovios e palmas vieram do Enrico.

— Que foi agora, Paloma? Tá com cara de quem chupou limão azedo.

— É essa! — E apontei para ambos. Como Ricky já sabia de tudo, entendeu perfeitamente minha cara de limão azedo!

— É, maninha, com essa daí o páreo é duro, mas ainda sou mais você! Ah, não, você não vai chorar aqui na frente deles, venha, vamos até o banheiro. — Ele saiu me arrastando, mandando eu fingir um sorriso e ordenando que eu entrasse no banheiro e me recompusesse.

Achava que era efeito do champagne, eu nunca havia tomado antes, pois agora estava bem melancólica.... Se bem que prometi não chorar mais, só que por causa do Cadu, né?... Não por causa de ter perdido para a Miss Universo! Viu, como eu tinha razão? Ela é uma miss mesmo!

Os livros que andei lendo e as palavras de titia me voltaram à mente, realmente era mais eu! Resolvi retocar a maquiagem e voltar para lá e esfregar na cara dele isso.

Saí da toalete e nada do Ricky; fiquei ali procurando por ele, pois não

confiava em andar sozinha com aqueles saltos. A garçonete sorridente passou por mim novamente, peguei outra taça e entornei, então saí resolvida a voltar para mesa, quando alguém me puxou para um canto.

— O que faz aqui? Está me perseguindo?

— Se enxerga, Cadu! Vim com o Ricky, que foi convidado por um dos jurados!

— Mas precisava vir vestida desse jeito? Virou perigete agora que a deixei?

— Oh... seu... seu.... Eu ando do jeito que quero! E você não tem nada com isso e quem te deixou fui eu!

— Mas precisava ser com um vestido tão escandaloso? Está todo mundo te olhando e tem um homem que não tira os olhos de você!

Dei de ombros e virei as costas; ele me puxou, dizendo que me levaria para casa, e tentou me cobrir.

— Oras, vai levar sua noiva para casa! Eu não sou mais nada sua! Me larga! — Falei me debatendo e tentando me soltar dele.

— Você ouviu a moça, solte-a!

Ouvi a voz de Enrico e pensei que aquilo não terminaria bem.

— Não se meta em uma discussão de casal!

— Acabei de ouvir a *señorita* falar que não é nada sua!

Cadu me soltou assim que viu Enrico parar ao seu lado, com o dobro de seu tamanho.

— Essa prostituta realmente não é nada minha mais mesmo!

— Ora seu... — Não deu tempo nem de xingá-lo, quando olhei, já estava caído no chão, gemendo com o soco levado do Enrico.

Saí em disparada, porque rapidamente apareceu um monte de gente, inclusive repórteres, mais a lambisgoia da Fabiana, que começou a me ofender. Vi o Enrico no meu encalço.

— Obrigada por me defender! Mas sei me virar sozinha! E não precisava ter nocauteado ele.

— Não era o que parecia! E seu noivo te ofendeu!

— Ele não é nada meu e faz tempo! — Enrico ficou me olhando com um sorriso presunçoso e disse que iria me acompanhar.

— Olha aqui, eu não preciso de babá, volte lá para a sua miss universo!

E saí sem olhar para trás; não resistia a ele e era melhor não arriscar!

No caminho de volta à mesa, estava muito angustiada e nada do Ricky.... Encontrei novamente com a garçonete sorridente e virei mais duas taças de uma vez e me senti até melhor! Bem, como estava melhorando, arriscaria mais umas taças, não tinha nada a perder mesmo.

Efeito borbulhante — parte II

Por Ricky

Fiquei na porta da toalete esperando a maninha um tempão e nada de Paloma sair. O Johnny veio me procurar, perguntando se eu conhecia a Miss Venezuela, pois a queria para seu *casting*.

— Mas ela vai ganhar, não tem ninguém páreo para ela!

— Se liga, Ricky, você não sabe como funcionam esses concursos, ela ganhará, no máximo, o vice. O deputado Epaminondas só garantiu o evento se a amante dele, a Miss Paraguai, levasse o título.

— Cruz credo! Aquela coisa horrorosa vai ganhar?

— Sim, nossas cédulas já vieram com o nome dela em primeiro, somente iremos escolher as outras quatro. Por isso, preciso falar com a venezuelana rápido, tem um monte de olheiro em cima dela e desconfio até do tipo de serviço de alguns.

— Se é assim, vamos lá que dou um jeito, conheço o namorado dela, o Enrico, e aproveito para dar uma situada nela, quem sabe não deixo o caminho livre para a maninha? Além do mais, quando Paloma sair do banheiro, é só ela voltar para a mesa se não me encontrar.

Ficamos no camarim delas, aguardando o anúncio da ganhadora. O título foi para a baranga da Miss Paraguai mesmo. Elas saíram do palco e foram para a coxia a fim de serem cumprimentadas; no salão, já se iniciava a festa. A Miss Venezuela saiu bem triste e, antes que os outros chegassem perto dela, a abordamos.

— Oi, sou amigo do Enrico, tudo bem? Me chamo Ricky.

— Olá, soy Carmen.

— Este é meu amigo Johnny, ele é fotógrafo de uma grande agência.

Os olhos dela brilharam e um grande sorriso se abriu, muito parecido com o do Enrico.

— Mas, antes, temos que conversar um pouquinho. Você entende o que eu falo?

— *Si, muy bien, mas tengo que hablar com mi hermano Ryco.*

— *Hermano?* Agora entendi tudinho! Vamos procurá-lo, então.

Não estava me contendo de alegria e ansiedade, precisava dizer para maninha que ela entendeu tudo errado.

Retornamos para o salão, onde estava se iniciando a festa de encerramento, e encontramos Enrico ansioso, procurando pela Carmen. Ele estava bastante agitado e, mesmo depois de garantirmos que estava tudo bem e que o Johnny era de muita confiança, ele parecia não estar prestando atenção, pois olhava para todos os lados.

— Desculpe, Ricky, mas estou sem cabeça agora. Falem com minha irmã e amanhã podemos marcar um horário para conversarmos melhor.

— Tudo bem! Mas você está procurando quem? A Paloma?

— Sim, estou preocupado!

Ele contou rapidamente o fato ocorrido e que ela saiu trocando os pés. Além disso, Enrico achava que ela estava com pouquíssima roupa para ficar andando sozinha. Percebi que, além de preocupado, ele estava também se mordendo de ciúmes e feliz por saber que a Paloma não tinha voltado com o noivo. Expliquei a ele o motivo do beijo e também o que aconteceu depois — o chute no saco —, e ele só riu e disse que era bem típico da Paloma se meter em confusão.

E por falar em confusão, de repente, vimos um movimento grande próximo ao palco e... não! Paloma estava virando uma taça de champanhe na cabeça da Fabiana e uma bandeja de carpaccio na cara inchada do Cadu; depois arrancou a coroa e as flores da Miss Baranga Paraguai, subiu ao palco,

pegou o microfone e passou uma faixa, que pegou do chão, em volta do corpo.

— Som... Som... Uauuu...sempre quis fazer isso. — E se acabou de rir.

— *Pessssual*, sou a *Miss isqueci*. — E riu muito de novo. — Ai, Ai, viu?!... Sabem o que encontrei aqui? Um montão de papeiizinhoooss com o nome aqui da miss Paraguai, *zeeente zisso* foi comprado, olhem lá pra miss Venezuela, ela num é mais *buunita*? Parece até uma miss Universo, foi pra ela que perdi o anjo!

Enquanto Paloma estava visivelmente bêbada, falando no palco, todos os rostos se viraram em nossa direção, observando a Carmen que fazia pose de miss e ficava acenando para as pessoas. Alguns seguranças se aproximaram da Paloma e ela começou a dançar valsa com eles, que acabaram desistindo de tirá-la de lá, então ela voltou para o microfone.

— *Zeeente*, isso aqui tá muito parado, vou contar uma piada. O homem leva o filho no médico e reclama: “Doutor, meu filho já tem seis meses e não abriu o olho ainda.” O doutor responde: “Abra o olho você! Seu filho é japonês!” Hahahaha! Entenderam!? Ele era corno, igual a mim... Hahahaha. E vocês sabem por que as loiras não comem banana? Porque elas não acham o zíper!... Hahahahahaha...

Todos estavam rindo dela e Paloma se empolgou contando uma piada atrás da outra. Algumas loiras não estavam gostando nada e comecei a temer pela segurança dela.

— Ricky, não posso deixá-la assim, vamos levá-la para casa.

— Você está louco, Enrico? Se eu aparecer com ela nesse estado em casa, tia Selma arranca meu fígado e os rins dela.

— Então, vamos levá-la para sua casa!

— Minha casa está em reformas, estou dormindo na casa delas.

— Ok, então vou levá-la para minha casa, ela não irá se sentir nada bem quando essa bebedeira passar. Vamos, Carmen?

— *No, Ryco, muy cedo.*

— É, Enrico, pode deixar que tomo conta dela, temos que apresentá-la ainda a alguns amigos da agência.

Ele parecia desconfiado e só permitiu depois que juramos que cuidaríamos dela, levaríamos para casa e não deixaríamos nenhum gavião se aproximar. Ele ainda a ameaçou, caso aprontasse algo, de colocá-la no primeiro avião de volta para a Venezuela. Então, ele saiu ao resgate da Paloma, que continuava no palco, agora cantando, enquanto mais alguns bêbados acompanhavam em coral.

— *Comer tatu é bom, que pena que dá dor nas costas.... Olha, zeente, o anjo de olhos verdes veio me salvar! Mas nuuum vou, vai embora, volta pra Miss Universo!*

Antes de Paloma cair, depois de ter se enrolado toda com o fio do microfone, Enrico a pegou no colo, a jogou sobre os ombros, cobriu com a jaqueta seu *popozão*, que estava para cima, e Paloma saiu ainda cantando, sobre o ombro dele.

Tia Selma me mataria se soubesse de uma história dessas. Acho que iria me esconder por um mês em meu apartamento, que não estava sendo reformado coisa nenhuma. Bom, pelo menos, já fiz meu papel de cupido por hoje, só esperava que a maninha mantivesse os bofes no estômago!

Por Enrico

Que desafio estava sendo essa noite! Primeiro tive que ficar afastando e ameaçando os homens que estavam cobiçando a Carmen, depois apareceu a Paloma, terminando de virar minha noite de cabeça para baixo; precisei me

controlar muito para não arrastá-la para um canto e matar a saudade que sentia dela. Fiquei alucinado de desejo quando a vi, usando aquele vestido e, logo em seguida, fiquei enfurecido por ela desfilarmos com um pedaço de pano que mal cobria seu corpo. E ainda teve aquele cretino a agarrando e a ofendendo; somente um soco não foi suficiente para o tamanho da barbaridade que ele a xingou. Essa maluquinha queria me deixar maluco também.

Agora, estava com ela jogada em minha cama, totalmente apagada, depois de ter me chamado de anjo umas mil vezes, chorado bastante, dizendo que não conseguiria ganhar de uma tal miss, e tentado me beijar e agarrar várias vezes. Quando não estava mais conseguindo resistir, ela vomitou um monte na porta do prédio.

Estava bastante preocupado com ela, mas coma alcoólico eu sabia que não era; tinha bastante experiência com bêbados no SAMU para afirmar que ela iria dormir feito uma pedra e acordar com uma ressaca no qual nunca mais na vida ela se esqueceria!

Tive que reunir todo meu autocontrole para tirar sua roupa e limpá-la, mas preservei a calcinha e o sutiã, afinal, não era de ferro. Agora ela estava em minha cama, da forma que vinha me perseguindo em meus sonhos no último mês. Puxa vida, meu orgulho também tinha sido prejudicado.... Se imaginasse esse mal-entendido antes, ou se não tivesse tirado conclusões precipitadas, ela estaria exatamente onde estava, há muito tempo!

Por Paloma

Huum... não queria acordar, estava tendo um sonho tão bom com o Enrico... Nossa, tive vários sonhos engraçados nesta noite também, mas minha bexiga estava estourando e precisava de um banheiro urgente.

Tentei levantar, mas parecia que fui atropelada por um caminhão, uma roda passou por cima de meu estômago e a outra na minha cabeça, pois dava impressão de que eu ia explodir! Aii, mas minha vontade de fazer xixi ganhou! Levantei no escuro e saí tateando à procura da porta do banheiro. Mas onde eu estava? De quem seria essa casa? E minhas roupas, onde estariam? Ai, não dava tempo de procurar.... Quase fiz xixi em um armário em minha busca pelo banheiro.

Finalmente, vi uma porta entreaberta e uma luz vindo de dentro. Abri a porta e só consegui enxergar o vaso. Saí pulando nas pontas dos pés, tentando segurar o xixi, mas sabem quando você está muito apertada e chega perto do banheiro? A vontade fica incontrolável, né? Sentei com tudo e... Ahhh que alívio... Nossa, como estava cheia, acho que bebi uns cinco litros de água. Levantei e fui lavar as mãos e o rosto; o espelho estava embaçado, mas deu para ver que estava parecendo o coringa, com a maquiagem toda derretida e meu cabelo todo emaranhado. Na minha pressa, nem olhei se tinha alguém, só me dei conta quando vi o reflexo de uma pessoa no espelho, saindo do boxe!

Ai céus... Era o Enrico que tinha acabado de sair do banho, com a água escorrendo pelo corpo moreno e do jeitinho que veio ao mundo.

— Olá, *señorita*! Está se sentindo melhor?

Eu devia ter sido hipnotizada; não conseguia responder, só olhava para as gotinhas que ele secava com a toalha... Aiii como queria ser aquela toalha...

Ele passou a toalha pela cintura e ficou me encarando... Aiiii céus, que estado eu me encontrava! Minha cabeça começou a girar novamente e meu estômago resolveu se manifestar. Corri até o vaso e fiquei ali, vomitando, com Enrico segurando meus cabelos. Que vergonha! Queria descer junto com a descarga.

Encolhi-me no chão do banheiro, passando muito mal, enquanto Enrico me observava; aquilo não era certo, mas eu estava incapacitada de me mexer.

— Vem, Paloma, vou te deitar na cama!

— Não posso! Eu já vou indo, aliás, o que estou fazendo aqui? A gente não... você sabe, né?

— Não fizemos nada, fique tranquila, além do mais, você estava semiconsciente e, quando acordou, foi somente para vomitar!

— Ai, que vergonha, foi por isso que você preferiu a Miss Universo, né? Aliás, tenho mesmo que ir antes que sua namorada me pegue aqui e já estou cansada de problemas por hoje.

— Que namorada? Do que está falando?

— A bonitona, que estava com você no desfile, oras!

— Se está falando de Carmen, ela é minha irmã!

— Ahhhh, irmã, é? Mas ainda preciso ir, titia vai me matar se passar a noite fora.

— Você não vai a lugar nenhum desse jeito! Eu cuidarei de você! E, quanto ao resto, já foi tudo acertado, Ricky garantiu que daria um jeito.

— Mesmo porque não consigo me mexer. Vocês anotaram a placa?

— Que placa?

— De quem me atropelou, oras!

— Sinto lhe dizer que champanhe não tem placa.

— Ohhh! — A compreensão dos acontecimentos da noite aos poucos foi invadindo minha mente e percebi que não foi um sonho. — Só me responde uma coisa: por acaso eu subi em um palco?

— E contou piadas, cantou, sem contar que desvendou a farsa do desfile.

— Então, não foi um sonho!

— Não, mas deixa isso para lá, você precisa descansar para se sentir melhor!

— Sim, senhor, doutor!

— Vem, vou te banhar, te dar uma aspirina e te colocar na cama.

— Agora, sim, estou sonhando! Mas você não está mais chateado comigo?

— Não, conversei com o Ricky e ele me explicou algumas coisas, mas amanhã, quando você estiver melhor, nós dois sentaremos para conversar e colocaremos todos os pingos nos is.

— Não tenho força nem para protestar! Se minha cabeça parasse de girar, pelo menos! — Mas, mesmo com todo o mal-estar, estava feliz! A bonitona era irmã dele e acho que do resto daria conta.

Ele carinhosamente me levantou do chão, verificou se água estava boa e me chamou.

— Venha, deixa que eu cuido de você, minha maluquinha!

Maresia

Quem acendeu a luz? Acordei com a claridade entrando pela janela e a luz estava me incomodando muito. E ainda havia algo me cutucando. Estava tendo um sonho tão bom! Nele, eu dormia abraçadinha com o Enrico e na cama dele. Ops... Não foi sonho! Ele estava adormecido ao meu lado.... Ah.... Já descobri o que me cutucava: Enrico estava todo de lado com o corpo colado ao meu, minha cabeça descansava sobre seu braço e a mão dele sobre meu quadril. Me remexi devagar e ele acordou, sorrindo para mim. Ownnnn!

— Bom dia! Está se sentindo melhor?

— Tirando minha cabeça explodindo, meu estômago revirado e meu ego destruído, estou ótima!

— Imagino! Mas, com meus cuidados, até a noite você se sentirá melhor!

— Que horas serão agora? — Procurei pelo celular e não o encontrei.

— São onze da manhã! E não se preocupe, suas coisas ficaram com o Ricky.

— Ai, meu Deus, titia vai me matar!

— Fique tranquila, o Ricky ligou e mandou avisar que já acalmou a fera e que ela e Carmen viraram melhores amigas.

— Que vergonha! Quem disse que a gente esquece o que aconteceu no dia seguinte a uma bebedeira?

— É porque você não está acostumada. Só espero que tenha sido a primeira e a última vez!

— Nem precisa se preocupar, do jeito que estou mal, nunca mais chego perto nem de bombom com licor!

— Vamos, vou preparar seu café. Você precisa se alimentar — falou, sorrindo do que eu disse.

— Acho que não consigo comer nada!

— Mas precisa! Farei algo leve e sei também uma coisa infalível para curar ressaca.

— O que é? Alguma receita lá da Venezuela?

Ele levantou se espreguiçando, me mediu de cima a baixo, deu um sorriso de lado e disse:

— Carícias.

Uiii... resolveria mesmo, já me sentia melhor só com a expectativa!

Enrico preparou chá e torradas e ficou ao meu lado, me esperando comer, enquanto tomava um café tão cheiroso que ele havia feito. Passamos um tempo bem agradável juntos, ele realmente cumpriu com o prometido de me fazer melhorar com suas carícias... Ai ai, viu?... Acho que fingiria estar de ressaca para sempre! Nunca fui tão bem cuidada! E, aos poucos, fui melhorando e, conforme a ressaca ia embora, a vergonha tomava seu lugar.

Por volta das treze horas, Ricky e Carmen foram anunciados pelo porteiro.

Queria um buraco para me enfiar, não teria coragem de olhar para eles. E, ainda por cima, estava vestida somente com uma camiseta do Enrico porque, segundo ele, as minhas roupas ficaram muito sujas e ele as colocou para lavar. Ricky entrou não me dando opção de me esconder!

— Maninha! Tá viva? Você tocou o terror ontem! Rimos a noite inteira do seu *stand up*, né, *chica*? — Ele falou chorando de rir e, pelo que parecia, já virou o melhor amigo de Carmen, até a apelidou! Senti uma pontadinha de ciúmes.

— Olá, *soy* Carmen, *hermana de Ryco* — ela me cumprimentou com um abraço gentil, um olhar amistoso e quase admirado, e não entrou na onda do Ricky, que ria sem parar. Enrico também não estava achando graça, será que estava envergonhado?

— Trouxe uma sacola de roupas para você, se bem que acho que não irá precisar.

— Preciso sim! Tenho que ir para casa!

— Hum... se eu fosse você, só apareceria depois que a poeira baixasse. A Selma está uma fera!

— Mas você não a tinha tranquilizado?

— Sim, até hoje de manhã, quando começaram a marcá-la no *Facebook* e o *WhatsApp* dela receber um monte de fotos suas!

— Ai, mundo cruel!

Enrico veio me consolar e Carmen também.

— Dá um tempo para ela, daqui a pouco ela esquece — Ricky falou com remorso.

— Isso mesmo, passa esse final de semana aqui e na segunda te levo para sua casa.

— Não quero atrapalhar você e sua irmã!

— *No, yo voy* ficar com Ricky!

— Sim, a *chica* ficará comigo, só viemos aqui para avisar que o Johnny conseguiu marcar a reunião com o pessoal da agência para as dezesseis horas.

— Tudo bem, mas onde Carmen ficará?

— Em meu apartamento, claro!

— Depois me dá o telefone do seu pedreiro, nunca vi uma obra terminar tão rápido! — Enrico falou e todos caíram na gargalhada; fiquei ali boiando sem entender nada.

— Então, já que vocês estão aqui, vou até a mercearia comprar umas verduras frescas e água de coco para a Paloma, almoçamos juntos e depois vamos para essa reunião.

— E eu faço o quê? — Perguntei, sentindo-me excluída.

— Você descansa e se hidrata bastante para ficar boa até a noite!

— Eita, maninha, é melhor obedecer ao bofe, porque acho que ele tem grandes planos para a noite de vocês.

Enrico não falou nada e somente me olhou profundamente, como se tivesse concordando com as palavras do Ricky. Senti um arrepio de expectativa percorrer todo o meu corpo e o coração pareceu saltar pela boca de ansiedade. Fazia quase um mês que estive com ele e ainda experimentava na pele as sensações do seu toque; às vezes pensava ter vivido um sonho. Mas aquele olhar tão profundo me trazia de volta a esperança de reviver tudo aquilo. Um rubor forte subiu pelo meu rosto, me entregando.

— Enrico, vamos invadir sua cozinha para preparar o almoço. A *chica* prometeu me ensinar a fazer arepas e uns pratos típicos de sua terra. Fica aí cuidando da maninha, nós cuidaremos do resto; e não precisa ir na mercearia, já trouxemos tudo para preparar um banquete!

Não estava acostumada a ser tão mimada, estava encolhida no sofá, ainda vestida com a camiseta dele, somente coloquei um shortinho para não ficar tão exposta, afinal, praticamente invadi sua privacidade. Ele se sentou ao meu lado, passou minhas pernas por cima das dele e ficou fazendo círculos suaves com as pontas dos dedos nas minhas coxas.

— O que te fez pensar que Carmen era minha namorada?

— Vim aqui, outro dia, com o Sr. Ângelo, toquei a campainha e ela atendeu a porta com um microvestido e os cabelos molhados. Era cedo, então deduzi que ela era, no mínimo, uma ficante.

— Ficante? Se eu falar que desde aquele final de semana não “fiquei” com mais ninguém, você acredita?

— É, eu sei que seu trabalho o consome muito.

— Paloma, isso não é desculpa e também nunca foi um problema.

Não fiquei com ninguém porque não quis. A questão é que, apesar da vontade de vê-la, não a procurei por orgulho ferido.. Além disso, deduzi que tinha voltado com aquele cretino e achei que não podia procurá-la; fui um covarde por ter desistido tão facilmente.

— É, andamos deduzindo coisas demais, né?

— Sim, e perdemos um tempo precioso longe, quando eu só conseguia pensar em você — Enrico se declarou.... Bem, eu acho que aquilo foi uma declaração... E não aguentei mais esperar: esqueci até mesmo meu mal-estar e pulei no colo dele, que intensificou o aperto de suas mãos em minhas coxas. Ele começou me beijando lentamente, como se estivesse demarcando cada partezinha do meu rosto e também da minha nuca; meu coração estava batendo tão descontroladamente, acho que até vocês poderiam escutar daí. Depois ele veio, tomou minha boca e me beijou tão profundamente até tive a sensação de estar flutuando.

— Estava com tanta saudade desse seu beijo, do sabor da sua pele!

— Ele sussurrou próximo aos meus lábios e continuou falando: — Tenho que confessar, nunca tinha me envolvido com ninguém, mas, no momento no qual a toquei pela primeira vez, soube que estava perdido e, quando a beijei, não tive dúvidas de que você tinha sido feita sob medida para mim.

Ele não esperou a resposta — acredito que só a minha entrega fosse um sim para ele —, suas mãos passearam pelo meu corpo, já ansiando pelo dele... mas sabem de uma coisa? Descobri que odiava campainhas, porque a dele começou a tocar bem naquele momento nos tirando do transe, e escutei um pigarro para mostrar que não estávamos sozinhos.

— Ei, pombinhos, não tem quarto aqui nesse apartamento? — Ricky nos chamou a atenção e seguiu para atender a porta parecendo o dono da casa. Enrico me olhou como se tivesse fazendo uma promessa silenciosa e voltou a me colocar ao seu lado, entrelaçando nossas mãos.

— Vovô, quantas saudades do senhor! — Ricky exclamou, assim que abre a porta.

— Menino Ricardo! Que surpresa boa! Venho procurar um amigo e encontro dois, aliás três, minha menina Paloma está aí também.

— Sim! — Levantei-me, dei um abraço aconchegante nele e o ajudei a se sentar.

— Não poderia estar mais feliz! Enrico, meu bom rapaz, onde está aquela moça formosa? Como se saiu no concurso?

— *Estoy aqui* — Carmen também se dirigiu a ele e o abraçou carinhosamente.

— Vovozinho, é melhor deixar esse concurso para lá, era a maior furada, sem contar que teve uma tal de miss “Esqueci” que botou para quebrar.

Todos riram e Ricky relatou os acontecimentos da noite passada, me imitando e recontando as piadas sem graça que contei. Estava superenvergonhada e também preocupada com o que o Enrico estava pensando de mim. Ele percebeu meu constrangimento e me disse baixinho:

— Não precisa se envergonhar, já passou! Mesmo porque eu precisava de alguém para dar uma revirada em minha vida monótona.

— Monótona? Você trabalha no SAMU! Não consigo ver nada mais agitado do que isso!

Ele sorriu e disse:

— Então precisava de alguém para trazer alegria para minha vida chata. Melhorou?

Ricky interrompeu:

— Ryco, agitação e alegria não vão faltar ao lado da minha maninha, vai chegar uma hora que você vai implorar por sossego! — Mostrei a língua para ele, que riu. — Aliás, a melhor coisa que poderia ter acontecido foi ela

ter arrumado um namorado médico, assim me poupam muitas idas ao PS.

— Namorados? Que bom que oficializaram a união e quero ser padrinho do casamento, hein? — Sr. Ângelo nos felicitou enquanto Enrico nem se abalou. Queria um buraco para me enfiar! Namorados, casamento! Coitado! Fez uma boa ação e já fui promovida à namorada dele... Se bem que ele já tinha dito que queria ficar comigo, isso não era o mesmo que namorar, era?

— Que foi? Ficou tão quieta!

Era uma covarde mesmo e só consegui responder:

— Dor de cabeça!

— Você precisa se alimentar! Ricky, o almoço já está pronto?

— ¡Si! — Carmen gritou da cozinha.

— Então, vou colocar a mesa. — Tentei me levantar, e duas mãos fortes me prenderam no sofá.

— Você vai ficar quietinha! Eu vou!

— Nem você, nem ele, já achei tudo! Fiquem aí namorando! — Ricky mais uma vez falou, me matando de vergonha!

Passamos umas horas agradáveis, almoçamos todos juntos, comi muito pouco, quase obrigada pelo meu doutor, que resolveu fiscalizar se eu estava comendo. E ainda rimos muito das histórias sempre divertidas do Sr. Ângelo.

Por volta das quinze horas, Ângelo se despediu, alegando que precisava fazer umas ligações, e Carmen, hiperansiosa, avisou o Ryco que teriam que ir para a reunião com o pessoal da agência. Comecei a me levantar para pegar minhas coisas e fui interrompida por ele.

— Aonde você pensa que vai?

— Você não vai sair? Não posso simplesmente invadir sua casa assim, né?

— Prometi cuidar de você no final de semana e o farei; descanse aqui, voltarei logo. — Ele me deu um selinho, me acomodou em sua cama, se certificou de que estava bem e saiu com sua irmã e Ricky.

Ele não um fofo? Fiquei pensando o quanto eu queria realmente ser sua namorada, mas era tão insegura que tinha medo de me iludir mais uma vez; o que eu vivesse com ele, qualquer coisa, já seria o suficiente. Pelo menos eu aprendi a não esperar nada dos outros, porque de repente vinha a vida e te dava uma rasteira. Mas eu poderia aproveitar, não poderia? Quando estava ao seu lado, me sentia completa e feliz como nunca fui. Talvez se esse sonho acabasse, não sobraria nadinha de Paloma para se recuperar, por isso, mesmo querendo muito, tinha que me preservar um pouco, para não me perder de vez.

Adormeci em sua cama macia, em seu quarto organizado, limpo e arrumado, sentindo o seu cheiro tão bom em seus lençóis; acho que poderia me acostumar com isso, mas tinha uma voz lá no fundinho de minha consciência dizendo que não devia.

Estava tendo um sonho muito bom novamente, não queria acordar. Abri os olhos lentamente e percebi que já anoiteceu, o quarto estava na penumbra e o único brilho vinha de dois olhos verdes que me observavam carinhosamente dormir.

— Boa noite, bela adormecida! Está se sentindo melhor?

— Nossa, como nova! Esse soninho foi restaurador!

— Soninho? Você sabe que horas são?

— Umas seis?

— Já são dez da noite! Voltei correndo da reunião, tive que deixar mais uma vez a Carmen nas mãos do Ricky, porque não queria vir embora tão cedo, e encontro você dormindo tão profundamente que fiquei com dó de acordá-la.

— Oh, me desculpe!

— Desculpar pelo quê? Sabia que você combina perfeitamente com a minha cama?

— Eu também gostei bastante dela.

— Só da minha cama? — Ele perguntou se aproximando e fazendo uma trilha de beijos por minhas pernas... e já nem me lembrava mais de sua pergunta.... Meu corpo estava totalmente entregue, a ansiedade e a expectativa tomaram conta, e ele então foi subindo, depositando um beijinho por onde passava. Levantou a camiseta dele que estava vestindo, devagarinho; um arrepio me percorreu. Quando chegou próximo a minha nuca, aspirou profundamente, exclamando que era do jeitinho que ele se lembrava. Em seguida, se aproximou dos meus lábios e me beijou, primeiro com suavidade, depois intensamente, e falou:

— Acho que ainda precisamos conversar. Mas terá que ficar para depois. No momento, só consigo pensar em matar essa vontade louca que me atormentou o dia todo.

Eu não queria parecer muito afoita, mas concordei com ele e o puxei em minha direção, não deixando espaço para nada mais. Se ele passou o dia todo com vontade, eu já estava há um mês sonhando em estar em seus braços novamente e fosse lá o que ele pretendia falar, teria de esperar e muito! Porque só iria largá-lo depois que visitasse o cometa Halley! Aiiii estrelinhas, aí íamos nós!

Mais doce que doce de batata doce.

Vocês já se sentiram imensamente felizes? Foi assim que acordei hoje: exultante! Passei uma noite tão maravilhosa com Enrico, tinha até medo de não ter sido real, sei lá... talvez fosse uma pegadinha do destino. Não era possível que uma pessoa pudesse ser tão feliz assim na vida. Sabe, já perdi tanto que não consigo me jogar de vez, agora. O receio de outra rasteira era mais forte que a esperança de que este relacionamento desse certo.

Estava em sua cama, com Enrico dormindo lindamente ao meu lado, de bruços. Talvez fosse melhor fugir agora, antes que o estrago fosse maior em meu coração. Mas alguns raios de luz invadiam o quarto e delineavam cada músculo de suas costas morenas, de suas coxas grossas e de seu bumbum durinho coberto por uma boxer branca, deixando meu corpo pulsante de desejo. Então, desisti de minha ideia absurda.

Levantei nas pontas dos pés. Queria preparar o café da manhã para ele, que estava sendo tão carinhoso comigo, assim, esperava retribuir um pouquinho.

Liguei a cafeteira, coloquei o leite para ferver e fui procurar pelo filtro de papel e o café. Achei! Hum.... Não sei a medida certa, então, na dúvida, enchi o filtro de pó; consegui encaixar direitinho no coador e comecei a colocar a água; só que a cafeteira já estava quente, o pó do café explodiu pela cozinha inteira e no meu rosto. Enquanto me distraí, o leite ferveu e derramou no fogão todo. Ai, e agora? Como via sempre nos filmes americanos, resolvi fazer uma panqueca, parecia ser tão fácil! Peguei a receita em um site no celular e achei todos os ingredientes. Nossa, como era difícil quebrar um ovo sem deixar as cascas caírem no copo! Ah, ia bater tudo no liquidificador mesmo, então desisti de tentar pegá-las. Tomei o maior cuidado para não errar nas quantidades e até usei um medidor. Coloquei tudo, mas na receita

não dizia que eu precisava tampar o copo e, quando liguei, voou meleca para todo lugar! Desliguei correndo, mas o estrago já tinha sido feito! E Enrico devia ter acordado com o barulho. A cozinha estava a maior sujeira e não tinha nada para ele comer! Achei no congelador uns pãozinhos de preparo rápido no micro-ondas, olhei na embalagem o tempo certinho, programei os minutos e estava ansiosa vendo os pãozinhos crescer dentro do forno, mas vocês sabiam que não se prepara igual a pipoca? Tinha que ter tirado do saquinho! Resultado: quase botei fogo no micro-ondas dele, o saco plástico grudou em tudo e ainda subiu o maior cheiro de queimado! Fiquei desesperada tentando consertar os estragos e escuto a maior gargalhada atrás de mim.

— O que aconteceu aqui? A cozinha foi invadida por uma guerra de ratos?

— Não! Só queria fazer uma surpresa para você, mas não faço nada direito! — Falei chorosa, tentando me limpar, enquanto Enrico se aproximou e me depositou no balcão.

— Eu posso te enumerar uma dúzia de coisas que você faz mais do que direito! — Ele falou, ajudando a me limpar e me consolando.

— Você não está bravo comigo? Olha o estado que deixei sua cozinha!

— Isso daí é só limpar! O café podemos tomar na padaria e, agora, tenho um bom motivo para te dar um banho!

— Você é muito gentil comigo!

— Gentil? Esse elogio se dá para um avô! Vamos, o que pretendo fazer com você lá no chuveiro não tem nada de gentileza! — Ele me carregou entrelaçada no seu colo para o banheiro e desejei fazer sujeira o tempo todo só para receber vários banhos dele.

— Acordei e não a encontrei na cama. Sabia que ela ficou pequena e

vazia sem você espalhada nela?

— Ohh, eu durmo espalhada? Me desculpe!

— Mas que mania você tem de ficar se desculando! Não estou reclamando, só estou querendo dizer que senti sua falta nela!

— Ahhh... é que não estou acostumada a ser tão bem tratada!

— Então, é bom se acostumar, porque a tratarei como *una reina*.

— Hum... adoro quando você fala em sua língua, mas o que é *reina*?

— Rainha!

Ownnn... Ele não é um doce? Isso porque nem falei que ele me despiu, me colocou no chuveiro — mas antes se certificou de que estava morno —, lavou meus cabelos, grudados de meleca, e, no momento, estava ensaboando cada partezinha do meu corpo e já virei gelatina em suas mãos e... Ahhhhh... ele trocou o sabonete por sua boca quente e macia... Oi, estrelinhas!...

Depois do banho maravilhoso e de visitar novamente algumas constelações, meu estômago barulhento denunciou minha fome. Fomos até uma padaria próxima e, o tempo todo, ele foi segurando minhas mãos ou me abraçando. A todo momento éramos parados por pessoas do prédio ou da rua; todos falavam de algum tipo de dor ou doença, e Enrico ouvia pacientemente, receitava algum analgésico ou pedia para procurá-lo mais tarde para serem melhor examinados. Recebi vários elogios, a maioria deles diziam que eu era linda ou simpática; Enrico não negou uma única vez, porém, mesmo ficando muito feliz, fiquei também incomodada de alimentar essa esperança e ele estar confirmando somente por ser educado.

Podem me xingar, sou insegura mesmo!

Durante o café, nós conversamos sobre nossa infância, compartilhamos do mesmo sentimento: ambos crescemos em meio ao sofrimento de nossas mães — a minha pela doença de Lúpus e a dele pela

depressão — ; a diferença era que ele tinha irmãos para dividir o sofrimento e as alegrias, já eu sempre fui sozinha, minhas únicas companhias eram minhas bonequinhas de pano, que mamãe costurou para mim em uma de suas poucas fases boa.

Em compensação, sempre tive de tudo, não era rica, mas como filha e sobrinha única, talvez para compensar a solidão que eu vivia, meus pais e tia Selma me enchiam de mimos e presentes, mas eu adorava a boneca de pano feita por mamãe; a tinha até hoje muito bem guardada e pretendia passar para minha filha, se algum dia eu tivesse uma.

Como viajava muito de Piracicaba para São Paulo para o tratamento de mamãe, tive pouquíssimas amizades, sem contar que ninguém queria brincar comigo porque me achavam desengonçada e atrapalhada. Já o Enrico contou que teve muitos amigos e aproveitou bastante, mesmo tendo que trabalhar como guia turístico desde menino. Fiquei com olhos cheios de lágrimas quando ele contou que, muitas vezes, passava o dia inteiro com fome só para levar os trocados que ganhava para sua avó comprar comida para seus irmãos.

Ele percebeu minha tristeza e mudou de assunto, passando a relatar as maravilhosas paisagens de seu país:

— A areia é branca e fofa, o mar é de um azul cristalino, calmo e limpo. Quando anoitece, as estrelas são brilhantes e muitas delas parecem tão próximas que a sensação que dá é que podemos tocá-las com as pontas dos dedos. Isso sem contar as muitas trilhas que levam às piscinas naturais, cachoeiras e lagos.

— Ai que lindo, me deu até vontade de conhecer! Sabe, nunca saí do Brasil, aliás, nem do estado de São Paulo!

— Não faltará oportunidade! Quando levá-la até lá, passaremos a noite na praia, sob o céu estrelado. Fazia isso muitas vezes quando estava

triste e ali, naquele cenário divino, me renovava para o dia seguinte.

— Oh! Me levar lá?

— Sim, por que não?

— Por nada — me peguei respondendo, não podia demonstrar para ele minha insegurança quanto à nossa relação e muito menos pressioná-lo para colocar um rótulo. Ai... como eu estava odiando o Cadu naquele momento! Se não tivesse me enrolado tanto, hoje não seria essa ameoba na qual me transformei. Ele fez uma cara de quem não entendeu nada, e perguntei para desconversar:

— E o Ângelo, onde o conheceu? — Ele pegou minhas mãos e depositou sobre as deles. Enquanto relatava, foi brincado com os nós de meus dedos e fiz um esforço sobrenatural para me concentrar e esconder a excitação que tomou conta de mim.

— Quando estava cursando a faculdade de medicina em Caracas, fazia vários bicos. Para continuar estudando sem deixar de ajudar em casa, trabalhava durante a semana como garçom e, nos finais de semana, em uma empresa de turismo, que levava pequenos grupos em um roteiro exclusivo pela região. O ponto forte é o teleférico da cidade que leva para Gálipan: a vista de lá é de tirar o fôlego; o monte é rodeado por hortênsias de todos os tipos e pode-se ver a cidade inteira do ponto mais alto do monte, é magnífico!

Quando estava trabalhando de garçom à noite, no restaurante *La Isabela*, que é considerado uns dos melhores de Caracas, tive a sorte de atender a mesa do Ângelo, acompanhado de sua esposa Natália. Ele ficou puxando conversa, perguntando sobre os passeios e, como a cidade é muito violenta, fiquei com receio dele cair em alguma agência clandestina, então lhe ofereci o passeio dado pela agência onde eu trabalhava para um sábado. Quando chegou o dia combinado, os levei até o passeio de teleférico e, ao chegarmos a Cerro Ávila, o restante do caminho deveria ser feito em uma

caminhoneta, mas outro guia lhe ofereceu realizar a subida por uma trilha a cavalo. Como Ângelo era muito impetuoso e com espírito aventureiro, resolveu ir de cavalo, mesmo eu insistindo que não era de confiança. Ele pediu que eu levasse a dona Natália em segurança comigo na caminhoneta e foi nesses cavalos. Quando chegamos ao pico, esperamos e nada dele aparecer. Ela se desesperou e pediu que eu fosse procurá-lo. Infelizmente, o encontrei desacordado e sozinho, caído próximo a uma pedra na trilha, então o carreguei nas costas o restante do caminho para socorrê-lo. Voltando a Cerro Ávila, consegui realizar todo o socorro a ele, com a ajuda de muitos amigos, e o levamos para o hospital municipal. Mas não foi possível evitar danos maiores: ele passou vários dias em coma. Como eles não conheciam ninguém na cidade, ajudei dona Natalia em tudo, inclusive revezando com ela no hospital. Fiquei ao lado deles quase um mês, até que precisei me ausentar por três dias, para ajudar vovó em sua cidade e, quando retornei, encontrei seu leito vazio e fui informado que a Sra. Natália havia adoecido e seus filhos tinham buscado os dois para levá-los de volta ao Brasil. Não sei explicar, mas senti uma amizade muito forte por eles e, depois de quase um ano, chegou ao restaurante onde eu trabalhava uma carta do Ângelo. Não sei quem escreveu para ele, pois, após ficar oito meses em coma, quando acordou estava cego e não se lembrava do acidente; os médicos informaram que havia tido um trauma ocular por batida. Na carta, ele me agradeceu por tudo e relatou os últimos acontecimentos, principalmente dos momentos após sair do coma e encontrar sua adorável esposa doente.

— Nossa! Foi por isso então...ele me falou que você tinha sido um anjo na vida dele!

— E eu acredito que tenha sido o contrário. A minha vinda para o Brasil foi ideia dele. Precisava ganhar mais, para ajudar minha família, e não conseguia fazer isso com o que se paga na Venezuela. O Ângelo me ajudou

em tudo, inclusive morei com ele, enquanto ajeitava tudo por aqui, nunca me cobrou nada, esperou eu fazer o revalida, que é a prova que habilita os médicos estrangeiros a trabalharem no Brasil e depois o concurso para o SAMU. Ele só permitiu que eu alugasse o apartamento ao lado do dele quando percebeu que eu tinha condições.

— Que história bonita de lealdade.... É tão raro ver isso hoje em dia!

O meu telefone tocou, acabando com nosso momento, olhei as horas e vi que estava próximo da hora do almoço — ficamos todo esse tempo conversando na padaria e nem percebemos o passar das horas.

— Paloma! Você esqueceu o seu compromisso? — Júlia me alertou, mas não conseguia me lembrar de qual era.

— Você tinha que fiscalizar a entrega e a montagem dos vinte lustres de cristais *Baccarat* do casamento da Lisbeth de Monteiro, esqueceu?

— Ai não, o casamento da atriz enjoada, que será na quarta-feira.... Oh não!

— Escute, eu já fui até lá e recebi os lustres, mas a montagem só você sabe onde instalar e sem contar a revista *Caras*, que está fotografando os preparativos para a festa do ano.

— Tudo bem, pode deixar eu rei até lá então!

— Ah, liguei na sua casa primeiro e sua tia Selma mandou avisar que você não poderá se esconder para sempre. O que andou aprontando? — Júlia perguntou, tirando onda comigo, pois já devia saber com certeza do meu showzinho. Nos despedimos e comecei a ficar triste de ter que ir embora.... Queria realmente ficar o dia todo com o Enrico.

— O trabalho me chama!

— Realmente estava achando estranho você não ter nenhum casamento para organizar esse final de semana.

— Esse casamento será na quarta-feira e a atriz queria exclusividade,

então fechamos nossa agenda por quinze dias para os preparativos de sua festa.

— Nossa, mas precisa de tudo isso? Não era somente ir lá e casar?

— Quem dera! Já estamos aguentando os chiliques dessa atriz há oito meses, e ainda tem um contrato pré-nupcial, já com a data da separação, no qual a noiva vai levar uma bolada em dinheiro.

— Se eles não se amam, por que vão casar?

— Vai entender! O noivo é um candidato a governador e é gay, o casamento é de fachada somente! O duro é que está sendo gasto uma fortuna para sair em revistas e vou passar um ano aguentando outras noivas copiarem um casamento de mentira.

— Da outra vez que conversamos, você falava com tanto carinho do seu trabalho, hoje não estou percebendo isso.

— Sei lá, acho que me desiludi com essas coisas, sonhei tanto tempo com a minha cerimônia, que hoje não vejo sentido em tudo isso.

— Bem, apesar de detestar seu ex, não posso dizer que não estou feliz de não ter dado certo, caso contrário, você não estaria comigo agora.

— Verdade! Não tinha pensado por esse lado, mas eu tenho que ir agora.

— E nosso final de semana juntos? Não peguei folga para deixar você escapar. Vou junto e te ajudo, depois voltamos para meu apartamento.

— Adorei a ideia, ficamos mais um tempo juntos, então!

Voltamos para pegar seu carro, ele foi comigo para a mansão onde seria a festa, me ajudou em tudo e, toda vez que algum montador se aproximava, Enrico me abraçava; era até engraçado, parecia estar demarcando território, sentia uma pontada de satisfação toda vez que ele fazia isso.

Quando terminamos tudo, já era final de tarde e estávamos morrendo

de fome. Ele sugeriu que fôssemos embora, para chegar logo em casa e pedir uma pizza. Mais uma vez, adorei a sugestão.

Ao chegarmos e ele me deu um pouco de privacidade, dizendo que iria pedir a pizza e escolher um filme para nós.

Quando saí do banho, fui me trocar em seu quarto, coloquei um *short doll*, que o Ricky havia trazido (ele não se esqueceu nem dos meus cremes!). Fiquei bem cheirosinha e fui ao encontro de Enrico. Encontrei tudo arrumadinho, limpo e ele no banho.

A campainha tocou e fui atender imaginando que seria a pizza. Abri a porta e tinha uma mulher loira e, só para variar, muito bonita, mas parecia ser um pouco mais velha que eu.

— Oi, o Ryco está?

— Ryco? Você quis dizer o Enrico?

— Sim, ele está?

— Ele está sim, mas está no banho.

— Tudo bem, então só avisa que a vizinha do 501 veio procurá-lo.

Balbuciei um ok e fechei a porta para não dar tempo de ela querer entrar ou de o Enrico vê-la. Ela ficou me medindo de cima a baixo e não gostei nadinha do jeito insinuante dela; só que dessa vez não iria fugir. Ele falou que queria ficar comigo e não com a loira do 501.

— Quem era? A pizza chegou?

— Não, foi engano — respondi. Até parece que eu ia entregar o ouro pro bandido assim, né?... Ele pareceu desconfiado, mas nada falou.

Dessa vez, colocou somente uma calça de moletom, amarrada na cintura, e se jogou no sofá, me levando junto. A pizza chegou, eu estava esfomeada, comemos juntinhos, ele até me deu uns pedaços na boca, alternando com beijinhos, tudo era bom demais para ser verdade. Acabamos deixando a pizza pela metade, o filme de lado e partimos para saciar a fome

que estávamos um do outro. Porém, dessa vez, foi diferente, Enrico estava ainda mais carinhoso e sem pressa nenhuma. Eu parecia uma gatinha manhosa, ronronando em seus braços. Ele me beijou tão intensamente que parecia querer demonstrar algo com seus gestos. Houve uma conexão tão forte entre nós, parecia até que minha vida tinha sido mudada para sempre naquele momento.

Após chegarmos juntinhos lá nas constelações, ele me olhou profundamente e perguntou sussurrando em meu ouvido:

— *¿Quieres ser mi novia?*

— Ai, apesar de adorar esse sotaque, prefiro que você aperte a tecla SAP.

Ele sorriu e disse:

— Você quer ser minha namorada?

Mais doce quanto o doce de batata doce — bônus

— Não!

— Não?

— Quer dizer, sim!

— Oi?

— Não sei!

Ele se levantou, colocou sua calça e ficou me olhando impaciente, esperando eu decidir e responder.

— Você não precisa me pedir em namoro só porque invadi seu apartamento nesse final de semana e todos acham que sou sua namorada.

Enrico se aproximou novamente, segurou meu rosto com as duas mãos e silenciou-se por um segundo, como se tivesse ponderando o que falar.

— Eu estou pedindo você em namoro porque eu quero. E também percebi seu desconforto toda vez que alguém a chamava de minha namorada.

— É por isso que não quero, você está sendo educado.

— Você me ouviu? Eu disse que eu quero! Hoje, quando aqueles rapazes ficavam te abordando, fiquei louco de ciúmes da forma como eles te olhavam. Não quero dar chance para outro, quero que seja minha e somente minha, entendeu?

— Sim, mas por que eu? Quer dizer, você pode ter qualquer uma que quiser, inclusive a vizinha do 501.

— Agora entendi! Aquilo é passado, a menos que você não aceite meu pedido, então ficarei livre, leve e solto — ele falou, me provocando.

— Engraçadinho! A questão é que tenho tanto medo de plantar uma sementinha de esperança no meu coração e acabar sofrendo novamente...

— Se pensar dessa forma, nunca se permitirá ser feliz. Não posso garantir que não iremos errar em nossas escolhas, afinal, somos humanos,

mas garanto que ontem, hoje e amanhã não quero outra coisa além de estar com você.

Ele começou a me beijar devagarzinho, para me persuadir, mas nem precisava, tudo o que mais queria na vida era exatamente o que ele estava pedindo.

— Preciso confessar que desde o momento em que você apareceu em minha vida, parecendo um anjo me salvando, queria ouvir isso de você, mas não me permitia sequer pensar na possibilidade.

— Então, além de anjo, me deixa ser seu amor?

Pulei em seu colo e comecei a distribuir vários beijinhos nele. A felicidade me definia!

— Sim, sim, sim, mil vezes sim!

— Ah, minha maluquinha, agora é minha namorada, *mi novia*! Temos que comemorar!

— De novo?

— Sempre!

Caça e Caçador

Bom dia! Bom dia, sol! Bom dia, vida! Se ontem já eu estava feliz, hoje estava mais feliz que criança em loja de doces. Vocês sabem o que é dormir agarradinho e acordar ao lado de um moreno, lindo, carinhoso e cheiroso? Queria ficar para sempre enroscada aqui com ele, mas era segunda-feira, tínhamos compromissos de trabalho e, eu tinha ainda uma fera para enfrentar.

Achei que o Enrico fosse somente plantonista no SAMU, mas descobri que atende também como clínico em um P.S., pelas manhãs de terça e quinta, e como médico voluntário em um asilo, às segundas de tarde. Cada momento que passava ao seu lado, me surpreendia com sua bondade, generosidade e amizades cultivadas. E por falar em amizades, ele me garantiu não ter nada com sua vizinha, alegando ter sido um caso passageiro, mas ela ainda insistia em investir, mesmo tendo levado um fora.

Tivemos também uma conversa bem desconfortável sobre sua adolescência e de como ele disse fazer bastante sucesso com as turistas. Confessou, ainda, que nunca namorou ninguém, mas também nunca ter ficado sozinho. Fiz a bobeira de perguntar quantas amantes teve, porém ele sorriu e disse que era muito indelicado enumerar, mesmo porque já teria perdido as contas há muito tempo.

— Foram tantas assim? — Perguntei espantada e enciumada.

— Digamos que sim, mas, se eu pudesse, trocaria todas elas pela oportunidade de ser o seu primeiro e único.

Ownnnn, não falei, que ele é um doce?

Tomamos um café delicioso juntos, ele quem preparou tudo e ainda me ensinou — a meu pedido —, pacientemente, como se fazia café, torradas e vitamina.

Agora estávamos parados na porta de minha casa; já eram quase nove horas da manhã e não queria largá-lo. Como não era boba, enrolei até o horário que tia Selma iria para sua aula de ginástica, assim ganhava tempo até a noite para enfrentá-la. Enrico também parecia não querer me soltar, então resolveu me acompanhar até a porta e começamos a nos despedir novamente, com beijinhos, beijos, abraços e suspiros — parecemos até dois adolescentes apaixonados! Ops... palavra proibida, jurei a mim mesma, quando disse sim a ele, que não iria criar expectativas nesse relacionamento, pois o medo de uma nova decepção ainda é muito forte dentro de mim; decidi só aproveitar o hoje, sem esperar nada do amanhã.

Observei que tínhamos plateia: a dona Ezalba e o senhor Vladimir estavam na janela deles nos olhando. Ao perceberem que foram flagrados, ele me deu um tchauzinho com um sorriso amarelo e ela fechou a cortina, fazendo uma cara de desgosto para mim. Coitado do senhor Vladimir, ele era o único naquela família que me tratava bem, mas era um verdadeiro capacho da esposa; tinha até pena dele.

A porta de casa foi aberta bruscamente e, como estávamos escorados nela, só não caímos porque o Enrico nos segurou.

— Vocês dois, entrem! — Titia esbravejou e parecia muito nervosa, eu já me preparei para ouvir um longo sermão, porém não gostaria que o Enrico presenciasse, afinal, não sou mais nenhuma menina.

— Tia! O Enrico precisa ir, o horário dele está apertado.

— Imagina, só irei trabalhar à tarde, gostaria de conversar com sua tia.

— Sou toda ouvidos. — Estava uma pilha de nervos, imaginando qual de minhas artes seria o conteúdo da conversa. Titia se sentou encarando Enrico, que não se sentia nem um pouquinho intimidado. Ele se sentou calmamente, com a maior elegância, e, quando eu estava prestes a sair

correndo, ele segurou minha mão e me puxou para sentar o seu lado.

— Dona Selma, quero lhe informar que pedi sua sobrinha em namoro e ela aceitou. E gostaria de pedir seu consentimento!

Ops.... Por essa eu não esperava.

— Você está pedindo a minha autorização para namorar a minha sobrinha? — Titia estava com cara de espanto e parecia não acreditar no que ouviu.

— Sim, estou! Em meu país, temos o costume de oficializar a união, pedindo ao pai da moça, mas como não o conheço ainda, é importante saber que contamos com o apoio das pessoas importantes na vida dela.

Ownnnnn... vocês viram os coraçõezinhos flutuando? Estava olhando para Enrico igual à Dona Florinda olhava para o Professor Girafales, mas não era somente eu quem estava parecendo uma boba: titia abriu um sorriso de uma orelha a outra e disse, não querendo dar o braço a torcer:

— Não esperava menos de você, rapaz! Nunca me engano em avaliar as pessoas e, quando bati o olho em você, sabia que tinha selo da *Friboi*!

Ele soltou uma gargalhada tão gostosa, até senti vontade de pular em seu colo. Expliquei baixinho em seu ouvido que titia tinha essa mania esquisita de comparar tudo à comida, Enrico nem ligou e resolveu entrar na brincadeira.

— Então, prometo cuidar muito bem de sua sobrinha para a senhora não querer assar minha picanha!

Ambos continuaram rindo e passaram a manhã toda conversando. Resumindo: titia perdeu a ginástica, Enrico perdeu a musculação e eu perdi a dignidade, porque estavam falando nesse momento do meu vexame no final de semana e de minhas várias trapalhadas na adolescência. Titia falou a ele que se eu ainda fosse uma menina, mereceria um belo de um castigo, mas, como sou mulher feita, iria me perdoar.

UFA.... Me safei dessa vez.

Titia resolveu marcar, então, um churrasco no domingo para comemorar. Enrico adorou a ideia e partiu, prometendo que daria um jeito de nos vermos antes, mas ele estaria de plantão a semana toda e eu, atolada com o casamento da atriz.

Na segunda-feira mesmo, começamos a organização na mansão alugada para o evento, sem contar que não aguentava mais os fotógrafos da revista nos perseguindo, doidos por um furo. A Lisbeth estava mais insuportável do que nunca, não saía do celular e colocava no *Twitter* cada passo dado. Não me conformava... tanta ostentação para um casamento de mentira. Enquanto isso, passei o dia relembrando o final de semana maravilhoso e só de pensar no Enrico ficava com um sorriso bobo nos lábios.

À noite, antes de ir para seu plantão, ele me ligou, disse estar sentindo minha falta e que dava graças a Deus por não dormir em casa, pois a cama parecia maior e vazia sem mim. Era muita fofurice para uma pessoa só! Quando o reencontrasse, daria um beliscão nele, somente para ter certeza de que ele era real!

Cheguei tarde da noite, supercansada e irritada. Se esse evento não fosse tão importante para nossa empresa, já teria jogado tudo para o alto, mas como tinham pessoas dependendo de nós, engoli os desaforos da Lisbeth e torci para que tudo desse certo para o bem de meu nome.

Dormi feito um anjinho e sonhei com meu anjo moreno de olhos verdes a noite toda; tive até que tomar um banho frio quando acordei.

Novamente, não poderia encontrá-lo, mas, logo de manhãzinha, retornei a ligação dele, conforme combinamos, e Enrico tinha acabado seu serviço, disse que havia sido cansativo e estressante, mas que não tinha deixado um minuto de pensar em mim.

Ownnnn.... Olhem os coraçõezinhos novamente! Nós nos despedimos

e prometemos nos falar à noite.

Hoje chegariam as flores com as quais montaríamos o painel para fotos, mas deu um trabalho danado, porque a Lisbeth queria idêntico ao do casamento de uma tal de Kim Kardashian, só que aquele tipo de flor não existia no Brasil, então ela falou para eu me virar, nem que mandasse um avião fretado, somente para trazer as flores de lá. Só que o painel era composto por seis mil flores e seria impossível chegarem todas inteiras. Achei uma bastante parecida em Holambra e aproveitei o dia da degustação dos vinhos para mostrar a ela. Como estava doidona com a mistura dos vinhos e dos remédios que tomava para emagrecer, Lisbeth achou lindas e então resolvi meu problema.

Pensem em um dia chato, cansativo e enlouquecedor — foi assim minha terça-feira. Cheguei tão tarde e cansada, que somente conversei com o Enrico por mensagens.

Acordei na quarta-feira, dia do casamento, cedinho, e sabem quem encontrei na cozinha? O Enrico, lindo e moreno, tomando café com titia. Quando o vi, pulei em seu colo e lhe tasquei um beijo, aí lembrei que estava toda descabelada, amassada e não tinha escovado os dentes ainda; saí correndo para me arrumar e o deixei rindo. Ainda bem que só lhe dei um selinho, já pensou ser abandonada agora por causa de mau hálito?

Já arrumada e cheirosa, voltei para a cozinha rapidinho, ele continuava calmamente me aguardando e me esperou tomar café, além disso quis me levar na mansão. Quando chegamos, ficou abismado com toda grandeza do lugar e disse que ninguém precisava daquilo para ser feliz, que se caso tivesse um chão e um céu estrelado em minha companhia, já estaria feliz.

Aiii, dessa vez não resisti e dei um baita de um beliscão nele.

— Que isso! O que deu em você? — Falei, alisando o braço que

belisquei.

— Nada, só queria ter certeza de que você é de verdade. — Pulei em seu pescoço e comecei a dar vários beijinhos nele, mas Enrico me enlaçou pela cintura com um braço e, com a outra mão livre, segurou a minha nuca, me dando um beijo que me deixou com as pernas moles. Como era muito cedo e não havia chegado ninguém ainda na mansão, me deixei levar.

— É melhor pararmos ou teremos que usar uns dos quartos vazios deste lugar.

Uma ideia doida me ocorreu e o puxei para dentro da despensa vazia; não dei tempo para ele pensar, tranquei a porta do pequenino lugar e puxei o vestido do uniforme preto de gola alta e sem mangas, de uma só vez. Ele pareceu não acreditar no que estava vendo, mas não recuou; seus olhos, antes verdes, pareciam agora vermelhos e inflamados.

— Você não deveria me provocar desse jeito! Estou desprevenido!

Abri o sutiã.

— Ah quem liga! — Ele disse e me enlaçou novamente. Dessa vez, quem não deu tempo para eu pensar foi ele.

Algun tempo depois, saímos na ponta dos pés da despensa, desalinhados e muito satisfeitos e, para minha sorte, ainda não havia chegado ninguém.... Ou melhor, ao me virar na direção da cozinha, vi a Júlia e o Ed segurando o riso.

— Bom dia! — Eles nos cumprimentaram. Enrico respondeu, nem um pouco abalado, e eu, roxa de vergonha.

— Bom dia, nós estávamos conferindo a validade dos palmitos! — Falei toda sem graça, mas deveria ter ficado calada. Todos começam a rir.

— Palmito, né? Bem, Enrico, fomos convidados para o churrasco de domingo para comemorar o namoro de vocês e espero que vocês tenham muitas validades para conferir! — Ed fez graça com a situação. Ele e Júlia

cumprimentaram o Enrico e foram providenciar a montagem do palco para o show. Ah... não falei, mas a animação ficaria por conta do cantor Flavio Júnior, que é muito amigo da Lisbeth e, segundo ela, cantaria uma música para o casal. Aff.... É cada uma, viu?!

— Bem, minha maluquinha, preciso ir e deixar você trabalhar, nos falaremos amanhã!

Nos despedimos e fui começar a organização com o maior sorriso que cabia no meu rosto. Hoje, nem a Lisbeth tiraria a minha paz!

Ledo engano! Tivemos que nos dividir para dar conta das duas horas de cerimônia na Igreja Nossa Senhora do Brasil e das sete horas de festa na mansão. A sorte foi que eram próximas, mas estava uma loucura; juntou o trânsito já caótico da cidade, mais a comitiva de convidados, o batalhão de seguranças e os jornalistas que cobririam o evento, e literalmente paramos a cidade, teve que vir a CET para organizar tudo.

A cerimônia começou atrasada quase uma hora porque a noiva cismou com a maquiagem e fez o maquiador tirar três vezes. Ele se revoltou e jogou o pincel nela, dizendo que era um artista e não precisava do nome dele em revista brega. No final, eles fizeram as pazes, depois que prometi que o levaria para tirar uma *selfie* com o Flavio Júnior. Eu, hein?!... Não conseguia entender esse povo todo babando em cima desse cantor, viu?!

Graças aos céus, a cerimônia na igreja correu tudo bem, só tive que esconder na sacristia o amante do candidato ao governo, que não parava de chorar e dizia que deveria ser ele no lugar de Lisbeth.

Já na mansão da festa, tivemos que dar conta dos quatrocentos convidados, entre eles políticos e pessoas da mídia— familiares, mesmo, dava para contar nos dedos.

Tudo havia ficado impecável e perfeito. Lisbeth e seu marido chegaram acompanhados por um monte de fotógrafos e foram inaugurar o

painel de flores de fotos. Cada foto que eles batiam, Lisbeth dizia que sairia nas revistas iguais às fotos da tal, Kim Kardashian, até que um fotógrafo infeliz a lembrou de que o painel de flores da Kim era feito de rosas brancas, não cremes. Ela me fuzilou com os olhos e disse ao fotógrafo que a tendência de cor para casamentos era aquela agora.

A festa estava correndo bem, os convidados estavam deslumbrados com a decoração, não paravam de tirar *selfies* para as redes sociais e estavam enchendo a cara.

Lisbeth não parava de tirar fotos, enquanto o marido fazia campanha em pleno casamento; já os jornalistas estavam entediados atrás de algum furo, reclamando que somente a cobertura do casamento não daria muitas matérias — mal desconfiavam eles que fizemos o maior esquema de segurança para os convidados que queriam dar suas escapadas para os quartos. A esta altura, já estavam todos cheios e a verdadeira festa ocorria nesses quartos, inclusive, dois dos ocupantes eram o pai da Fabiana lambisgoia e a Miss Paraguai. Apenas a suíte principal foi trancada a mando da noiva, pois estava reservada somente para ela.

Gente, nunca vi uma coisa dessas e também não estou acostumada com essas modernidades! Fiz um registro de conversar com meus sócios para nunca mais aceitar um evento desses.

Lisbeth começou a dar outro chilique porque o Flavio Junior não tinha chegado ainda e ela queria dançar logo a música dos noivos para poder ir mostrar a cinta liga escondida por baixo do vestido para seu amante. Então, virou-se para mim e saiu falando, ou melhor, gritando:

— Olha aqui! Se vira para achar ele, porque não esqueci o que você aprontou com as flores!

Argh! Para minha sorte, mal ela terminou de falar, fui avisada de que, finalmente, o ser intragável havia chegado.

Levaram ele ao espaço reservado do palco para fazer a entrada triunfante, mas quem disse que achávamos o noivo? Toda a minha equipe vasculhou a mansão e nada dele.

— Se você não encontrá-lo em dez minutos, corto sua cabeça fora!
— Lisbeth estava fora de si, engoli os desaforos que queria falar para ela e recordei que, além de mim, entreguei uma cópia da chave da suíte principal para o noivo, pois ele alegou que a Lisbeth havia pedido.

Saí em disparada para a suíte. Só me faltou esmurrar a porta, mas ninguém abriu; tive que usar minha chave para abri-la e vocês não imaginam o que meus olhinhos viram, não podia nem descrever... Ele estava com outro que não era seu amante e o reconheci por ser o tão falado galã da novela das oito.

Meus Deus! Queria que uma cratera se abrisse no chão! Que vergonha! Só consegui balbuciar as palavras “Lisbeth histérica”, e ele me pediu quinze minutos para voltar ao salão.

Passei um aviso pelo radio comunicador a fim de posicionarem a Lisbeth próximo ao palco para a dança.

Voltei correndo para o reservado do palco para acalmar o cantor, pois fui avisada de que, mal chegou, ele já queria ir embora. Entrei bruscamente tropecei no tapete e caí, literalmente, no colo do Flávio Júnior.

— Nossa, broto! Adoro mulheres decididas!

— Oi? Não é nada disso, me desculpe. — Tentei me levantar, mas ele me segurou de volta.

— Pera aí, gatinha! Não acredita em destino? — E começou a cantar uma música de um cantor que dizia ser seu amigo:

Você pintou como um sonho

E eu fui atrás com tudo,

*Se isso são coisas do amor,
Acredito que estou vivendo em outro mundo*

Gente, por que essas coisas só aconteciam comigo?

— Para que se fazer de difícil? Já falaram que você é a cara da Sandra Bullock? Acho até que é ela!

— Não sou, me chamo Paloma Aires e acho melhor você me soltar antes que algum fotógrafo nos veja assim! — Ainda tentei ser diplomática, mas estava perdendo a paciência.

— Quem liga? Comigo é assim! Quer casar comigo? Ser minha sétima esposa?

— Você tá louco? Acabamos de nos conhecer!

— Mas foi o destino que te colocou no meu caminho, quero você para ser a mãe do meu sexto filho! — Então, ele tentou me beijar, dei um empurrão nele, levantando rápido de seu colo e o cantor tentou se equilibrar na cadeira segurando no meu vestido, mas ele caiu para trás; como o espaço reservado era atrás do painel de flores, adivinhem o que aconteceu?

Tudo aconteceu tão rápido que só conseguia perceber diversas luzes e cliques de máquinas. Flavio Júnior estava caído no chão de pernas para o ar, com um monte de flores espalhadas, e eu, em pé, só de calcinha e sutiã, porque, na queda, ele levou o meu vestido junto! E, para piorar, ele continuou cantando:

*Você me faz o que sou,
caça e caçador!*

Ai, mundo cruel... essa vai ser difícil de explicar!

A namorada do cara

Em um segundo, apareceram tantas seguranças que não deu tempo nem de processar o que havia ocorrido. Conforme Ed arrastava uma Paloma atônita, ao fundo eu escutava: “Quando será o casamento? ”; “Você está grávida? ”; “Quanto tempo de namoro? ”. Ao chegar à cozinha, ele pegou um avental para me cobrir e passou uma mensagem pelo rádio comunicador para trazerem minhas coisas, então deu uma baita de uma bronca nos garçons que estavam me olhando e, quando achei que ia me consolar, desandou a rir.

— Loma, você se superou dessa vez! Mas garanto que você tem uma boa explicação para tudo isso.

— Mas você não está nervoso? E o nome da nossa empresa?

— Que nada! Não aguentava mais aquela insuportável da Lisbeth! Estava torcendo por um escândalo para acabar com sua arrogância.

— Mas isso pode nos prejudicar!

— Que nada, não ouviu? Você agora é a namorada do Flavio Júnior! Quero ver como explicará isso para o Enrico! — E se acabou de rir.

— O que é tão engraçado? Vocês arruinaram minha festa, era para ser eu o centro das atenções! Eu! Meu vestido feito pela Maria Medeiros! Minhas unhas de porcelana, minha maquiagem, meu penteado, a decoração igual à da Kim Kardashian! EU! EU! EU! E não você, sua insolente! — Lisbeth estava gritando comigo, me deixando paralisada. Pensei em voar no pescoço dela, mas fiquei contando mentalmente até mil para não prejudicar ainda mais nossa empresa.

— Vocês estão arruinados! Não irão realizar casamentos nem na porta do cartório! — Ela nos ameaçou e Ed, como se o mundo não estivesse desmoronando em nossa cabeça, se aproximou dela, tirou o celular do bolso, mostrou-lhe algumas fotos e perguntou:

— O que você estava dizendo mesmo, queridinha?

Ela olhou com ódio mortal para nós e disse:

— Nada! Até recomendarei os seus serviços. — E saiu, dando as contas para nós.

— Uau! O que você mostrou para ela?

— Somente o suficiente para deixá-la de bico calado. — Ele me mostrou a foto em que ela estava em uma posição bem comprometedora e com dois anões!

— Onde você arrumou isso?

— Não posso entregar minhas fontes, mas já imaginava que algo pudesse acontecer e quis me precaver.

— Ela já foi atriz pornô?

— Sim, e pagou uma fortuna para tirar todos os vídeos do mercado. Aí, quando fechamos o contrato, pedi para alguns amigos darem uma investigada, então guardei, porque, afinal, quem tem uma Paloma como sócia tem que ser prevenido.

— Tem razão! E agora, como vou explicar isso para o Enrico?

— Falando a verdade, um relacionamento tem que ser baseado na confiança mútua. Se ele realmente estiver gostando de você, confiará e entenderá. Vai agora falar com ele antes que as notícias cheguem.

— Ele está de plantão, só chega depois da sete da manhã!

— Mas ainda acho que deve ir, não tem mais clima para você continuar aqui, nós cuidaremos de tudo até o final da festa.

— Obrigada!

Fui para casa primeiro, trocar de roupa. Quando cheguei, acordei titia, pois precisava de colo.

— Paloma, você se superou dessa vez! Adoro o Flavio Júnior, mas se

estivesse lá, iria dar um belo de um chute em sua fábrica de filhos!

— Tia! Me leve ao apartamento do Enrico assim que amanhecer? Quero explicar tudo antes dos outros.

— Está certa, minha linda! Você está gostando mesmo desse rapaz, não é?

— Mais do que minha razão manda!

Não consegui dormir; estava uma pilha de nervos, com medo do que poderia acontecer quanto à nossa assessoria e com receio da reação do Enrico.

Logo que amanheceu, titia me levou e fui informada pelo porteiro de que Enrico não havia chegado ainda. Falei com o Sr. Ângelo, que autorizou minha entrada. Quando contei tudo sobre a festa do casamento, ele se acabou de rir e disse para eu não me preocupar, porque eram minhas trapalhadas que me tornavam mais interessante. Até parece!

Fiquei sentada na porta do Enrico, esperando por ele, que desceu, com cara de poucos amigos, do elevador junto com a vizinha do 501. Ao me ver, parou, me examinando, e a vizinha começou a perguntar, se fazendo de tonta:

— Me conta como é o Flavio Júnior? Menina, ele deve ter um fogo, né? Já até mostrei para o Enrico sua foto de lingerie na internet.

Ela mostrou o visor do celular para mim, e vi uma reportagem cuja chamada dizia: “A nova namorada do cantor”. E nela havia uma foto na qual estou somente de calcinha e sutiã com os braços abertos por cima do Flavio Júnior. O Enrico continuou calado, me olhando, e um soluço escapou de minha garganta. Percebi seu maxilar se contrair e a bovina de sua vizinha prosseguiu falando:

— Você é esperta, hein? Tem umas notas dizendo que você será a mãe do sexto filho dele!

Aquilo era demais para mim me levantei e saí correndo, controlando o

choro, e o Enrico me segurou.

— Aonde você vai? — Não consegui responder, com receio de chorar na frente deles.

— Se você já terminou de destilar seu veneno, pode ir, Marlene! Garanto que minha namorada tem uma boa explicação para tudo isso.

Ele me puxou pelas mãos de volta ao seu apartamento, passou por ela sem se despedir e não me contive: como uma criança, mostrei a língua para a vizinha fofoqueira, que nos olhou incrédula e nem esperou o elevador chegar. Desceu pelas escadas mesmo.

Já dentro de seu apartamento, ele nos sentou em seu sofá e ficou aguardando minha explicação, mas, em vez de começar a contar, comecei a chorar sem trégua. Estava tão tensa e com tanto medo da reação dele, que segurei o quanto pude; além disso, estava muito preocupada com a reputação, até então, intacta de minha assessoria.

Enrico me abraçou e ficou ali aguardando eu me acalmar. Quando percebeu os últimos soluços, perguntou:

— Então, não vai me contar o que você aprontou dessa vez?

Contei tudo de uma só vez, desde o momento que nos despedimos, passando pelos desaforos da Lisbeth e como fui parar no colo do cara. Quando interrompi meu relato, ele estava me olhando fixamente e disse:

— Espero que esse infeliz nunca cruze o meu caminho, ou não sei o que sou capaz de fazer! E, quando penso que você ficou exposta na frente de todos, tenho vontade de ir atrás dele!

— Mas você não está nervoso comigo?

— Por que estaria? Você foi uma vítima!

— Então, acredita em mim?

— Lógico, confio em você!

Pulei em seu colo e dei vários beijos nele. Estava mais aliviada!

Compartilhei com ele meus temores quanto à reputação da empresa, e ele disse que não deveria me preocupar, que já percebeu o quanto me dediquei e que seria somente uma dificuldade passageira.

— Agora, preciso de um banho e descansar, o plantão foi muito cansativo.

— Ah, tá certo. — Levantei-me para ir embora.

— Eu não falei que iria fazer isso sozinho! Já estou com saudade desse seu corpo colado ao meu. — E, então, me carregou em seu colo para o banheiro, me beijando o tempo todo.

Ai, ai, ai, viu?! Lá ia eu tomar banho e dormir com um lindo moreno, carinhoso, gentil, e agora descobri mais uma qualidade: compreensivo!

Ao lado dele, consegui descansar, aliás, havia até esquecido do mundo, quando meu celular me tocou. Era a Mel!

— Loma! O que você aprontou dessa vez? Passei na sua casa e tem um batalhão de repórteres lá na frente! Sua tia está uma pilha de nervos porque não pode sair!

— Você não viu as notícias hoje?

— Não tive tempo, estou numa correria só!

— Resumindo, acham que sou a nova namorada do Flávio Júnior.

— Cruz credo, Loma, não tinha um melhorzinho, não?

Contei rapidamente o que aconteceu para ela, que se acabou de rir e tirou sarro, pedindo entradas VIPs para o próximo show dele.

— Mas não acabou de falar que não gosta dele?

— Mas sabe como é, né? De graça, vou até ao show do Calipso. — E desligou, mandado me cuidar e namorar bastante meu namorado de verdade.

E por falar nele, não o encontrava em nenhum lugar, já estava triste, quando cheguei à cozinha e vi uma mesa arrumada com um lanchinho pronto e um bilhete dele:

“Paloma, não quis acordá-la, mas tinha compromisso de trabalho à uma da tarde. Voltarei no início da noite. Já fui avisado por sua tia que você não deve voltar para casa, me encontrarei com ela para pegar roupas suas. A Carmen está viajando para fazer seu book e só retornará sábado.

P.S.: Trabalharei ansioso para encontrá-la em minha cama, quando voltar!

Beijos, minha maluquinha! ”

Ele iria acabar me acostumando mal. No meu relacionamento anterior, vivia com medo de fazer algo errado, pisava em ovos o tempo inteiro, pensava duas vezes para falar e, ainda assim, era chamada a atenção a todo momento. Com o Enrico era tão diferente; ele me aceitava do jeito que eu era e ainda me apoiava, nunca imaginei que pudesse ser feliz assim.

Tentei falar com a Júlia e o Ed por diversas vezes, mas os telefones só davam ocupado, já estava bastante apreensiva quando a Júlia me retornou, dizendo que o telefone não parou em nenhum momento e que estávamos com agenda cheia até para o próximo ano (teríamos que escolher os casamentos que iríamos assessorar, de tanto que haviam nos cotado). Eles estavam radiantes e eu fiquei aliviada por não termos sido prejudicados.

Muito mais tranquila agora, podia me dedicar à delícia do meu namorado. Mas calma, gente! Não iria fazer nenhuma surpresa, nem iria me arriscar na cozinha. Liguei para o Ricky, que já estava a par de tudo. Ele disse que assumiu seu lado macho e colocou todos os repórteres para correr e que a área já estava limpa. Fiquei até um pouco triste, pois não tinha mais uma desculpa para ficar na casa do Enrico. Pedi a ele que me ajudasse a preparar um jantar, ele se animou todo e disse que traria tudo pronto para ser servido e que, inclusive, deixaria até a mesa pronta para não correr o risco de eu aprontar nada. Ele só ordenou que eu ficasse linda e cheirosa que do resto ele cuidaria.

Queria ir ao salão, mas, como não posso sair, terei que dar um jeito por aqui mesmo. Passei uma tarde preguiçosa, como há muito tempo não me permitia, até assisti à Sessão da Tarde. Foi hilário! O filme que passou era com a Jennifer Lopes. Ela também era uma organizadora de casamentos que se apaixonava por um noivo que é médico. Muito legal, quase chorei de emoção com o casamento dela no final. Aí comecei a imaginar como seria se me casasse com o Enrico... Ops... pensamento abortado, não podia e não deveria começar a sonhar alto.

Por volta das seis horas, o Ricky chegou trazendo um verdadeiro banquete, com direito a vinho e sobremesa.

— Maninha, tá certo que você é linda, mas vai se arrumar, que vou cuidar de tudo por aqui, porque tenho que voltar para o restaurante correndo.

— Mas eu não tenho roupas nem nada aqui, o Enrico irá buscar ainda.

— Quem disse que irá precisar de roupas? Vai tomar um banho, se cuidar, garanto que ele irá adorar você ao natural, entendeu?

— Hum, se é assim, te devo mais uma, maninho!

— Nossa! Sua dívida comigo está gigante! Uma hora vou cobrar, viu?!

Mandeí um beijinho para ele, que balançou a cabeça rindo, e fui me cuidar. Tomei um banho e tive que usar os produtos que estavam no banheiro. Tive que lavar meu cabelo com o xampu do Enrico, mas até que não ficou muito embaraçado, e coloquei em dia a depilação.

Não tinha roupas e nem secador, então precisei secar meu cabelo na toalha e os soltei, deixando ao natural; tive que dar uma olhada em seu guarda-roupa superorganizado para ver se encontrava alguma coisa para vestir. Fiquei até envergonhada: quando abria o meu armário, as roupas pulavam lá de dentro, nunca achava o que estava procurando e ainda não tinha o que vestir. Optei por uma camisa branca dele, que cobria até a metade

das minhas coxas, deixei os primeiros botões abertos e, por baixo, nadica de nada.

Quando retornei à sala, Ricky tinha posto a mesa e havia velas e uma rosa, em um vaso solitário. Fiquei emocionada com seu cuidado e carinho; ele até deixou um bilhete, me desejando boa noite e me proibindo de chegar perto dos pratos para não correr o risco de estragar nada; estava com medo até de respirar e algo sair errado. Não me arrisquei a fazer algo, fiquei bem quietinha, sentada no sofá, esperando por Enrico.

Quando ouvi o barulho das chaves, meu corpo já estremeceu todo por antecipação; meu estômago estava com aquele friozinho gostoso, de quem está apaixonado, e meu coração saltitava.

Enrico abriu a porta e viu o cenário montado.

— Mas que surpresa deliciosa! Só me diz que minha cozinha continua inteira, por favor!

— Engraçadinho! Foi o Ricky que trouxe tudo do restaurante dele.

Ele trancou a porta, me puxou em sua direção, me beijou, cheirou minha nuca e então, percebeu que eu estava somente com sua camisa...

— Isso sim que é uma surpresa! Acho que teremos que deixar o jantar esfriando.

Ele me beijou e permanecemos ali, como um só. Cada vez ficava melhor e mais puro, nunca tive essa conexão antes e esse turbilhão de sentimentos que me invadia me faz ir, dessa vez, lá pertinho da lua. Quando nos acalmamos, uma paz tão profunda, um sentimento tão pleno de satisfação, tomou o lugar e me perguntei se para ele era da mesma forma, mas não tive coragem de expressar em palavras. Queria gritar que o amava, mas o medo de espantá-lo me fez engolir minha declaração. Ele quebrou o silêncio.

— Passei o dia todo pensando em você aqui me esperando e te encontro desse jeito... posso me considerar o cara mais sortudo do mundo.

— Mas eu não fiz nada! Nem o jantar, que aliás esfriou, fui eu quem fez!

— Será que você não percebe que não precisa fazer nada, somente ser exatamente do jeito que é?

— Eu acho que tenho um pequeno problema de autoestima.

— Sim, mas com o tempo vamos melhorar isso.

— Terá que ser paciente, viu?!

— Serei, estou viciado em você, minha maluquinha, não te deixarei ir. Aliás, gostei da ideia de te encontrar aqui quando chego do trabalho.

— Eu também adorei! Mas o Ricky avisou que já espantou os fotógrafos e posso voltar.

— Você não precisa voltar, vem morar comigo.

— Oi!?

Nada acontece por acaso...

— Vem morar comigo?

— Mas... tipo marido e mulher?

— Sim, por que não? Quero chegar em casa todos os dias e te encontrar.

— Mas assim, tão rápido?

— Para que esperar? A menos que você não queira!

— Não, eu quero, e muito! Mas acho cedo ainda. Para que precipitar as coisas? Está maravilhoso assim e tenho medo de estragar tudo.

— Entendo o seu lado, mas quando quero algo, corro atrás e, no momento, quero muito que seja minha mulher.

— Eu já sou sua! Mas acho que é um passo muito grande para ser dado agora. Podemos ir com calma, aos pouquinhos? Além do que, não gostaria de deixar minha tia sozinha!

— Tudo bem, iremos com calma, mas tem uma coisa que precisa ficar claro. Não é não, e sim é sim! Entendeu? Não existe talvez em nossa relação. Prefiro que sejamos sinceros um com outro sempre! Não fiquei feliz de ter meu pedido negado, mas admito que fui precipitado e admiro sua sinceridade comigo.

Oh-oh, não foi bem por isso. Na verdade, não aceitei porque sempre tive o sonho bobo de casar e ter minha família. Pode parecer estranho, mas, para mim, dessa forma que Enrico propôs parece algo temporário, improvisado. Por maior que seja a minha vontade de passar o tempo todo com ele, aprendi uma grande lição com o que me aconteceu: não abro mais mão dos meus objetivos e sonhos por homem nenhum, mesmo se for lindo, moreno e de olhos verdes.

— Vou tomar banho e já volto para jantarmos. — Ele me deu um

selinho e percebi que estava contrariado.

Resolvi trocar de roupa. Ele tinha encontrado com titia e me trazido uma mala cheinha. Quando retornou, seu humor parecia melhor.

— Por que trocou de roupa? Tinha alguns planos para a sobremesa...

— Esse também é fácil de tirar! — Dei uma rodadinha, mostrando para ele meu vestido de alcinhas.

— É melhor não me provocar, senão vamos pular o jantar novamente.

— Tá bom, parei! Mas só porque estou verde de fome e o cheiro está maravilhoso.

— O que o Ricky trouxe?

— Não sei, ele me proibiu de chegar perto para não correr o risco de estragar nada. E teremos que comer frio, porque seu micro-ondas já era.

— Eu sei, por mim tudo bem. Garanto que está muito melhor que a comida do hospital!

Tivemos um jantar superagradável, conversamos bastante, a comida estava maravilhosa, o clima entre nós era ótimo e o desconforto do meu “não” anterior já havia passado.

Lavamos e limpamos tudo juntos, depois nos sentamos no sofá coladinhos; ele se aconchegou no meu colo e, enquanto eu ia passando os canais, procurando algo para assistir, ele adormeceu. Fiquei quietinha, olhando seu sono tranquilo, observando cada traço de seu rosto — a barba rala que começou a crescer, o subir e descer de seu peito quando respirava — e pensava que seria muito fácil vivermos em paz e felizes, me arrependi de ter negado seu pedido.... Eu já o amava tanto, que não era mais cedo para nada; meu coração foi tomado completamente por Enrico e tinha que tentar de alguma forma me resguardar para não me perder de vez quando esse sonho acabar.

Acabei adormecendo também e fui acordada por Enrico me

carregando no colo. Ele me depositou carinhosamente na cama. Então, desligou as luzes, deitou-se de conchinha ao meu lado, nos cobriu, cheirou minha nuca, enlaçou seus braços ao redor de mim e sussurrou algo que entendi como: “Dorme, *señorita*, meu primeiro amor”. Mas, como estava muito sonolenta, não tinha certeza se foi exatamente isso e dormi assim, em paz, ao lado do meu moreno.

Na sexta, quem o acordou e literalmente o atacou fui eu! Mas lógico que, primeiro, me levantei, me arrumei, lavei o rosto e escovei os cabelos e o dentes, porque essa história de que o povo acordava lindo e sem bafo era só em novela.

— Poderia ser acordado assim todos os dias! — Ele falou preguiçosamente, parecendo feliz e saciado.

Depois do café, coloquei minha agenda em dia, organizando meus compromissos da próxima semana, que seria bem cheia, enquanto Enrico foi para a academia. Ele até me chamou, mas me lembrei de minhas últimas aventuras e nem tentei ir; era melhor ficar trabalhando em casa mesmo... Ops... quer dizer, na casa dele.

Será que ele iria me achar uma maluca se eu mudasse de ideia e viesse morar com ele? Era tão bom e tão fácil ficarmos juntos, mas senti um aperto no peito, como se estivesse sabotando meus sonhos. Ai, como era indecisa!

Enrico chegou próximo ao horário do almoço e eu estava faminta. Não me arrisquei a fazer nada, minha cota de estragos já havia ultrapassado! Ele apareceu com o suor escorrendo da corrida que tinha feito.

— Você veio correndo da academia?

— Sim!

— E sem camisa?

— Sim, por quê?

— Tinha assim... Muitas mulheres no caminho?

— Muitas... no caminho tem uma oficina de costura, um salão de cabeleireiros e uma clínica de estética cheia de mulheres. — Fiz uma cara de desgosto, ele se aproximou e me beijou — sua pele estava brilhando do esforço e eu não conseguia pensar em mais nada.

— Não se preocupe, minha ciumenta! Só tenho olhos para você!

— Aliás, que olhos, hein?! Você puxou de quem, sua mãe?

— Não, minha mãe é parecida com a Carmen, só que mais morena.

— Puxou seu pai, então?

— Não, meu pai é moreno claro. É brasileiro, sabia? — Fiz cara de quem não está entendendo nada e ele continuou a explicar. — Não o conheço, ele abandonou minha mãe quando eu ainda era um bebê, justamente por eu ter nascido desse jeito, a desconfiança tomou conta do relacionamento deles, mesmo com a explicação dela de que eu era a cópia de meu avô, pai dela.

— Você já foi procurá-lo? Sabe onde ele está?

— Não, mas também não me interessa! O que ele fez não tem perdão, não se abandona assim uma mulher com um filho pequeno e grávida!

— Sua mãe estava grávida?

— Sim, eu era um bebê com menos de um ano e ela estava grávida de meu irmão, que dizem ser a cara de nosso pai, e ele nem chegou a conhecê-lo.

— Talvez tenha acontecido algo, algum problema que vocês desconheçam.

— Ele foi um covarde! E não honrou seu compromisso paterno, só isso!

Meu estômago roncou alto, interrompendo nossa conversa.

— Nossa, é melhor eu me apressar e tomar logo uma ducha para

preparar nosso almoço antes que seu estômago reclame novamente!

— Você cozinha?

— Sim, não tão bem quanto sua tia ou o Ricky, mas aprendi muitos pratos no restaurante em que trabalhei.

— Uau, além de tudo ainda cozinha? Tirei a sorte grande mesmo! Quando nos casarmos não vou me preocupar em morrer de fome, então!

Ops... boquinha, por que não ficou calada?

Ele sorriu e disse:

— Se você não aceitou nem morar comigo! Eu que não serei louco de te pedir em casamento e levar outro fora!

Oi?! Ele falou isso, partiu para seu banho e fiquei ali inconformada, como eu podia fazer tudo errado, viu?! Agora era que não podia voltar atrás ou iria parecer desesperada, o que não é o caso, né? Ou era? Oh, pessoa indecisa que eu era!

Enrico tomou um banho rápido e começou a preparar o almoço. Ajudei lavando a salada, arrumando a mesa e preparando um arroz todo colorido, cheio de legumes, que ele me ensinou a fazer e que, por sinal, ficou uma delícia! Dessa vez, depois de almoçarmos, limpei tudo sozinha, não deixei ele me ajudar, queria ser útil, fiz tudo certinho, nadinha de errado, tirando o copo que quebrei e a panela que risquei, é claro!

Quando retornei à sala, ele estava sorrindo e trocando mensagens com alguém no celular. Ai... precisava ser menos ciumenta, mas ficava imaginando um monte de coisas. Ele, percebendo minha cara azeda, perguntou, me provocando:

— O que foi, Paloma, a comida fez mal? Não se preocupe, bobinha, é somente a enfermeira que dá plantão comigo, perguntando como andam as coisas por aqui.

— E qual o interesse dela?

— Nenhum, somos amigos somente e confidentes um do outro!

Acho que fiz uma cara ainda maior de desgosto, porque ele perguntou:

— Quer ver a foto do perfil dela? — Balancei a cabeça confirmando e nem sei por que fiz isso, pois a foto que ele me mostrou era de uma loira lindíssima.

— Essa é sua amiga e confidente? — Estava incrédula e ainda mais inconformada.

Ele esperou um bom tempo, me deixou remoendo, se aproximou lentamente e disse:

— Não se preocupe, *señorita*, nós gostamos da mesma coisa. Eu que tenho que tomar cuidado e não apresentar *mi novia* para ela.

— Hum, adoro quando você esquece de apertar a tecla SAP!

— É mesmo? Então vem cá, que desde ontem quero provar minha sobremesa!

— Sua fome não acaba nunca, não?

— Por você, acho que jamais!

Ai, ai, viu?! Fazer o que, né? Esperem aí, que vou ali visitar umas constelações e já volto!

Descansamos juntinhos o resto da tarde, dormimos mais um pouquinho e, no início da noite, antes de ele ir para o plantão, o Sr. Ângelo apareceu para o café, me chamou para uma pizza à noite e pediu para convidar a tia Selma também, que aceitou prontamente assim que liguei para ela.

Enrico se despediu de mim, perguntando se eu dormiria na casa dele, confirmei, e ele se despediu novamente, prometendo que pensaria em mim deitadinha em sua cama, esperando por ele.

Terminei de agendar mais alguns compromissos para a próxima

semana e deixei a segunda-feira para o ir com o Enrico ao asilo em que ele era voluntário. A convite dele, vou conhecer a clínica e ver se posso ajudar em algo.

Titia chegou por volta das oito, acompanhada de sua amiga Suzana, dizendo que, saindo dali iria ao baile da terceira idade e que iria convidar o Ângelo também.

— Mas, tia, você não tem nem cinquenta anos ainda!

— E daí? Não quero arrumar namorado, só quero dançar até o dia amanhecer... E tem cada velhinho pé de valsa lá que põe no chinelo muito jovem por aí.

Fomos para o apartamento do Sr. Ângelo, que adorou ter mais uma pessoa para se encantar com suas histórias, e foi logo pedir a pizza, pois, estava ansioso para usar seu melhor terno e valsar a noite toda. E pediu para que eu cuidasse do Bob. Não pude dizer não, mas acho que será o cachorro quem cuidará de mim.

— Paloma, quando irá voltar para casa? Não tem mais nenhum jornalista acampado, aliás, o tal cantor apresentou sua nova namorada e você já virou notícia velha.

— Amanhã à tarde buscaremos a Carmen no aeroporto e depois já fico em casa para ajudar a senhora nos preparativos do churrasco.

— Ajudar em quê? Já está tudo acertado com o Ricky, não precisa se preocupar.

— Poxa, tia, não está com saudade de mim?

— Sim, mas tenho que me acostumar com sua ausência porque já percebi que o Enrico logo, logo levará você de vez.

— Hum... ele já pediu para eu vir morar com ele.

— Não falei?! E você vem quando?

— Eu não aceitei e já me arrependi!

— Se era o que queria, por que negou, então?

— Tia, achei que era muito cedo e fiquei com medo de ele não me aguentar.

— Fala a verdade, Paloma, te conheço muito bem!

— É por esse motivo também, tia. Além disso, não quero isso de morar juntos, quero fazer tudo certinho, você e mamãe sempre ficavam me dizendo para sair de casa somente com o papel assinado e a aliança no dedo esquerdo. E alimentei esse sonho.

— O que sua mãe queria e o que mais quero é que você seja feliz. Desde que você conheceu esse rapaz, você está cada vez mais bonita! Um papel assinado é só uma formalidade, não sabote mais sua felicidade menina, nunca é cedo demais quando existe um amor verdadeiro.

— Puxa vida, tia, obrigada! Mas agora já é tarde, percebi que o Enrico é bem orgulhoso. O próximo passo terá de ser dado por mim, mas ainda não consigo evitar o medo de fazer tudo errado novamente. Quero acertar umas coisas primeiro comigo mesma para depois cair de cabeça em uma relação.

— Minha menina, enfim você amadureceu e realmente tem razão. Primeiro, organiza essa bagunça emocional, só não espera ser tarde demais.

Nós nos abraçamos; foi tão bom ter o apoio e o carinho dela! Sei que, independentemente do que acontecer, sempre poderei contar com ela.

A pizza chegou, comemos e nos divertindo muito com o Sr. Ângelo e suas histórias. Ele, determinado a arrumar uma parceira de valsa, a Suzana querendo arrumar um novo namorado e titia só querendo dançar — todos saem ansiosos. E eu vou com o Bob ao apartamento do Enrico.

Só que, ao chegar na porta, ele empacou, cheirando tudo. Tentei voltar com ele para o apartamento do Ângelo, mas ele saiu, me puxando escada abaixo, e fui correndo atrás, segurando a coleira e tentando me

equilibrar para não cair. Bob correu em direção à praça, chegou próximo a uma árvore e fez xixi.

— Ah, Bob, era isso! Agora vamos voltar! — Puxei sua coleira, mas ele não me obedeceu, começou a rodar e a cheirar tudo o que via; algumas pessoas que passeavam pela praça esconderam-se de medo, pois simplesmente não conseguia controlá-lo. — Bob, você não está querendo fazer o que estou pensando, né? Eu não trouxe um saquinho, aliás, como é que o Ângelo faz para limpar sua sujeira se ele não enxerga? — Enquanto estava falando sozinha, ele se agachou bem no meio da pista de cooper e fez o número dois em uma quantidade muito grande. Fiquei olhando para os lados, tentando disfarçar, mas, mal ele terminou, avistou um gato e saiu correndo em disparada atrás. Não deu tempo nem de desviar do monte que ele fez e atolei os pés no cocô, então fui sendo arrastada.

— Ei, moça, não vai limpar a sujeira do seu cachorro? Não tem educação, não? — Escutei umas pessoas me xingando, mas não tive tempo nem para me desculpar, porque continuava sendo puxada por Bob, que corria atrás do gato.

Estava ficando apavorada e desesperada, quando finalmente ele encerrou sua caçada porque perdeu o gato de vista. Quase fui puxada na direção da rua e não sabia o que seria de nós se isso tivesse acontecido.

— Bob, seja bonzinho e vamos voltar! — Então escutamos o som de uma música que vinha de uma cantina próxima à praça. Ele levantou as orelhas e..... Ah, não... o gato estava indo na direção dela. Não consegui nem raciocinar e fui arrastada novamente por ele, que passou com tudo pela porta de madeira da cantina. Levei uma portada na cara e saí tropeçando na coleira dele, que derrubou um garçom e uma bandeja cheia de polpettones caiu no chão; Bob começou a comê-los. Todos do restaurante estavam olhando para mim e outros estavam tampando os narizes, talvez por causa do cheiro de

meus sapatos; somente por um milagre não caí dessa vez. Pensei em sair correndo ou fingir um desmaio, mas não dava tempo, o gerente vinha em minha direção e estava muito bravo.

— Se você não é capaz de controlar o seu bicho, não deveria sair de casa com ele!

— Oh, senhor, desculpe, ele não é meu! Foi um acidente!

— Então suma logo daqui, com esse monstro e o seu fedor!

— Tudo bem, tudo bem! Me desculpe! — Fui me afastando e arrastando o Bob, que estava empacado, lambendo os pés das pessoas sentadas.

— Antes pague o prejuízo!

— Senhor, venho depois, estou desprevenida!

— Não quero saber! Terá de pagar ou vou chamar a polícia!

— Senhor, não há motivo para tanto! Prometo que volto para pagar!

— Você acha que pode invadir meu restaurante e ainda sair ilesa?

Estava quase aos prantos com todos os rostos olhando para nós — uns estavam rindo; outros, tampando os narizes; e outros ainda, brincando com Bob. Ouvi, então, uma voz masculina, bem familiar, que veio em meu socorro.

— Deixe a moça! Eu pago por tudo, foi somente um acidente e não tão sério assim.

— Obrigada, senhor! Mas me dê seu telefone que prometo lhe devolver tudo! — Falei.

— Não será necessário!

— Eu faço questão, por favor!

O senhor bondoso fez o pagamento, me deu seu telefone, por muita insistência minha, e ainda me ajudou a retirar o Bob para fora, que foi sem

resistir!

— Obrigada mais uma vez, senhor...

— José Flores. E a senhorita?

— Paloma Ayres. Muito prazer, senhor José, e obrigada, mais uma vez. Não é sempre que encontramos pessoas tão gentis!

— A seu dispor. Vá com cuidado!

Despedi-me, olhei bem para seu rosto e seu porte me lembrou muito o de alguém que não consigo identificar.

— Bob, volte bonzinho, por favor! Já esgotei minha cota de trapalhadas. E tudo isso será um segredinho nosso, não quero que o Enrico pense que está namorando um maluca.

Ao passar pela portaria, fui interrompida pelo porteiro.

— Senhora, que fedor horrível! Tire, por favor, esses sapatos para não sujar o saguão inteiro.

— Só cuide do Bob um pouco, por favor!

Voltei para a rua e não teve jeito — não podia levar esses sapatos para o apartamento do Enrico — , joguei meus scarpins na lixeira e torci para ainda estarem lá quando eu fosse embora. Quando retornei, o Bob estava calmamente sentado aos pés do porteiro, mas quando me viu, se agitou e se soltou, correndo em minha direção. Porém, em vez de me derrubar, deu uma rasteira na vizinha bruxa do 501, que saía toda pomposa do elevador. Dessa vez, até gostei.

— Olha aqui, sua invasora, vou falar com o síndico para proibir sua entrada no prédio e expulsar esse pulguento.

— Foi acidente e você não tem poder para tanto.

— Pergunta para seu namorado se não exerço um grande poder, principalmente na cama dele.

Para não pular em seu pescoço, fiquei contando até mil e tentei me

afastar, mas escutei.

— Quando ele cansar de brincar de casinha, é para minha cama que vai voltar. Vê se rala sua vagaba!

Sabe aquele dia que tudo ia bem e tudo desanda, aí você precisa só de uma desculpinha para explodir? Então esse foi o meu momento, não sei o que deu em mim, nem do que ela me xingou, mas voei para cima dela, puxando seus cabelos. Ela tentou se defender e caímos as duas no chão, rolando. Enquanto o porteiro tentava me tirar de cima dela, o Bob uivava e, de repente, quase todo o prédio assistia à briga no saguão.

Lembrei-me de que estava envergonhando Enrico e a larguei; ela me olhou incrédula e fez uma ameaça velada. Puxei o Bob, que finalmente me obedeceu, e saí sem olhar para os lados, mas pelo canto dos olhos vi algumas pessoas me cumprimentando; parecia que eu não era a única a detestá-la.

Já no sétimo andar, quando cheguei à porta, procurei as chaves e não encontrei —devia ter perdido durante a corrida com o Bob. Tentei a sorte no apartamento do Ângelo, mas ele ainda não havia chegado. Estava cansada, acabada, descalça e descabelada e não sabia o que fazer; sentei-me em sua porta e só me restou esperar.

— Hum! Enrico! Que diferente! Aiii, que bom... — Ops.... Não era ele, era o Bob, que estava me lambendo, e senti uma coisa me cutucando nas pernas, então percebi que se tratava da bengala do Sr. Ângelo. Ele estava me acordando, e percebi que eu estava dormindo no corredor, abraçada ao Bob. Olhei para cima e tinham vários pares de olhos me observando. Escutei titia esbravejar:

— Paloma! O que você aprontou dessa vez?

Quando ia responder, escutei o click do elevador e as portas se abriram, dando passagem a Enrico e ao síndico, que me olhava incrédulo, sentada no chão, sem entender nada.

— Paloma... o que aconteceu agora?

Ai, mundo cruel! Alguém podia me dizer, por que essas coisas só aconteciam comigo?

FOI SEM QUERER, QUERENDO

Narrei todos os acontecimentos da noite anterior de uma vez só; omiti somente a parte da bruxa do 501, isso eu iria resolver com o Enrico depois, era melhor todos reunidos ali, assim, poupava meu tempo e podia ir para dentro de um buraco e nunca mais sair de lá.

— Ela só esqueceu do detalhe de que quase arrancou os cabelos da Marlene, no saguão do prédio.

Ah, dedo duro, esse síndico, viu?!

— A Marlene solicitou uma reunião de condomínio para proibir a entrada dessa moça no prédio e ainda a expulsão do cachorro.

— Então, também quero o mesmo! Avise a ela que posso processá-la por perseguição, calúnia, injúria e preconceito. — Enrico estava impaciente e o tom ameaçador de sua voz fez o síndico ponderar o que falaria.

— Não será necessário nada disso, vamos somente garantir que a paz do condomínio seja restabelecida e que ambas as partes não se falem novamente.

— E quanto ao Bob, também posso processar o condomínio, pois tenho direitos legais de transitar com o cão guia. — Sr. Ângelo também se exaltou.

— Vamos deixar tudo isso para lá, considerando que esses incidentes nunca haviam ocorrido antes. Passar bem! — O síndico saiu, mas sua cutucada não me deixou ilesa. Mais uma vez, fui eu quem fez toda essa bagunça e ainda estava envergonhando o Enrico.

— Paloma, estou indo, quer ir embora comigo? — Titia perguntou,

percebendo minha tristeza.

— Ela fica! Mais tarde a levo para casa! Tudo bem? — Achei que o Enrico iria querer se ver livre de mim, mas ainda queria que eu ficasse. Despedi-me do Ângelo e da tia Selma, então entrei com o Enrico.

— Me desculpe por tudo isso!

— Já conversamos sobre essa sua mania de ficar se desculpando.

— Não perdi o costume ainda... Com o “finado”, eu estava sempre errada, ele nunca ouvia meu lado da história.

— Eu não sou ele! E gostaria que você não nos comparasse novamente!

Aiii, se antes não tinha deixado ele nervoso, agora consegui, mas, também, por que não ficou de boquinha fechada, viu?! E o fantasma do Cadu tinha que ressuscitar logo agora!

Enrico foi tomar banho e eu fiquei amuada no sofá, refazendo cada passo meu, para tentar entender onde eu errei. Quando ele saiu do banho e me viu quietinha, veio ao meu encontro e me abraçou.

— Não gosto quando você me compara com aquele cretino, mas entendo que de certa forma você vai carregar alguns traumas por um tempo e te prometo que irei me esforçar para apagar essas marcas. E eu confio em você, acima de qualquer pessoa. Primeiro, irei sempre ouvir sua versão e, até que se prove o contrário, acreditarei na sua palavra.

— Ownnnnn, obrigada! Mas me sinto culpada por estar te envergonhando.

— Paloma, você consegue imaginar o que é minha vida, ou como era antes de te conhecer? Você trouxe alegria, divertimento. Antes de chegar em casa hoje, tive um plantão horrível, no qual a morte mais uma vez esteve presente. Então, quando encerrou minha noite, eu só pensava em voltar para casa, para te encontrar, fiz uma lista mental de possibilidades de atrapalhadas suas e não cheguei nem perto. Entende?! Você trouxe luz para onde antes só havia escuridão!

— Tá vendo? É por isso que sou tão azarada. Já gastei toda a minha cota de sorte com você!

— Só você mesma, minha maluquinha! Agora vamos tomar o café da manhã, que preciso descansar um pouco.

— Que horas temos que buscar a Carmen?

— Três da tarde, por quê?

— Hum... é que aconteceu um probleminha com meus sapatos e não tem nenhum na minha mala.

— Não vou nem perguntar o que aconteceu com eles. Pegue um da Carmen, então!

Nenhum coube em mim, ficaram enormes e voltei triste para sala.

— Não dá, são bem maiores. Você terá que buscar a Carmen sozinho, não posso sair por aí, descalça!

— Me espere voltar, então?

— Hum.... Queria ir pra casa, tudo bem?

— Te deixo lá, então, antes de ir para o aeroporto. Mas aconteceu algo?

— Nada não, só preciso cuidar de umas coisas antes do churrasco de amanhã.

— Tudo bem, mas vai passar a noite aqui?

— Sim, já estou com saudades de dormir agarradinha com você.

Ele ficou um pouco cismado com minha vontade repentina de ir para casa, mas não podia contar que precisava muito ir ao banheiro e meu intestino simplesmente não funcionava na casa dele, já estava até inchada, porque travei mesmo. Gente, até nisso era complicada, viu?!

Depois que ele descansou e almoçamos, fiquei em casa enquanto ele

foi buscar a Carmen. Titia até estranhou minha chegada repentina, mas, quando me viu passar feito um furacão para o banheiro, começou a rir e ficou falando:

— Realmente, Loma, você não poderia ir morar na casa dele, senão iria morrer entupida!

— Tia, por favor, eu não consigo com a senhora tagarelando aí fora.

— Tem coisas que não mudam nunca mesmo!

Mais tarde e uns cinco quilos mais leve, estava no meu quarto, dando uma faxina no pó que se formou com a minha ausência, e percebi um movimento vindo do lado de fora. Ao olhar pela janela, vi que vinha da casa do Cadu e identifiquei na hora que se tratava dos preparativos do seu casamento.

A Cidinha Campos corria de um lado para o outro parecendo perdida e, por muito pouco, não desci para ajudá-la. Só não o fiz porque era capaz de ela achar que estava espionando.

Sempre achei aquele quintal perfeito para uma cerimônia, mas, toda vez que tocava no assunto, a dona Ezalba alegava que não iria estragar seu gramado com um monte de gente pisoteando nele.

Agora tinha um monte de pessoas trabalhando, montando coisas, carregando flores e caixas. Até que estava ficando bonita a decoração, mas eu teria feito muito diferente.

Quando olhei através da janela, o Cadu estava parado me observando; parecia até triste. Ele estava vestido de smoking, mas, ao olhá-lo, não consegui sentir nada, nem pena. Na verdade, comecei a rir desembestada, porque ele estava parecendo um pinguim de geladeira. Tentei fechar a cortina e ele fez sinal para eu esperar e ficou apontando para um canto da minha janela. Não estava entendendo nada; abri o vidro e coloquei a cabeça à procura do que ele mandou. Achei colado junto ao batente uma rosa e uma carta. Peguei e, antes de fechar a janela, vi uma lágrima solitária descer por sua face e, chegando em uma carruagem, a Fabiana. Isso mesmo, vocês não leram errado, ela estava chegando em uma carruagem de verdade e seu

vestido era tão grande e espalhafatoso, que parecia que ia ser engolida por ele. Ela me viu e se levantou, pronunciando, bem alto, que conseguiu e que era para eu ficar ali assistindo de camarote a felicidade deles. Eu, hein?!.... Isso vai me dar é azar.

Fechei a janela e os vidros, liguei o som para não ouvir mais nada vindo lá de fora e procurei por algum sentimento, mas não senti nada. Porém, quando evoquei em minha memória a imagem do Enrico, meu coração começou a bater descontroladamente e entendi como o destino agia em nossas vidas. Se não tivesse passado por tudo aquilo, hoje não estaria ao lado de um amor verdadeiro e a única coisa que queria era ficar com ele.

Coloquei a rosa em um vaso solitário, afinal, rosas eram rosas, e abri a cartinha que continha uma única frase, que identifiquei ter sido tirada de uma música sertaneja:

“Estou casando, mas o grande amor de minha vida é você! ”

Era tão injusto da parte dele só fazer isso agora, que já era tarde demais. Passei tanto tempo sonhando com essas palavras e agora não me diziam mais nada.

Voltei para sala e titia estava na janela, rindo igual a uma hiena, junto com o Ricky, dos vestidos das convidadas e os comparando com todas as leguminosas que ela conhecia. O da Ezalba ela classificou como uma berinjela; a irmã do Cadu, como uma alcachofra. E, quando fui olhar, realmente estavam muito parecidas. Mas não sentia vontade de rir, sentia dó daquelas pessoas tão vazias e superficiais.

— Que foi, maninha? Não vai me dizer que está triste com o casamento do nanico!

— Claro que não! Desejo realmente que eles sejam felizes, afinal, tem um bebê a caminho.

— Então, já está com saudades do bofe. Eu também fico assim, igual você está, quando estou longe do Mário.

— Estou um pouco indisposta, só isso!

— Claro, ficou tanto tempo segurando o “refém”, que ficou até inchada. — Titia não perdia uma oportunidade de me esgrachar.

— Tia, posso chamar mais uma pessoa para o churrasco?

— Quem seria?

— Teve um senhor, ontem, que me ajudou e gostaria de retribuir o gesto dele, convidando-o.

— Se é assim, claro que pode, somente se certifique de que não é nenhum *serial killer* antes de convidá-lo!

— Ai, tia! Só a senhora mesmo.

Ricky perguntou o que aconteceu. Conteí de forma rápida e bem resumidamente os acontecimentos da noite passada, e ele disse que Enrico devia ser um anjo para ter tanta paciência comigo. Mostrei a língua para ele e fui ligar para o senhor José.

Ele aceitou e ainda disse estar feliz por fazer novas amizades. Comuniquei titia que ficou feliz também. Acho que ela estava querendo arrumar um namorado também, porque a primeira coisa que me perguntou era como ele era e se tinha uma esposa.

— Tia, a senhora acha que vou perguntar uma coisa dessas? Amanhã a senhora faz seu interrogatório.

Estava ansiosa, esperando pelo Enrico, que chegou no início da noite, acompanhado da Carmen. Titia e Ricky correram para cumprimentá-la e saber das novidades. Ela estava muito feliz, voltou apaixonada pelo Rio de Janeiro e tinha conseguido fechar alguns contratos para editoriais e desfiles. Só o Enrico que parecia preocupado com alguma coisa, mas acreditava que devia ser com a segurança da irmã. Ele se aproximou de mim e perguntou carinhosamente se eu tinha conseguido resolver o que queria, mas, como minha família não perde uma oportunidade de me constranger, titia falou:

— Resolveu, e como resolveu! — Ela e Ricky começam a rir e o Enrico não entendeu nada.

Contei para ele que havia convidado o senhor que me ajudou na noite passada, ele concordou e disse que se era meu amigo, seria dele também.

Fomos todos para o apartamento do Enrico, exceto titia, que queria descansar. Mário chegou e o Ricky não se aguentava de alegria. Carmen estava tão deslumbrada que não parava de narrar, misturando o português e o espanhol, os acontecimentos de sua semana no Rio de Janeiro. Já o Enrico parecia calado e distante. Quando perguntei a ele o que estava acontecendo, ele disse que só estava cansado e ansioso para ficar sozinho comigo.

Após lancharmos, Carmen quis se recolher, alegando estar cansada da viagem. Ricky e seu namorado foram embora, dizendo que iriam matar as saudades, e eu finalmente fiquei sozinha com meu moreno. Porém, apesar de Enrico estar mais carinhoso do que nunca e nossa noite ter sido maravilhosa, ele continuava distante. Ficava me olhando, como se estivesse me memorizando; senti uma dor tão aguda no peito e o medo de perdê-lo se tornou mais forte que minha sanidade gostaria.

— Sou eu? Foi algo que fiz?

— De onde você tirou isso?

— Você está tão quieto, que fico me perguntando o que fiz dessa vez.

— É claro que não fez nada, já te disse que você só me traz alegria.

— Então, o que é?

— Desculpe, não queria preocupá-la, é que estou em um dilema que não sei como resolver. Mas deixe isso para depois, temos a noite inteira pela frente e ainda não matei minha fome de você.

Humm.... Fazer o que, a proposta era irrecusável. Guardei a pulguinha que está atrás de minha orelha e iria aproveitar.

Acordamos juntinhos, sem o despertador. O dia estava bonito e claro. Tomamos café, depois a Carmen se juntou a nós, ainda estava totalmente deslumbrada.

— Carmen, com você fechando todos esses contratos, quem cuidará

de *nuestra madre*?

— Ryco, amo *mi madre*, mas *tengo* que cuidar de *mi* vida para não *quedar* triste como *ella*!

— Tudo bem, está certa, darei um jeito!

Acabei de descobrir o motivo de seu dilema: ele estava preocupado com sua mãe, que luta contra a depressão há anos, como já contou. Agora que Carmen estava alavancando a carreira, não devia ter quem cuidasse dela. Senti um pouco de alívio por não ser eu o problema dessa vez.

Fomos para minha casa, próximo ao almoço. Carmen foi ajudar agora seu melhor amigo Ricky; Enrico e eu fomos expulsos da cozinha por titia, e então resolvi mostrar a ele meu quarto (claro que no dia anterior tinha escondido metade da bagunça dentro dos armários já bagunçados).

— Parece o quarto de uma menina! Para que guarda tantas bonecas?
— Ele perguntou ao ver uma prateleira repleta de Barbies e bonecas de todos os tipos.

— Sei lá, sempre tive o sonho bobo de deixar para minha filha, se um dia eu tiver uma!

— Sonhos nunca são bobos, fico feliz que tenha essa vontade; já pensou uma menininha linda como você?

— Você quer ter filhos?

— Confesso que só pensei na possibilidade depois que te conheci, mas primeiro vamos namorar bastante, viajar, aproveitar! Depois enchemos a casa de filhos!

Fiquei tão emocionada por ele fazer planos para nós, que não consegui nem responder, somente pude beijá-lo e abraçá-lo.

Mas, como alegria de pobre dura pouco, no dia anterior joguei a carta do Cadu em algum canto do quarto, que não lembro onde, e ela acabou se materializando sobre o colchão, bem na hora que pulei sobre o Enrico.

Ele pegou o bilhete, leu, fez uma cara de desgosto e perguntou:

— Você tinha a intenção de me contar sobre isso?

— Não teve importância nenhuma, por isso achei irrelevante contar.

— Irrelevante? O cretino faz uma declaração atrasada e você não me diz nada.

— Escute! Não teve significado nenhum, além da confirmação de que ele realmente é um cretino! Você precisa confiar em mim!

— Tudo bem. É que fico cego de ciúmes! Mas, por favor, não me esconda mais nada, mesmo se achar irrelevante.

— Ok. Agora podemos voltar de onde paramos?!

— Nem pensar! Com a sua tia passando lá fora... Além do mais essa cama é muito pequena para nós dois!

Levantei-me e fiz uma cara de descontentamento, ele me puxou e falou pertinho do meu ouvido:

— De noite. Em casa. Em nossa cama! Prometo te amar até amanhecer, *señorita*.

Não sei se aguentaria esperar, porque já virei gelatina somente com sua promessa e meu coração estava tão descontrolado que parecia que saltaria pela boca. Mas fui trazida de volta à Terra, pelos berros de titia, comunicando que a Mel já havia chegado e que o Thor queria invadir o quarto me procurando.

— Está vendo? — Enrico me disse e fomos para o quintal nos juntar aos nossos amigos.

Suzana, amiga da tia Selma, também já havia chegado e estava sentada à mesa, morrendo de rir das histórias do Sr. Ângelo, enquanto Bob descansava sob um raio de sol, aos pés dele (cachorro sapeca, nem parecia o mesmo que me aprontou todas uma noite antes).

Mário estava na churrasqueira com um avental superengraçado, de músculos desenhados. Ricky e Carmen cortavam aperitivos e ela ainda estava contando, deslumbrada, sobre as fotos que fez. Mel, João e Thor já beliscavam os aperitivos. Quando o Thor me viu, correu para o meu colo.

— Tia Loma, trouxe um monte de dinossauros pra gente brincar.

— Fala oi para o tio Enrico, primeiro, que já vamos brincar.

— Oi, tio Enrico, você não é chato igual o tio baixinho, né?! — Thor perguntou. Cadu costumava ficar nervoso quando eu brincava com o garotinho, dizendo que eu parecia uma criança menor que ele.

— Bem, eu acho que não! E se quiser, também posso brincar com seus dinossauros — Enrico respondeu e meu coração se enche de alegrias.

— Tia Loma, pode casar com esse tio grandão, tá bom?

Todos deram risadas e me sentei no chão para brincar com ele. Fiquei imitando os sons dos bichos do jeito que o Thor gostava e o Enrico ficou conversando com o João e me observando com um sorrisinho bobo no rosto.

A campainha tocou, titia saiu para atender e voltou, toda alegre, com um buquê de flores amarelas.

— Paloma, seu amigo chegou!

Levantei-me para cumprimentá-lo, agradecendo por ter vindo.

— Que bom que o senhor veio! Vou apresentá-lo a todos!

— Senhor José Flores, esse é meu namorado.

Ao olhar para o Enrico, vi que ele estava com semblante fechado, dava para perceber sua mandíbula contraindo-se e suas mãos fechando-se em punho, enquanto ele encarava o senhor José, que o estava olhando com admiração. Ao vê-los assim, parados frente a frente, percebi o mesmo porte atlético, a altura bem parecida, os ombros largos e os traços semelhantes. Quando a compreensão tomou conta de mim, ouvi o Enrico dizer:

— Prazer! Sou Enrico Álvarez Flores!

NÃO ADIANTA FUGIR

Ambos ficaram se encarando, mas nada disseram. Para quebrar o clima, levei o Sr. José para apresentá-lo aos outros.

Enrico deixou a varanda transtornado, e o Sr. José olhou com tristeza para mim, mas nada disse. Ele logo se enturmou e engatou uma conversa animada com o Sr. Ângelo, que adorou ter mais alguém para compartilhar suas histórias. Eu os deixei conversando e fui atrás do Enrico; o encontro em meu quarto, sentado em minha cama, com o olhar perdido em pensamentos.

— Oi? — Falei baixinho, após alguns minutos, esperando por uma reação dele.

— Você sabe como meu pai se chama, Paloma?

— Não, você nunca me contou.

— José, José Flores! Me diz, por favor, que você não fez de propósito!

— Como poderia? Eu não tinha nenhuma informação sobre isso, foi uma coincidência! Mas você tem certeza?

— Paloma! Cresci olhando para a foto dele e ouvindo o choro de minha mãe chamando por esse nome.

— E, agora, vocês precisam conversar!

— Não mesmo! Não tenho nada para falar com esse homem!

— Enrico, não seja tão orgulhoso! Ouça ao menos a versão dele para tirar uma conclusão.

— Não insista! E esse assunto acaba aqui! Vamos, é inconveniente nós dois trancados aqui e os convidados lá fora!

Ô homem turrão, viu?! Agora fiquei entre a cruz e a espada; ele voltou para a varanda, não demonstrou nenhum ressentimento e interagiu com todos, principalmente com Thor, que resolveu que o doutor tinha que consertar seus dinossauros. Mas, toda vez que o Sr. José se aproximava, Enrico dava uma desculpa qualquer e se afastava. E quando estava conversando comigo, ele ficava me encarando, como se eu tivesse cometido um erro mortal. Algo me digam: tinha coisa errada nessa história toda né? Um homem aparentemente tão bondoso não combinava com a versão contada pelo Enrico.

Esse problema todo me fez lembrar de meu próprio pai e a saudade bateu forte no peito. Fazia tanto tempo que não o via, nem falava com ele, e eu mesma não entendia o porquê. Ele ligou várias vezes, me convidou para voltar para nossa cidade, mas sempre estive ocupada demais ou correndo atrás do Cadu, então o deixei de lado, talvez por mágoa ou ciúmes, mas agora a única coisa que queria dele era um abraço, da mesma forma que ele fazia quando eu era pequena e chegava do serviço. Primeiro me abraçava, depois me colocava no colo, contava sempre como havia sido o seu dia e só depois é que ia descansar. Ah! Ele também abraçava mamãe, a beijava ternamente e dizia que tinha morrido de saudades dela. Era tão bonito de se assistir! Sempre sonhei em viver um amor parecido e acredito que encontrei. Agora só me restavam as lembranças, mas consertaria isso, iria falar com Enrico se podíamos ir visitá-lo, assim, aproveitava e os apresentava.

— Loma! O Enrico é ciumento, hein?! Toda vez que você se aproxima do Sr. José, só falta sair fogo dos olhos dele! Aliás, tirando a cor da pele e dos olhos, eles são parecidos, né? — Mel, com toda a sua perspicácia, foi a única a notar algo de errado, porém não falei nada, somente dei de ombros, como se estivesse concordando, pois ainda precisava entender qual era meu papel nessa história.

O almoço transcorreu bem. Tirando o desconforto da situação, todos se divertiram. Demos muitas risadas e quase virou um chá da tarde. Antes do início da noite, começamos a nos dispersar. Mel foi a primeira a se despedir, carregando Thor totalmente adormecido, depois de ter brincado a tarde toda com o tio Grandão; Ricky estava se despedindo de Mário, que precisava voltar para sua pousada no litoral. Suzana, após ajudar titia na limpeza, saiu acompanhando o Sr. Ângelo, dizendo que o levaria em casa.

Carmen estava conversando animadamente com o Sr. José, quando o Enrico a chamou para ir embora.

Não sei o que me deu, mas acreditei que precisava deixar os dois sozinhos e a chamei Carmen para ir conhecer meu quarto.

Fui espiando pelo canto do olho. O Sr. José estava admirado e olhando para o Enrico, que mantinha o semblante fechado. Eu ouvi meu namorado perguntar:

— Você sabe quem sou?

— Sim, venho te acompanhando há algum tempo, esperando por uma oportunidade de lhe falar.

— Há quanto tempo?

— Desde que me mudei para seu bairro, aproximadamente há um ano. Só não sabia como abordá-lo.

— Então, usou minha namorada para chegar até mim!

— Claro que não! Foi coincidência, mas já tinha visto vocês dois juntos. Será que podemos conversar, marcar um encontro?

— Não! E não tenho nada para falar com o senhor!

— Tenho tanto para lhe explicar, meu filho!

— Não me chame assim! Perdeu seu direito quando nos abandonou à própria sorte! — Dito isto, Enrico virou as costas e saiu sem olhar para trás.

Carmen e eu, que observávamos tudo de um canto, ficamos atônitas com a cena que presenciamos, enquanto o Sr. José permaneceu onde estava com uma lágrima solitária descendo pela face.

Fomos até ele e, somente neste momento, foi que Carmen se deu conta da semelhança entre eles, lembrando-se de que já havia visto sua foto.

— *Dê tiempo para Ryco, mi hermano é muy cabeça dura!*

— Isso, Sr. José, dê tempo ao tempo, vá para casa descansar e deixe-o digerir a novidade. — Entreguei o número de meu telefone a ele e o acompanhei até a porta. Ele me agradeceu e disse:

— Quando fui ao seu socorro, realmente queria te ajudar, não tinha segundas intenções. Hoje, devo confessar que vim com o coração cheio de esperanças que pudéssemos conversar. Me desculpe!

— Não há do que se desculpar! Adorei conhecê-lo e espero sinceramente que as coisas se acertem.

— Meu filho tem muita sorte de ter uma namorada linda e generosa como você! — Falou se despedindo.

Fui à procura de Enrico e não o encontrei em nenhum lugar.

Carmen também não achava o irmão e nem o carro no qual ele veio. Como começamos a ficar preocupadas, pedi a tia Selma que nos levasse ao apartamento dele. Ela concordou, mas antes me deu uma bronca, dizendo que precisava tomar vergonha e aprender logo a dirigir.

Ele também não estava em seu apartamento; aguardei um pouco e, como ele não aparecia, resolvi ir até o Sr. Ângelo para ver se ele tinha alguma notícia.

Toquei a campainha, ele abriu e o Bob se agitou quando me viu. Ângelo, não sei como, já sabia que era eu, e apontou na direção da janela da sala.

Encontrei Enrico lá, com o olhar perdido no horizonte. Ele percebeu minha presença, me puxou para sua frente, passando os braços ao redor de mim, e, assim, ficamos algum tempo quietos, contemplando a vista da janela do Sr. Ângelo.

— Me desculpe por ter lhe deixado para trás, não foi nada gentil de minha parte. — Ele sussurrou, me puxando para a porta. Antes de sair, ele falou ao Sr. Ângelo: — Obrigado, mais uma vez, pelo ombro amigo, mas acredito que desta vez não irei considerar seus sábios conselhos.

— O tempo tem a resposta para tudo! Não tranque a mágoa em seu

coração! — Tive vontade de correr até ele e apertar suas bochechas. Oh, senhorzinho fofo, viu?! Mas não deu, porque o Enrico estava me segurando tão forte, como se eu fosse fugir!

Já no apartamento de Enrico, Carmen se aproximou e somente abraçou o irmão carinhosamente, mas, antes de se recolher, falou-lhe que ter um pai vivo era uma dádiva que ele não deveria desperdiçar!

As palavras dela tocaram fundo em mim também e decidi, assim que tivesse um final de semana sem evento, ir visitar meu pai. Por sua vez, Enrico permaneceu carrancudo e calado. Não quis forçar a barra, somente fiquei o tempo todo ao seu lado lhe dando apoio. Quando ele quisesse se abrir, eu estaria aqui.

Perguntei a ele se queria ficar sozinho, ponderei ir para casa para lhe dar mais espaço, e ele respondeu:

— Somente se você quiser, porque o que mais preciso é do sentimento de paz que encontro em seus braços!

Ownnn... estão vendo os coraçõezinhos flutuando saindo de mim? Bem... seu pedido era uma ordem!

Tomamos banho, fizemos um lanche, aliás, eu andava faminta! Agora que tudo se ajeitou, meu apetite voltou ao normal.

Nós nos recolhemos em seu quarto. Ele deitou a cabeça em meu colo, como se fosse uma criança carente, e ali ficou, enquanto eu lhe fazia cafuné. Não sei precisar por quanto tempo permanecemos ali quietos, até que ele resolveu quebrar o silêncio:

— Sabe, por anos alimentei o desejo de encontrá-lo, não para conhecê-lo, mas sim para lhe mostrar que, apesar da covardia dele, nós sobrevivemos e nos tornamos pessoas melhores do que ele foi capaz de ser.

Sinto que Enrico precisava desabafar e não o interrompi.

— Lutei, me esforcei ao máximo para ser uma pessoa bem-sucedida e cuidar da minha família e de *mi madre*. E, de certa forma, consegui! Agora, é tão injusto esse homem aparecer assim, como se não tivesse feito mal a

ninguém! Enquanto eu era uma criança inocente, sonhava com o dia em que ele voltaria para cuidar de nós, mas, conforme os anos passaram, ele não voltou e, noite após noite, fiquei acordado ouvindo o choro convulsivo de minha mãe chamando por seu nome; assim, passei a alimentar o ressentimento e o desprezo. Cheguei ao cúmulo de jurar nunca me envolver com ninguém para não me permitir tal sofrimento. E agora ele simplesmente aparece? Sei, Paloma, que acha que devo a ele a oportunidade de deixá-lo se explicar, mas não posso! Não quero! Não sou uma pessoa má. Somente não sou idiota!

— Tudo bem, Enrico. Entendo seu lado e vou apoiá-lo sempre, mas acredito que toda história tem dois lados. Talvez você deva ouvir o outro lado.

— O lado que conheço desta história já é o suficiente para me manter distante desse homem!

— E para sua mãe, você vai contar?

— No que depender de mim, não! Agora, vamos encerrar esse assunto, porque mais cedo prometi te amar a noite inteira.

— Tem certeza? — Perguntei desconfiada, sabendo que ele queria fugir do assunto.

— Sempre!

Mas quem resiste, né?

Acordei na segunda um caco, depois de uma noite *hiper caliente*, na qual parecia que o Enrico estava tentando não pensar em mais nada. Quando fomos dormir, ele continuava inquieto, virando de um lado para o outro na cama. Levantou muito cedo e disse que precisava se exercitar. Nossa! Depois de todo o exercício da noite, eu não conseguia nem abrir o olho e ele ainda ia correr! Vai entender, viu?!

Quando retornou, eu estava jogada no sofá, faminta, assistindo a um programa matutino.

— Carmen já levantou?

— Ainda não.

— Vamos tomar café, quando sentir o cheiro da comida ela levanta!

Estava tão cansada e indisposta, que permaneci ali e Enrico trouxe da cozinha uma bandeja com meu café da manhã. Ele não é um fofo?

Não demorou muito, Carmen levantou, alegando estar faminta.

— Carmen, hoje irei com a Paloma ao asilo onde presto serviço. Você tem trabalhos agendados?

Ela respondeu que não e que iria aproveitar para tentar falar com o irmão deles a fim de ter notícias da família e contar as novidades.

Um pouco mais tarde, fomos até o asilo e, assim que Enrico chegou, os velhinhos fizeram a maior festa. Ele me apresentou como sua namorada e todos ficaram encantados com a mulher do “doutor”.

Enrico me apresentou um a um. Ele conhecia cada um por seus nomes e sabia de suas histórias de vida. Fiquei tão deprimida, queria entender o que levava uma família a abandonar uma pessoa idosa assim, à própria sorte. Alguns, há anos, não recebiam visitas ou tinham notícias de seus filhos e netos. Nessa parte, me senti até culpada, pois fazia tempo que não visitava minha vizinha, mãe de meu pai.

Quando Enrico saiu para o consultório, a fim de iniciar os atendimentos, fiquei sozinha com vários velhinhos ansiosos e carentes, olhando com admiração para mim.

Pensei em mil coisas para fazer, mas não tinha jeito para nada. Uma das senhoras reclamou que não conseguia mais ler e daria tudo para ler um bom livro. Então, tive a ideia de lhes contar uma história. Tirei um romance da bolsa, chamado *Água para Elefantes*, da autora Sara Gruen. Já li este livro, e não sei o motivo de tê-lo pego hoje, mas veio muito a calhar. A história era linda e envolvente. Jacob, o personagem principal, passou boa parte da narração em uma casa de repouso também. Comecei a ler para eles, fui imitando as vozes, fazendo um pouco de suspense e drama, assim consegui entreter a todos, envolvendo cada um na história do livro.

A tarde passou tão rápido que nem percebi, quando o Enrico chegou para me buscar. Na hora de ir embora, eles me perguntaram, com expectativa, se eu voltaria na próxima semana, pois precisavam saber o que iria acontecer com o circo, com o casal Jacob e Marlena e com a elefanta Rosie.

Um velhinho muito fofo falou para o Enrico:

— Um homem tão bom não merece menos do que uma companheira tão linda e bondosa quanto ela! — Owenn... Dou um abraço apertado nele e fui me despedindo de cada um, prometendo voltar na próxima segunda para terminar o livro e trazer muitos outros.

Quando saímos, Enrico me perguntou o que achei da experiência.

— Maravilhosa! Revigorante! Estou me sentindo ótima e útil, como nunca me senti antes. E ainda mais feliz, por achar algo que sei fazer bem, além de organizar casamentos.

— Paloma, já te falei que é talentosa em muitas coisas, principalmente por me deixar louco por você!

Pulei em seu pescoço e o agarrei, distribuindo beijos por toda parte, abraçando e expressando por gestos tudo que não conseguia colocar ainda em palavras.

— Minha maluquinha! É melhor parar, porque não consigo resistir a você e estamos na rua.

— Verdade! Vamos para sua casa, então?

— Você anda insaciável, hein... *mi Señorita*? — E como seria diferente? Ele usava esse sotaque só para me provocar.

Tudo estava bem. Voltamos caminhando para seu apartamento, que era bem próximo, e ainda tínhamos umas duas horinhas até ele ir ao plantão. Fomos conversando e nos provocando o caminho todo. Ao chegar à praça próxima a casa deles, avistamos o Sr. Ângelo sentado no banco da praça com o Bob, conversando com um homem. Enrico estancou quando nos aproximamos e viu que se tratava do Sr. José. Ele falou rispidamente:

— Não adianta usar meus amigos para chegar a mim! Eu não quero saber de você, entendeu? — Então, ele saiu em disparada para seu apartamento, nos deixando atônitos com sua explosão.

Sr. Ângelo foi quem explicou:

— Sempre conversamos nesse horário, quando o Sr. José chega de sua obra. Nós não sabíamos que tínhamos esse assunto em comum!

Sr. José olhou com melancolia para mim e se desculpou.

Não aguentei aquela situação e pedi para ele me procurar mais tarde, em minha casa, para conversamos. Sabia que Enrico ficaria muito nervoso, mas sentia também que precisava fazer algo. Tanto rancor não combinava com o homem lindo pelo qual me apaixonei.

ENCONTROS E DESENCONTROS

Subi ao apartamento, cheia de culpa, e encontrei Enrico discutindo com a Carmen, dizendo que eles eram dois filhos ingratos por abandonar a mãe precisando de cuidados.

E ela o chamava de egoísta por esconder da mãe que haviam encontrado o grande amor da vida dela. Quer dizer... foi tudo o que entendi, pois eles estavam falando em espanhol e somente identifiquei algumas palavras, além disso nunca vi o Enrico tão alterado!

Fiquei esperando ambos se acalmarem e, quando perceberam minha presença, cessaram a discussão. Carmen sorriu para mim e o Enrico suavizou as feições, dizendo que eu não precisava ficar assustada, que aquilo era normal e que eu nunca tinha visto uma discussão dos cinco irmãos juntos.

— Como posso saber? Não tenho irmãos e sempre fui muito sozinha — falei, dando de ombros. Ele se aproximou, me abraçou e ficamos um tempo ali, juntos, desfrutando a sensação de união e de compaixão.

— Enrico, quando será sua próxima folga? — Perguntei.

— No feriado.

— Será que podemos visitar meu pai? Quero te apresentar a ele.

— Claro! Essa situação toda está mexendo com você, não é?

— Sim e não! Já tem algum tempo que quero vê-lo, estou com saudades dele e de minha vizinha.

— Tudo bem! Iremos no feriado, então.

— E outra coisa, você anda muito irritadiço ultimamente. — Falei, me soltando de seu abraço.

— Desculpe! Prometo que tentarei manter a calma. Além do mais, você não tem culpa dos meus problemas e nem faria nada para tentar uma aproximação com meu pai!

Opsssssss! E agora? Achei melhor concordar e fiz cara de paisagem, porque estava por um triz de enfiar o pé na jaca. Mas meu sexto sentido dizia que eu devia ouvir o que o pai dele tinha a dizer. E ele não falhava nunca!

Antes de ir para o plantão, ele me deixou em casa, dizendo que gostaria de chegar pela manhã e me encontrar esparramada em sua cama. Prometi a ele que tentaria dormir em sua casa o máximo de dias possível, mas a semana e o fim de semana seriam bem cheios de eventos e teríamos de ajustar nossas agendas para conseguirmos nos encontrar.

Fui ao encontro de tia, contei a ela os últimos acontecimentos e que iria visitar meu pai no feriado. Ela disse que já era hora de vê-lo, que o Rubens era uma boa pessoa e que amou muito minha mãe. Disse ainda que deveria tomar cuidado com a reação do Enrico se caso soubesse que eu iria conversar com o Sr. José.

O Sr. José chegou no horário combinado e tomamos café na companhia da tia. Ele era um homem muito amável e educado, como seu filho. Um pouco mais tarde, tia Selma resolveu ir falar com Suzana para que pudessemos conversar mais à vontade. Assim que ela partiu, ele disse:

— Não quero criar conflito entre você e o Enrico, lhe contarei tudo o

que quisesse saber, mas não precisa tomar nenhuma atitude em relação a nós, tudo bem?

Segurei sua mão, lhe dando apoio, e ele começou a falar como se estivesse perdido em lembranças.

— Conheci a Ana, mãe do Enrico, quando fui à Venezuela a trabalho pela estatal petrolífera da qual sou funcionário até hoje.

Fiz uma nota mental do nome da mãe do Enrico, que era o mesmo da minha mãe. Precisava falar com o ele da coincidência, sem me entregar a forma como descobri.

O Sr. José continuou com seu relato:

— Estava na praia, a caminho da plataforma, quando a vi caminhando pela areia. Ela estava com um vestido branco de renda, seus cabelos encaracolados soltos caíam sobre os ombros, conforme ela corria brincando com as ondas pequeninas, que quebravam sobre seus pés. Era tão linda! Com uma pele morena bronzeada de sol, que parecia uma visão! Acho que me apaixonei naquele instante. Infelizmente, como fiquei paralisado olhando-a, acabei chamando a atenção de meus amigos de trabalho, que passaram a observá-la também e já começaram a apostar quem seria o primeiro a conquistá-la. Um instinto protetor despertou em mim no mesmo instante e, naquele mesmo dia, fui à sua procura.

Ele olhou para mim com os olhos marejados, e o incentivei a continuar.

— Ela vendia artesanato junto com sua mãe, em uma feirinha local, e usei isso para me aproximar. Quando a abordei, ela abriu o sorriso mais lindo que já vi na vida. Parecia até que estava me esperando. Algum tempo depois, ela confessou que já havia me visto e ia à praia na intenção de me encontrar. Naquela noite mesmo a convidei para passear, e ela aceitou prontamente. O que ela tinha de linda, tinha de inocente. Demos nosso primeiro beijo na noite seguinte e soube, naquele momento, que ela era a mulher de minha vida. Então, passei a procurá-la todas as noites e tinha que lidar com os colegas de trabalho que não se conformavam com o nosso namoro. Conforme os dias passavam, eu me tornava mais apaixonado, e Ana mais deslumbrada com a

ideia de se tornar uma miss. Até que, certa noite, ela se entregou a mim! Eu já a amava loucamente, não a queria somente por uma noite, e sim por todas! Mas, para meu infortúnio, ela não quis casar e se candidatou para participar das eliminatórias do concurso de miss. Então, fui tão egoísta.... Me aproveitei de sua inexperiência e a engravidei, pois não queria nenhum obstáculo entre nós!

Ele fez uma pausa, tomou um pouco de água para se recuperar e pareceu se lembrar de algo bem doloroso.

— Mas ela não aceitou a gravidez! Falava que estragaria seu corpo. Eu tentava convencê-la de que continuaria linda. Após muita insistência, ela aceitou morar comigo. Queria muito cuidar dela e do nosso filho. Conforme a gravidez avançava e a barriga crescia, um amor incondicional tomou conta dela e foi ficando mais linda. Já eu, ia ficando cada vez mais ciumento e possessivo. Tinha um medo insano de perdê-la e meus colegas de trabalho não se conformavam de a ter tornado minha mulher e começaram com fofocas, umas piores que as outras.

Ele olhou com remorso e culpa para mim, e eu o incentivei a continuar.

— Você imagina o que é a desconfiança para uma pessoa ciumenta? Eu tentava ignorar as fofocas, mas quando o Enrico nasceu, com a pele morena e os olhos verdes, me tornei o alvo de chacotas, fiquei cego e acabei me deixando levar, mesmo sentindo que ele era meu filho e Ana fiel a mim. Um dia, meu chefe me chamou e disse que precisava me transferir para o Oriente Médio e que, devido às condições do país, não poderia levar mulher e filho. Neguei a promoção, não queria deixá-los! Então, ele insistiu que precisava de uma pessoa com minha experiência e me ofereceu um salário tentador. Ainda assim, não considerei a ideia, até ele contar que já havia se deitado com a Ana e que não era o único. O rancor me dominou e acho que seria capaz de matar todos eles. Então, para evitar uma tragédia, fui embora sem olhar para trás.

— O senhor nunca se arrependeu?

— Sim, no momento em que percebi que tinha sido manipulado. A saudade e o remorso por não ter acreditado nela doíam muito. Com o passar

dos dias, tentei voltar, mas um problema foi levando a outro, o país que eu estava entrou em guerra e tive muita dificuldade para retornar. Quando finalmente consegui, me trouxeram para o Brasil, porque devido às condições precárias em que vivíamos acabei muito doente. O tratamento foi longo e doloroso.

— Imagino que tenha sido muito difícil para o senhor também, passar por tudo isso sozinho!

— Sim! Mas aguentei firme, na esperança de reencontrá-la e pedir seu perdão. Já recuperado, voltei à Venezuela e Ana tinha deixado os filhos para ir tentar carreira em Miami. Foi quando conheci o Nico. Eu os vi brincando na praia e tive certeza de que eram meus filhos, mas a avó deles não me permitiu me aproximar.

— E o que senhor fez?

— Tentei dar uma ajuda financeira, que foi negada, então, fui atrás dela em Miami. Demorou para eu encontrá-la, tive que contratar um detetive amigo meu e você não imagina as condições em que a encontrei..., mas nessa parte não entrarei em detalhes... Ela achou que eu estava lá para usar os serviços que ela estava prestando e, depois de se entregar a mim, me expulsou. Só que não parti e gastei uma pequena fortuna para conseguir tirá-la de lá. Quando ela foi libertada, a coloquei no primeiro avião e depois tive que sumir do mapa por um tempo, pois mexi com gente perigosa para conseguir libertá-la.

Pensei comigo mesma que essa história daria um bom livro de romance. Ele continuou a falar:

— Então, finalmente, quando já não existiam mais riscos para nós, voltei à Venezuela com o coração cheio de esperanças para continuar nossa história de amor, mas a encontrei casada e feliz, e ainda me proibiu de ver meus filhos! Assim, tive que desistir, pedi transferência mais uma vez para outro país e permaneci sozinho até a minha aposentadoria.

— Mas o senhor falou que ainda trabalha na mesma empresa...

— Sim, só que hoje presto serviços por meio de uma pequena

empresa que montei.

— E como o senhor foi parar perto do Enrico?

— Quando me aposentei e montei a empresa, não tinha parado para pensar no quanto eu era solitário. Trabalhei muito para não dar vazão à tristeza, tive muitos casos, mas nenhum supria o buraco que a Ana deixou em meu peito. Então, minha empresa começou a dar muito lucro e pensei que, se eu morresse, não deixaria nada para ninguém e muito menos teria alguém para chorar em meu túmulo, e resolvi buscar o perdão de meus filhos. Fiquei sabendo, por meio de amigos, que o Enrico estava aqui no Brasil e, através daquele amigo detetive, consegui encontrá-lo. Assim, vinha tentando uma aproximação até você aparecer naquele dia do restaurante.

— Nossa, Sr. José! Que história incrível! Quer dizer, um amor assim não pode terminar desse jeito!

— Paloma, você é uma menina adorável! Mas não quero prejudicar a relação de vocês, por favor, me prometa que não tentará nada.

— Mas o senhor vai desistir assim, tão fácil?

— Não, às vezes temos que deixar o destino e Deus agirem, é nessa esperança que me arego.

— Só espero que seja logo, é uma pena ver duas pessoas tão amáveis em uma relação tão difícil. Vou torcer para que essa situação se resolva e vocês possam construir uma amizade bonita entre pai e filho.

— Ficarei na torcida também, minha nora linda! Agora preciso ir, já gastei muito de seu tempo.

— Que é isso! Adorei a conversa e a casa estará sempre aberta para o senhor!

— Te digo o mesmo e anote meu telefone também, caso precise de qualquer coisa.

Anotei o número dele na agenda do celular e nos despedimos. Como titia ainda não tinha retornado, fui para o meu quarto descansar. Mandeí uma

mensagem para Enrico, dizendo que estava com saudades e, mais tarde, ele respondeu que o plantão estava tenso e que também estava sentindo minha falta.

Os dias passaram e acabamos nos vendo pouco, pois a rotina de ambos estava bem corrida. Eu estava em uma maratona tão grande de eventos, que tive até que contratar mais duas pessoas para dar conta da demanda; uma é amiga do Ricky e a outra é indicação do Ed — ambos eram verdadeiros achados, pois eram esforçados e pacientes para lidar com as noivas.

Enrico estava se esforçando bastante para controlar a irritabilidade, pelo menos comigo, porque via o tempo todo ele discutindo com a Carmen. Outro dia, estava aos berros no telefone com seu irmão Nico, alegando que ele não era capaz de achar alguém de confiança para cuidar da mãe deles. Ele só poupava o Paolo, dizendo que a única obrigação dele era estudar e se formar.

Ele acabou se acalmando quando recebeu um telefonema de seu irmão Antônio, dizendo que estava de volta e que não precisavam se preocupar, que ele cuidaria bem dela.

Neste meio tempo, tentei de várias formas abordar o assunto sobre seu pai, mas toda vez ele desconversava e não me dava abertura. Continuei me encontrando com o Sr. José para conversarmos e descobri que o Sr. Ângelo estava na mesma missão que eu, assim acabamos nos reunindo para um café e para jogar conversa fora.

No feriado, conforme combinado, fomos para Piracicaba visitar meu pai e minha vizinha. Estava ansiosa e uma pilha de nervos. Enrico ia me acalmando o tempo todo e incentivando, até que eu falei meio sem querer:

— Nem parece aquele homem que não quer ver o pai nem pintado de ouro...

Opss.... Por que não fico calada, hein?!

Ele fechou o semblante e se calou. Resultado: fizemos o restante da viagem mudos, ouvindo somente a seleção de músicas dele no rádio.

Quando chegamos na frente da casa de minha avó, ele segurou minha mão e me falou:

— Paloma, não quero que pense que sou uma pessoa rancorosa, mas quero que entenda que não aceito ser feito de idiota. Confio nas pessoas, mas, uma vez que perdi a confiança, é muito difícil perdoar.

— Tudo bem! Entendi o recado!

— Não é recado nenhum, só não gosto dessa ruguinha na sua testa, como se estivesse decepcionada comigo!

— Nunca, de forma alguma poderia me decepcionar com você! Eu fico um pouco contrariada com a sua teimosia, mas já coloquei na conta do Sr. Destino!

— Sr. Destino? Mais um novo amigo?

— Não, deixa pra lá! E vamos entrar, porque estou doida para mostrar meu moreno lindo para minha vizinha.

A casa ainda era a mesma da qual me lembrava: bem simples, aconchegante, com uma varanda cheia de flores e plantas bem cuidadas, e, nos fundos, um jardim com um pomar cheio de frutas.

— Na infância, ganhei algumas fraturas e machucados por subir nessas árvores atrás de frutas — falei ao Enrico, que está com um sorrisinho travesso no rosto.

— Eu estava imaginando exatamente isto: quais das suas cicatrizes tinham sido adquiridas aqui

— Cicatrizes? Eu tenho muitas?

— Sim, várias! E eu sei onde fica cada uma no seu corpo! — Enrico falou, me beijando suavemente, quando minha avó apareceu na porta, chamando nossa atenção.

— Minha neta, é você?

— Sou eu, vó, a Paloma, ainda se lembra de mim? — Perguntei emotiva e com os olhos já marejados de lágrimas.

— Claro, minha querida! Não passa um dia que eu não lembre da minha neta mais linda! — Ela falou, me abraçando. Era tão bom ficar dentro de seu abraço, que me permiti desfrutar do momento e matar a saudade.

— Vó, esse é o Enrico, meu namorado.

— Mas que moço bonito, hein?! Já era tempo de você largar aquele branquelo enjoado. — Ela não gostava do Cadu; só o viu duas vezes e não escondeu nem um pouco sua antipatia por ele. Puxou o Enrico para um abraço, mas foi ela quem acabou sendo abraçada, pois mal alcançava a cintura do meu namorado. — Vamos entrar! Acabei de tirar do forno uma fornada de biscoitos, parecia até que estava adivinhando!

Passamos um dia muito agradável junto dela; almoçamos, tomamos o chá da tarde, demos muitas risadas, recebemos muitos conselhos. Ela era ainda, apesar de seus 82 anos de idade, uma senhora vigorosa e espirituosa.

Fiquei sabendo que meu pai havia se separado da bruaca, que finalmente tinha encontrado uma mulher decente e que estava reconstruindo sua vida.

— Seu pai já deve estar chegando, já telefonei para ele avisando que você estava aqui. Ele tem uma surpresa que acho que você vai gostar!

Um pouquinho mais tarde, ele entrou pela porta, acompanhado de sua nova esposa, que era quase da mesma idade que eu.

Ele ficou parado me observando, esperando por minha reação. Corri em sua direção, o abracei e me derramei em lágrimas.... Andava muito chorona para meu gosto, achava até que aquela música do rio de Piracicaba tinha sido feita para mim, mas não conseguia me conter! Estava tão feliz e também tão arrependida de tê-los deixado de lado, que comecei a pedir desculpas entre os soluços.

Meu pai também estava chorando e pedia perdão o tempo todo, eu nem sabia mais o motivo, mas era muito gratificante poder voltar atrás de

nossos erros.

Ele me apresentou sua nova esposa, Solange, e percebi um volume enorme por baixo do vestido.

— Ai, meu Deus! Eu vou ganhar um irmão?

— Não, uma irmã! — Meu pai falou todo orgulhoso.

— Já tem nome? — Perguntei, alisando a barriga de Solange e parabenizando os dois.

— Paola! Você gosta? — Meu pai inquiriu, inseguro.

— Nossa, adorei! Não poderia ser mais bonito! — E lá estava eu me derramando em lágrimas novamente. Olhei para o Enrico, que estava observando tudo quieto e pensativo. — Pai, vem conhecer meu namorado, Enrico. — Enrico se levantou, cumprimentou a ambos, parabenizou-os, enchendo de elogios os dois, e já ganhou a confiança de todos. Quando eles descobriram que ele é médico, começaram a enchê-lo de perguntas, arrumando dores por todos os lados.

O dia foi maravilhoso e emocionante! Nem queria ir embora, mas era necessário, tínhamos uma longa viagem de volta.

Antes de sair, meu pai, mais uma vez, pediu perdão e falou que se culpou por anos por ter casado tão cedo depois da morte de minha mãe e por ter praticamente me abandonado, mas justificou que a dor era insuportável demais, ele acabou tentando amenizá-la da pior forma possível e que agora, finalmente, tinha reencontrado a felicidade. Disse a ele que estava muito feliz por ele e prometi não deixar de dar notícias nunca mais. Já vovó Zilda me abraçou carinhosamente e me entregou um diário que era de minha mãe, guardado muito tempo por ela.

Eu me acabei de chorar novamente...

Enrico me abraçou, me consolou, se despediu de todos e então partimos de volta para São Paulo, totalmente em paz. Eu estava particularmente satisfeita e feliz, abraçada ao diário de minha mãe.

De volta a São Paulo, tudo voltou ao normal. Agora ligava quase todos os dias para falar com meu pai e vovó Zilda.

Os dias foram passando, tínhamos retomado as nossas rotinas, estava tudo muito calmo e tranquilo, não aprontei mais nada.

Até que...

NÃO SEI, SÓ SEI QUE FOI ASSIM

Na sexta pela manhã, recebi a visita de um Enrico com cara de poucos amigos. Porém, o que me chamou atenção foi seu traje: ele estava vestindo roupas de ciclista, que ficavam um tanto apertadas bem ali no parque de diversões, se é que vocês me entendem!

— Paloma, precisamos conversar! — Ele me deu um selinho bem morno e entrou, guardando sua *bike* na varanda.

— De onde você veio?

— De casa, oras! Mas fui dar umas voltas primeiro para espairecer!

— Mas vestido assim? Com essas roupas apertadas?

— É assim que todo ciclista se veste! Agora pare de se preocupar com minha roupa, tenho algo para te perguntar.

— O que foi? — perguntei no modo automático, pois não conseguia tirar os olhos da roupa que delineava todo o seu corpo. E fiquei imaginando a quantidade de mulheres que o viram dessa forma. Escutei apenas o final da frase, que envolvia viajar!

— Não entendi... — eu disse, e ele se aproximou, segurou meus braços e falou olhando diretamente para mim, como se estivesse ensinando lição a uma criança.

— Paloma, estou lhe dizendo que o Antônio, meu irmão, apareceu em casa ontem, deixando minha mãe novamente ao deus-dará!

— Ah... E o que ele veio fazer aqui?

— Aquele ali é um boa vida, sentiu cheiro de dinheiro e já veio atrás.

— Mas dinheiro de quem?

— Diz ele que tem uma pista, só espero que não seja o que estou pensando!

— E o que você está pensando?

— Ah, deixa para lá. O que tenho para te dizer é mais urgente do que as malandragens dele.

— Fale logo, você está me deixando nervosa!

— Recebi uma ligação da esposa do Nico, meu irmão, dizendo que minha mãe está se negando a tomar seus remédios e que voltou a se trancar no quarto, se entregando à depressão novamente!

— Que ruim!

— Só que as pessoas não entendem muito isso, principalmente meus irmãos, mas eu sei o que essa doença pode fazer na vida das pessoas, já vi de tudo no SAMU.

— Verdade, e o que você pretende fazer?

— Eu consegui uma licença de três meses no serviço e vou para Venezuela para ajeitar as coisas por lá, quem sabe trazê-la para morar comigo.

— Três meses? — Perguntei triste, pensando o quanto seria ruim ficar esse tempo longe dele.

— Sim, Paloma! Mas ponderei muito em ir, porque não queria ficar tanto tempo longe de você, aliás, venho adiando essa viagem desde que te conheci, então pensei que você poderia vir comigo. Não precisa ficar todo o tempo lá, mas gostaria de apresentá-la à minha mãe e, quem sabe, você até acaba ajudando com esse jeitinho especial que tem?!

— Jeitinho de um elefante, né? Mas adorei a ideia! Vou falar com a Julia e o Ed para darem uma organizada nas nossas agendas, acho que agora que contratamos duas pessoas, dá para eu me ausentar por uns dias.

— Que bom! Estava temeroso que você não pudesse ir por causa do trabalho e eu acabasse adiando essa viagem mais uma vez — ele falou me abraçando e me beijando, parecendo um pouco mais aliviado.

— É muito bonito como você se preocupa com sua mãe, isso é raro de se ver.

— Cuido e protejo as pessoas que amo.

— Disso eu tenho certeza! Aliás, como ela se chama? — Perguntei, dando uma de desentendida.

— Ana.

— Sério? Que coincidência! O mesmo nome de minha mãe.

— Que incrível! Está vendo.... Até nisso o destino está a nosso favor!

— Com toda certeza! Sabia que nunca tirei férias? Estou agora muito ansiosa para ir viajar com você!

— Eu também estou ansioso. Só tem um problema: meu voo já sai no domingo. E reservei a sua passagem também, será que consegue ajeitar tudo a tempo?

— Mas hoje é sexta! Só tenho dois dias! Aliás, um, porque hoje minha agenda está lotada e terei duas degustações com noivas que exigiram minha presença!

— E você não pode passar para outra pessoa?

— Os compromissos de hoje, não! Mas darei um jeito com o restante, quero muito viajar com você!

— Combinado, então — ele falou, se despediu, virou de costas e aquele short apertado me chamou atenção!

— Mas tem que ser uma roupa tão apertada assim? Não dá para você usar tipo um moletom?

Ele nem respondeu e saiu dando risadas, achando que eu estava brincando. Fiz uma nota mental de dar um sumiço naquelas roupas!

Devido à sua visita inesperada, acabei me atrasando e tive que sair sem tomar o café da manhã. Só torcia para que a degustação fosse boa, pois eu era insuportável com fome.

Passei correndo no escritório.... Teria que conversar com os meus sócios somente no final da tarde.

Consegui chegar ao local combinado, na hora marcada, mas a noiva me deixou quase uma hora esperando, e minha fome foi aumentando.

O tema de sua festa era o Havaí; seu noivo era dono de uma fábrica de pranchas e surfista aposentado. A noiva fazia questão de tudo típico, inclusive o menu. Tive muita dificuldade em conseguir um buffet que preparasse os pratos típicos e esperava apenas que fossem bons, porque não fazia ideia de onde encontrar outro.

Precisava confessar que não apreciei muito os pratos servidos, mas a noiva adorou e ainda me fez degustar um por um. Primeiro a entrada: canapés com uma pasta de raiz, chamada *poi*, além de muitas frutas tropicais; serviram também um prato chamado *poke* havaiano, que basicamente era a mistura de arroz com atum, não achei grande coisa, mas, com a fome que estava, acabei devorando tudo. Somente depois de ter comido o que haviam servido foi que me toquei de que peixes não costumavam me cair muito bem.

Para completar meu dia, ainda tinha que ir com a noiva japonesa à degustação também e, para meu imenso azar, ela queria servir somente comida típica. Não entendia essa mania que os japoneses tinham de comer tudo cru. Custava dar uma grelhadinha naqueles peixes? Estava vendo que hoje o dia prometia.

No final da tarde, não aguentava mais ver peixe na minha frente, estava com uma dor de cabeça infernal e meu estômago revirava, mas ainda tinha que passar no escritório para falar com a Júlia e o Ed.

Mal deu tempo de subir as escadas e meu intestino resolveu funcionar e até esqueceu que não era o banheiro de minha casa.

Quando retornei, ainda estava me sentindo muito mal.

— Paloma, era peixe na degustação de novo? Sua tia vai te matar quando descobrir que você passou mal por causa disso!

— Como você sabe, Júlia?

— Vai se olhar no espelho! Está parecendo o Rocky Balboa depois da luta!

Olhei no espelho e realmente não estava nada bem. Estava cheia de pintinhas vermelhas e com o lábio muito inchado.

— Ed, será que você pode me levar para casa? Preciso tomar um antialérgico, antes que titia me veja assim; além disso, também tenho que conversar com vocês.

Eles prontamente me levaram para casa, mas acabei não conseguindo falar nada; se eu tentasse abrir a boca, colocaria todo o peixe para fora.

Já na porta de minha casa, quando descemos do carro, encontrei com a Mel, que estava, para variar, com roupas de ginástica e fones de ouvido.

— Loma! Comeu peixe novamente? Sua tia vai te matar!

— Então, vamos entrar para eu não ser morta duas vezes!

— Ah, vou mesmo, porque tenho uma notícia quentinha para te contar.

Entramos todos. Mel, Júlia e Ed não paravam de tagarelar, enquanto minha cabeça explodia de dor.

Encontrei Rick e Mário, que está passando uma temporada em São Paulo, sentados no sofá. Havia me esquecido de que hoje eles iriam preparar o menu da festa do sábado.

— Maninha! Aposto que comeu peixe novamente, é melhor correr

que a titia está no banho e se te ver desse jeito irá te matar.

— Três vezes! — Respondi ao Ricky, que não entendeu nada, mas a Júlia e a Mel lhe explicaram que já tinham me avisado sobre isso.

Começou um falatório sem fim, minha cabeça continuou explodindo e o estômago e o intestino revirados.

Ouvi a campainha tocar. Era o Sr. José, acompanhado de um rapaz muito bonito que me lembrava alguém.

— Oi, Paloma! Esse é Antônio, irmão do Enrico. Nossa, o que aconteceu com você?

— Entrem, por favor! É alergia!

— Tudo bem. Desculpe vir sem avisar, é porque precisávamos lhe falar com urgência!

— Sem problema! Me dê alguns minutos que preciso tomar um antialérgico.

Tia Selma, ao ouvir a campainha, veio correndo até a sala.

— Achei que era a Suzana, que vem para nos ajudar.

E por falar nela, ela chegou e chamou a atenção da titia, que não tinha percebido como eu estava ainda.

— Paloma, o que aconteceu com você, menina? Está toda inchada!
— Minha tia olhou para mim e se espantou. — O que eu faço com você, hein? Aposto que comeu peixe novamente! Só não te torço o pescoço porque você parece que vai morrer mesmo!

Dava impressão de que haveria uma festa na minha sala. De repente, tinham tantas pessoas; parecia que todo mundo queria falar comigo hoje. Logo agora que estava tão mal! Titia estava me dando o maior sermão e enumerando para todos, principalmente para o Sr. José, com a ajuda de Ricky, quantas vezes fui parar no hospital por esse mesmo problema.

— Isso sem contar as vezes que a escondi em minha casa para a senhora não ver!

— Obrigada, Mel, por me entregar!

Eles começaram a falar, todos ao mesmo tempo, minha cabeça se pôs a rodar e senti que ia vomitar, então saí correndo em direção ao banheiro. Permaneci lá por um bom tempo, colocando todos os bofes para fora e, agora, para completar, estava com uma cólica abdominal terrível. Escutei a campainha tocar novamente e pensei quem poderia ser agora. Decidi ligar para o Enrico, afinal, ele era médico e devia saber o que fazer nesse caso. Voltei para a sala, cambaleando, à procura do meu celular e vi um vulto saindo pela porta. Todos estavam muito quietos e olhando para mim assustados. Eu devia estar medonha mesmo!

— Quem era agora?

Escutei várias vozes falando juntas.

— *Mi hermano!*

— Seu namorado!

— O bofe!

— Enrico!

— Meu filho! — Sr. José estava olhando para mim, como se estivesse pedindo desculpas.

— Ele chegou e me viu aqui, com todos reunidos, deduziu que era algum tipo de confraternização. Me desculpe!

— Ele falou alguma coisa?

— Sim, que não esperava isso de vindo de você e saiu batendo a porta! Eu ainda tentei impedi-lo e explicar o que havia acontecido, mas ele estava nervoso e não me ouviu! — Foi titia quem explicou, enquanto todos continuavam me olhando. E não sei o que me deu, mas parecia que o mundo tinha começado a girar muito rápido, de repente, não sentia o chão sob os

meus pés e o único pensamento coerente que tive antes de desmaiar foi que o dia se tornou muito estranho!

Acho que morri! Queria me levantar e não conseguia. No fundo da minha consciência, escutei pessoas falando:

— Chama o SAMU!

— Ai, meu Deus! Será que ela morreu?

— Imagine, Ricky, seu exagerado, ela só está desmaiada.

— Vamos levá-la ao hospital!

— Enrico é médico! Ligue para ele!

O nome do Enrico me trouxe a consciência de volta e tentei me levantar, só que eles estavam em uma discussão sobre o que deveriam fazer e nem perceberam que eu já estava sentada.

Todos queriam ir para o hospital e falavam ao mesmo tempo. Estava uma confusão só, até parecia uma excursão!

Para minha sorte, tinha uma amiga com bom senso e que talvez tenha sido treinada pelo BOPE.

Mel começou a organizar tudo e a dar ordens.

— Calem-se todos! Até vocês decidirem algo, ela já estará morta por edema de glote!

Ela continuou a distribuir funções...

— Ricky, Mário e Suzana, fiquem aqui e preparem o menu do buffet de amanhã.

— Júlia e Ed, vão para o escritório organizar as agendas de vocês e da Paloma para o evento de amanhã.

— Sr. José e Antônio, podem ir e, assim que a Paloma puder, ligará para o senhor para terem a tal conversa urgente.

— Tia Selma, vá buscar os documentos dela.

— E você? — Titia perguntou.

— Eu vou levá-la ao hospital, é claro! Alguém precisa dirigir rápido até lá!

Todos se mexeram para cumprir suas ordens.

— E... Ah.... Para todos! Nenhuma palavra para Enrico! Deixe que ela resolve com ele assim que estiver melhor. Só Deus sabe como uma mulher é capaz de dobrar um homem!

— Obrigada, Mel! — Consegui balbuciar e finalmente todos percebem que já havia acordado.

Eles se aproximaram e começaram a perguntar como eu estava.

— O que eu falei?! Vamos lá, mexam esses rabos daqui! — Mel me apoiou e me arrastou para o carro de tia Selma, que chegou com meus documentos e exigiu ir junto, olhando muito feio para Mel, não permitindo que minha amiga se opusesse.

Chegamos ao pronto-socorro e eu devia estar mal de verdade, pois fui classificada como urgente, mas pensei também que talvez a enfermeira tivesse ficado com medo da Mel e da tia Selma.

— Logo o médico faz o atendimento e já colocam um soro em mim.

Fiquei bastante tempo na observação e, a todo momento, via as enfermeiras expulsarem titia.

As enfermeiras me informam que o médico solicitou uma bateria de exames e um ultrassom de abdômen total para estudar as hipóteses.

Fui furada, revirada, me levaram para realizar o ultrassom e depois retornei para a observação.

Não tinha noção de quanto tempo permaneci tomando medicamentos até adormecer.

Fui acordada por tia Selma que, de tanto insistir, foi permitida a ficar comigo.

— Paloma, acorda! O médico passará daqui a pouco, já saiu o resultado dos exames.

Após um tempinho, o doutor chegou.

— Como está se sentindo agora, Srta. Paloma? — O médico me perguntou.

— Estou bem melhor! Somente com um pouco de dor abdominal ainda.

— Isso é normal devido ao quadro que está. Seus exames estão ótimos, acredito que se tratou somente de uma intoxicação alimentar, associada a uma reação alérgica.

— Que bom, então já estou de alta?

— Não! Preciso da opinião de um outro especialista. Está tudo bem com o bebê, mas você deveria ter avisado que estava grávida, pois têm alguns medicamentos contraindicados para gestantes!

— O que foi que o senhor disse?

— Que está tudo bem com o bebê!

— Oi?!...

UNI DUNI TÊ

— Que bebê? — Perguntei junto com uma titia atônita.

— O seu! — o doutor respondeu.

Fiquei olhando para ele com cara de quem não entendeu nada, ele conferiu meu nome no prontuário e falou com delicadeza:

— Você não sabia, correto?

Balancei a cabeça concordando.

— Fizemos uma bateria de exames, incluindo um ultrassom abdominal, e nele podemos ver a presença de uma gestação, um pouco avançada, caso contrário não seria possível visualizar por este método.

— Avançada quanto? Nem tenho barriga! Tirando os quilinhos que ganhei e mais meus peitos inchados, está tudo normal.

— Paloma! Há quanto tempo você não menstrua? — Foi titia quem perguntou.

— Ops! — Tentei me lembrar, não tinha me dado conta que estava muito atrasada, não lembrava nem quando tinha sido a última menstruação.

— Tia, a senhora sabe que nunca fui regulada, então não sei.

— E vocês não se preveniram?

— Sim, tia, todas as vezes... Quero dizer... Ai, meu Deus, a despesa!

— Que despesa? Já quer comer a despesa, mal descobriu que está grávida!

— Não, tia, foi no dia da despesa! Ah, deixa para lá! E agora, doutor?

— Pelos meus cálculos, você deve estar com, pelo menos, três meses de gestação. Como não sou especialista, solicitei a avaliação de um obstetra para tirar algumas dúvidas, então, devemos esperar. Por ora, o restante está tudo bem! E parabéns pela gestação!

O doutor saiu e fiquei muda, tentando absorver a informação. Olhei para titia, que estava com lágrimas descendo pela face, muito emocionada.

— Eu vou ser avó, quero dizer tia-avó! Quanta alegria! — Ela me abraçou, dizendo que não poderia estar mais feliz!

O obstetra chegou, fez várias perguntas e solicitou mais alguns exames.

— Posso ver que está surpresa com a gestação. Tem um médico para acompanhá-la?

Balancei a cabeça negativamente, ainda anestesiada pela informação que recebi. A sensação que tinha era de que estava dentro de um sonho. O obstetra me deu seu cartão e informou que atendia também em um consultório próximo e que podia procurá-lo se houvesse interesse.

— Vou pedir a sua transferência para o andar da maternidade, precisamos ter certeza de que está tudo bem para te liberar. Com gestantes, temos que ter cuidado redobrado.

Agradei e fiquei olhando para o cartão, tentando assimilar o que estava acontecendo.

— Precisamos espalhar a notícia!

— Não, tia!

— Por que não, Paloma? Você não ficou feliz?

— Não é isso! Você não ouviu o médico? Vamos ver se está tudo bem, primeiro! Sabe, tia, sonhei tanto em ser mãe que, agora que é real, o medo tomou conta de mim.

— Que isso? Não precisa se preocupar, minha filha, estará tudo bem e ficará tudo bem!

Titia me abraçou, e fiquei ali, embalada por seu carinho e compreensão.

— Mas você não acha que devemos ligar para o Enrico? — Perguntou ela.

— Sim! Não! Só espere mais um pouco, por favor!

Fui levada para um andar, todo verdinho, com bichinhos nas paredes, e tinha um nome pendurado em cada porta.

Tia Selma estava deslumbrada, falando sem parar; ia lendo os nomes,

já imaginando como se chamaria o bebê e dizendo o que faria, se fosse menino ou menina.

Fui colocada em um quarto; estava no soro. Era bem bonitinho. Ainda me sentia anestesiada e um sentimento que não sabia explicar bem foi tomando conta de mim aos poucos.

Quando o soro acabou, a enfermeira perguntou se eu já estava bem, respondi que sim e então ela me levou para fazer o ultrassom obstétrico.

— Posso ir junto? — Titia perguntou, ansiosa.

— Claro, a senhora é a avó, correto?

— Sim! — Ela respondeu e começou a chorar de emoção.

— A senhora é a mãe que Deus me deu de presente! — Falei baixinho para ela, que foi soluçando ao meu lado, segurando minha mão.

Todos foram muito simpáticos e atenciosos. A auxiliar, muito prestativa, me posicionou na maca, pediu para que eu abrisse a camisola que estava vestindo e pude perceber um pequeno volume na barriga quando deitei. Até então imaginava que os quilinhos que havia ganhado eram resultados da quantidade que estava comendo nos últimos dias. Os sinais estavam todos presentes, como pude não perceber?

O médico que realizaria o ultrassom entrou, se apresentou, fez algumas perguntas, passou um gel morninho em minha barriga e pediu para eu acompanhar o exame pelo monitor, mas eu estava vendo somente um borrão. Titia estava com os olhos vidrados, olhando para a tela, enquanto eu observava tudo em câmara lenta. Então, de repente, um som alto, com compassos frenéticos, invadiu a sala, titia apertou minha mão e o médico disse que eu estava ouvindo o coração de meu bebê! A emoção tomou conta de mim e percebi um “feijãozinho” dentro de um grande espaço na tela. Naquele momento, a ficha caiu e um amor incondicional me arrebatou e meu coração começou a bater descontroladamente acompanhando o ritmo do meu “feijãozinho”.

Era muito surreal tudo o que estava acontecendo: saber que eu estava

gerando um filho, fruto de um amor tão puro e verdadeiro! Queria Enrico comigo naquela sala, queria ver qual seria sua reação ao ver seu filho, nosso filho!

Permiti-me sorrir, chorar de emoção e, pela primeira vez na vida, me senti plena e completa.

— Você está com 11 semanas de gestação, o que dá três meses. O feto está bem e daqui a alguns dias será possível saber o sexo.

Pensei o que gostaria que fosse, imaginei um menino lindo como o Enrico, com olhinhos iguais aos do pai, correndo pelo quintal de titia. Imaginei também uma menininha parecida com ele, brincando com minhas bonecas e sorrindo, finalmente realizando meu sonho.

O médico que realizava o ultrassom saiu, informando que iria conversar com o obstetra e logo eu teria um resultado conclusivo.

Fiquei pensando que resultado poderia ser esse, mas tentei não ficar imaginando coisas. Após um curto tempo o obstetra voltou, o informei que gostaria de continuar me consultando com ele, que agradece a confiança, porém percebi ele um pouco preocupado.

— Está tudo bem com o bebê, mas existe uma suspeita referente à sua gestação! — O médico falou e ficamos em alerta, com receio do que possa ser.

— Não precisa se preocupar! Parece não ser nada de mais, mas existe uma suspeita de placenta baixa.

— O que isso significa? — Perguntei, com medo da resposta.

— Como disse, é somente uma suspeita. Não temos como confirmar agora, no primeiro trimestre de gestação, somente no último, principalmente porque você não se encaixa nos fatores que contribuem para isso. A tendência é que, com o avançar dos meses, a placenta vá subindo até chegar a hora do parto. Porém, como não podemos afirmar se realmente isto acontecerá, teremos que tomar alguns cuidados.

— Que tipo de cuidados, doutor?

— Basicamente repouso, para evitar um possível sangramento agora e, mais para frente, minimizar a chance de um parto prematuro, trazendo, assim, riscos ao bebê.

— Então, quer dizer que terei de ficar deitada?

— Não é para tanto. Nesse caso, mas recomendamos a suspensão de atividades que exijam esforço, como trabalhar, atividades físicas ou até mesmo viagens.

Lembrei-me de que minha viagem com o Enrico seria no dia seguinte! E agora, o que eu faria?

— Então, é somente isso por hoje, já dei uma olhada nos seus exames, estão todos bem e agora você já pode ir para casa. E me procure na semana que vem em meu consultório para começarmos o pré-natal. Deixarei prescritas algumas vitaminas e não tome nenhum medicamento sem antes falar comigo! Parabéns, mamãe!

O médico se despediu e aquela palavra ficou ecoando em minha cabeça: “Mamãe!” Só conseguia pensar que tomaria todo o cuidado possível para ter meu “feijãozinho” bem saudável, me chamando assim.

Titia, muito emocionada, me deu um longo abraço, dizendo que manteria dois olhos bem atentos em cima de mim para garantir que tudo permanecesse bem.

— É hora de ir para casa! — Ela disse. — Paloma, cadê seu celular?

De repente, me dei conta de que não lembro onde deixei.

— Acho que perdi de novo!

— Nossa! Teremos que colocar um chip nessa criança! Já pensou você a esquecendo por aí, como faz com suas coisas?

Nossa! Fiquei magoada de verdade com sua piada, então, fiz uma promessa silenciosa de ser a melhor mãe e a mais atenta possível.

— Hey! Eu estava brincando para descontrair, não precisa fazer bico! É que você parece um pouco tensa.

Contei para ela sobre a viagem do Enrico, e ela disse, mais uma vez, que tudo se resolveria da melhor forma.

Chegamos em casa apenas no sábado à tarde. Estavam todos loucos atrás de notícias.

— A nossa sorte foi que a Mel passou aqui para nos atualizar depois que deixou vocês no hospital, senão estaríamos até agora sem notícias! Custava levar os celulares? — Ricky reclamou para nós.

— Eu perdi meu celular, acho!

— Não, você deixou lá no escritório, a Júlia ligou dizendo que achou caído no banheiro e que acabou a bateria!

— Menos mal! — Titia estava sorrindo de orelha a orelha e me cutucando querendo dizer algo.

— Que foi, tia Selma? Está aí parecendo que está recebendo alguma entidade, querendo falar algo! — Ricky fala a ela, em tom de gozação.

— É que temos uma novidade! Posso contar, Paloma?

Balancei a cabeça confirmando; não adiantaria pedir que não falasse mesmo!

— É que vou ser avó, tia-avó!

— Sério? Verdade? Maninha, está grávida? Então quer dizer que vou ser titio?

Concordei com a cabeça, alisando a barriga; era tão reconfortante saber que tinha uma vida dentro de mim!

Rick, Suzana e Mário vieram ao meu encontro, me parabenizando.

— Nossa, como esse mundo é estranho, né?! Você grávida e, ontem, a Mel nos contou que a Fabiana perdeu o bebê — Ricky falou após algum

tempo alisando e conversando com minha barriguinha.

— Então, era isso que a Mel veio contar ontem?

— Acho que era! Ela não gosta da Fabiana e agora menos ainda, porque disse que a lambisgoia comemorou e que o Cadu ficou arrasado! Penso que ele deve estar se martirizando pela troca que fez.

Credo! Eu descobri há um dia minha gravidez e já estou apavorada em perder meu bebê! Como pode alguém ficar feliz com isso? E coitado do Cadu, mas agora é tarde demais para ele se arrepender de algo!

— Maninha... estou tão feliz por você! E qual foi a reação do bofe?

— Não contei ainda! — Respondi, me sentindo culpada!

— Nossa, ele ligou aqui atrás de você! E nós respondemos que estávamos sem notícias suas.

Mal o Ricky terminou de falar, a campainha toca e o Enrico entrou como um furacão, me examinando.

— Calma, Enrico! Está tudo bem!

— O que aconteceu? Estou feito louco atrás de notícias suas. Seu celular só dá caixa postal!

Titia puxou todos para a cozinha com a desculpa de que precisava revisar o buffet da festa antes de descansar um pouco. Ela entendeu que precisávamos de um momento só nosso!

— Eu perdi o celular!

— De novo? Eu estava ficando desesperado, não dormi nada à noite, me culpando por não ter lhe dado a oportunidade de se explicar.

— É, realmente você fica cego quando o assunto é seu pai.

— Me desculpe! Ando uma pilha de nervos e te devo uma explicação. Um pouco dessa viagem repentina tem a ver com ele. Meu irmão Antônio descobriu que é filho daquele homem também!

— E como isso aconteceu?

— Não faço a menor ideia! Só que ele veio ao Brasil determinado a levá-lo ao encontro de nossa mãe. Tivemos uma discussão horrível e então ele disse que não estou dando a chance para ela escolher!

— Bem, acredito que ele tenha razão!

— Mas o que ninguém entende é que nossa mãe é uma mulher doente e que qualquer desilusão agora a levará para um precipício. Por isso quero tratá-la e ter certeza de que estará estável quando souber do retorno dele.

— Pelo menos, agora você está ponderando em contar a ela!

— Se eu não fizer, outro de meus irmãos fará! Prefiro que seja do meu jeito e com todo o cuidado. Por isso, perdi a cabeça quando o vi sentado em sua sala, confraternizando com todos.

— Enrico, a porta de minha casa estará sempre aberta para o Sr. José, ele é uma boa pessoa, só você que não enxerga, pois está cego pelo rancor e não lhe dá oportunidade de se explicar.

— Tudo bem! Não posso determinar com quem você deve ou não se relacionar, mas fique ciente de que minha opinião não irá mudar.

— Tudo bem! — Respondi parecendo uma criança que não gostou da resposta.

— E o que aconteceu com você? O Antônio me procurou dizendo que você passou mal e foi levada ao hospital, só não entendo por que não me ligou!

— Eu ia ligar, de verdade! Mas acabou que não deu tempo, desmaiei e fui levada ao pronto-socorro. Quando cheguei lá, não tinha como avisá-lo, pois titia e eu estávamos sem celular.

— Eu também tenho culpa! Levei a maior bronca do meu irmão Antônio, vê se pôde, dizendo que não eu cuidava devidamente de minha mulher, fiquei muito preocupado e fui atrás de você, mas não te localizei.

— Me desculpe também, eu deveria ter dado um jeito de avisá-lo.

Ele me abraçou ternamente e me senti tão completa e feliz, mas ao mesmo tempo muito indecisa.

— Mas o que aconteceu?

— Nas degustações foram servidos peixes e não sei se te contei, mas sou alérgica e acabei comendo demais, então tive, além de uma reação alérgica, também uma intoxicação alimentar.

— Nossa, que perigo! Isso é muito sério! E agora, já está melhor?
— Ele falou cuidadosamente, fazendo carinho em meu rosto. — Poderemos viajar amanhã? — Perguntou, ainda abraçado a mim.

— Você irá?

— Claro! Você precisa se recuperar, remarcarei sua passagem!

— Enrico, eu não vou.

Ele se afastou de nosso abraço e me olhou incrédulo.

— Como assim, não vai?

— Não vou! Não posso!

— Paloma, você entende o quanto preciso ir resolver tudo na Venezuela, não entende?

— Sim, perfeitamente, mas não posso ir!

— Olha! Eu te amo! Muito! Mas, por favor, não me faça escolher! Se você decidir não ir comigo, terei de ir do mesmo jeito!

— Eu sei disso, mas quando você voltar, estarei aqui!

— Não, Paloma! Você pode me explicar pelo menos o motivo?

Tentei falar, explicar, mas tinha um bolo em minha garganta e as palavras simplesmente não saíam.

— Já sei! É porque a esposa do seu ex perdeu o bebê e você se encheu de esperança, não é?

— Claro que não! Como você soube disso? — Consegui perguntar, tentando segurar as lágrimas.

— Fui eu quem atendeu a ocorrência dela, nunca vi uma pessoa tão indiferente por ter perdido um filho. O seu ex, pelo contrário, estava muito triste.

— Sim, eu sei disso, mas não tem nada a ver com isso! Eu somente decidi não ir e esperar você voltar.

— Paloma, você já percebeu que nessa relação sou sempre eu quem está correndo atrás, pedindo, ponderando, esperando, sendo paciente e me declarando?

Ele estava bastante exaltado e as palavras dele me feriam, por estar certo. Eu nunca confiei que nosso relacionamento era verdadeiro e que não havia nada a temer.

— Até hoje você não se entregou a nossa relação! Enquanto eu estou perdidamente apaixonado por você e percebo que não é recíproco.

— Isso não é verdade!

— Não? Então, por que será que somente eu estou desesperado com a possibilidade de passar todo esse tempo longe de você?

— São somente três meses, Enrico!

Ele me olhou tristemente e decepcionado, como se tivesse tido algum tipo de certeza.

— E se eu resolver não voltar? Como fica?

— Eu sei que você vai voltar!

— Você tem certeza ou tanto faz?

Suas feições estavam fechadas, ele estava muito alterado, mas talvez

somente uma palavrinha mudasse tudo! Porém, percebi que não posso dizê-la, por diversos motivos. E fiquei muda, olhando no fundo dos seus lindos olhos, tentando demonstrar, de alguma forma, o quanto ele era importante para mim. Tanto que tomei uma atitude, da qual sabia que iria me arrepender:

— Simplesmente não posso ir! Quando você voltar, e se voltar, sabe onde me encontrar!

— Preste atenção no que vou te falar: eu posso te amar o suficiente por nós dois, posso ter paciência, esperar. Mas não posso querer e confiar por você. Se me deixar ir, te garanto que farei questão de esquecer até mesmo o seu nome!

Um soluço escapou de meu peito e tive que tomar a pior decisão de minha vida. Eu escolhi deixá-lo livre para partir!

Fiquei olhando para Enrico, muda, com as lágrimas descendo pelo meu rosto. Aqueles olhos verdes lindos, pelos quais me apaixonei, estavam me encarando, tentando buscar uma explicação e, como ela não veio, eles mudaram para o vermelho intenso; seu rosto tão lindo agora estava contorcido pela dor do entendimento de que tudo havia acabado.

Permanecemos ali parados, por alguns instantes, até que ele virou as costas, seguiu rumo à porta e a segurou por tempo demais a maçaneta, antes de dizer:

— *Adios, Señorita!*

DESTINO: CARACAS

Sabe aquele segundo que você toma uma decisão que irá se arrepender pelo resto da vida? Estava dentro dele neste momento! Era como se minha alma estivesse congelada. A dor que me arrebatava era tão grande que se excedia à razão e já nem me lembrava mais dos motivos que me fizeram cometer tamanha burrice.

Agachei-me no chão, passando os braços em volta de mim mesma,

tentando proteger meu feijãozinho do frio que me dominou.

Lembrei-me daquela música da Whitney Houston do filme *O Guarda-Costas*; sempre achei exagerado aquele refrão, só que agora sabia exatamente o que ela estava sentindo. Gostaria de fazer a mesma coisa se soubesse cantar, já que não podia nem correr atrás dele.

— Paloma, o que aconteceu?

— Acabou, tia!

— Como assim, acabou? Ele não aceitou a gravidez?

— Não! Eu nem contei!

— Por que você NÃO CONTOU?

— É tão difícil de explicar! — Comecei a chorar convulsivamente e a falar ao mesmo tempo. Ricky veio ao meu encontro, me levantou e se sentou ao meu lado no sofá, me confortando com um abraço.

— Vou fazer um chá para você se acalmar! — Escutei Suzana dizer e sair. Mário pegou minha mão e se sentou ao meu lado, também me consolando. Já titia permaneceu em pé, com os braços cruzados, como se fosse um animal pronto para o abate.

— Paloma, vou aguardar que você se acalme para me explicar tim-tim por tim-tim essa lambança toda, porque estou a um passo de buscar o Enrico e trazê-lo arrastado pelas bolas!

— Não, tia! A culpa é minha! Só minha!

Ela fez cara de impaciência e ficou me aguardando a tomar o chá que a Suzana trouxe.

— Eu não contei porque eu não queria deixá-lo dividido! Todos os dias que ele esteve comigo, sentia que não era por completo.

Ela se sentou, olhando bem para mim, me esperando concluir.

— A mãe dele está doente e precisa de alguns cuidados especiais e o

Enrico acredita que poderia ajudar em seu tratamento, só que ele não podia ir antes e vivia aqui no Brasil de corpo e com a cabeça lá na Venezuela, preocupado. Ele tem aquele jeito, acha que pode resolver tudo e proteger a todos. O que a senhora acha que ele faria se soubesse da minha condição?

— Não sei, Paloma! Me explica?

— Ele não iria! Ou iria e ficaria pouco tempo por lá e voltaria logo para cuidar de mim, eu só queria não deixá-lo dividido e ainda mais preocupado. Entendeu?

— Entendi, mas não compreendi!

— Eu não imaginava que ele iria entender tudo errado, tinha a intenção de contar quando voltasse!

— O que você fez foi errado! Tirou dele a opção da escolha! Você só conseguiu, com essa atitude, deixá-lo de corpo e cabeça ao lado da mãe, mas com o coração despedaçado aqui.

Realmente ela tinha razão, não quis deixá-lo dividido e acabei machucando-o.

— Maninha! Eu te conheço, não foi só isso, né?

Olhei culpada para o Ricky, que me conhece tão bem, e tapei o rosto para esconder as lágrimas que começavam a cair novamente. Senti até vergonha do meu egoísmo, mas não queria que ele ficasse comigo somente por causa de uma gravidez. Estávamos há quatro meses juntos e eu com três meses de gestação. Mesmo o amando muito e com a certeza de que ele também me amava, tinha essa insegurança sobre nosso relacionamento. Podem atirar pedras, mas desde que o conheci, vinha sonhando acordada com um pedido de casamento para construirmos nossa vida juntos e realmente não queria que ele o fizesse só por causa de minha condição.

— Maninha, desta vez você enfiou o pé na jaca!

— Deve ter sido falta de surra na infância que te deixou assim, tão tonta! — Titia realmente está bastante irritada comigo. Virou as costas e voltou com o telefone nas mãos.

— Anda! Liga para ele! Resolve essa lambança de uma vez!

— Eu não sei o número dele de cor, só tenho no meu celular!

Escutei um “aff” em coro de todos na sala. Titia saiu novamente e voltou com a chave do carro, entregando para o Ricky, que se levantou, me chamando.

— Vamos, maninha, vou te levar na casa do bofe!

— E se ele não quiser me ver?

— Você somente saberá se for até lá!

Ricky e Mário me levaram até o apartamento do Enrico e ficaram me aguardando no saguão do prédio. Subi sozinha, toquei a campainha e aguardei. Esperei, esperei e nada. A porta ao lado se abriu e saiu de lá o Sr. Ângelo e o Bob, que correu em minha direção, me lambendo.

— Menina Paloma, é você?

— Sim! O senhor sabe do Enrico?

— Ele conversou comigo pela manhã, estava bastante preocupado com você. Há pouco escutei bastante barulho vindo do apartamento dele e a porta bater.

— E agora, o que eu faço?

— Entre, menina, vamos tomar um chá enquanto conversamos e o esperamos chegar.

— O senhor pode ligar na portaria e chamar o Ricky e o Mário que estão me aguardando?

— Claro! Adoro aqueles meninos!

Depois de estarmos acomodados em seu apartamento, fiquei com os ouvidos atentos, esperando algum movimento do apartamento ao lado.

— Agora me conta, menina: qual o motivo de sua voz tão chorosa?

Contei a ele todo o ocorrido, desde o dia do convite para ir viajar, os motivos do Enrico para ir à Venezuela cuidar da mãe, minha ida ao hospital, a descoberta do meu feijãozinho e terminando na minha omissão em contar para Enrico. Quando terminei, já chorando novamente, o ouvi dizer:

— Minha menina, o Enrico é um rapaz muito orgulhoso, ele confia e ajuda a todos sem esperar nada em troca, mas, se ele perde essa confiança, não há nada que o faça voltar atrás. Entendo todos os seus motivos, mas a escolha é dele, por mais nobre que sejam suas razões.

— Ah, vovô, sou tão insegura que acabo metendo os pés pelas mãos!

— Eu acredito, menina, que tudo que nos ocorre é para tirarmos algum aprendizado. Quem sabe esse tempo longe não seja exatamente para isso?

— Sei não, hein?! E se ele arrumar uma venezuelana menos atrapalhada que a maninha e não voltar mais?

— Menino Ricardo, você está esquecendo de algo muito importante que conduz nossas vidas: o destino!

No entanto, o destino não estava a meu favor.... Escutamos um barulho vindo do apartamento e corremos todos para lá; só que não era o Enrico, era o Antônio, que falou que o irmão havia saído e não sabia para onde e que eles não estavam conversando por causa das divergências de opiniões. Acho que foi isso, porque o espanhol dele era muito carregado e não dava para entender muita coisa.

Voltamos todos para o apartamento do Sr. Ângelo e continuamos esperando. E, agora que descobri a gravidez, meu organismo só queria se manifestar e virei amiga fiel do banheiro; ora para fazer xixi, ora para pôr tudo para fora. Aiiii, acho que não vou sobreviver assim!

Ao retornar de uma dessas idas ao meu amigo vaso sanitário, encontrei com a Carmen, muito triste, pois estava voltando de viagem e não sabia de nada que estava acontecendo. Dizia que tudo era sua culpa, por ser tão egoísta de estar seguindo carreira em vez de cuidar da mãe.

— Cada um tem sua vida para viver e seu fardo para carregar. Você não está errada de correr atrás de seu sonho, mas não deve esquecer daquela que te deu a vida! O Enrico assume responsabilidades demais nas costas, ele precisa resolver isso também, e sozinho! — Sr. Ângelo, sempre muito sensato, a acalmou e percebi que ele estava correto no que estava dizendo.

Como Ricky precisava ajudar titia no buffet e eu precisava descansar, acabamos partindo, sem o menor sinal do Enrico.

Cheguei em casa desnorteada e muito triste.

— Fica assim não, maninha! Amanhã acampamos no aeroporto, esperando por ele! — Ricky, que estava morrendo de pena de mim, falou para me consolar.

Após muitas recomendações, ambos partiram para o buffet, me deixando sozinha com meu feijãozinho e com o meu arrependimento. Criei vários cenários em minha cabeça e comecei a me desesperar por meu filho crescer sem o pai devido à minha burrice.

Acabei dormindo somente pela manhã e fui acordada pelo furacão da Mel.

— Anda, levanta rápido.... Não, devagar! Sua tia me ligou e me contou tudo! Estou tão feliz que vou ser tia! Será que vai ser menino ou menina? Que legal, o Thor vai ter com quem brincar agora! Mas você, hein? ... Só apronta! Que história é essa de esconder a gravidez? Acho que seu problema foi falta de umas palmadas na infância! Anda, levanta! Temos que acampar naquele aeroporto!

— Nossa Mel, achei que você não iria parar de falar nunca mais!

— Você que me deixou agitada assim, com essas lambanças que você faz! Eu, hein?!... Até parece que tem medo de ser feliz!

Pensei no que ela disse e achei mais um motivo para minha atitude: passei tanto tempo à margem da vida, que quando a felicidade bateu em minha porta não permiti que entrasse.

— Será que podemos ir? — Mel estava impaciente.

— Eu não posso nem tomar café antes?

— Nossa senhora das mulheres atrapalhadas, interceda por minha amiga, por favor!

— O que eu fiz agora?

— Engravidou e não contou para o pai! E agora quer tomar café? Anda, põe só um sapato que providencio algo bem saudável para você comer quando chegar lá!

Saí do jeito que estava: de pijama de bolinhas. Mel só me deu tempo de prender os cabelos, colocar um tênis e escovar os dentes, antes de sair me arrastando. Ela estava falando tanto que meu cérebro não conseguia acompanhar. Ainda mais com a ansiedade e a fome que tomaram conta de mim.

Passamos primeiro no apartamento do Enrico e fomos avisadas pelo porteiro que já ele tinha saído cheio de malas.

Então, Mel dirigiu muito rápido para o aeroporto. Quando estacionamos, a maluca solicitou uma cadeira de rodas, dizendo que eu não podia correr, mas como demorou demais, praticamente me jogou em cima de um carrinho de malas e saiu pelo aeroporto procurando o setor de embarque para a Venezuela.

Agora imaginem a cena: uma maluca empurrando outra vestida de pijama em um carrinho de malas pelo aeroporto. É claro que ia dar problemas.

— Onde vocês pensam que estão? No quintal de suas casas? — Um segurança nos parou, muito insatisfeito.

— É claro que não! É uma questão de vida ou morte! Agora, com licença! — Mel falou e tentou passar, mas foi impedida pelo segurança. Ela deu um pisão no pé dele e saiu em disparada empurrando o carrinho, enquanto ele e outros seguranças vieram correndo atrás de nós.

Agora completem a cena anterior: uma maluca empurrando outra em um carrinho de bagagens e um monte de seguranças no encalço delas. .

Escutamos no alto-falante a última chamada para o voo com destino a Caracas e Mel me empurrou na direção indicada. Avistamos um rapaz moreno alto no setor de embarque mas, no caminho, trombamos com uma família de chineses cheia de malas e foi uma bagunça só. Mel ficou tentando contornar o caos enquanto eu fui em direção a Enrico, o vi entregar o passaporte, olhar para trás e eu só tive tempo de gritar seu nome pelo lado de fora:

— Enricooooo! — Ele olhou para todos os lados, balançou a cabeça e embarcou.

O segurança me alcançou.

— Acabou a brincadeira, a senhora está presa!

Nossa senhora das mulheres atrapalhadas! Dessa vez eu me superei. Da salinha da Polícia Federal, avistei o voo partindo. Aiiiii, mundo cruel! E agora?

Por Enrico

Escutei a última chamada para o meu voo. Esperei até o último segundo para embarcar, meu coração ainda estava cheio de esperanças de que se tratasse de mais uma atrapalhada daquela maluquinha. Alguém gritou o meu nome e olhei para todos os lados, mas só vi, por trás do vidro que separava o saguão do embarque, uma grande confusão: malas caídas para todos os lados, um monte de chineses tentando pegá-las e mais um monte de seguranças correndo. Devia ter sido minha imaginação! Mas achava ter visto Paloma. Minha vontade de vê-la era tão grande que estava me pregando peças, isso sem contar que eu não estava em meu juízo perfeito. Saí da casa de Paloma ontem sem rumo e acabei parando em um bar no caminho de casa e só fui embora de lá pela manhã. Bebi tanto que adormeci no banco da praça, naquela onde eu a vi pela segunda vez. Dormi e sonhei com aquele sorriso que me tirava o chão, com seus lábios carnudos, sua alegria contagiante e fui acordado pelas pombas, já quase na hora de minha viagem.

Nunca tinha tomado um porre desses antes, mas estava me sentindo tão

no limite que me deixei levar; fazia meses que estava nessa indecisão entre ir cuidar de *mi madre* e abandonar minha maluquinha. Isso sem contar os desentendimentos diários com meus irmãos e suas acusações contra minha atitude de não aceitar o retorno daquele homem, além do sentimento de culpa e remorso por não conseguir perdoá-lo.

Achei que estava com uma parte dos problemas resolvidos quando Paloma resolveu viajar comigo, mas era só ilusão; ela se recusou a ir na última hora e não deu uma mínima explicação. Naquele momento, percebi o quanto fui idiota em achar que Paloma me amava na mesma intensidade que eu a ela. Infelizmente, só eu entreguei meu coração de bandeja, mesmo tendo jurado não fazer isso por mulher nenhuma. Já ela devia ter me usado para esquecer aquele cretino e não deve ter conseguido, já que nunca teve a capacidade de se declarar para mim.

Acreditava que isso era piegas, mas, quando você entrava de cabeça, corpo e alma em uma relação, acabava sendo importante saber que o amor era recíproco.

Nas últimas semanas, vinha percebendo algumas transformações em seu corpo: seus seios, já tão belos, estavam mais cheios; sua cinturinha fina mais arredondada — ela ganhou alguns quilinhos; seu humor estava uma bagunça só e seu apetite mais voraz que nunca. Sem contar que se tornou mais linda e radiante. Eu, como médico, desconfiei de uma possível gravidez, já que algumas vezes simplesmente não nos protegemos. Confesso que estava contando com essa possibilidade, queria tanto que eu estivesse certo, assim tinha certeza de que realmente ficaríamos juntos, sem contar que andava sonhando com uma menininha linda como ela. Mas pelo jeito era mais uma vez minha imaginação me iludindo.

Pensei até em pedi-la em casamento, tamanho era o medo de perdê-la, mas meu orgulho não permitiu que eu ouvisse outro não, porque sabia que era isso que ouviria uma vez que, para ela, seria cedo demais! Mas me digam uma coisa: existe cedo para os assuntos do coração? Para quem ama, o tempo é valioso, temos pressa e queremos aproveitar cada segundo da vida ao lado de nossa cara metade.

Mas o destino não quis assim. Agora, iria me empenhar em cuidar de

mi madre, deixá-la bem. E depois iria realizar um sonho antigo, que era o de me juntar aos *Médicos Sem Fronteiras* em alguma ação humanitária pelo mundo; só assim, finalmente utilizaria a verdadeira medicina para ajudar o próximo e daria tempo ao meu coração para esquecê-la e também para deixá-la livre para viver a vida dela da forma que Paloma quisesse, mesmo que fosse ao lado daquele cretino! Era como diziam por aí: quem amava queria ver o outro feliz, mesmo que não fosse ao seu lado.

REENCONTRO — PARTE I

— Você tem algo a falar em seu favor? — O policial me perguntou.

— Sim, eu estou com fome!

Escutei um “aff” em uníssono na sala, mas fazer o quê? Eu estava com fome e não havia nada mais para fazer!

Tia Selma chegou cheia de sacolas e toda simpática. Nós havíamos ligado para ela assim que eles permitiram. Ela teve a capacidade de falar que fugi antes de tomar meus remédios e por isso estava em surto. Veja se pode? Os polícias acreditaram nela e mandaram vir buscar a “doida solta” o quanto antes.

Titia abriu suas bolsas térmicas e, junto com a Mel, saiu distribuindo doces e salgados. Ela, melhor que ninguém, sabia encantar a todos com seus quitutes. No final, o que era uma prisão por desordem, acabou sendo um café da manhã entre amigos... estava dizendo amigos, pois Mel já ensinava exercícios de alongamento e titia era paquerada pelos policiais, enquanto compartilhava receitas. Já eu, depois de ter comido de tudo e mais um pouco, tive que ir visitar meu amigo vaso sanitário mais uma vez e lá, sozinha, me permiti chorar e gritar por ter colocado tudo a perder novamente. Lá fora, escutei um dos policiais federais dizer:

— Tadinha, tão nova e doida! Deve ser um fardo pesado para a senhora.

— Sim, e como! — Titia respondeu e já previa que levaria um baita de um sermão assim que chegasse em casa.

No entanto, ao chegar em casa, estava me sentindo tão triste, que titia teve, acreditava eu, dó de mim, então alisou minha barriga e disse para que eu não me preocupasse, pois tudo daria certo e eu somente deveria cuidar de meu feijãozinho.

E foi isso o que fiz pelos próximos três meses. Fiquei cuidando somente da parte administrativa da empresa de casamentos. Fazia os contatos com noivas e fornecedores do pequeno escritório que montei em meu quarto e todo o restante era realizado pela Júlia, pelo Ed e também pelos dois novos funcionários que eram excelentes e supriram muito bem minha ausência. As noivas se apaixonavam pelo Artur, aquele que o Ricky indicou. Ele fazia o tipo machão perto delas, que nem desconfiavam de suas preferências.

Somente saía para ir realizar o pré-natal e minha casa virou um verdadeiro acampamento de meus amigos, que em momento algum me julgaram e faziam de conta que tudo o que aprontei nem tinha acontecido. Mas eu não conseguia me perdoar: além da dor da saudade me culpava por ter sido tão tonta.

Meu feijãozinho crescia cada dia mais, minha barriga já estava redondinha e já podia ver, nos ultrassons, braços, perninhas e seu coraçãozinho forte. O médico garantiu que estava tudo bem, caminhando dentro da normalidade e que, caso eu quisesse, já daria para saber se era um menino ou uma menina. Mas não quis, parecia tão injusto descobrir isso sem a presença do Enrico; era como se eu estivesse traindo-o ainda mais, saber tanto enquanto ele não sabia nada.

E por falar nele, Enrico não me ligou uma única vez, nem respondeu minhas inúmeras mensagens; pensei até em contar tudo via telefone, mas além de não ter mais a oportunidade, quem podia garantir que ele acreditaria?

Quando fui realizar meu ultrassom, já com seis meses de gestação, para saber como deveria agir pelos próximos três meses finais, tive uma grande surpresa: a placenta baixa não foi confirmada — segundo o médico estava alta e já poderia ter vida normal, somente tendo os cuidados básicos que toda gestante deveria ter.

Cheguei em casa radiante. Dessa vez, foi Mel quem me acompanhou, pois titia estava cheia de serviço e, desconfiava também, com namorado

novo, já que sumia por horas e voltava cantarolando feliz, além de andar com a cabeça nas nuvens e toda atrapalhada com as datas de seu buffet.

Contei a ela e a todos a novidade; eles ficaram muito felizes por mim. Mas uma pergunta do Ricky me incomodou: ele queria saber o que isso mudaria em relação ao Enrico, então percebi que nada seria diferente, já que nem sabia como encontrá-lo. Carmen estava viajando pelo mundo a trabalho, mandava vários postais para mim por onde passava, estava cada dia mais feliz e realizada com seu trabalho. Já o senhor José Flores e o Antônio foram para a Venezuela tentar ajeitar as coisas por lá e me visitaram antes da viagem para se despedir, perguntando se podiam contar ao Enrico, porém não deixei, já estava tudo tão errado, que caso ele soubesse da gravidez por outros se sentiria ainda mais traído.

Mais uma vez na solidão do meu quarto, me permiti chorar de saudade, prometi ao meu feijãozinho que cuidaria bem dele e um dia seu pai iria voltar, só precisaria descobrir uma maneira de consertar tudo que aprontei.

De repente, vi dois olhos verdes penetrantes me olhando pela janela. Corri até lá, abri o vidro, cheia de esperanças e com o coração saindo pela boca. Ele entrou pelo espaço pequeno, se espremendo e me observando; se aproximou devagar e seu olhar parou no volume do meu abdômen sob a camisola, então ele passou a mão sobre ela, acariciando, e levantou meu cabelo e cheirou minha nuca.

— Olá, *Señorita*!

— Você voltou e não está chateado comigo?

— Claro que não, como poderia ficar chateado com a mãe de meu filho?

— Ah, Enrico, você é tão compreensivo comigo, eu não te mereço!

— Quando o Antônio chegou na Venezuela e me contou sobre a sua gravidez, não pensei duas vezes e peguei o primeiro avião de volta.

— Ah, Enrico! Eu te amo tanto, me desculpe, prometo que vou fazer

tudo direitinho a partir de agora.

Ele me abraçou ternamente e sussurrou em meu ouvido que agora tudo ficaria bem, que nunca mais iríamos nos separar.

Eu o abracei bem forte, não querendo soltá-lo, e Enrico começou a me beijar lentamente, depois passou os lábios pelo meu rosto, meu pescoço... Pera aí... Ele estava me lambendo, que estranho!

— Menina Paloma, acorde, por favor, antes que o Bob te lamba inteira.

— Ai, mundo cruel! Era só um sonho?

— Sim, e pelo visto estava bom, já que você agarrou o Bob e não queria mais soltá-lo, sem contar que estamos tentando te acordar já faz meia hora!

— É só meu sono de grávida!

— Sei, minha menina, como se eu já não te conhecesse.... Vamos realizar o desjejum que preciso te fazer uma proposta.

Levantei com muito custo, pois dormi tarde pensando em uma maneira de resolver minha situação e a saudade que me consumia; depois, minha imaginação fértil ficou criando cenários do Enrico casado com uma loira peituda, me acusando do filho ser de outro, e então imaginei que o bebê nascia com a cara do Cadu, credo em cruz! E quando finalmente dormi, sonhando com ele, acordei com o rosto sendo lambido pelo Bob. Oh, pessoa sem sorte, viu?!

Fui para a cozinha e o Sr. Ângelo estava tomando o café com a titia, enquanto o Bob descansa sob seus pés, mas bastou me ver para ficar todo agitado. O Sr. Ângelo o acalmou e começou a explicar sua urgência em falar comigo:

— Então, minha menina, sua tia já me colocou a par de toda a sua situação e sei que não precisa mais ficar em repouso absoluto.

— Isso, o obstetra me deu alta, só me proibiu de fazer malabarismos.

— Engraçadinha, minha menina! Mas viajar pode, né?!

— Sim, quer dizer, eu acho.

— Ontem conversei com o menino Enrico e algo que ele me falou me deixou muito preocupado.

— O que aconteceu, ele está bem? — Fiquei apavorada com o que podia estar acontecendo com ele.

— Calma, menina! Ele está bem, quer dizer, ao menos de corpo e cabeça. Ele me contou que a mãe parece que renasceu quando encontrou o Sr. José Flores e conversaram sobre todo o passado deles e perceberam que foi a vida que os separou, não a falta de amor.

Sr. Ângelo tomou um gole de seu café e continuou a falar, enquanto meu coração estava descompassado e eu tentava entender aonde ele quer chegar.

— Agora sua mãe está bem, Carmen está encaminhada em sua carreira de modelo, Pablo está concluindo sua faculdade de medicina e parece que até o Antônio tomou rumo na vida depois que conheceu o pai. Então o Enrico já não está se sentindo tão útil lá, além disso está aprendendo a lidar com a ideia do retorno do pai.

— Então, ele voltará? Quando?

— Aí é que está o problema, ele me pediu que cuidasse da venda de seu apartamento e doasse seus pertences ao asilo no qual é voluntário, pois irá se juntar aos *Médicos Sem Fronteiras* em missão em algum país da África.

Mal ele terminou de falar e já estava aos prantos, sem saber o que fazer.

— Calma, minha menina! É aí que entro: o Sr. José queria contar a ele sobre sua gravidez e pedi para que somente desse um jeito de segurá-lo por mais tempo. Então, eles marcaram o casamento dele com a Ana, mãe do Enrico, de forma que o obrigue a ficar mais uns dias.

— E quando será isso?

— Sábado! E como sou convidado de honra, pedi a eles para levar uma acompanhante, que, claro, aceitaram na hora.

— E essa acompanhante seria eu?

— Sim, se de fato for isso que quiser!

— É tudo o que eu mais quero na vida!

— Então, converse com seu obstetra, arrume as malas e o passaporte porque daqui a dois dias estaremos na Venezuela!

— Vovô, muito obrigada, muito obrigada! — Enchi Sr. Ângelo de beijinhos e meu feijãozinho pareceu ter gostado também, porque começou a se mexer sem parar em meu ventre. Venezuela, aí ia eu!

REENCONTRO – PARTE II

Corri ansiosa para ajeitar as coisas da viagem, liguei para o meu obstetra expliquei o motivo de querer viajar e ele acabou me liberando. Por coincidência, após contar a ele quem era o pai do meu filho e todo o meu infortúnio, descobri que ambos já haviam feito muitos plantões juntos, inclusive cultivavam uma amizade. Esse mundo era pequeno mesmo!

Difícil mesmo foi convencer tia Selma, que estava apreensiva, dizendo que, se eu aprontava todas perto dela, imagine longe, em outro país. Sr. Ângelo fez um trocadilho, garantindo que manteria dois olhos bem abertos em mim, o que só aumentou a preocupação dela, redobrando as recomendações. Só faltou instalar um GPS em mim.

Mel ensinou vários exercícios de respiração caso entrasse em trabalho de parto prematuro e ainda me proibiu de voltar sem o Enrico para o Brasil. Como sempre, dando ordens.

Ricky e Mário fizeram uma lista de tantos perfumes para eu comprar

no *Free Shop*, que acho que iriam vender na vinte e cinco de março. Além disso, Rick chorou horrores, pois nunca tinha ficado longe de sua maninha por tanto tempo, mas, segundo ele, pelo bofe valeria a pena.

Para nossa sorte, titia realmente estava namorando um policial federal, um dos que me prenderam naquele fatídico dia do aeroporto. Quando voltasse de viagem, tiraria a limpo essa história. Porém, pensando bem, nunca a vi tão feliz e bonita. Foi ele quem ajeitou tudo para nós. Agora, pensem o que era uma mulher grávida cheia de malas, um senhor idoso cego e um cão-guia viajem.

A confusão começou com o Bob, que não queria entrar no carro de titia de jeito nenhum. Então, tivemos que colocá-lo no banco da frente com o vidro aberto para ele ir olhando a paisagem; parecia até gente. Ficamos todos torcendo para não encontrar nenhum guarda no caminho. Chegamos ao aeroporto em cima da hora. Aí, começou outra batalha, pois o Bob tinha que ir no compartimento de cargas, só que na hora de entrar na casinha, que já tínhamos providenciado, ele simplesmente fugiu; foi uma loucura, ele saiu correndo pelo aeroporto, derrubando as malas e dando olé em todo mundo. Quem conseguiu capturá-lo foi o Luiz, o namorado da titia. Parecia que ele hipnotizou o Bob, que ficou quietinho e entrou na casinha sem protestar. Até fui com a cara dele agora, somente pelo carinho com que tratou o Bob.

Resultado: nos atrasamos e, conseqüentemente, o voo também. Depois de muitos beijos, abraços e recomendações de titia, embarcamos. Porém, já dentro do avião, começou outra maratona, pois eu estava com um atestado médico solicitando cuidados especiais e o Sr. Ângelo requisitava também maior atenção. Mas uma família, que se resumia a duas mulheres grávidas — que pareciam irmãs —, quatro crianças — sendo duas de colo —, uma senhora e um senhor muito idoso, já tinham sentado nos assentos preferenciais. Acredito que a família devia estar de mudança, pois eram muitos e todos parecidos.

Eu não estava preocupada em me sentar na frente, aliás, nem queria, mas a comissária ficou tentando resolver a questão, o que atrasou o voo mais ainda. Acabamos acomodados atrás dessa família toda. Ainda bem que ninguém entendia o que eles falavam, já pensou passar o tempo inteiro com o Sr. Ângelo contando casos para eles? E por falar nele, por incrível que

pareça, ele estava muito quieto.

— Está tudo bem, Sr. Ângelo?

— Sim, por que acredita não estar?

— O senhor está tão calado e há de concordar comigo que isso não é comum!

— Sim, minha menina! Somente estou saudoso... A última vez que fiz essa viagem foi ao lado de minha preciosa Natália.

— Ah, sinto muito! Queria tanto ter tido a oportunidade de conhecê-la.

— Ela iria te adorar, com toda certeza. Sabe que ela tinha um sorriso tão bonito quanto o seu?

— Sr. Ângelo! Como pode saber se meu sorriso é bonito? E se eu for banguela ou algo parecido?

— Eu enxergo com a alma! Eu sei que quando sorri, duas covinhas se formam em seu rosto e que seu sorriso é tão largo e bonito que seus olhos parecem se fechar um pouquinho para ver mais de perto. E quando isso acontece é tão radiante que ilumina e contagia o ambiente onde está, parecido com os primeiros raios de sol que entram pela janela, anunciando um novo dia. Seus cabelos rebeldes, grossos e castanhos caem em camadas por suas costas da mesma cor dos chocolates mais puros dos alpes. É alta, sem deixar de ser graciosa; é magra sem deixar de ter curvas. Além de ter uma pele branquinha, que fica toda rubra quando está envergonhada ou apronta alguma, e um perfume que fica na lembrança por dias.

— Nossa, Sr. Ângelo, estou impressionada, além de muito emocionada!

— Eu estou brincando, minha menina! Essas palavras todas foram usadas pelo Enrico para descrevê-la, quando perguntei como você era!

Não consegui segurar a emoção e deixei as lágrimas caírem; até meu feijãozinho parecia ter gostado, já que estava dando piruetas em meu ventre.

— Menina, percebe o quanto esse amor é puro e verdadeiro? Não ponha tudo a perder novamente, pois um amor assim só se vive uma vez!

— Pode deixar, Sr. Ângelo, dou minha palavra que o que sinto é recíproco e vou me esforçar para consertar tudo. Obrigada!

— Eu sei, minha menina, eu sei!

Aquelas palavras foram um bálsamo para meu coração e reacendeu minha esperança que tudo daria certo. Ensaiei mentalmente o que diria ao Enrico quando o encontrasse novamente e adormeci pensando em nosso reencontro.

Por mais incrível que parecesse, tudo ocorreu bem; fizemos a viagem tranquilamente, até os bebês da grande família da frente dormiram o tempo inteiro. O Sr. Ângelo foi o caminho todo olhando pela janela, bastante quieto (às vezes tenho certeza de que ele não é cego coisa nenhuma).

Ao chegar ao aeroporto de Caracas, fiquei encantada pela receptividade e pelo clima do local. Fomos para as esteiras preferenciais junto com toda aquela família e ficamos parados esperando nossas malas e o Bob. A esteira passou uma vez, duas vezes, três vezes, a família gigante foi embora, os passageiros também, mas nós continuamos parados, depois de pegarmos nossas malas, à espera do Bob. Quando a última pessoa pegou sua mala, percebi que havia algo de muito errado. Procuramos pela administração e já estava desesperada com medo do que poderia ter acontecido com ele.

Esperamos muito tempo, até descobrir uma casinha totalmente quebrada, aberta e sem o Bob dentro. O desespero tomou conta de mim, não entendia quase nada do sotaque carregado dos comissários e o Sr. Ângelo tentava, de alguma forma, descobrir com eles onde um cachorro grande e amarelo poderia ter parado.

Acabamos descobrindo que, ao fazer a escala, ainda no Brasil, ele havia quebrado sua casinha e fugido no momento em que abriram o bagageiro. Descobrimos, inclusive, que foi feita uma ocorrência sobre isso, mas não fomos avisados. Fiz uma nota mental de que precisava fazer uma reclamação formal sobre o ocorrido.

Assinamos um monte de papéis de extravio e saímos de lá com uma promessa, na qual não acreditei, de que estavam procurando por ele no Brasil.

Sr. Ângelo não acreditou também e pediu licença para fazer umas ligações. Ele se afastou um pouco e falava baixinho, mas incisivamente; pouco tempo depois, voltou sorrindo e me tranquilizando, ao informar que logo Bob seria encontrado, pois tinha solicitado o auxílio de uns amigos muito eficazes, segundo palavras dele. Detalhe: ele não quis explicar que amigos eram esses. Resolvi não questioná-lo e não deixá-lo ainda mais apreensivo.

— E agora, vovô, o que faremos?

— Vamos para o hotel que reservamos para organizar nossas malas e descansar um pouco.

— Não é por nada, mas será que não podemos pular para a parte que procuramos o Enrico?

— Não! Não será necessário!

— Por quê?

— Liguei avisando de minha chegada e ele já deve estar no saguão me aguardando.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Quer dizer que estou a um passo de revê-lo?

— Sim, e não precisa ficar tão nervosa!

— É, mas o senhor não imagina o medo e a esperança que estão em meu coração! Não sei o que fazer ou falar e olha que ensaiei a viagem inteira.

— Minha menina, estou adorando ser o seu cupido! Deixe somente o destino agir!

Fomos caminhando para o saguão, com ele apoiado em um dos meus braços, enquanto, com o outro, empurrava o carrinho. Era até bom ter esses apoios, pois estava tremendo tanto que não conseguiria andar. Meu coração

estava muito descompassado, estava suando por todos os poros e o feijãozinho resolveu me chutar sem parar. O Sr. Ângelo voltou a tagarelar, contando como o destino resolveu a distância entre ele e sua amada e já eu estava achando este saguão longe demais.

Quando finalmente nos encontramos no local indicado por ele, olhei ao redor, porém, havia um acúmulo de pessoas e malas, tornando difícil achar alguém.

— Sr. Ângelo, como acharemos ele?

Mal terminei de perguntar, ele caiu desmaiado aos meus pés. Tentei segurá-lo e equilibrá-lo na minha frente, mas estava muito pesado para mim. Algumas pessoas pararam para olhar ou tentar ajudar e me vi rodeada de gente. Um pensamento egoísta me veio à mente: com tantas pessoas ali, Enrico não nos veria nunca.

Eram muitas vozes e sotaques, e comecei a ficar zonza também, mas uma voz sobressaiu entre todas. Ela despertou memórias e arrepios por todo o meu corpo. Meu coração, já acelerado, pareceu querer saltar pela boca e, incrivelmente, o feijãozinho se acalmou.

— Com licença, posso ajudar?

Levantei o olhar em direção à voz e vi aqueles olhos verdes, pelos quais me apaixonei à primeira vista. Nossos olhares se cruzaram e se fixaram; tentei me controlar, pois vi a compreensão em seu olhar. E meus olhos se encheram de lágrimas.

— Paloma! — Enrico veio em minha direção, para me ajudar, posicionou o Sr. Ângelo no chão e começou a examiná-lo. Fiquei ajoelhada muito apreensiva, quando ele incrivelmente acordou espantando todos que o rodeavam.

— Sr. Ângelo, o senhor está bem? Tomou seus remédios? — Enrico perguntou ainda o examinando.

— Está tudo bem, é que fico confuso com o fuso horário e devo ter esquecido de tomar algum remédio.

— Mas o senhor acabou de chegar!

— Então deve ser o *jet lag*! Ande, me ajude a levantar e tire esses abutres daqui, pois estou sentindo um monte de respirações em cima de mim.

Eu me levantei e tentei espantar os curiosos. Podia jurar que quando o Enrico levantou o Sr. Ângelo ele estava dando risada, será que ele estava fingindo?

Quando me virei, aqueles dois olhos verdes estavam um pouco vermelhos colados em mim, especificamente no meu abdômen. Sua boca estava entreaberta e tinha uma ruguinha em sua testa. Não conseguia me mover nem falar nada; fiquei somente parada, sem jeito, olhando de volta para ele e tentando não sair correndo ou chorar.

— Seis ou sete meses? — Ele perguntou duramente, contraindo o maxilar e os olhos.

— Entrando no sétimo mês — respondi, mas minha voz quase não saiu.

Ele respirou profundamente e parecia estar em uma luta interna, mas não desviou os olhos dos meus.

— Existe alguma possibilidade de que não seja meu?

— É lógico que não!

Continuamos parados nos encarando e ele parecia estar ponderando o que fazer, enquanto eu estava muito nervosa, pensando no que falar, mas não conseguia abrir a boca.

— Posso saber o motivo de não ter sido comunicado?

— Meus meninos, acredito que aqui não seja a hora e nem o lugar para conversarem — Sr. Ângelo intercedeu.

— Acredito que essa hora já passou! — Ele virou as costas para mim indo embora.

— Não, Enrico, por favor, me escute!

— Por que eu faria isso? Você acha que pode simplesmente esconder um fato tão importante, me deixar viver no inferno por três meses, aparecer na hora em que você bem entende, e eu vou me jogar aos seus pés?

— Me desculpe! — Abaixei a cabeça, de repente, muito envergonhada e triste; não esperava uma reação assim tão dura.

— Hoje à noite será a festa de seus pais, a Paloma irá comigo, tudo bem? — Sr. Ângelo, mais uma vez, tentou amenizar a situação.

— Claro! A Carmen, o Antônio e o José estarão lá e podem fazer companhia, já que deduzo que eles sabiam, pois ficaram insistindo que eu deveria ir atrás dela.

— Enrico, todos sabiam. Se não contaram, foi a meu pedido. Só o que lhe peço é uma chance de explicar tudo.

— Ok! Você terá uma única chance. Vou levá-los para a casa de *mi madre*, depois preciso resolver algumas questões para minha viagem à África e à noite conversamos.

Abri um sorriso, não contendo a alegria que tomou conta de mim. Porém, Enrico continuou com o semblante fechado, me encarando duramente.

— Somente estou lhe dando uma chance, pois estou muito curioso com o motivo de você ter omitido o fato que eu seria pai. Não crie falsas esperanças!

REENCONTRO — PARTE III

Andamos pela cidade no táxi providenciado pelo Enrico. Apesar de evitar o contato físico e não me olhar nos olhos, ele estava totalmente cuidadoso e cavalheiro: levou nossas malas, colocou no carro sozinho, não me permitiu ajudar, acomodou o Sr. Ângelo no banco da frente, me ajudou a sentar no banco de trás e, para minha alegria, sentou-se ao meu lado. Falou algo em um sotaque bem carregado ao taxista e, ao ouvir, me arrepiei

todinha; ainda bem que estava sentada, pois minhas pernas viraram gelatina. Os sentimentos dentro de mim estavam conflitantes: uma parte imensamente feliz por estar ao seu lado novamente e a outra temerosa com a reação dele, já que tinha sido tão duro comigo quando me viu. E também estava sendo muito doloroso tê-lo ali tão perto e não poder tocá-lo. Enquanto isso, ele continuou parado, olhando pela janela, com uma postura rígida e com o maxilar contraído. O Sr. Ângelo, por sua vez, voltou a tagarelar sem parar sobre sua última viagem, o clima quente de Caracas e, ainda, sobre o sumiço do Bob.

Andamos por um tempo em um trânsito caótico, com muitos carros antigos, nos afastando do centro da cidade. Não consegui observar quase nada, pois estava muito tensa.

Chegamos a um bairro que parecia ser bem tranquilo, com crianças brincando na rua e muitas árvores. As casas eram bem coloridas e pitorescas, pareciam pertencer a outra época. O taxista parou em frente a uma casa amarela com um quintal grande na frente, cheio de flores e plantas, que até me fez lembrar um pouco a casinha de minha avó em Piracicaba.

Enrico agradeceu, nos ajudou a descer do carro, pegou nossas malas, mas eu tentei protestar, alegando que iria para o hotel.

— Que hotel? Eu não fiz reserva!

— Senhor Ângelo, o senhor me disse que iríamos para um hotel!

— Sim, mas eu ainda iria procurar por um!

— Não há necessidade de procurar por nada, *mi madre* irá adorar hospedá-los, mesmo porque hoje à noite iniciará a festa e meu voo sai pela manhã! — Enrico não me deu chance de falar nada, disse isso e entrou, carregando nossas malas e pedindo para segui-lo; ele continuava evitando o contato visual comigo.

O interior da casa era ainda mais aconchegante, com cômodos amplos e arejados; parecia uma casa litorânea. Havia vasos de flores por todos os lados, deixando o ambiente com ar descontraído.

— *Madre?* — Enrico chamou e uma mulher muito linda saiu de um

cômodo dos fundos, com um avental amarrado na frente de um vestido colorido, que marcava um corpo muito esbelto. Seus cabelos eram pretos, presos em um coque, seus olhos eram da mesma cor e sua pele era bronzeada de sol. Naquele momento, entendi de onde tinha vindo a beleza da família. Apesar de alguns traços um pouco envelhecidos, era uma das mulheres mais belas que já vi, até achei que estava olhando para a Luiza Brunet de tão parecida que as duas eram.

Ela nos observou, foi em direção ao Sr. Ângelo, cumprimentando-o, dizendo em um sotaque que consegui entender o quanto era grata por ele ter ajudado seu filho e que estava muito feliz por revê-lo. O Sr. Ângelo respondeu, agradecendo e alegando somente ter retribuído toda a benfeitoria que o Enrico tinha feito por ele.

Ela veio em minha direção, me olhou de cima a baixo, enquanto fiquei ali quieta muito sem jeito, esperando por sua avaliação. Procurei pelo Enrico, que estava posicionado ao lado de uma janela, um pouco afastado. Ele somente balançou a cabeça para sua mãe confirmando algo. Então, ela voltou os olhos marejados para mim, posicionou suas mãos sobre minha barriga e não é que o danadinho do feijãozinho começou a chutar sem parar? Ela ficou fascinada, sorrindo para mim e me abraçou forte.

— *Muy rica y hermosa!*

Ela chamou pelo filho, dizendo que o bebê estava chutando, e Enrico perguntou se podia sentir também.

Enrico colocou suas mãos grandes sobre meu ventre, fazendo meu coração palpitar e minhas pernas amolecerem. O feijãozinho deu um chute tão forte que até arrancou um sorriso lindo, desfazendo a carranca que ele exibia. Nós nos olhamos, presos em uma conexão difícil até de explicar, mas, de repente, seu semblante se fechou novamente e Enrico saiu em disparada para a rua. Abaixei a cabeça, triste, lutando contra as lágrimas. E Ana, sua mãe, me consolou, dizendo que o filho era um cabeça dura, mas com um coração grande. Disse também que eu era como a brisa em uma tarde quente de verão. Não entendi o que ela quis dizer, mas achei bonito.

Ela nos levou para os fundos da casa, onde havia várias pessoas decorando um grande quintal, com as mesmas flores do interior da casa.

Carmen me avistou e veio correndo em minha direção, com um grande sorriso. Fui apresentada, junto do Sr. Ângelo, a algumas mulheres que já pareciam me conhecer, pois ela somente falava “essa é a Paloma” e todas vinham com a maior simpatia me cumprimentar. Conheci a esposa do Nico, a namorada do Antônio, a noiva do Paolo, algumas crianças, apresentadas como netas de Ana, que fizeram a maior festa por eu estar grávida. Teve somente uma mulher, muito bonita por sinal, que não fez questão nenhuma de ser simpática, que foi apresentada como prima do Enrico.

Após algum tempo, chegaram o Sr. José, Antônio, Nico e Paolo com caixas e garrafas; era tanto homem lindo junto, que se tornava difícil dizer qual era o mais bonito.... Queria dizer, entre eles, porque a beleza do Enrico ganhava em disparada, pelo menos no meu conceito. Eles também me cumprimentaram com alegria e fazendo a maior festa com o tamanho da minha barriga. Todos estavam ansiosos, querendo saber se era menino ou menina, e, quando afirmei não saber, começaram a fazer apostas do que seria e dos possíveis nomes. Realmente parecia que toda a família de Enrico já sabia, pois em momento algum precisei citar o nome do pai.

Fui muito mimada por todos se não fosse pela saída abrupta de Enrico, já estaria me sentindo em casa e da família.

Após um lanche maravilhoso, fui levada para um quarto, que alegaram ser de Carmen, para que eu pudesse descansar e me arrumar para a festa de logo mais. Como estava muito cansada da viagem, capotei.

Por Enrico

Passei o dia todo fora propositalmente, mais até do que realmente precisava, porque minha cabeça estava em uma guerra com meu coração. Devia confessar que quando liguei para o Sr. Ângelo, falando de minha suposta viagem para África, era exatamente para que a história chegasse aos ouvidos da Paloma — de certa forma foi uma ação um tanto desesperada para ver qual seria a reação dela. Queria muito vê-la, mas não queria dar o braço a torcer e correr atrás dela mais uma vez. Sabia que tinha algo muito estranho acontecendo, pois meus irmãos, e o homem que agora já posso chamar de pai, insistiam todos os dias que devia deixar de ser orgulhoso e voltar para o Brasil para procurar por ela.

A saudade quase me matou nesse período que ficamos longe e vivi dias muito ruins. Ponderei por várias vezes voltar, mas tinha medo de encontrá-la novamente com o noivo e acabar de vez com o que restou do meu coração.

No primeiro mês, mesmo sofrendo bastante, ainda me mantive firme, pois estava com muito rancor dela, e me ocupei cuidando de *mi madre*. Então, o José voltou, eles conversaram, se entenderam e se perdoaram. Ela pareceu renascer: um belo dia levantou, abriu todas as janelas da casa, passou a se arrumar e deixou a depressão para trás. Naquele instante, me dei conta de que tinha carregado responsabilidades e rancores demais por uma vida toda e que já era hora de cuidar de mim, mas tudo que eu queria era começar uma vida, uma história e uma família ao lado de minha maluquinha; já nem lembrava mais o motivo de estarmos separados e alimentei a esperança de que ela me amasse na mesma intensidade que a ela. Por isso liguei inventando aquela história da África, sabia que, se realmente ela se importasse um pouquinho que fosse, não me deixaria partir para tão longe.

Só não esperava tamanha surpresa, estava desconfiado de que tinha algo de errado acontecendo, mas não imaginava que era tão grande assim. Em um primeiro momento imaginei que seria de outro, por isso ela escondeu. Mas vi o temor e a esperança em seus olhos e senti verdadeiramente que era meu filho que ela carregava.

Só que em vez de abraçá-la, conforme era minha vontade, criei uma barreira entre nós, sendo mais duro do que gostaria com ela e, mais uma vez, deixei o orgulho tomar conta de mim e travei uma batalha interna entre meu coração, que já a havia perdoado, e minha razão, que queria uma confirmação de seu amor. Mas, quando minhas mãos foram parar em seu ventre e pude sentir a inexplicável emoção de uma conexão tão pura e verdadeira de nosso filho chutando, toda a minha armadura caiu por terra, não queria saber de mais nada e saí para tomar a decisão que já deveria ter tomado há muito tempo.

Ao chegar em casa, a encontrei lindamente adormecida em minha cama. Era a visão mais plena que eu poderia ter na vida. Ela já era bela, mas naquela condição ficou de tirar o fôlego. Sua mão estava protetoramente pousada sobre sua já volumosa barriga e, finalmente, entendi, que só

precisava de uma única palavra dela...

Por Paloma

Acordei com um cheiro bom que me trazia recordações de uma época em que havia recobrado minha felicidade. Era o cheiro do Enrico. Eu estava tão cansada quando entrei no quarto que não percebi que estava provavelmente na cama dele, meus sentidos foram despertados pela lembrança de seu perfume tão característico e másculo.

De repente me deparei com aqueles dois olhos verdes me observando e quis desesperadamente pular em seu pescoço, mas resolvi esperar por uma reação dele, pois já não sabia como agir e se ele realmente ia me perdoar.

— Oi — disse a ele, que estava com os olhos fixos em mim, exibindo uma expressão que eu não conseguia interpretar.

— Oi!

— Nós podemos conversar agora?

— Por quê?

— Porque te amo, Enrico! E não consigo viver mais um dia longe de você!

— E você percebeu isso só agora?

— Não! Acho que te amei desde a primeira vez que nossos olhares se cruzaram, eu somente não me permitia entrar de cabeça por medo de me machucar novamente.

— E também nunca pensou em falar nada para mim?

— Não achei que era necessário!

Ele se levantou abruptamente.

— Espera aí.... Você não vai mais conversar comigo, não quer saber

meus motivos?

— Não acho necessário — ele devolveu minha resposta e saiu me deixando sozinha no quarto.

Aiiii, que homem cabeça dura, viu?! Quer saber, eu não saí do Brasil para dar com os burros n'água!

Resolvi tomar banho (algum anjo já havia providenciado tudo e deixado arrumado para mim). Coloquei um vestido branco rendado, com alças grossas, um pouco soltinho e transpassado nas costas, bem confortável para gestantes, comprei pensando em usá-lo numa ocasião especial. Prendi meus cabelos com um coque frouxo de lado, coloquei um pouquinho de perfume, pois me lembrei das várias vezes que Enrico cheirava minha nuca, dizendo gostar do cheiro, e fui em direção aos fundos da casa, onde já havia iniciado a festa, determinada a provar para ele o quanto precisava dele e o amava.

Ouvi uma batida gostosa de uma música que parecia bem tipicamente latina.

Yo te miro, se me corta lá respiración

Cuando tu me miras se me sube el corazón

Y en silencio tu mirada dice mil palabras

La noche en la que te suplico que no salga el sol.

Bailando, bailando, bailando...

Fui guiada pela batida, ansiosa por resolver de vez minha situação com meu moreno e, ao chegar, vocês não imaginam o que meus olhos viram...

ERA UMA VEZ

Fui caminhando ao som do ritmo, ainda anestesiada pelo que estava acontecendo. Meu coração estava disparado e não sei como consegui sustentar minhas pernas.

Tochas de madeira iluminavam o ambiente ricamente decorado com flores coloridas. E pétalas espalhavam-se em um caminho que levava até os familiares de Enrico, em uma roda, com ele no meio. As mulheres usavam na cabeça uma guirlanda dessas mesmas flores e os homens levavam um raminho no bolso. Todos estavam trajando roupas brancas; eu, sem querer, acabei escolhendo corretamente meu vestido branco de renda.

O som do refrão invadiu minha alma.

Yo quiero estar contigo, vivir contigo

Bailar contigo, tener contigo

Una noche loca

Hay besar tu boca

Ana, sua mãe, me conduziu para o centro da roda onde eles bailavam ao som da melodia, colocou uma guirlanda em minha cabeça também, feita de flores vermelhas, da mesma cor da rosa que Enrico levava no bolso da camisa branca semiaberta, que deixava um pouco de seu tórax moreno reluzente à mostra.

Ele se aproximou, caminhando lentamente, olhando profundamente no fundo de meus olhos, como estivesse tentando enxergar minha alma. Segurou minhas mãos, depositando um beijinho em cada palma e começou a me guiar ao som da música, me balançando levemente com os quadris grudados aos meus. Fiquei ali, sendo guiada, tentando controlar as batidas frenéticas de meu coração.

A música foi cessando e escutei as últimas estrofes e já estava

totalmente submersa em nossa conexão. Ele se ajoelhou aos meus pés, ainda sem desgrudar os olhos dos meus, tirou sua rosa vermelha do bolso e me entregou.

Olhei emocionada para o caule da flor que tinha um anel dourado brilhando.

— *¿Quieres casar conmigo, Señorita?*

— Ai, meu Deus! Sim!

Enrico puxou a aliança, que estava presa na flor, e começou a deslizar em meu dedo. Uma emoção inexplicável tomou conta de mim.

— Quero dizer, não sei!

Ele parou a aliança no meio do caminho e me olhou impaciente, como se estivesse pronto a me convencer.

— Brincadeirinha! É tudo o que mais quero no mundo! Ainda mais pedindo assim, sem apertar a tecla sap.

Então, ele abriu o sorriso mais lindo do mundo, pôs a aliança em meu dedo, depositando um beijo cheio de promessas em cima, em seguida, beijou minha barriga e sussurrou:

— *¡Mi hijo!* — Levantou-se e tomou meus lábios, matando a saudade que estávamos um do outro.

Ficamos ali um bom tempo nos saboreando, perdidos e conectados um ao outro, fazendo promessas silenciosas de um futuro promissor e feliz.

— *Mi amor*, queria realizar nossa cerimônia junto com a dos meus pais, mas pensei que seria injusto com sua família.

— É, realmente titia iria me matar! — Falei sorrindo, não conseguindo conter a alegria que me invadiu.

Todos seus familiares se aproximaram nos cumprimentando. Não queria soltá-lo, mas os homens o arrastaram para brindar, fazendo festa e

dizendo que tinham perdido mais um para o matrimônio. As mulheres me parabenizaram carinhosamente, dando boas-vindas à família, exceto a tal prima, que se afastou com cara de poucos amigos.

Carmen estava linda e radiante, me abraçou e alisou minha barriga.

— Já não era sem tempo! Achei que teria que forçar aquela cabeça dura a te escutar. Queria tanto uma irmã! Seja bem-vinda! Você e minha sobrinha, porque já tem muitos *hombres* nessa casa.

— Eu não tenho preferência, só tenho muito amor para dar.

— Disso eu tenho certeza! Amor não faltará. E... Ah... não ligue para o veneno de Izabel, ela nunca aceitou que o Enrico a tratasse apenas como uma irmã, sonhando com uma união que nunca passou pela cabeça de meu irmão.

— Entendo agora, mas pode deixar, sempre conversarei com o Enrico primeiro antes de acreditar em qualquer coisa.

— Que bom, porque agora que ganhei uma irmã não vou deixá-la em paz. — Carmen me abraçou mais uma vez e disse que precisava matar a fome. Eu não entendia como era tão magra, comendo do jeito que comia.

Ana se aproximou e me abraçou acolhedoramente.

— Não via a hora de te conhecer! Via todos os dias o sofrimento nos olhos de meu filho e rezava para vocês se acertarem, só eu sei a dor que nos acomete por perder um grande amor.

— Eu também não via hora, estava morrendo de saudades dele e ansiosa para lhe contar sobre a gravidez, além de querer muito conhecê-la.

— Sei que tem uma tia que te guarda como *una madre*, mas, se você aceitar, gostaria muito de acolhê-la como uma filha, afinal, *una mujer* que foi capaz de domar o coração de *mi* Enrico deve ser, no mínimo, *una persona muy* especial.

Fiquei completamente tomada de emoção por suas palavras, comecei a chorar, enquanto ela me consolava, dizendo o quanto estava feliz por seu

filho mais precioso ter encontrado o amor e a paz em sua vida.

Opsss.... Será que devia alertá-la que eu era assim, um pouquinho atrapalhada, e que paz não seria uma constante em nossas vidas. Decidi, contudo, que era melhor não espantar a sogra, agora que tinha uma que finalmente gostou de mim.

Sr. José veio ao nosso encontro também, a abraçou carinhosamente e, pela primeira vez em muito tempo, não senti aquela pontinha de inveja por ver um casal tão apaixonado, pois já tinha o meu par também.

— *Mi* carinho, Paloma me ajudou muito em nosso reencontro, sempre me ouvindo e apoiando. Estou até com saudades de nossos chás da tarde!

— Agora teremos nossos chás, porém todos juntos e unidos. — Enrico surgiu, respondendo e me abraçando por trás, e eu apoiei minha cabeça em seu ombro, suspirando de alegria.

— Vocês formam um belo casal. Parabéns meu filho, sua noiva é um verdadeiro tesouro.

— Obrigado, José! Mas também tenho que confessar que estou feliz pela reconciliação de vocês e pedir desculpas por não ter facilitado nem um pouco.

— Deixe o que passou para trás, iremos fortalecer nossos laços agora, baseados na confiança e no diálogo.

Enrico confirmou com um menear de cabeça e ambos apertaram as mãos, como se estivessem selando um acordo. Sua mãe nos abraçou e pediu licença para iniciarem a festa.

O próximo a vir nos cumprimentar foi o Sr. Ângelo, acompanhado dos irmãos de Enrico. Eles me abraçaram sem cerimônia, sob o olhar de advertência do irmão e começaram mais uma vez a tirar sarro, dizendo que não aceitariam devolução do irmão turrão deles e que era para eu ter muita paciência com o cabeça-dura.

Eles eram muito engraçados juntos e, mesmo com tantas brincadeiras,

era nítido o carinho e respeito que tinham entre si; principalmente, com o Enrico.

— Fico imensamente feliz e faço muito gosto pela união de vocês.
— Sr. Ângelo nos cumprimentou carinhosamente, como um avô.

— E o senhor será nosso padrinho de casamento. — Enrico respondeu a ele, que deu uma risada sonora e disse:

— Eu já sou! E estarei presente lá. Agora me deem licença que preciso provar daqueles bolinhos apetitosos que estão ali na mesa.

— Estou falando, ele não é cego coisa nenhuma! — Sussurrei para o Enrico, que dá uma gargalhada.

— Só você mesmo! Estava morrendo de saudades desse seu bom humor.

Fiz cara de quem concordou, mas insisti na minha desconfiança, pois estava falando muito sério.

Os irmãos dele foram se afastando um a um, procurando por suas namoradas, que também eram lindas, por sinal, e ficamos somente Enrico e eu, que saiu me arrastando para um lugar isolado, dizendo que precisava matar as saudades.

Ele me levou para uma lateral da casa, onde não estava tendo movimento da festa, em uma pequena varanda com um jardimzinho fracamente iluminado e um banco de madeira virado para a direção do que parecia ser um imenso vale, porém, devido à escuridão, não era possível distinguir nada.

— Que lugar é aquele?

— É o parque nacional El Ávila, te levarei para andar no bondinho amanhã, a vista do alto da montanha é belíssima.

— Amanhã? Então você não irá mais viajar?

— É claro que não! Nunca existiu viagem nenhuma, era só um

pretexto para ter certeza se você realmente me amava e abriria mão de algumas coisas.

— Enrico, desculpe por não ter me declarado antes. Eu deveria ter gritado aos quatro ventos que te amava perdidamente — falei, enchendo-o de beijinhos.

— Eu que fiquei querendo uma confirmação do que eu já sentia e sabia, mas precisei fazer esse estratagema todo para ver o quanto estava errado.

— E em que momento você percebeu? Depois que te falei?

— Não! Foi quando te vi no aeroporto, linda, com essa barriga saliente, olhando para mim, com medo e esperança nos olhos sobre o nosso futuro.

— Mas você me tratou tão mal, até achei que teria que voltar para casa sem você.

— Fiquei bastante confuso, apesar de querer muito resolver tudo naquela hora mesmo. Só que aí vi sua gravidez e, por um momento, fiquei buscando os motivos para ter me escondido nosso filho.

Dei um suspiro prolongado, arrependida de ter nos separado por pura tontice minha. Ele também ficou ali quieto, perdido em pensamentos.

Olhei no sentido oposto ao do vale e vi um céu bem próximo encoberto de estrelas. E me recordei de uma outra vez em que ele as havia descrito.

— Uau! É do mesmo jeito que você me falou — disse e ele aproveitou que estava admirando o céu para se aproximar, cheirando longamente minha nuca.

— Estava morto de saudades desse seu cheiro. — Ele passou um tempinho ali e começou a espalhar um rastro de beijinhos.

— Enrico, você não acha que precisamos conversar primeiro? — Falei, tomando fôlego e me afastando.

— Sobre o que você quer conversar ainda?

— Olha, apesar de estar adorando tudo o que está acontecendo, acho que eu ainda lhe devo uma explicação.

— Paloma, não há mais nada a ser explicado!

— Você não está nem um pouquinho chateado comigo? Ou curioso?

— Como poderia? Garanto que deve existir um motivo um tanto atrapalhado para tudo o que aconteceu. Eu só lamento não ter enxergado isso antes.

— Mas eu fui tão egoísta com você!

— Se você foi egoísta, eu fui um grande babaca orgulhoso! Preste atenção: nós dois erramos!

— Me desculpe!

— Não há nada para ser desculpado! Iniciaremos nossa vida agora em um relacionamento baseado na confiança, você irá prometer dialogar e eu prometo ouvir. Se tivesse lhe dado a oportunidade de falar ou respondido suas inúmeras mensagens, não teríamos ficado tanto tempo longe. Só o meu travesseiro sabe as noites que passei louco de saudades e cego pelo orgulho. Queria uma confirmação insana de um amor que estava o tempo todo presente.

— Mas eu deveria ter lhe dado a opção da escolha, mas fui tão insegura!

— Está vendo como existem muitos erros que devem ficar para trás? Nada disso importa mais. Temos agora um elo maior que tudo isso e muito amor para dar. Você não imagina como me fez feliz dando esse presente abençoado — ele falou tudo isso colocando suas mãos em meu ventre, e o danadinho deve ter sentido sua presença, pois deu um chute bem forte, deixando-o emocionado.

— Ai, meu Deus! Eu não te mereço!

— Merece sim e muito mais! E prometo que farei de tudo para lhe fazer a mulher mais feliz e amada deste mundo.

— Eu já sou! — Pulei em seu colo, abraçando e o enchendo de beijos.

— Acho melhor entrarmos, tem uma barriga saliente em nosso caminho e muitas saudades para matar.

— Enrico, não tira sarro mais assim... Será que não machuca o bebê?
— Perguntei totalmente envergonhada, afinal, era minha primeira gravidez e, além da Mel, que não servia muito de exemplo, não tinha ninguém para tirar dúvidas.

Ele riu, tentando se controlar.

— Não, meu amor, não tem problema algum, além do que, prometo ser carinhoso e somente te amar. E tem também *mi madre*, com quem você pode tirar todas suas dúvidas; ela tem um olhar menos médico e mais materno.

— Viu só como você é muita areia pro meu caminhãozinho?

— Não quero mais ouvir isso. Você não tem noção do quanto é linda e especial. Além de um sorriso que me faz esquecer de tudo e somente querer te amar. Eu é que sou um homem muito sortudo pelo privilégio de ser *tu novio*.

— Ai, meu Deus, é verdade, somos noivos agora.

— E fique tranquila, marcaremos nossa cerimônia assim que chegar ao Brasil e pedir sua mão para seu pai.

— Você acha necessário tanto protocolo? Você já me tem toda sua!

— Sim, pois você merece tudo de melhor e eu quero poder te chamar de minha esposa para sempre! Não vejo a hora de te ver entrando na igreja toda redondinha e linda carregando nosso filho.

— Enrico, posso te pedir uma coisa?

— Qualquer coisa.

— Será que podemos esperar o bebê nascer?

— Não quero esperar tanto tempo.

— São somente três meses!

— Maluquinha, o que foi dessa vez?

— É que não quero que você se case comigo só porque estou grávida.

— Qual parte de “eu te amo e quero passar o resto da vida ao seu lado” você não entendeu? Por mim, já teria lhe pedido em casamento muito antes.

— Eu sonhava com isso todos os dias, mas tinha receio de te espantar.

— Agora, entenda de uma vez que é a mulher de minha vida desde o momento em que coloquei os olhos em você. Você me completa e faz feliz como nunca achei que seria capaz de ser. E quero passar todos os dias ao seu lado!

— Aliás, que olhos, hein?! Quero que nosso filho nasça com eles.

— E eu quero que seja uma menina linda como você, só um pouquinho menos atrapalhada! Vamos marcar logo a data, não quero esperar.

— Mas será que podemos esperar o feijãozinho nascer?

— Feijãozinho? Só você mesmo.

— É porque nos ultrassons ele parece um feijão e, como não sei se é menino ou menina, então, o chamo assim carinhosamente.

— Tá bom! Então vamos combinar uma coisa: somente saberemos o sexo quando ele ou ela nascer, marcaremos nosso casamento nos três meses de vida dele e ele entrará em seus braços como nosso pajem.

— Ai, meu Deus, adorei! — Voltei a beijar Enrico, que

correspondeu ansioso, deixando suas mãos trabalharem em meu corpo.

— *Señorita*, vamos para o quarto, quero tirar esse seu vestido e vê-la deslumbrante só para mim.

Ai, ai, viu? Lá ia eu ali visitar umas estrelinhas que há tempos não via.... Fazer o que, nem sempre o mundo é cruel...

SOMENTE ACABA QUANDO TERMINA.

— Chame o SAMU!

— Vamos lá, respiração cachorrinho, me imita.

— Será que não é outro alarme falso?

— Claro que não! Nós estamos quase afogando de tanta água que saiu de dentro da maninha.

— Pare de exageros, Ricky! Alguém chama o Enrico agora!

Vi todos ao meu redor: Mel, Ricky, Mário, Ed, Júlia, Suzana e tia Selma, que estava ameaçando a moça do 192, exigindo que o Enrico aparecesse para me socorrer, porque minha bolsa estourou e estava tendo algumas contrações.

— Aiiiiiiiiiii!

Pera aí... não podia ganhar meu feijãozinho logo agora, sem meu amor por perto. Então, enquanto isso, iria contar como cheguei até aqui.

Dois meses antes...

A cerimônia de união dos pais do Enrico foi linda e emocionante. Eles refizeram os votos e juras de amor eterno, a família estava toda reunida e feliz, Ana estava exuberante, por finalmente ter reunido toda a família e ter deixado o passado para trás, eu já me sentia acolhida e percebia uma parte do elo que formamos.

A lua de mel deles foi em família, pois todos nós fomos juntos, já que, segundo eles, era um sonho antigo da mãe poder viajar com o marido e filhos.

Fomos de Caracas para Isla Margarita. Enrico estava ansioso para me mostrar onde nasceu e teve sua infância. A família alugou uma casa de veraneio com vários quartos e teve o cuidado de deixar um quarto lindo só para nós. Aliás, titia que não me ouça, mas nunca fui tão mimada e cuidada; quando não o era pelo próprio Enrico, era por sua mãe e irmã, preocupadas o tempo todo com minha alimentação, ou pelo Sr. José, que fazia questão de demonstrar o quanto estava grato e feliz com tudo o que estava acontecendo.

Só o Sr. Ângelo, na manhã seguinte após termos ido visitar o monte Gálipan, resolveu voltar ao Brasil, afirmando ter tido retorno de seus amigos que já haviam recuperado o Bob. Ele ficou muito quieto após o passeio e, segundo o Enrico, era devido à nostalgia de ter voltado ao local de seu fatídico acidente. O local era lindo, com uma vista maravilhosa, mas não consegui aproveitar muito, pois não gosto de altura e somente se pode chegar até lá de teleférico.

Uma coisa estranha foi que a despedida de Sr. Ângelo foi muito emocionada e, não sei o motivo, mas senti que não o veria nunca mais. Ele falou secretamente em meu ouvido que havia deixado uma carta em meu armário de bonecas e que eu deveria abri-la somente depois da cerimônia de nosso casamento.

— Mas, senhor Ângelo, nos veremos antes disso, né?

— Claro, minha menina! Eu sempre estarei por perto.

Podia jurar que, enquanto ele estava se despendido do Enrico, levantou seus óculos e olhou bem no fundo dos meus olhos, deu uma piscadela e sorriu. E nem pude falar que ele não era cego coisa nenhuma, para não passar por louca.

Depois de seu embarque, fomos para a ilha onde a família do Enrico já estava instalada.

Eu nunca pensei que realmente existisse um mar tão azul, cercado por

uma areia tão branca e reluzente. O lugar era simplesmente deslumbrante e tive certeza de que ali só podia ser um pedacinho do paraíso.

À noite, Enrico me levou para um piquenique ao luar, montou uma tenda, colocou mantas sob a areia, iluminou com tochas ao redor, preparou lanchinhos e frutas. Então, ficamos nos amando, somente com a lua e as muitas estrelas como testemunha.

— Passei muitas noites sonhando acordado em estar aqui com você!

— Tenho que te confessar que qualquer lugar ao seu lado já seria bom, mas com um cenário desses é mais do que perfeito!

— Esse será nosso paraíso e, quando nosso filho nascer, nós iremos trazê-lo para conhecer a perfeição da obra divina.

— E também para conhecer a terra de seu pai e sua história.

— Sim! Amo minha terra, mas aprendi a amar a sua também e quero criar nossos filhos no Brasil, mas sem abandonar nossas raízes.

— Nossos filhos?

— Sim! Pelo menos quatro! Quero nossa família grande e a casa sempre cheia de crianças.

— Enrico! Não sei se vou fazer tudo certinho para ter nosso feijãozinho, quem dirá ter mais?

— Não se preocupe, você fará tudo certo! Aliás, sempre faz, minha maluquinha!

Enrico disse sussurrando em meu ouvido que estaria sempre ao meu lado e começou a espalhar beijos cheios de promessas ao longo de meu corpo. Já não tinha mais vergonha nem medos. Ele não deu espaço para nada, somente para nossa conexão, sempre paciente, carinhoso e cuidadoso comigo.

Os dias na ilha passaram como um sonho do qual eu não queria acordar. Mas a realidade já não assustava mais e era hora de voltar para casa.

Despedi-me da família de Enrico, mas seria um até breve somente, pois Ana e José prometeram ir ao Brasil assim que o neto deles nascesse. Já seus irmãos e esposas, devido a negócios da empreiteira de José, iriam logo, logo, nos fazer uma visita; e até Paolo, que terminou a faculdade de Medicina, iria tentar a sorte em nosso país. Já Carmen era um caso à parte: por viver na ponte aérea, devido à sua carreira de modelo, pediu para deixar um quarto reservado para ela, pois queria ter um lar aonde pudesse voltar depois dos trabalhos. Ela não tirava da cabeça que ganharia uma sobrinha, finalmente, para enchê-la de mimos. Realmente ganhei uma nova família, e grande, por sinal.

Já eu, vinha sonhando com o rostinho de meu feijãozinho todos os dias: ele tinha a cor da pele de Enrico e seus lindos olhos, mas nunca sei se é um menino ou menina; e a ansiedade de saber o que era estava me corroendo. Era exatamente nisso que estava pensando em nossa viagem de volta quando o Enrico chamou a minha atenção.

— Paloma, nosso casamento será somente depois que o bebê nascer, mas você irá morar comigo antes. Correto?

— Claro! Estava com medo de você não pedir isso.

— Maluquinha, se era o que queria também, por que não disse?

— É só minha insegurança que teima em aparecer.

— Pois não darei mais chance para isso, acho que não sou capaz de viver nem um dia mais longe de você!

— Mas, quando o bebê nascer, como faremos? Não tenho experiência nenhuma e você trabalha de madrugada.

— Não se preocupe! Tem *mi madre*, sua tia, a Mel, você terá muitas pessoas para te ajudar quando eu não estiver por perto.

— Tem razão! Ah, Enrico... queria tanto que minha mãe pudesse ver tudo o que está acontecendo comigo, que conhecesse seu neto ou neta e o homem maravilhoso com quem vou me casar e por quem me apaixonei!

— Mas tenho certeza de que ela guarda seus passos. E para nosso

filho, ela estará presente em lembranças, que você passará a ele!

— Obrigada! Você sempre tem a coisa certa a dizer! Te amo!

— Viu como é fácil dizer te amo, minha maluquinha e futura esposa?!

— Mas isso é porque você é fofo pra mais de metro!

— Só você mesmo! É por isso que te amo muito!

E foi assim nossa viagem de retorno, tranquila e feliz.

Fomos recebidos no aeroporto com festa. Estavam presentes o Ricky junto com o Mário, a Mel e o Thor, que correu para me abraçar quando me viu.

— Tia Loma, eu vi um montão de avião grandão! O seu também era grandão, você viu as nuvens de perto?

— Thor! Eu passei uma semana longe e você ficou tagarela, igual à sua mãe!

— E você ficou redonda igual a uma bola!

— Maninha, é verdade! O que te deram para comer lá na Venezuela? Você está enorme!

— Para mim, está perfeita! — Enrico me abraçou, depois de eu ter sido alvo do interrogatório do Thor.

— Ficamos muito felizes que vocês se acertaram! Achei que teria que ir eu mesma buscá-lo na Venezuela e trazê-lo amarrado. — Mel sempre ameaçando.

— Ainda bem que não foi necessário! Vim por livre e espontânea vontade e amor!

— Vocês são lindos juntos! Agora vamos que titia está esperando por vocês com uma pequena recepção.

— Mas a Paloma precisa descansar da viagem!

— Enrico! Eu ainda moro lá, esqueceu? E, além do mais, estou superbem.

— Tudo bem. Mas quando chegar, vai colocar um pouco as pernas elevadas e se alimentar direito.

— Pode deixar, doutor!

Todos riem do cuidado de Enrico e nos encaminhamos, finalmente, para casa.

Ao chegarmos, titia corre ao meu encontro, me abraçando demoradamente, afinal, desde quando ela assumiu os meus cuidados nunca ficamos tanto tempo longe.

— Sua mãe ficaria tão feliz com tudo isso e ela nem te verá casar de noiva.

— Tia, nem sei se vou casar de noiva!

— Mas sempre foi seu sonho.

— Sim, mas não entendia que eu sonhava com a cerimônia e não pensava no mais importante, que era o amor. Hoje, o que tenho já me basta e estou feliz como nunca fui! E não será a forma de assinar um papel que irá mudar isso.

— Nossa, minha menina, você está mais do que certa!

— Mas eu faço questão de vê-la linda, toda de branco! — Falou Enrico.

— Tudo bem, mas só quero estar com você do jeito que for.

A recepção foi muito divertida. Apesar de ter sido bem acolhida pela família de Enrico, era bom estar entre amigos verdadeiros, que sempre estavam dispostos a me ajudar.

Titia, linda e radiante no auge dos seus cinquenta anos, estava entre

chamegos com o seu namorado, o Luiz. Ricky estava rindo à toa ao lado de Mário, que ficava todo envergonhado com as declarações do namorado. Mel estava acompanhada do João, Ed e Julia. Ela e o marido observavam, orgulhosos, seus filhos brincando juntos e imitando os sons dos dinossauros.

Olhei ao redor e percebi que, de uma forma ou outra, todos estavam felizes do jeito que desejaram e lutaram para ser.

Éramos todos unidos pelo laço da amizade, sempre prontos para apoiar e ajudar uns aos outros. E, naquele momento, me senti completa como nunca antes e, pela primeira vez na vida, agradei a Deus por tudo que tinha; o que viesse dali para frente seria apenas um bônus de uma felicidade que não sabia que seria possível existir.

Os dias foram passando tranquilos e felizes ao lado do Enrico. Mudei-me de vez para seu apartamento e ele me deixou à vontade para mudar os ambientes do jeito que eu quisesse. Porém, não quis tirar nada do lugar, somente acrescentei um pouco de cor e vida aos cômodos, coloquei almofadas coloridas, alguns quadros, porta-retratos e vasos de plantas. Enrico adorou e disse que faltava mesmo um toque feminino na casa. O único problema era o quarto do feijãozinho, que estava uma indecisão só, porque sonhava com um quarto todo rosa cheio de corações ou azul cheio de pipas e, como não sabíamos o sexo ainda, estava difícil de decidir o que fazer.

Enrico fez questão de me acompanhar no pré-natal e se surpreendeu por encontrar seu amigo de longa data, que ficou muito feliz pela coincidência e também mais tranquilo por eu estar em boas mãos.

Ele me acompanhou também no ultrassom e pensei em um homem de um metro e oitenta sete, forte e lindo, chorando emocionado quando o ritmo pulsante das batidas frenéticas do coração de nosso bebê preencheu a sala. Naquele momento, ao me olhar com amor e gratidão, tive um vislumbre do pai amoroso que ele seria.

Mesmo ele indo às consultas e sabendo que estava tudo bem, conforme crescia minha barriga, mais cuidadoso e preocupado comigo ia ficando; não podia fazer nada sozinha, sempre tinha um batalhão de gente me rodeando. Também, com um histórico como o meu, não dava nem para ficar chateada, né?

Ah! Nem contei: fomos visitar minha irmãzinha que nasceu e recebeu o nome de Paola (bem parecido com o meu nome); ela era a coisa mais bonitinha de linda que já vi na minha vida! Olhem que ironia do destino, passei tanto tempo me sentindo solitária e agora até irmã tinha.

O Enrico cumpriu o prometido e pediu minha mão em casamento ao meu pai, que ficou honrado e emocionado com o gesto. E eu, mais uma vez, fiquei soltando coraçõezinhos apaixonados de orgulho.

Quando voltamos para São Paulo, ainda faltava comprar o enxoval do feijãozinho e Enrico só me deixou ir acompanhada de Mel e ainda fez questão de levar e buscar.

Agora pensem em lugar lotado! Nunca tinha ido ao Brás fazer compras, mas Mel garantiu que era o melhor lugar e que encontraríamos tudo o que precisávamos.

O problema foi o seguinte: somente existem quatro opções de cores para bebês, parece até padronizado ou é muita falta de criatividade. Só tinha o rosa, o azul, o verde e o amarelo. Eu, hein?! Não entendi isso não. E como não posso comprar nem rosa ou azul, me neguei a comprar verde ou amarelo, nem é época de copa para vestir o feijãozinho assim!

Então, entramos em várias lojas, procurando por roupinhas e acessórios. Quando encontrava alguma coisa mescladinha ou de outra cor, comprava na hora, mas Mel já estava ficando preocupada, pois, segundo ela, meu bebê não poderia tomar banho se não tivesse troca de roupas para isso.

Já estava bem cansada e faminta, então resolvi me sentar um pouco na calçada, nem ligando para as pessoas reclamando.

Aí, senti um cheiro maravilhoso que vinha de um chinês preparando yakissoba em uma barraquinha em um minicentro comercial; não pensei duas vezes e arrastei a Mel, que não concordou, alegando que não era seguro comer alimentos de rua. Respondi que estava com desejos, e então ela baixou a guarda.

Enquanto aguardava o chinês terminar, vi, do outro lado da rua, um homem cortando abacaxis amarelinhos, muito cheirosos, e minha boca

encheu de água. Peguei meu pratinho de yakissoba, corri arrastando a Mel para a banquinha de abacaxis e não dei tempo nem de ela protestar, pedi ao moço para cortar umas fatias e coloquei junto no meu prato.

— Gente! Esse desejo eu nunca vi, abacaxi com yakissoba! Está me dando ânsia só de olhar!

— Humm, você não imagina a delícia que está. Pode fazer cara de nojo o quanto quiser, que não vou dividir mesmo.

— Como se eu quisesse essa gororoba! Eu só espero que tudo isso fique no seu estômago, porque não compramos quase nada ainda e o Enrico torce meu pescoço se algo acontecer com você!

Resultado: aconteceu! Mal a mistura caiu no estômago, voltou com tudo, mas o mal-estar foi aumentando e tive que parar no pronto-socorro mais uma vez por intoxicação alimentar. Não era preciso nem dizer que o Enrico ficou uma fera; titia, então...

Depois disso, ele me deu a opção de comprar tudo pela internet ou deixar que a Mel comprasse uma muda de roupas rosa e outra azul e, dependendo do sexo do bebê, o que não fosse usado iria para doação. Ele não era um fofo superprotetor?

Aí, lá foi a Mel comprar o enxoval do bebê, mas minha amiga deve ter ameaçado alguém, pois ela achou um monte de peças brancas e com listrinhas e bolinhas coloridas. Os móveis do quartinho, por sua vez, compramos sob medida pela internet; Enrico deu a ideia de ser tudo branco e a decoração ficaria para quando o bebê nascesse.

Conforme ia se aproximando dos nove meses, nossa ansiedade ia aumentando, tanto para saber se nasceria bem, quanto para descobrir qual era o sexo e como seria seu rostinho.

Eu tinha uma preocupação extra, o tipo de parto, pois o Enrico e meu médico eram a favor do parto natural, mas quando ia fazer o ultrassom e os médicos falavam que era um bebê grande, imaginava aquela cabeça que eu via saindo de dentro de mim. E, na boa, gente, não era possível voltar ao tamanho normal não! O obstetra me garantiu que a anatomia da mulher era

feita exatamente para isso, mas, mediante meu pavor, deu a opção do parto cesárea programado. Essa me agradou até eu pesquisar como era no doutor Google. E, quando eu vi o tamanho da injeção da anestesia, me apavorei. Eles quase morreram de rir quando perguntei se não existia uma terceira opção, achando que eu estava brincando. Detalhe: não estava nem um pouco. Então, decidi esperar, sei lá, de repente tenho uma índia dentro de mim que irá me ajudar.

Finalmente, as trinta e oito semanas chegaram e, com a preciosa ajuda de todos, estava tudo pronto para a chegada do nosso feijãozinho. Foi contratado um freelancer para meu lugar na empresa, mesmo porque pretendo diminuir o ritmo para cuidar do bebê, afinal, a empresa está indo de vento em popa de tantos casamentos agendados que temos.

Agora era só esperar e ter paciência para responder as várias ligações e mensagens de todos e principalmente do Enrico, perguntando:

— E aí, a bolsa estourou?

Aliás, ele nem queria ir trabalhar, só ia quando me deixava sob os cuidados de alguém, mas depois ligava a cada cinco minutos.

Outra coisa que estava tirando o sono dele era o sumiço do senhor Ângelo, pois, desde que voltamos para o Brasil, não o vimos mais. Ele mandou um telegrama (eu achei que isso nem existisse mais) de Salvador, pedindo para nós não nos preocuparmos, pois ele já havia recuperado o Bob, então iria visitar uns amigos e não tinha previsão de volta. Eu não estava preocupada, pois tinha aquela cartinha guardada e, com certeza, havia algo ali que iria nos surpreender, porém, o Enrico estava quase indo atrás dele.

Aconteceu uma coisa muito estranha quando completei trinta e oito semanas e cinco dias: estava sentido uma cólica terrível há dias, mas, como já tinha ido parar na maternidade duas vezes naquela semana, resolvi não fazer alarde.

Durante a noite tive um sonho impactante. Nele, escutava uma música de ninar que vinha do quarto do feijãozinho e eu seguia na direção do som. Ao entrar no quarto, tinha uma mulher banhada por uma luz muito forte balançando o berço e cantando:

*Dorme, dorme, menininha,
Eu estou aqui, vá sonhar!
Ainda há tempo, menininha,
Sonha sonhos cor-de-rosa,
Passeia no céu e no mar
E não reparta com ninguém,
Seus sonhos de menina!
Dorme, dorme, menininha!*

Ela olhou para mim, orgulhosa e sussurrou:

— Linda sua Rosa, minha filha! E agora, volte a dormir, que estarei aqui a zelar por ela!

Acordei chorando de emoção. Mesmo sendo um sonho, foi tão real a presença de minha mãe, que tive duas certezas: ela sempre zelou pelos meus passos (por isso, apesar de ter passado por tantos problemas, segui firme e forte) e eu teria uma menina linda.

Não contei para ninguém, guardei o segredo somente para dividir com minha Rosa, era assim que eu a chamaria.

No dia seguinte, meu médico iria para um congresso e me avisou que deixaria dois médicos amigos dele de plantão, mas não falei nada para o Enrico, pois surtaria; além disso, ele tinha conseguido o endereço de uns dos filhos do Ângelo e cismou de ir atrás, buscar notícias.

Ele me deixou na casa de titia, sob os cuidados dela, e passou mil recomendações, dizendo que passaria por lá antes de ir para o plantão.

Agora, com a certeza de que seria uma menina, estava bastante incomodada pelo fato de eu não ter escolhido uma roupinha cor-de-rosa bem enfeitada para a saída de maternidade, então, aproveitei que titia estava no

buffet e escapuli.

Peguei um táxi até o shopping e lá fui eu, livre, leve e solta, finalmente, comprar algo para minha bebê.

Achei um macacãozinho mais lindo do mundo, todo rosa para minha Rosa. Aí, comprei também lacinhos, fitas e faixas de cabelo e um sapatinho, que provavelmente ela só usaria quando tivesse um ano, mas era tão lindo que não resisti.

Resolvi que já era hora de voltar, antes que titia desse por minha falta, mas se tinha uma coisa que não resistia era comida, e tinha um estande recém-inaugurado de comida mexicana. Nossa, como eu adorava! Comprei e comi tudo o que tinha direito, ninguém iria ver mesmo, eu me acabei nos tacos e burritos apimentados.

Quando minhas cólicas começaram a apertar, achei que já era hora de voltar para casa. Mas demorei para pegar o táxi, que pegou o maior trânsito para chegar; nisso, a cólica foi aumentando e só esperava que não fosse outra intoxicação alimentar.

O taxista praticamente me jogou dentro da casa da titia, devia estar com medo de que eu ganhasse neném em seu carro.

— Tem certeza, senhora, de que não quer ir para um pronto-socorro?

— Sim! Deve ser outro alarme falso.

Assim ele partiu, me deixando cheia de sacolas no portão de titia.

A cada degrau da escada que subia, sentia uma dor terrível no abdômen e na pelve, mas que se intensificava no final das costas.

Consegui, finalmente, entrar e me deparei com várias caras assustadas olhando para mim, com seus celulares na mão. Estavam a Júlia, o Ed, o Ricky, o Mário, a Suzana, a tia Selma, seu namorado Luiz, a Mel e o João.

— Onde você estava? — perguntaram em uníssono.

— Se você demorasse mais um minuto, iria ligar para o Enrico! Ele

passou aqui antes do plantão e menti dizendo que você estava tomando um chá com a Mel, para não deixá-lo preocupado. — titia estava soltando fumaça pelas ventas.

Então começou um interrogatório sem fim.

Titia: “Onde raios você estava?”

Rick: “Por que não avisou que iria sair? ”

Mel: “E o celular? Por que não levou? ”

Em seguida, todos começam a falar ao mesmo tempo e aquela dor que estava mais espaçada começou a vir em intervalos menores. E saiu um líquido de dentro de mim, e olha que nem queria fazer xixi!

— E você vai ficar aí parada sem falar nada? — Titia inquiriu.

— Minha bolsa estourou!

— Como assim? Mas você está tendo contrações? — Titia, mais uma vez, se manifestou. Eles estavam um pouco desconfiados.

— Aiiiii! — Essa foi tão forte que me agachei no meio da sala me contorcendo. Então, todos se desesperaram e, se não estivesse com tanta dor, seria até engraçado vê-los correndo de um lado para o outro sem saber o que fazer.

— Chama o SAMU! — Titia gritou .

— Vamos lá, respiração cachorrinho, me imita — Mel pediu .

— Será que não é outro alarme falso? — Foi a vez de João falar.

— Claro que não! Nós estamos quase afogando de tanta água que saiu de dentro da maninha.

— Larga de exageros, Ricky! Alguém chama o Enrico, agora! — Exigiu tia Selma.

— Tia, o celular do obstetra está na caixa postal e o do Enrico

também! - Ricky responde.

— Vamos lá! Peguem uma bacia e toalhas brancas! — Mel começou a distribuir ordens.

— Vocês estão loucos! Eu não vou parir aqui no meio da sala da titia e sem o Enrico!

— Já liguei no SAMU e estão mandando uma ambulância — Ed anunciou.

— Mas será que ninguém pode levá-la até o hospital? — Mário, sem entender nada, perguntou.

— Não quero ter meu filho dentro de um carro também, tenho certeza de que o Enrico entrará por essa porta daqui a pouco!

Não deu nem cinco minutos da ligação e ele irrompeu, parecendo um furacão, pela sala com o uniforme do SAMU. Escutei um “graças a Deus” de alívio em conjunto na sala.

— Paloma, o que aconteceu? Peguei o chamado no rádio e corri para cá.

— Nada de mais, foi só minha bolsa que estourou e estou tendo contrações.

— Nada de mais?! As contrações estão de quanto em quanto tempo?

— Não sei!

— Eu cronometrei! A última foi há quatro minutos — Mel falou, sempre eficaz.

— Aiiiiiiiiiii!

— Cinco agora! — Mel informou.

— Tudo bem! Dá tempo de irmos para o hospital, já contatei o Dr. Rodrigo.

Ele me ajudou a levantar com todo cuidado, pedindo para eu ficar tranquila que tudo daria certo, que logo, logo, nossa família estaria completa.

Ao ver aqueles olhos verdes tão lindos um pouco preocupados e avermelhados, lembrei que foi exatamente ali que começamos e tive certeza de que me apaixonei por ele naquele instante e que graças ao destino acabamos descobrindo o amor mais puro e verdadeiro que pode existir.

— Hey, foi assim que começamos! Lembra?

— Sim! Mas não será assim que terminaremos! Vamos para a maternidade, trazer nosso filho ao mundo e iniciar uma nova etapa da história que começamos aqui. — Enrico estava bastante emocionado.

— Vamos então! Nossa filha está com pressa!

— Filha? Como sabe?

— Só sei!

E realmente foi.... Chegamos ao hospital na ambulância do SAMU, seguidos por um batalhão de pessoas ansiosas. Não podia dizer que foi fácil, mas no momento mais crucial em que precisei dar tudo de mim para ela nascer, senti uma presença divina ao meu lado, me transmitindo paz. E ainda a mão terna do Enrico sob a minha me apoiando e encorajando. E, apesar da dor, consegui trazer ao mundo nossa menina bem e saudável.

Foi um momento raro e até inexplicável pegar no colo nossa filha. Era tão linda! Uma mistura de nós dois, mas, quando abriu seus olhinhos em minha direção, vi que eram verdes como os do pai, que estava nos admirando apaixonado e com um sorriso gigante no rosto.

— Obrigado! – Enrico agradece emocionado.

— Pelo quê? – Pergunto também emocionada.

— Por me dar amor e transformar minha vida tão vazia em pura alegria!

— Seu amor também transformou minha vida, me trazendo a paz e a

felicidade com a qual sempre sonhei!

— Nossa filha é linda! Você tinha razão, é uma menina! Como sabia?

— Tive um sonho e então tive certeza!

— Como iremos chamá-la? Queria que tivesse o nome de nossas mães, o que acha? — Enrico perguntou, lembrando que nossas mães têm o mesmo nome, Ana.

— Acho perfeito, mas queria também Rosa!

— Ana Rosa Ayres Flores! Mais do que perfeito! Nossa família agora está completa! Seja bem-vinda, nossa Rosa!

E foi assim que vivemos felizes... até minha próxima trapalhada!

EPÍLOGO

Três meses depois...

A igreja estava lotada, eram muitos rostos virados em minha direção, nossa família está toda reunida e também os amigos me observavam passar pelo tapete vermelho rumo ao suntuoso altar adornado com muitas flores, as mais raras que nossa empresa pôde conseguir. A iluminação ficava por conta dos candelabros de cristais e velas.

Eram doze casais de padrinhos no altar, seis de cada lado; as madrinhas estavam sentadas na frente, com seus respectivos parceiros em pé, atrás. Elas estavam vestidas de prateado, e os padrinhos com um terno preto e gravata combinando com os vestidos.

Enrico estava à frente deles, trajando um smoking preto e gravata verde-água, combinando com seus lindos olhos, parecendo uma visão de tão bonito de lindo que estava.

Fui caminhando lentamente de braços dados com meu pai, que estava

emocionado. Não conseguia conter minha alegria, nem minhas pernas.

Meu vestido era de uma alça só, todo branco de renda, com pedrarias no corpete, e extensão da calda. O véu era longo ornamentado nas laterais por cristais.

Fiz uma maquiagem leve e, na boca, meu batom vermelho estava combinando com o buquê gigante de rosas colombianas que levava nas mãos.

Aproximei-me de Enrico. Meu pai entregou minha mão para ele, me deu um beijo na testa, então eu e Enrico nos ajoelhamos perante o padre.

Estava tão anestesiada que só enxerguei o padre movimentar os lábios sem absorver o que ele estava dizendo. Quando senti um aperto forte de Enrico em minha mão, prestei atenção às palavras do padre.

— E se tem alguém com motivos para se opor a essa união, fale agora ou cale-se para sempre!

— Eu tenho!

Todos viraram o rosto na direção da voz e vejo Izabel, a prima do Enrico, visivelmente bêbada, gritando.

— É comigo que ele tem que casar. Meu pai fez esse acordo!

Querem saber? Já aguentei muitos desaforos dela. Não pensei duas vezes, me levantei arrastando o vestido gigante, a puxei pelos cabelos, jogando-a para fora da igreja, e tranquei a porta. Quando me virei, estão todos aplaudindo e rindo.

Então acordei... E era o dia da minha cerimônia de casamento com o Enrico.

Que foi? Vocês não acharam que ia fazer essa pompa toda para me casar, né?

Desde que começamos nosso relacionamento, o importante era estarmos juntos, seja da forma que for. Somente o que tínhamos, um amor puro e verdadeiro, já bastava. Por mim, iria até o cartório e oficializaria nossa

união. Mas o Enrico fez questão da cerimônia, alegando querer fazer tudo da forma convencional, pois seu maior desejo era me ver entrando de noiva, rumo aos seus braços. E queria que nossa Rosa tivesse o registro da celebração de nossa cerimônia para ver quando crescer. A única exigência que fiz foi que fosse uma recepção o mais simples possível e somente com a presença de nossa família e dos poucos amigos verdadeiros que tínhamos.

Estava na casa de tia Selma em meu antigo quarto (fiz questão de passar essa noite longe do Enrico, para criar um suspense). Minha Rosa ganhou um bercinho lindo ao lado de minha antiga cama, pois, todas as noites em que o Enrico estava de plantão eu ficava aqui, sob os olhos atentos de titia; mesmo tendo feito tudo certinho até agora, ainda não ganhei a confiança de todos. Nem sei porque desconfiavam tanto de mim, até parece que darei chance para o azar. Tirando umas fraldas que coloquei ao contrário, umas roupinhas que manchei ou estraguei, estava me saindo uma mãe quase perfeita. Por sua vez, nossa filha era um bebê sob encomenda, além de ser linda, tinha a pele morena, os olhos do pai e também sua personalidade calma e serena. Ela dormia bem e mamava bem. Hoje, ela estava completando três meses de vida. E quando achei que Deus já tinha me dado toda a felicidade do mundo, chegou a Rosa, para arrematar meu coração.

A cerimônia estava marcada para o pôr do sol. Seria no quintal de titia, onde foi montado um altar e uma tenda para a festa. Apesar de trabalhar como cerimonialista, não me foi permitido organizar meu casamento. Ed e Júlia, com a ajuda de Ricky, prepararam todas as coisas e fizeram todos os contatos, sem dizer que ganhei quase tudo, pois meus fornecedores, quando souberam da ocasião, fizeram questão de me presentear. Não imaginava que eu era tão querida, recebi tantos mimos e presentes nesses dias, o que estava tornando meu enlace ainda mais especial.

A ansiedade de abrir a carta do Sr. Ângelo estava me corroendo (estava com ela nas mãos, inclusive), mas o recado que dizia “Somente abra depois do sim!” Me impedia. Ele nunca mais apareceu, sem contar que todos os contatos de seus filhos não foram localizados. Até seu apartamento já foi vendido sem deixar vestígios dele.

Enrico recebeu também uma caixa que devia ser aberta somente depois de nossa cerimônia. Acho que se a Rosa não fosse recém-nascida ele

já teria marcado o casamento muito antes, somente para ver o que continha dentro.

Escutei o chorinho de minha filha; já era hora de ela mamar. Essa noite só acordou uma vez. Depois que a troquei, Rosa dormiu embalada em meu colo, enquanto eu cantarolava a canção de ninar que aprendi em meu sonho. Enrico também aprendeu e, quando estávamos em casa, ele se levantou à noite, a trocou, a levou para eu dar de mamar e depois, do jeito que ele adorava fazer, a colocou para dormir cantando a canção. Como já sabia, ele vinha se mostrando um pai extremamente, carinhoso e atencioso. Era lindo de se ver a dedicação dele conosco.

Durante todos os anos de minha profissão, acompanhei noivas histéricas no dia de seus casamentos. Elas preenchiam suas agendas com spa, dietas loucas, massagem, cabelo, maquiagem e uma interminável sessão de fotos, que nem conseguiam curtir essa data tão especial e marcante em suas vidas.

Por esse motivo, iria me arrumar em meu antigo quarto e contaria com a ajuda preciosa de Ricky para cabelo e maquiagem.

Meu vestido foi dado por uma costureira amiga nossa que trabalhava com o Ed e a Júlia na loja de aluguéis. Ele é todo branco, composto de uma saia longa e reta de seda e um corpete de duas alcinhas finas de micro pérolas (que também adornavam minha cintura). Era simples e bem bonito. Sob a cabeça, levaria somente uma guirlanda de flores, a exemplo do que foi usado em nosso noivado surpresa. E, nas mãos, carregaria minha bebê, também toda de branco e usando um terço que era de minha mãe.

A família do Enrico chegou em peso para a cerimônia há três dias, mas estavam acomodados na antiga cada do Sr. José, com exceção de Ana, que veio conhecer a neta há cerca de um mês. Ela realmente me tratava como sua filha, sempre carinhosa, compreensiva e completamente apaixonada por sua mais nova netinha. Já Carmen, a cada intervalo de viagem, desembarca em nossa casa, cheia de mimos para a sobrinha. Já havia trazido tantas roupas e bonecas que não tinha mais onde guardar.

Tia Selma seguia firme em seu namoro e, graças aos céus, Luiz estava se revelando um excelente companheiro e a fazendo muito feliz. Ela também

estava apaixonada por sua sobrinha-neta e vivia disputando com a Ana os cuidados, ou quem sabia mais sobre bebês, e ficava sempre irritada, pois, afinal, Ana foi mãe de cinco filhos e sempre sabia um chá, papinhas ou uma massagem para acalmar nossa Rosa.

Nosso quintal estava todo florido hoje para a celebração do casamento; também ganhei daquela amiga e parceira da floricultura todas as flores que estavam enfeitando o pequeno altar e mesas. Não fiz questão de nenhum tipo específico, então, várias cores e aromas estavam presentes na decoração singela.

Claro que o cardápio ficou por conta da titia, que preparou comidinhas tipicamente brasileiras para saciar a vontade dos familiares do Enrico. Desde que chegaram, eles se apaixonaram por nossa culinária.

Acabei de receber uma mensagem linda do Enrico no celular:

“Contando as horas para te fazer eternamente minha! ”

Me diz se ele não é um fofo?

Passei um dia agradável e calmo ao lado de minha filha, que se alternou entre as várias mamadas, trocas de fralda, banho de sol e soneca, que acabou transcorrendo sem que eu percebesse.

Ricky chegou para me arrumar e estava mais ansioso que eu; ele será meu padrinho junto com a Mel, e Enrico escolheu seu irmão Nico e a sua cunhada. Optamos por um casal somente, já que era só isso o necessário para assinar os papéis do cartório que me transformaria na Sra. Paloma Ayres Flores ficou chique no último.

Quando estava tudo pronto, fui avisada de que já podia me encaminhar para o altar. Olhei o relógio, que marcavam cinco e meia da tarde, e parti rumo a mais um passo de felicidade em minha vida.

Escolhi uma música que tinha tudo a ver com a trilha sonora de nossa vida e até me perdi nos acordes românticos do violão que tocava ao vivo para nós:

*Mas, de repente você me beija,
O coração dispara
E a consciência sente dor.
E eu descobro que além de anjo,
Eu posso ser seu amor!*

Fui caminhando com minha filha no colo e o Enrico já me aguardava no pequeno altar montado. Ele estava simplesmente lindo, trajando também uma roupa toda branca, bem à vontade em sua calça e camisa contrastando com o tom moreno de sua pele. Ao me ver, seu sorriso se abriu e conectamos nossos olhares em um momento de promessas silenciosas e alegria mútua.

Parei em frente a ele, entreguei Rosa para tia Selma, que está posicionada ao lado de meu pai muito emocionado. Enrico veio ao meu encontro e disse baixinho em meu ouvido:

— ¡*Muy linda, Muy hermosa mi amor!*

Ele beijou meus lábios e entrelaçou nossas mãos em frente ao juiz de paz que oficializaria nossa união.

Foi uma cerimônia bem simples e até rápida, mas muito emocionante. As poucas palavras ditas pelo juiz somente confirmaram as promessas que já fizemos em nossos momentos de união e amor.

Depois do sim e de colocar as alianças em nossas mãos, Enrico selou nossa união com um beijo sobre a aliança e outro sobre meus lábios e, para não perder o costume, ainda cheirou longamente minha nuca, arrancando um suspiro ofegante meu e muitas risadas de quem assistia.

Ele se aproximou do meu ouvido e sussurrou:

— Você está fazendo de mim o homem mais feliz desse mundo e prometo retribuir em nossa noite de núpcias.

Senti um arrepio percorrer meu corpo devido à promessa para nossa

noite, e, me conhecendo bem, Enrico deu um sorriso um pouco de lado e uma piscadela também.

Recebemos os cumprimentos de todos, mas tinha algo mais urgente que precisávamos fazer. Deixei Rosa, que estava sendo disputada pelos colos de nossos familiares, e fomos ao meu quarto.

Sentamos em minha cama — eu, com a carta do Sr. Ângelo em mãos; e o Enrico, com a caixa de madeira que recebeu.

Resolvemos abrir juntos. E enquanto ia lendo as tocantes palavras, me perdi na imensidão de algo que jamais pensei ser possível acontecer.

Querida Paloma,

Você acredita em destino? Ou que às vezes o universo conspira para atender nossos pedidos? Certa vez, uma menina, enquanto enterrava sua mãe, pediu aos céus para encontrar algum dia felicidade em sua vida. Ela cresceu, buscou a todo custo realizar seu sonho, mas um dia até a esperança perdeu. E foi naquele momento em que duas almas boas se encontraram e se conectaram, de forma que o destino agiu. Essa foi minha primeira missão e devo confessar que foi uma jornada fascinante conviver com seres humanos tão nobres, donos de corações puros e sempre dispostos a ajudar. E é com imensa alegria que parto agora com minha ação concluída para juntar outros casais. Transmita minhas felicitações ao meu grande amigo e dê um beijinho em sua Rosa tão linda. E apesar de estar em um local agora desconhecido da compreensão humana, lembre-se de que é a força do amor como o de vocês que faz a humanidade continuar e, se algum dia novamente se sentir perdida, os anjos sempre estarão por perto para ajudar. E especialmente eu, o seu cupido preferido, atendendo ao pedido de uma grande amiga, que para manter o sigilo divino não posso revelar, mas esteja ciente, sempre estaremos por aqui a zelar!

Terminei de ler a carta com as lágrimas descendo pelo rosto e, ao olhar para o Enrico, vi que ele estava pálido, com a caixa nas mãos, que continha vários recortes de jornal datado de alguns anos atrás, que noticiava:

“Morre, turista brasileiro que estava em coma, após sofrer acidente em trilhas clandestinas no monte Gálipan”

Outros traziam detalhes da investigação que foi aberta, para prender pessoas que praticavam atividades ilegais junto aos turistas.

E outros informavam que a família havia feito o traslado do corpo para enterrá-lo em terras brasileiras em sigilo.

Mostrei minha carta para Enrico, que estava incrédulo, porém, aos poucos, a compreensão tomou conta; um grande alívio e um sentimento de paz nos dominou. Peguei a mão do Enrico e uni nossas alianças, fazendo uma prece em agradecimento e prometendo tentar manter vivo o amor que nos uniu e estar à altura do presente divino que nos foi dado.

Prometemos também guardar segredo de tudo, mesmo porque ninguém acreditaria. E falei para o Enrico:

— Ainda bem que Deus protege os bêbados, as crianças e as mulheres atrapalhadas, caso contrário, não teria encontrado você.

Ele deu uma sonora gargalhada, me pegando nos braços, me abraçando e beijando.

— Ainda bem, minha maluquinha, que foi a mim que aquela flecha acertou! Não sei mais viver sem você para alegrar minha vida.

Ao fundo, escutei outra música que tinha tudo a ver com a trilha sonora de nossa vida e chamei Enrico para celebrar junto de nossas famílias, amigos e linda filha nossa união.

Não precisa mudar,

Vou me adaptar ao seu jeito

Seus costumes, seus defeitos

Suas atitudes, suas marras

Pra que mudá-las?

E eu sei que no final

Fica tudo bem

A gente se ajeita

Em uma cama pequena

Te faço um poema

Te cubro de amor

Então você adormece

Meu coração enobrece

E a gente sempre se esquece

De tudo o que passou

De tudo que passou

Não precisa mudar

Então, meus amigos, essa foi minha história: passei de um coração partido, sem esperança, a uma mulher que ama, é amada e, acima de tudo, é feliz!

Fim

Fim

Sobre a autora:

Daya Alves é casada, mãe de dois filhos lindos. Formada em tecnologia em radiologia com pós-graduação em Docência, e apesar da formação na área de saúde, sua paixão sempre foi a literatura, desde criança seu passatempo preferido sempre foi a escrita e também sua fuga, descobriu nas palavras sua maior alegria e a cura para as tristezas da alma.

Siga nas redes sociais:

Instagram: [daya.s.alves](#)

Facebook: [Dayaalvesromances](#)

Skoob: Estarei Aqui

Email: dayane.rad@gmail.com

Diagramação: Bianca Sousa

Revisão: Shirlei Ramos

Renata Maggesi

Capa: Décio Gomes